

**Universidade de Lisboa**



**Uma abordagem didática da Literatura de Viagens na disciplina de Literatura Portuguesa: leitura de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, e de *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria**

Ana Sofia Carvalho de Sousa

Mestrado em Ensino de Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Latim no Ensino Secundário

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

2017



**Universidade de Lisboa**



**Uma abordagem didática da Literatura de Viagens na disciplina de Literatura Portuguesa: leitura de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, e de *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria**

Ana Sofia Carvalho de Sousa

Mestrado em Ensino de Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Latim no Ensino Secundário

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Orientado pela Professora Doutora Margarida Braga Neves

Coorientado pela Dr.<sup>a</sup> Cristina Duarte

2017





*«Daqui por um lado tomem os homens motivo de não desanimarem com os trabalhos da vida para deixarem de fazer o que devem, porque não há nenhuns, por grandes que sejam, com que não possa a natureza humana, ajudada do favor divino»*

(PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinação*; p.24)

## **AGRADECIMENTOS**

Chega agora ao fim um longo caminho. Termina mais uma importante etapa da minha vida e estou muito grata a todos aqueles que caminharam comigo, pois nada teria sido possível sem o apoio e a colaboração, de forma mais ou menos intensa, de um grupo de pessoas a quem não posso deixar de dirigir os meus sinceros agradecimentos.

À minha orientadora, a Professora Doutora Margarida Braga Neves, pelo apoio desde o primeiro dia, pela disponibilidade, por todo o incentivo e dedicação manifestados. Agradeço-lhe as leituras que fez deste relatório, os valiosos conselhos que me deu, as ponderadas chamadas de atenção que nunca hesitou fazer e todos os ensinamentos que me levaram a percorrer novos caminhos. Também não posso deixar de agradecer a sua confiança no meu trabalho, mesmo nos momentos mais difíceis deste processo.

À Dr.<sup>a</sup> Cristina Duarte, professora cooperante, por ter confiado no meu trabalho e por me ter acolhido e dado espaço para o aplicar na sua turma. O meu agradecimento pela disponibilidade demonstrada, por todas as sugestões e pelos conhecimentos que sempre me transmitiu, que me permitiram crescer e enriqueceram a minha aprendizagem e a minha formação, enquanto futura professora.

Aos alunos do 10.º K, da Escola Secundária de Camões, que fizeram parte deste projeto pela participação e envolvimento no trabalho proposto. Agradeço toda a colaboração e empenho ao longo das aulas. São, sem dúvida, a turma que qualquer professor gostaria de ter.

Aos restantes professores que ao longo do meu percurso escolar me ajudaram a crescer e a ser quem sou. Um especial obrigada à Professora Doutora Cristina Abranches Guerreiro, por tudo o que me ensinou e pela paixão que me transmitiu pelo ensino, que me fez querer ainda mais seguir esta carreira.

Agradeço, ainda, aos meus pais, que me apoiaram e incentivaram desde o primeiro dia. Obrigada por nunca me deixarem desistir nem desanimar. Sem eles não

teria conseguido chegar ao fim. Um agradecimento muito especial à minha mãe pela transmissão de confiança, em todos os momentos, por me mostrar sempre que sou capaz, por ser para mim um exemplo de que com força e perseverança conseguimos ultrapassar todos os obstáculos. Obrigada pelo amor, ternura e carinho.

Ao Luís, meu companheiro de todas as horas, pela valiosa ajuda, mas antes de mais por estar ao meu lado, pela compreensão, pela paciência e por ter entendido as minhas ausências.

À minha avó (*in memoria*), a quem dedico este trabalho, pelo carinho e preocupação e porque acredito que continua a olhar por mim.

## ÍNDICE

RESUMO .....	vii
ABSTRACT .....	viii
CAPÍTULO 1 .....	1
INTRODUÇÃO .....	1
1.1. Objeto de estudo e objetivos .....	1
1.2. Principais motivações .....	2
1.3. Estrutura do relatório .....	4
CAPÍTULO 2 .....	6
ENQUADRAMENTO .....	6
2.1. Literatura de Viagens .....	6
2.1.1. <i>Peregrinação</i> , de Fernão Mendes Pinto .....	11
2.1.2. <i>O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada</i> , de Almeida Faria .....	15
2.2. Ensino da Leitura: compreensão de textos .....	21
CAPÍTULO 3 .....	26
METODOLOGIA .....	26
3.1. Desenho da intervenção didática .....	26
3.2. Seleção dos materiais .....	30
3.3. O contexto escolar e a turma envolvida no projeto .....	35
3.3.1. Apresentação da escola .....	35
3.3.2. Caracterização da turma .....	37
CAPÍTULO 4 .....	39
DESCRIÇÃO DA INTERVENÇÃO DIDÁTICA .....	39
4.1. Primeira aula .....	39
4.2. Segunda aula .....	40
4.3. Terceira aula .....	41
4.4. Quarta aula .....	43
4.5. Quinta aula .....	44
4.6. Sexta aula .....	46
CAPÍTULO 5 .....	48
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	48
5.1. Trabalho de grupo: leitura de um excerto de <i>Peregrinação</i> , de Fernão Mendes Pinto .....	48
5.2. Sistematização dos conhecimentos de <i>Peregrinação</i> , de Fernão Mendes Pinto .....	52
5.3. Ficha de Trabalho Final .....	55

5.4. Questionário.....	58
5.5. Observação direta.....	59
CAPÍTULO 6.....	63
CONCLUSÕES E REFLEXÃO FINAL .....	63
BIBLIOGRFIA .....	65
Edições de <i>Peregrinação</i> , de Fernão Mendes Pinto .....	65
Estudos sobre Fernão Mendes Pinto e a sua obra .....	67
Edição utilizada da obra de Almeida Faria .....	70
Estudos sobre Almeida Faria e <i>O Murmúrio do Mundo</i> .....	70
Estudos sobre Literatura de Viagens.....	71
Estudos sobre Leitura e Compreensão .....	72
Estudos sobre Didática Geral e Específica .....	73
Manual escolar utilizado .....	74
Documentos normativos .....	74
ANEXOS .....	75
Anexo 1 – Planificação da unidade didática .....	76
Anexo 2 - Plano e materiais da primeira aula .....	79
2.1. Plano da primeira aula.....	80
2.2. Guião de Leitura 1.....	82
2.3. Cenário de Resposta do Guião 1 .....	86
2.4. Diapositivos da Apresentação em <i>PowerPoint</i> .....	92
Anexo 3 - Plano e materiais da segunda aula.....	98
3.1. Plano da segunda aula.....	99
3.2. Guião de Leitura 2.....	101
3.3. Cenário de Resposta do Guião 2 .....	113
3.4. Diapositivos da Apresentação em <i>PowerPoint</i> .....	122
Anexo 4 - Plano e materiais da terceira aula.....	140
4.1. Plano da terceira aula .....	141
4.2. Grelha de Avaliação dos trabalhos de grupo sobre um excerto de <i>Peregrinação</i> ..	143
4.3. Grelha de Autoavaliação dos trabalhos de grupo.....	144
Anexo 5 - Plano e materiais da quarta aula.....	145
5.1. Plano da quarta aula .....	146
5.2. Guião de Leitura 3.....	148
5.3. Cenário de Resposta do Guião 3 .....	150

5.4. Diapositivos da Apresentação em <i>PowerPoint</i> .....	153
Anexo 6 - Plano e materiais da quinta aula.....	157
6.1. Plano da quinta aula .....	158
6.2. Guião de Leitura 4.....	160
6.3. Cenário de Resposta do Guião 4 .....	164
6.4. Diapositivos da Apresentação em <i>PowerPoint</i> .....	169
6.5. Ficha de sistematização de conhecimentos sobre <i>Peregrinação</i> .....	179
6.6. Cenário de Resposta da Ficha de sistematização de conhecimentos .....	182
6.7. Grelha de Avaliação da Ficha de sistematização .....	185
6.8. Antologia de excertos de <i>O Murmúrio do Mundo</i> , de Almeida Faria.....	186
6.9. Guião de Leitura 5.....	194
6.10. Cenário de Resposta do Guião 5 .....	196
6.11. Diapositivos da Apresentação em <i>PowerPoint</i> .....	200
Anexo 7 - Plano e materiais da sexta aula .....	208
7.1. Plano da sexta aula.....	209
7.2. Ficha de Trabalho final .....	211
7.3. Cenário de Resposta da Ficha final .....	215
7.4. Critérios de Correção da Ficha final .....	218
7.5. Grelha de Avaliação da Ficha final .....	224
7.6. Questionário .....	225
7.7. Apresentação gráfica dos resultados do inquérito.....	228
7.8. Grelha de Observação Direta .....	230

## RESUMO

A intervenção didática apresentada neste relatório foi aplicada numa turma de Literatura Portuguesa do 10.º ano de escolaridade da Escola Secundária de Camões, no âmbito da prática de ensino supervisionada. No contexto do Módulo 2 do Programa da disciplina – *Do Renascimento ao Pré-Romantismo*, foi selecionada a obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto. Para uma leitura comparativa, selecionou-se a obra *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria, pela possibilidade de análise intertextual com a referida obra do programa.

Este projeto teve como principal objetivo desenvolver capacidades de leitura de um texto literário, na medida em que os vários estudos realizados mostram as grandes dificuldades que os alunos revelam, mesmo no Ensino Secundário, no campo da leitura analítica e crítica. Assim, através de uma abordagem estrategicamente orientada das obras mencionadas, pretende-se apresentar uma proposta didática que contribua para desenvolver as capacidades dos alunos no tocante à compreensão de leitura.

A intervenção foi desenvolvida em duas fases distintas, ao longo de seis aulas de noventa minutos: a primeira fase corresponde à leitura de excertos de *Peregrinação*, orientada por Guiões de trabalho; e a segunda à discussão e reflexão sobre relações intertextuais entre a obra do programa e *O Murmúrio do Mundo*. Para esta abordagem foram contempladas atividades diferenciadas, desde trabalhos de grupo, fichas de leitura e produções escritas, de modo a poder avaliar a compreensão dos textos em estudo através de diferentes elementos.

Os resultados obtidos demonstram a dificuldade de leitura dos alunos, sobretudo dos textos que não são contemporâneos e que, por isso, não apresentam uma estrutura sintática nem um léxico que lhes é familiar, o que permite corroborar a ideia de que o ensino explícito de estratégias de compreensão de leitura se assume de enorme interesse e importância.

**Palavras-chave:** leitura; compreensão; Literatura de Viagens; intertextualidade; intervenção didática.

## ABSTRACT

The didactic intervention presented in this paper was applied to a 10th grade Portuguese Literature class, of Escola Secundária de Camões, within the scope of supervised teaching practice. The work *Peregrinação*, by Fernão Mendes Pinto was selected from module 2 of this subject's syllabus – From the Renaissance to Pre-Romanticism – and for comparative reading purposes, the work *O Murmúrio do Mundo*, by Almeida Faria, for its possibilities of intertextual analysis with the previously mentioned syllabus literary work.

This project aimed mainly at developing reading skills of literary texts, as studies have shown the students' great difficulties in the fields of analytical and critical reading, even in senior high school. Thus, with a strategically-oriented approach to the works mentioned, we aim at presenting a didactic proposal which will contribute to develop the students' reading comprehension skills.

The intervention was developed in two distinct stages, throughout six ninety-minute classes: the first stage corresponded to reading excerpts of *Peregrinação*, oriented by work scripts; and the second to discussing and reflecting on intertextual relationships between the work from the syllabus and *O Murmúrio do Mundo*. This approach contemplated differentiated activities, such as group work, reading worksheets, and writing tasks, so as to assess the reading comprehension of studied texts from different elements.

Results prove the students' reading difficulties, especially of texts which are not contemporary, and which, therefore, do not present a syntactic structure nor a lexicon familiar to them, thus corroborating the idea that explicit teaching of reading comprehension strategies is of great interest and importance.

**Key-words:** reading, comprehension, travel literature; intertextuality; didactic intervention



## **CAPÍTULO 1**

### **INTRODUÇÃO**

Neste primeiro capítulo, faz-se uma breve introdução ao relatório, apresentando-se uma visão global de todo o trabalho desenvolvido no âmbito da prática de ensino supervisionada. Subdivide-se esta introdução em três secções: na primeira, são apresentados o objeto de estudo e os objetivos do projeto de intervenção didática; na segunda, descrevem-se as principais motivações que nortearam a sua elaboração; na terceira e última secção, faz-se uma descrição da estrutura do relatório.

#### **1.1. Objeto de estudo e objetivos**

O objetivo da intervenção didática aplicada numa turma de Literatura Portuguesa do 10.º ano de escolaridade da Escola Secundária de Camões, no âmbito da prática de ensino supervisionada, foi o desenvolvimento de capacidades de leitura de um texto literário (género narrativo), optando-se pelo subgénero Literatura de Viagens para análise e reflexão. Assim, este trabalho baseou-se na leitura de excertos de duas obras, que constituíram, então, o objeto de estudo: *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, e *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria.

Repetidamente são feitas apreciações à qualidade do desempenho dos estudantes portugueses no respeitante à leitura, comparando-os com os seus pares de outros países. Basta analisar os resultados do PISA de 2015 para se concluir que, de facto, podemos observar uma ligeira melhoria. Com efeito, o ensino explícito da compreensão da leitura é uma das possibilidades metodológicas há muito abertas pela pesquisa para permitir a formação de leitores mais capazes, sendo a sua eficácia comprovada por inúmeros estudos realizados no contexto escolar. Assim sendo, a presente intervenção didática baseou-se em modelos de leitura e compreensão de textos (cf. secção 2.2.) e desenvolveu-se ao longo de um conjunto de seis aulas de noventa minutos. Tendo-se sempre consciência de que a leitura analítica e crítica constitui um enorme desafio para qualquer aluno, o objetivo principal deste projeto assentou em promover estratégias de leitura que permitissem desenvolver nos alunos capacidades de compreensão de qualquer texto literário.

Para alcançar o objetivo proposto, percorreram-se duas etapas cardeais, apresentadas seguidamente. Em primeiro lugar, foi desenhado e implementado um projeto de intervenção didática que pretendeu contribuir para a resolução de

dificuldades manifestadas pelos alunos relativamente ao primeiro contacto com o subgénero de Literatura de Viagens: primeiramente, em relação ao texto do século XVI, a *Peregrinação*, que, pelas suas características próprias e distantes do universo de referência dos alunos, foi tido em maior consideração; e, em seguida, *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria, sobretudo pelo seu carácter intertextual. Em segundo lugar, efetuou-se uma avaliação dos progressos dos alunos no âmbito da leitura de texto literário, por via de um trabalho de grupo, uma ficha de leitura e um exercício final de produção escrita. Procedeu-se, também, a uma avaliação através de um questionário, a partir do qual se fica a conhecer o seu historial de leitura, conhecendo-os como leitores ativos (ou não) de literatura, nomeadamente de Literatura de Viagens.

Por conseguinte, todo o trabalho desenvolvido teve como principais objetivos que os alunos refletissem sobre os textos estudados e fossem capazes de: tomar consciência de obras de Literatura de Viagens, reconhecendo o valor documental e literário de *Peregrinação*; identificar algumas características do estilo de Fernão Mendes Pinto; estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas do texto, entre pontos de vista das personagens e entre episódios; reconhecer a relação entre a Literatura e outras artes (música e pintura); ler outras obras e estabelecer comparações entre elas.

## **1.2. Principais motivações**

A principal motivação que levou à escolha do desenvolvimento de capacidades de leitura como objetivo da intervenção didática aplicada está relacionada com as grandes dificuldades que os alunos revelam, mesmo no Ensino Secundário, no campo da leitura analítica e crítica de textos literários, sobretudo dos textos que não são contemporâneos e que, por isso, não apresentam uma estrutura sintática nem um léxico que lhes é familiar. Apesar da constatação da importância do estudo da leitura na aula de Português e de Literatura, no Ensino Básico e Secundário, a ideia muitas vezes dominante, mas errada, é a de que as competências de compreensão não se podem ensinar de forma direta, já que se trata de um processo cognitivo inacessível ao controlo do professor. Com efeito, tendo em conta a complexidade deste processo, verifica-se a necessidade de proceder à transposição do saber científico-pedagógico já disponível neste domínio para o campo da prática letiva dos professores. Com este trabalho, pretende-se apresentar uma proposta

didática que contribua para uma intensificação da leitura do texto literário na sala de aula e, através de uma leitura estrategicamente orientada da obra de Fernão Mendes Pinto e da de Almeida Faria, procurou-se desenvolver as capacidades dos alunos no tocante à leitura analítica e crítica de um texto literário.

A propósito da disciplina de Literatura Portuguesa, esta é disponibilizada, no sistema de ensino nacional, como unidade de opção bienal (10.º e 11.º anos) na componente de formação específica do Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades (cf. sítio web da Direção-Geral da Educação). Como tal, beneficia de um programa próprio que coloca ao dispor de professores e alunos do 10.º ano obras de diferentes modos e géneros literários e oferece a possibilidade de leitura de autores tão distintos como Fernão Lopes, Gil Vicente, Camões, Fernão Mendes Pinto, Bernardim Ribeiro e Bocage.

A obra selecionada para objeto desta intervenção didática foi aquela que, juntamente com *Os Lusíadas*, será, porventura, a mais amplamente difundida como marco de referência da Literatura de Viagens, em Portugal: trata-se, evidentemente, de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto. A importância desta obra na literatura, na cultura e na historiografia portuguesa é largamente reconhecida e celebrada de muitas maneiras: recentemente a Bertrand fez uma reedição da adaptação de Aquilino Ribeiro; José Ruy adaptou-a para banda desenhada; na música, destacam-se, por exemplo, a canção de Zeca Afonso, «A nau de António de Faria», e o álbum *Por este rio acima*, de Fausto Bordalo Dias, inspirado nas aventuras do herói desta obra, um marco na história da música portuguesa; e não podemos esquecer as várias obras de ficção inspiradas nesta obra. Na verdade, *Peregrinação* fascina pela aventura extraordinária que aí se relata, pelo «emaranhado de episódios» (Laborinho, 2006; p.12), pela diversidade de povos, costumes, religiões e geografia das partes da Índia, Malaca, Samatra, Java, China, Macau, Japão, mas, sobretudo, pelo facto de «misturar em quantidades consideradas pouco razoáveis a verdade e a fantasia» (Laborinho, 2006; p.418). Porém, apesar disto tudo, parece que ler efetivamente a obra poucos o fizeram. Como é dito no texto introdutório do volume organizado por Maria Alzira Seixo e Christine Zurbach com o título *O Discurso Literário da Peregrinação*, «A importância literária da *Peregrinação* é unanimemente enaltecida, mas poucos a estudam e quase ninguém a lê» (Seixo & Zurbach, 1999; p.9). Com efeito, motivada pelo fascínio que *Peregrinação* desperta, bem como pelo reconhecimento que tem merecido ao longo dos anos, aproveitou-se esta

oportunidade para dar a ler aos alunos excertos de uma obra que apresenta um «manancial (...) de acesso ao saber (...) em qualquer nível de leitura, de conhecimento, na sua dimensão simultaneamente mais vasta e específica.» (Seixo & Zurbach, 1999; p.10). Esta intenção de dar a ler a *Peregrinação*, além dos objetivos principais de compreensão do texto, centrou-se também na tentativa de motivar o gosto pela leitura desta obra.

Com o intuito de permitir que os alunos tivessem contacto com mais obras de Literatura de Viagens, optou-se por selecionar, numa perspetiva de leitura comparativa, *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria, por ser uma obra de um autor contemporâneo que apresenta possibilidade de análise intertextual com a do programa. Assim, os alunos têm a oportunidade de enriquecer os seus conhecimentos a partir da visão de diferentes autores e épocas. De facto, esta narrativa «é a soma híbrida de olhares cruzados, verdades distintas de uma mesma verdade» (Mathias, 2012; p.245). Além da relação intertextual com Fernão Mendes Pinto, esta obra permite refletir sobre as viagens dos Descobrimentos, através do diálogo entre as memórias do autor e as «várias vozes (...) que o acompanham à distância» (Mathias, 2012; p.246). Ainda que outras obras se prestassem à exemplificação de narrativas de viagens contemporâneas ou até à relação intertextual com *Peregrinação*, foi a narrativa de Almeida Faria que melhor correspondeu aos objetivos desejados: não se limitando à mera crónica de uma viagem, abre-se ao mundo circundante, trazendo à memória o império português. Para fortuna da intervenção didática em questão, Almeida Faria apresenta, ainda, uma alusão a Fernão Mendes Pinto que se presta, neste contexto, a uma reflexão e discussão com os alunos.

Por fim, há que salientar que foi sempre intenção norteadora deste projeto respeitar as diretivas constantes no programa curricular da disciplina.

### **1.3. Estrutura do relatório**

Além deste capítulo inicial, o presente relatório é constituído por mais cinco capítulos, sumariamente descritos nos parágrafos subsequentes.

No segundo capítulo, é apresentado um enquadramento em quatro secções: a primeira secção apresenta uma breve resenha sobre a problemática do conceito de Literatura de Viagens; a segunda e a terceira secções debruçam-se, respetivamente, sobre as obras estudadas – *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, e *O Murmúrio do*

*Mundo*, de Almeida Faria; e a última secção incide sobre um modelo de leitura e compreensão de textos literários.

No terceiro capítulo, explica-se a metodologia adotada, apresenta-se a escola onde decorreu toda a intervenção e faz-se uma caracterização da turma envolvida.

No quarto capítulo, descreve-se a intervenção, apresentando as atividades desenvolvidas no seu decurso, bem como os instrumentos de avaliação produzidos.

No quinto capítulo, procede-se a uma análise e a uma comparação dos resultados obtidos nos diversos elementos de avaliação desenvolvidos ao longo da intervenção.

Por último, no sexto capítulo, apresenta-se uma síntese e faz-se uma reflexão acerca do trabalho realizado, apontando as suas principais limitações e possíveis percursos para trabalhos futuros.

## CAPÍTULO 2

### ENQUADRAMENTO

Neste capítulo, é feito um enquadramento teórico dos principais tópicos tratados no relatório. Na primeira secção, apresenta-se uma breve resenha sobre o conceito de Literatura de Viagens e as suas problemáticas. As secções 2.1.1. e 2.1.2., intimamente ligadas à primeira, debruçam-se sobre a revisão da bibliografia crítica das obras propostas para leitura analítica e crítica, em sala de aula: *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, e *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria. Na última secção, faz-se uma breve explanação do modelo didático de ensino da leitura que serviu de inspiração a este trabalho.

#### 2.1. Literatura de Viagens

A Literatura de Viagens ocupa, desde há muito, um lugar à parte na história literária devido à sua grande complexidade, uma vez que tem assumido múltiplas formas, que oscilam, por sua vez, entre o dado estritamente referencial e a ficção. A definição do que se considera Literatura de Viagens é, até hoje, imprecisa e repleta de ambiguidade, originando, portanto, um problema concetual. Desta forma, dada a falta de limites claros e rigorosos na definição de Literatura de Viagens, há, igualmente, muita dificuldade em delimitar um *corpus* textual que dela faz parte. Por isso, tentando problematizar estas questões, pretende-se apresentar uma breve resenha da instabilidade do conceito em apreço, bem como do seu *corpus*.

Assim sendo, não existe consenso entre historiadores e críticos literários no que possa ser a sua definição exata, mas alguns, como Manuel Simões (1985; p. 11), consideram a Literatura de Viagens um «género literário específico», o qual apresenta como conteúdo uma íntima relação com a Expansão e as Descobertas. Em Portugal, estes acontecimentos tiveram como período áureo o século XVI, e, por isso, assim também nesse século este género se consolida e afirma. Por outro lado, Fernando Cristóvão (2002; p. 15) classifica a Literatura de Viagens como um «subgénero literário», com individualidades próprias, ainda que muitas vezes semelhantes às de outros subgéneros que à viagem foram buscar «temas, motivos e formas». Atente-se, então, na definição proposta por Fernando Cristóvão na obra *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias* (2002; p. 35):

Por Literatura de Viagens entendemos o subgénero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de carácter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas.

E não só à viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registo: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã.

Importa realçar que este autor (Cristóvão, 2002; pp. 15-52) explica que nem todos os textos que apresentam a temática da viagem podem ser considerados como fazendo parte do *corpus* da Literatura de Viagens, pois, muitas vezes, pertencem à História ou à Antropologia e não à Literatura, na medida em que o êxtase e o deslumbramento dos navegadores perante o achamento das novas terras dominam esses primeiros documentos – ao contactarem com realidades inteiramente desconhecidas e exuberantes, os navegadores registavam a novidade da paisagem natural e humana de um ponto de vista mais «prático», como também defende Costa Pimpão (apud Cristóvão, 2002; p. 22). Sendo a história de Portugal, a partir do século XV, centrada sobre a política de expansão, os registos dos percursos das viagens, a narração da vida a bordo, a descrição das paisagens no seu exotismo e na sua comparação com a terra de origem, a narração do movimento das novas gentes, a recolha pormenorizada dos costumes e dos povos, fixavam em documentos o esforço e o espanto da comunicação portuguesa perante as outras partes do mundo. Trata-se da “«Literatura de Expansão», capítulo grande da nossa Literatura de Viagens” (Correia, 1983; p. 21). Outras considerações a este respeito revelam-se, igualmente, importantes, tais como a de Fidelino de Figueiredo (apud Cristóvão, 2002; p. 22) que, para designar Literatura de Viagens, utiliza, sem distinção, as designações Literatura de Expansão e Ciclo das Descobertas, considerando-os géneros menores, uma vez que o seu objetivo primordial não era procurar a emoção estética (própria da criação literária). Assim, nesta lista, incluía roteiros de viagens, relações de naufrágios e epistolografia.

Como se pode observar, abundam opiniões acerca desta questão e, por isso, é importante realçar, ainda, o facto de António José Saraiva e Óscar Lopes (apud Cristóvão, 2002; p. 22) utilizarem expressões diversas para tratar este assunto: «Literatura de Viagens Ultramarinas»; «Literatura de Viagens»; «Narrativa de Viagens». Da mesma forma, Maria Ema Tarracha Ferreira (apud Cristóvão, 2002;

pp. 22-3) fá-lo: «Literatura de Viagens itinerante, descritiva, informativa»; «Literatura de Viagens e ficção romanesca»; «relação de naufrágios»; «literatura náutica e de inspiração científica». Igualmente procede João Rocha Pinto (apud Radulet, 1991; p. 23), ainda que privilegie a terminologia «Literatura de Viagens», utiliza expressões como «Literatura dos Descobrimentos» e «Literatura das Viagens». Do mesmo modo que os autores anteriormente citados, Jaime Cortesão (apud Radulet, 1991; p. 20) apresenta várias designações para Literatura de Viagens: «narrativa de viagens»; «relações de viagens».

Em síntese, deparamo-nos não só com uma grande variabilidade do emprego das formas de definição de Literatura de Viagens, mas, também, com uma certa ambiguidade na utilização dessas expressões. Assim sendo, também o *corpus* textual continua indefinido e ambíguo devido ao facto de, ao longo dos anos, a Literatura de Viagens se associar a outras áreas, como a História, a Antropologia, a Geografia, a Cartografia, a Astronomia, resultando, por isso, numa grande heterogeneidade textual, o que torna este (sub)género interdisciplinar e bastante compósito. Contudo, ainda que não haja consenso em relação à genologia, à definição e ao *corpus*, parece haver no facto de a Literatura de Viagens estar associada à viagem e à Expansão, pressupondo descoberta, bem como ao facto de os textos remeterem para o século XVI. É, pois, na temática que se encontra um fio unificador e não em características do tipo estético, o que resulta em formas textuais muito diversas. Na verdade, toda esta produção se manifestou através de quase todos os géneros (lírico, épico, narrativo), discursos e registos (histórico, autobiográfico, conotativo, valorativo), recebendo, por isso, designações bem individualizantes: itinerários, roteiros, cartas de achamento, relações, diários de bordo. Embora possa ser considerada como «um subgénero narrativo dotado de uma certa autonomia, com a consistência de outros subgéneros» (Roland Le Huenen, 1987, apud Cabete, 2010; pp. 127), a Literatura de Viagens caracteriza-se, fundamentalmente, por um forte hibridismo discursivo, sendo o elemento unificador o facto destes múltiplos modos discursivos parecerem existir como resultado da própria viagem. Segundo Luís Filipe Barreto (1983, apud Machado, 2006; p. 24), o termo Literatura de Viagens designa, tradicionalmente, um «imenso corpo de heterogéneos discursos, apresentando-se como um casual aglomerado cuja catalogação nasce dum referente extraverbal que é a viagem empírica como deslocação física produtora de um discurso literário».



No entanto, dado o carácter compósito, heterogéneo e ambíguo desta questão, a etiquetagem a partir exclusivamente da temática apresenta-se limitativa, pois a fórmula Literatura de Viagens pode ser aplicável a outros tipos de viagens que não têm um relacionamento mínimo com a época das Descobertas. Isto significa que, apesar de tudo, trabalhar a Literatura de Viagens como género é sempre muito ambíguo, na medida em que as fronteiras são pouco definidas. A designação Literatura de Viagens, «categoria vaga e meio condescendente», segundo opinião de Adolfo Casais Monteiro (apud Correia, 1983; p. 15), tem sido adotada para identificar um conjunto muito variado de obras, não equivalendo a qualquer género literário específico. Na verdade, é grande o número de textos que se reclamam dessa designação: desde o poema épico à crónica, desde a simples descrição ao mais enumerativo e esquemático itinerário. Apresenta-se, portanto, «uma classificação cómoda», que se justifica pela «perspetivação relativamente a um referente (uma viagem real) ou pseudo-referente (viagem imaginária) ou, mais em geral, ao que, sem muitas preocupações de rigor terminológico, chamamos temática» (Adolfo Casais Monteiro, apud Correia, 1983; pp. 15-16).

Face ao exposto, podemos concluir que a Literatura de Viagens, na sua aceção mais lata, compreende o conjunto de obras que relatam (portanto, descrevem e narram) deslocações quer reais, quer fictícias, num espaço (geográfico) e durante um período mais ou menos longo. Grande parte das obras de Literatura de Viagens caracterizam-se por serem documentos, quase testemunhos muito pessoais, registos de impressões sobre gentes, paisagens ou simples factos observados. Isto é, muitos dos textos da Literatura de Viagens constituem documentos valiosos, mas não são trabalhados pela função poética. Desse modo, como mensagens, sobretudo as respeitantes às viagens autênticas (a literatura de Expansão, por exemplo), destaca-se a transparência da função referencial: os textos justificam-se só na medida em que pretendem relatar ou descrever um real, o da viagem. Toda esta Literatura de Viagens, lembra-o Jacinto do Prado Coelho (apud Correia, 1983; p. 22), não só vale pela «substância concreta, colorida e pragmática, manjar para curiosos e tesouro de informações para letrados», mas, sobretudo, pelo «calor humano e pelo que revela do modo português de “estar no mundo”». Por outro lado, Maria Lúcia Lepecki (1976, apud Correia, 1983; p. 17) refere sobre o tema da viagem que esta e a «deambulação, (...) assumem especial relevo na estruturação dos conteúdos das narrativas, chegando mesmo a carga denotativa de campo semântico viagem (percurso físico) a sintetizar

uma área básica do agente de vivências míticas: a busca». Neste sentido, a viagem pode ser um motivo: o de propor um conteúdo ideológico que ultrapassa a simples denotação de deslocação pelo espaço físico.

Com efeito, a estreita relação que se pode estabelecer entre experiência de vida, viagem e narrativa atesta-se desde aquele que constitui um dos relatos paradigmáticos da cultura portuguesa em pleno tempo das Descobertas: a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, obra do século XVI, apenas publicada em 1614, constituindo um relato que, tal como outros que a antecederam, nomeadamente, a *Crónica dos Feitos da Guiné* (1453), de Gomes Eanes de Zurara, e a *Carta de Pêro Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento de Brasil* (1500), documenta a descoberta dos novos mundos e das novas gentes, legando-nos a experiência desse primeiro encontro civilizacional. Contudo, face aos relatos iniciais, a *Peregrinação* representa um «salto qualitativo», visto que, para além de nos revelar aspetos *sui generis* das novas gentes e dos novos locais, apresenta «a particularidade de possuir alguma complexidade do ponto de vista da sua estrutura literária» (Cabete, 2010; p. 143). É evidente que o próprio título – *Peregrinação* – aponta para uma obra que trata de viagens, ou, pelo menos, «de uma deslocação por sítios de especial significado para quem se dispôs a fazê-la» (Correia, 1983; p. 24). A obra inserir-se-ia, deste modo, num dos géneros da Literatura de Viagens: ou o itinerário ou a relação de viagem, em que se apontaria, etapa por etapa, o conhecimento de lugares e populações (Correia, 1983; p. 26). No entanto, vem a revelar-se algo de muito diferente (cf. secção 2.1.1.). Se ela escapa a ser integrada em qualquer dos géneros citados, vai condensá-los a todos. Deste modo, sendo a *Peregrinação* um «género misto» (Giuliano Machhio, apud Correia, 1983; p. 26), nesta «longa narrativa autobiográfica ou nesta longa autobiografia romanceada» (Correia, 1983; p. 26), confluirão quase todos os géneros da Literatura de Viagens: crónica, relação, itinerário, carta, roteiro, registo (Catz, 1978; p. 61, 92-3).

Se alargarmos o âmbito cronológico da Literatura de Viagens, também os nossos escritores viajantes, ao longo dos séculos XIX e XX, foram registando as suas impressões em obras que, para além do valor de textos literários, nos transmitem visões pessoais sobre culturas e civilizações, do presente e do passado. Assim, também terão contribuído para a Literatura Portuguesa de Viagens, segundo João David Pinto Correia (1983; p. 24), autores como Garrett, Herculano, Ramalho Ortigão, Wenceslau de Moraes, Vitorino Nemésio, Agustina Bessa Luís, Urbano

Tavares Rodrigues, Raul Brandão e, já no século XXI, Almeida Faria (cf. secção 2.1.2). Contudo, a Literatura de Viagens portuguesa e contemporânea apresenta uma diferença significativa em relação à de outrora: o sujeito contemporâneo que regressa de uma viagem não é já exatamente o mesmo que partiu, pois na sua «bagagem» transporta consigo algo mais do que o guia que usou para a sua orientação – ele transporta um novo saber, adquirido através dos novos espaços e das novas gentes com os quais contactou. Nesse sentido, viajar é sempre uma aprendizagem, uma forma de (re)conhecimento do mundo exterior que se percorre. No entanto, e, concomitantemente, viajar é uma forma de autoconhecimento, na medida em que olhar e refletir sobre o Outro implica, inevitavelmente, uma reflexão sobre si mesmo.

### **2.1.1. Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto**

Como destaca Arnaldo Saraiva (s.d.; pp. 134-5), Eduardo Prado Coelho fez, no texto que escreveu, em 1989, e que hoje prefacia a edição de 2001 de *Peregrinação*, uma excelente enumeração do que sobre essa obra «já se considera adquirido»:

1. Carácter picaresco; desenho de um anti-herói; sentido crítico dessa atitude.
2. Quase total diluição do sujeito da enunciação no sujeito do enunciado.
3. António Faria será Fernão Mendes Pinto? – hipótese que me ficou de uma primeira leitura adolescente da versão organizada por Aquilino Ribeiro.
4. Visão (premeditadamente?) ingénua dos acontecimentos, crítica severa (involuntária?).
5. Utilização do exótico como instrumento de crítica social. A descrição exótica é levada a um extremo tal, que se converte em proposta de utopia – utopia política, social, religiosa.
6. Conceção (algo implícita) de um Deus que se situa acima da pluralidade das religiões e dos rituais.
7. Riqueza psicológica das figuras.
8. A descrição é feita de um ponto de vista utilitário. A paisagem não chega a existir como paisagem, contemplação despreocupada. Os elementos descritivos fazem parte de uma manobra prática muito concreta, e com interesses definidos.
9. Obsessão numérica.
10. Exagero, desmesura, mentira: «Mentes? Minto».
11. Grande apuro na arte de narrar episódios breves.
12. Sentido teatral das situações.

Assim sendo, tomem-se como objeto de reflexão algumas questões que pedagogicamente se mostram mais importantes, nomeadamente: a *Peregrinação*

como obra que revela aspetos de uma narrativa autobiográfica; a presença de uma visão crítica sobre a sociedade e a religião, ainda que de forma velada; os aspetos que ligam o autor ao célebre adágio popular «Fernão, Mentes? Minto!»; e, ainda, a relação entre o herói da obra em estudo e o anti-herói picaresco.

Enquanto a grande maioria dos relatos de viagens do século XVI tem como razão da escrita o desvendamento dos novos mundos e gentes e as dificuldades e incertezas da navegação, o relato de Fernão Mendes Pinto apresenta-se como uma autobiografia: segundo Eduardo Lourenço (1989; p. 1056), o propósito do autor era contar a sua vida aventurosa não só para salvar a sua «memória terrestre cheia de maravilhas e horrores», mas também para salvar «uma alma para quem esta *Peregrinação* foi uma sucessão miraculosa de quedas e salvasões». Saliente-se, então, que utiliza a primeira pessoa (singular ou plural) na narração, que, “mais do que identificar com o emissor real, isto é, com o próprio Fernão Mendes Pinto, interessa tomar como um «eu» que é sujeito de um «dizer»” (Correia, 1983; p. 51); sintetiza, logo deste o primeiro capítulo, a sua vida na mocidade e, nos restantes capítulos, explana o que lhe sucedeu durante vinte e um anos em viagem, relata a viagem ao Oriente (indicação espacial, temporal, meio de transporte, povos encontrados e aventuras vividas) – «escreveu o que fez, viveu, viu e ouviu. Mas sobretudo o que viveu e viu» (Correia, 1983; p. 81). Segundo Célia Carvalho (apud Seixo & Zurbach, 1999; p. 29), é, de facto, legítimo estudar a *Peregrinação* numa «perspetiva autobiográfica», na medida em que esta está ligada a «características do género Literatura de Viagens: a de abrigar conteúdos próprios da autobiografia». Contudo, como defende João David Pinto Correia, ainda que recuse perspetivar esta obra como uma «mensagem de limitado testemunho pessoal» (Correia apud Seixo & Zurbach, 1999; p. 172),

(...) não é lícito que continuemos a desvalorizar a obra por esse motivo. Pelo contrário, urge que ela seja reconhecida com o que quis logo ser: uma autobiografia. Até porque actualmente se sabe que o realismo, a objetividade, a fidelidade, são características muito relativas em géneros como a autobiografia, o diário, as memórias (...): aquele que se conta nunca é aquele que ou aquilo que realmente é, mas apenas aquele ou aquilo que julga ou imagina ser! (Correia, 1983; p.82)

Sobre outros aspetos têm surgido longos trabalhos de investigação e, por isso, importa referir, também, que os estudiosos consideram que a crítica à política portuguesa de penetração na Índia e à má administração portuguesa está presente em

*Peregrinação* e que é feita de forma implícita, através de farpas indiretas. Segundo Rebecca Catz (apud Correia, 1983; p. 39), esta obra «é, de entre as maiores obras de arte da literatura mundial, uma das mais mal compreendidas e universalmente confundidas» exatamente por apresentar uma «sátira corrosiva» que não foi devidamente desvendada. Outros críticos defendem, igualmente, que a «crítica indireta» – expressão proposta por Jaime Cortesão e por António José Saraiva, como destaca o crítico João David Pinto Correia (1983; p. 89), e recuperada por Eduardo Lourenço (1989; pp. 1053-1062) – é a de alguém que assume uma atitude crítica em relação aos valores e crenças que estruturavam a visão católica do mundo. Deste modo, o processo que mais serve à crítica moral é o de recorrer, muitas vezes, a vozes de personagens orientais para efetuar uma sátira, expondo a incoerência entre a doutrina e a prática dos portugueses enquanto cristãos confessadamente empenhados em espalhar a fé cristã. Assim, mostra-se o que há de bárbaro na mentalidade religiosa desses portugueses, pois a vida e a obra de Mendes Pinto estão entrançadas na mesma contradição: de um lado, o ouro; do outro, Deus (Lourenço, 1989; p. 1061). Contudo, sobressai sempre a cobiça, ainda que encoberta de hipocrisia, por parte dos portugueses que só estão interessados em enriquecer.

No que diz respeito à relação entre a realidade e a ficção, Fernão Mendes Pinto fez a sua viagem entre 1537 e 1558 e escreveu a sua obra entre 1570 e 1578, sendo publicada postumamente, em 1614. A tal distância no tempo, mesmo que o autor quisesse escrever a história verídica das suas largas e variadas andanças, «não o poderia suficientemente servir a memória, desajudada de apontamentos que, no decorrer de tal vida, não lhe seria possível escrever nem guardar» (Cidade, 1978; p. 812). Parece, porém, que o autor, apesar de querer parecer fiel à verdade, apenas «procurou romancear a sua aventureira existência» (Trigueiros, 1978; p. 1160). Ao longo do tempo, o interesse suscitado pela obra quase que se centrou apenas no problema de saber qual o grau de verdade histórica do seu conteúdo, isto é, de saber se na sua génese o leitor encontra «uma realidade vivida ou uma ficção imaginada» (Castro, 2001; p. 187). Segundo Costa Pimpão (apud Castro, 2001; p. 187), a *Peregrinação* é «um livro de fingimento, a revestir, simbolicamente, a verdade essencial», onde os dados da História e da Geografia se veem superados pelo «caráter romanesco das aventuras vividas pelo autor, transformadas por uma poderosa imaginação criadora, pela atração que nele exercia o exotismo e a pitoresca variedade dos seus quadros». A *Peregrinação* é publicada como roteiro de uma

existência aventureira em terras do Oriente, mas pode-se duvidar da veracidade de alguns passos desta obra, especialmente daqueles em que o autor descreve, com muitos pormenores, templos, paisagens, falas, que a sua memória não poderia reter. Além disso, tem a crítica averiguado e divulgado que, muitas vezes, ele refere a sua presença em episódios que, sendo históricos, os cronistas colocam noutras circunstâncias e descrevem de modo diferente. Com efeito, na obra, podem distinguir-se capítulos que se inspiram claramente na experiência direta e capítulos que são reconstruções a partir de fontes literárias. Sendo assim, a ficção e a realidade entrelaçam-se admiravelmente na *Peregrinação*, porque o autor soube imprimir «uma aparência de verosímil, de coisa vivida, geralmente convincente» (Saraiva & Lopes, 2001; p. 304), mesmo quando descreve regiões que não visitou ou quando inventa situações e personagens. «Com a verdade cria ficção» (Simões, 1867; p. 175). Tão ciente estava o autor da natureza incrível de alguns dos seus relatos, que é ele próprio quem, ao fazê-los, põe o leitor de sobreaviso, avisando-o que poderá não acreditar no que lê, dada a singularidade do que conta.

Finalmente, ainda outro aspeto é relevante salientar: o herói de *Peregrinação* é comumente considerado um herói pícaro. António José Saraiva, em vários estudos, apresentou a *Peregrinação* como um romance picaresco e o seu autor como um «anti-herói» ou um «pícaro» contrastante «com os heróis dos crimes e dos outros livros de viagem» (Saraiva, 1961; p. 305). Esta relação deve-se ao facto de este possuir uma filosofia de vida particular: é materialista, desleal, manifesta inclinação para a fraude e a vadiagem e vale-se de meios desonestos (como pequenos roubos) para sobreviver (Saraiva & Lopes, 2001; pp. 305-6). Esta personagem surge na narrativa como um herói que derrota o pirata Coja Acém numa batalha muito violenta e derrota também outros inimigos dos Portugueses: António de Faria e o seu bando, movidos pela fúria, afundam barcos, incendeiam povoações, roubam mulheres, crianças e templos. A sua fraqueza é demonstrada, sobretudo, pelo facto de invocar Deus para o ajudar nas horas de aflição e nos seus atos bárbaros. António José Saraiva, no seu prefácio à edição de 1971 de *Peregrinação*, diz que a personagem Fernão Mendes Pinto, recorrendo à expressão «pobre de mim» e afirmando frequentemente que «as carnes tremiam»,

apresenta-se, deliberadamente, como um anti-herói de um romance autobiográfico, e como uma figura curiosa que tem a franqueza de nos declarar que a sua única peregrinação é a de fazer fortuna e conta-nos as suas

necessidades, misérias, fugas e os seus ataques de medo. (Saraiva, 1981; p. XXII).

Em suma, a *Peregrinação* permanece como uma «esfinge que desdobra questões mas furta-se a respostas definitivas» (Laborinho, 2006; p. 417). Embora constituindo os aspetos mais salientes da obra, a autobiografia e a sátira moral não esgotam os sentidos da *Peregrinação*. Esta obra é mais do que o testemunho isolado e individual de um homem aventureiro. Por outro lado, a análise de *Peregrinação* tem sido feita muitas vezes em termos de verdade ou de mentira. Aceitando-se a grande margem de fantasia que existe no texto de Fernão Mendes Pinto, verifica-se que se trata de um livro com enorme valor documental. No entanto, a questão parece não estar em encontrar a verdade do texto ou a sua adequação à realidade, na medida em que, ao «misturar em quantidades consideradas pouco razoáveis a verdade e a imaginação», esta obra «desliza para o estatuto ficcional com o apelo adicional de “poder ser verdade”» (Laborinho; 2006, p. 26). Enfim, reconhece-se que a *Peregrinação* tem «estimulado leitores [e críticos] em diferentes direcções, o que serve a demonstração de que escapa a interpretações unívocas e prefere a compreensão plural dos universos ficcionais» (Laborinho, 2006; p. 418).

### **2.1.2. O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada, de Almeida Faria**

Em primeiro lugar, parece interessante perceber o contexto em que esta obra é concebida e publicada. *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria, foi escrito após uma viagem do autor, realizada e suportada financeiramente no âmbito do ciclo «Os Portugueses ao Encontro da Sua História», da responsabilidade do Centro Nacional de Cultura, em 2006. A sua edição foi apoiada pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas/Secretaria de Estado da Cultura, de Portugal.

Note-se, em relação à obra em apreço, a quase inexistência de bibliografia crítica, ainda que bem recebida pelo público e pela crítica – «Se faltasse alguma prova para demonstrar que a escrita de viagens é essencial à ideia de Literatura, este livro de Almeida Faria bastaria para a suprir» (Rubim, 2012). Existem, na verdade, duas recensões críticas (cf. Rubim, 2012; e Mathias, 2012) e alguns artigos de apresentação da obra dispersos por jornais e revistas (*Jornal de Letras e Visão*) da época em que esta foi publicada. Não podemos, igualmente, menosprezar o prefácio de Eduardo Lourenço à edição da obra. Todos estes textos manifestam uma opinião muito favorável relativamente ao objeto de apreciação, quer seja a nível temático, estilístico ou ideológico. Elogia-se a escrita de Almeida Faria, realçando-se o

«desafio único» (Lourenço, 2011, apud Faria, 2012; p. 11) que é escrever sobre uma viagem à Índia, pois é sempre da ordem da «ficção superlativa». Destacam-se, por exemplo, elogios à forma como leva o leitor consigo, pelos lugares que visitou, mantendo, no entanto, alguma distância, sem a qual o mistério se perderia.

A viagem pela sua obra começa justamente pelo título – *O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada*. Como advoga Rubim (2012), o título da obra de Almeida Faria pode «sozinho, ser outro nome da literatura». É curioso, pois, notar que o título, por si só, é já poético por ser metafórico e pela musicalidade das aliterações – *O Murmúrio do Mundo*. Além disso, note-se o significado de «murmúrio» e a relação da Índia com o mundo, bem como o tema da obra e aquilo que o narrador diz trazer na sua «bagagem»: o título refere-se a tudo aquilo que, no mundo ou na Índia, somos capazes de captar através da nossa sensibilidade – «Inesgotável e inumerável, assim se nos apresenta a Índia – tantos os mundos e almas, os mitos e as fábulas, os ritos e ritmos, as gentes e as divindades!» (Mathias, 2012; p. 245).

O destino da viagem – a Índia, o Oriente – levou o autor aos textos da época da expansão portuguesa, no século XVI - como *Décadas da Ásia*, de Diogo do Couto e João de Barros, *Os Lusíadas*, de Camões, ou *Auto da Índia*, de Gil Vicente. Com efeito, Almeida Faria opta por complementar o seu relato, desde o início, com citações de textos dessa época e não só: convergem no seu texto também citações de autores contemporâneos, como os heterónimos pessoanos Campos e Bernardo Soares, a brasileira Cecília Meireles ou o argentino Jorge Luis Borges. Na verdade, a intertextualidade entre esta e outras obras acontece logo desde o início da obra, como supradito. Por isso, este mecanismo merece atenção, uma vez que transporta consigo significados precisos que o autor quis, parece-nos, imprimir no texto. É, pois, interessante a metáfora utilizada por Gustavo Rubim (2012) relativamente a esta questão: «um vasto palimpsesto». Na verdade, «como um pergaminho reutilizado mantém vestígios do texto inicial», este livro tem várias camadas, é um livro com livros dentro, de várias épocas, que o leitor pode ir desvendando. Pela sua posição estratégica na obra, respetivamente na abertura e no fecho, podemos destacar dois excertos, que se comentam em seguida.

Almeida Faria inicia a sua obra citando um excerto de *Décadas da Ásia* e, a partir daí, constrói um primeiro parágrafo contemporâneo baseado no texto antigo. Isso é possível, na medida em que o ato de embarcar (num barco, no século XVI) associa e faz contrastar as viagens modernas (embarcar num avião) com as de outrora



– esta é, pois, a grande diferença apresentada, que revela, por sua vez, o desenvolvimento do mundo durante os séculos que separam estas viagens. Entre os viajantes há, também, semelhanças, por exemplo, no desempenho de funções oficiais, ainda que mais leve e breve as atuais – patrocinada pelo Centro Nacional de Cultura, não tinha o intuito de conquistar novas terras e espalhar a fé cristã, nem duraria três anos. Ainda com a intenção de comparar as viagens do século XVI e as do século XXI, o autor opta, igualmente, por aludir à nossa maior obra épica, *Os Lusíadas*: «Quando Camões aqui desembarcou, vir à Índia exigia (nas suas palavras) uma travessia *longa e áspera*. Hoje, viajar até tão longe apenas exige uns insignificantes sacrifícios.» (Faria, 2012; p. 21). De facto, as alusões aos portugueses do século XVI pretendem confrontar as condições das viagens nesse tempo e na atualidade. Se, no tempo do autor épico, as viagens eram longas e acidentadas, nos dias de hoje, elas são marcadas pela rapidez e pelos «cómodos incómodos» (p. 24) que, aos olhos do narrador, não passam de «insignificantes sacrifícios» (p. 21).

Seguindo a mesma estratégia de comparação e dissimilação entre outrora e hoje, Almeida Faria cita, no *terminus* da sua obra (e da sua viagem), um excerto da conhecida peça de Gil Vicente, *Auto da Índia*:

*Lá vos digo que há fadigas  
tantas mortes, tantas brigas  
e perigos descompassados  
que assim vimos destroçados  
pelados como formigas.* (Faria, 2012; p. 143).

O autor parece ter pretendido acentuar o contraste existente entre a forma como a Índia era encarada por alguns portugueses das Descobertas, aquando do seu regresso à pátria, e a forma como este país é encarado, atualmente, por quem daí regressa. Quando a personagem Marido, do *Auto da Índia*, diz à Ama, sua esposa, que regressam da Índia «pelados como formigas», refere-se ao facto de alguns marinheiros, na época, regressarem pobres, sem dinheiro, miseráveis, isto porque, tal como a personagem refere, os capitães das armadas apoderavam-se da maior parte das riquezas que os marinheiros tinham roubado. Ao fazer referência às «fadigas», «mortes» e «brigas» está-se a referir aos roubos, saques e pilhagens que havia no Oriente, na época, mostrando, assim, uma visão pouco favorável da política dos portugueses na Índia. Há, então, na obra de Gil Vicente, uma crítica a muitos dos acontecimentos que ocorriam durante as navegações no tempo das Descobertas, pois o que realmente acontecia eram combates e saques, o que contrasta com a imagem de

heróis que iam espalhar a cristandade pelo mundo fora que as instituições de poder procuravam passar dos navegadores. Pelo contrário, quem, atualmente, regressa de uma viagem como esta «deveria pagar excesso de bagagem» (Faria, 2012; p. 143), na medida em que «traz fragmentos de caras, casas, ruas, cheiros, quartos, uma carga de imagens, na alfândega-roleta do lembrar e esquecer» e vem carregado «de cores e de cansaço mas inteiro e em estado razoável, bem melhor dos que outrora».

Neste processo de levantamento e explicitação de referências intertextuais relevantes no âmbito da obra de Almeida Faria, é imprescindível referir a alusão a Fernão Mendes Pinto. Ainda que não seja a referência mais importante da obra, no contexto do projeto desenvolvido, torna-se indispensável salientar esta ligação. Com efeito, a expressão «mendespintice» e «mendespinto» (Faria, 2012; p. 28) refere-se ao autor Fernão Mendes Pinto que é conhecido pela sua hipérbole, não só dos números que refere, mas também das descrições que faz dos povos, lugares e animais que encontra. Por isso, este autor é associado à expressão popular «Fernão, mentes? Minto!» exatamente pelo caráter inacreditável daquilo que narra. Também Almeida Faria, nesta obra, mostra como a sua viagem à Índia foi uma “real e singular «peregrinação», um desejo de conhecer realmente o Outro diferente de «nós»” (Lourenço, 2011, apud Faria, 2012; p. 15).

À semelhança de *Peregrinação*, a obra de Almeida Faria acarreta um interesse superior por não ser uma mera descrição de acontecimentos vividos ou elementos observados, durante a viagem. Ancorada no mecanismo de intertextualidade, esta obra contemporânea apresenta uma preciosa reflexão sobre a passagem do tempo, a que a temática da viagem dos Descobrimentos e a distância secular que separa estas duas realidades se presta – «À depuração com que tudo aqui é dito e observado se junta um pendor reflexivo, aberto às manifestações do invisível» (Mathias, 2012; p. 246). Desta maneira, a partir de uma estrutura narrativa, à qual o leitor se vai adaptando ao longo da leitura, onde interliga narrativa e intertextos, o autor reflete sobre o tempo. A primeira reflexão surge após a visita ao Bolgatty Palace. Neste momento, o narrador refere que

A irreabilidade daquele quase-idílio convidava a não prosseguir viagem, a ficar na calma senhorial da tarde deixando escorrer as horas, contemplando o deslizar dos dias, dialogando com aqueles que por aqui passaram e cujas vidas podem apossar-se de nós (Faria, 2012; p. 106).

Assim, observa que

(...) Costum[a], por instinto, resistir às sereias passadistas, convencido de que

*aquele que não é capaz de opor-se ao seu passado não tem passado, ou antes, nunca sai dele, vive constantemente nele. O mesmo sucede àqueles que sempre desejam que o passado regresse, que não dão um passo enquanto tudo avança e que, por um impotente elogio dos tempos passados e um anémico maldizer do presente, são a prova viva de que não conseguem atuar no presente. (...)* (Faria, 2012; p. 107).

Desta forma, reconhece a importância do passado, mas não vive nele nem deseja constantemente que ele volte. Desse modo, mostra a necessidade de viver o presente, pois o passado já passou e o futuro começa a ser construído com as ações presentes. Neste sentido, ressalta-se a importância de dar um passo em frente, no caminho para o futuro, na medida em que o tempo não volta para trás. O passado é o tempo que já não existe mais, simplesmente porque já se foi, mas a que é possível aceder por meio da memória; o presente é o tempo em que as nossas experiências acontecem, é o conjunto das nossas sensações e pensamentos; o futuro, porque ainda não veio, é ainda esperança. Finalmente, conclui-se que o passar do tempo traz «esquecimento» (p. 107). É, ainda, neste sentido que surge a segunda reflexão, que se afigura, acima de tudo, como a continuidade da primeira, complementando-a. Após uma síntese histórica sobre a presença dos portugueses na Índia, o fim do Estado Português da Índia e os «vagos traços» e os «vestígios vagos» (p. 137) que restam, o narrador reflete, novamente, sobre o tempo:

Há quem defina o tempo como *ser que, enquanto é, não é, e enquanto não é, é*. Há quem recorra a subtilezas para definir o tempo como *atomicidade transiente do devir*. E, entre os que enfrentam o tema do devir, há quem pense que o mais interessante *está sempre a jusante, no delta do rio, não na nascente*. Os mais sábios limitam-se a constatar que *o tempo o claro dia torna escuro* (...). (Faria, 2012; p. 137).

Esta é, pois, uma tentativa (de execução difícil) de definir esta entidade abstrata, ainda que mensurável. O tempo é «*ser que, enquanto é, não é, e enquanto não é, é*»: o verdadeiro presente é a eternidade. O tempo é a negação e a afirmação dele mesmo, uma fusão ténue de presente, passado e futuro. Novamente, a conclusão que se extrai é a de que a passagem do tempo propicia o esquecimento – «*o tempo o claro dia torna escuro*». Este verso do soneto «O tempo acaba o ano, o mês e a hora», de Camões, ilustra a influência do tempo que passa ininterruptamente, que transforma e acaba com todas as coisas.

Além da intertextualidade com outras obras e autores e das reflexões sobre o tempo, é, igualmente, importante referir o carácter multimodal deste texto. Na verdade, *O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada*, de Almeida Faria, à semelhança de outras das suas obras, apresenta dois recursos distintos: o texto propriamente dito, escrito pelo autor, e as ilustrações diversas da autoria de Bárbara Assis Pacheco. Note-se que Gustavo Rubim (2012), no artigo de apreciação crítica desta obra, publicado no *Público* pouco tempo depois de *O Murmúrio do Mundo* ter sido dado à estampa, destaca que Bárbara Assis Pacheco também fez a viagem e «ilustra» as páginas dessa obra. Contudo, após a menção a «ilustra», o crítico ressalta logo, ainda que numa expressão de carácter parentético, que «a palavra está errada». Na verdade, esta relação de complementaridade entre a escrita de Faria e a pintura é já um marco importante da sua obra que não pode ser deixado num plano subalterno. É importante referi-lo e explicitá-lo, pois faz parte da leitura integral e integrante da obra. Chamemos, então, à colação outras duas narrativas breves do autor, *Os Passeios do Sonhador Solitário* e *Vanitas – 51 Avenue d'Iéna*, para, juntamente com a obra em apreço, se refletir sobre o diálogo entre a ficção e a arte pictórica na obra de Almeida Faria. De facto, pode-se perceber que, nos contextos mencionados, o autor estabelece, entre o verbal e o icónico, uma linguagem híbrida, permanentemente concordante. Almeida Faria leva o conceito intertextual ao limite de criar relações singulares entre a obra escrita e a obra plástica: a escrita torna-se, então, num tecido plástico e a imagem das obras pictóricas revela-se como um texto. No *corpus* mencionado, em especial no caso das narrativas breves, percebemos que entre a literatura e a pintura não existem relações ilustrativas, são antes forças que estabelecem associações complementares. O espaço da pintura é paralelo e interativo face ao da ficção literária.

Em suma, toda a obra literária requer um caminho especial de abordagem, tendo em conta que toda ela cria as suas formas próprias e estabelece as suas regras. É esta relação intertextual, esta linguagem híbrida que marca uma expressividade singular, formal e concetual, pelo reinventar de pressupostos teóricos intrínsecos entre a escrita do autor e a escrita de outros e entre a escrita do autor e a pintura. Assim sendo, consciente de que qualquer leitura crítica deve ter em conta a ambiguidade do texto literário e da representação pictórica e sabê-los passíveis de interpretações múltiplas (e, por vezes, mesmo dissonantes), não se procurou o estabelecimento redutor de um certo número de princípios definitivos tidos como

origem inequívoca do funcionamento e da coesão interna desta relação, mas salientar aqueles que, no contexto da intervenção didática, se revelaram mais importantes para a análise comparativa com a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.

## **2.2. Ensino da Leitura: compreensão de textos**

Todos reconhecemos que saber ler é uma condição indispensável para o sucesso individual, quer na vida escolar, quer na vida profissional. Todos reconhecemos, também, que é esperado que a escola desempenhe um papel imprescindível na aprendizagem da linguagem escrita. A essência da leitura é, pois, construir o significado de um texto escrito e compreender textos é o grande objetivo do ensino da leitura. Ensinar a ler é, acima de tudo, ensinar explicitamente a extrair informação contida num texto escrito, ou seja, dar aos alunos «as ferramentas de que precisam para estratégica e eficazmente abordarem os textos, compreenderem o que está escrito e assim se tornarem leitores fluentes» (Sim-Sim, 2007; pp. 5-6).

Se se começar por olhar para a imensa investigação realizada sobre a leitura, uma das principais conclusões que se extrai é a de que a eficácia da aprendizagem da leitura depende do ensino explícito de estratégias para a compreensão de textos (Giasson, 1993; pp. 49-58), pois observou-se que as crianças pequenas e os maus leitores não utilizam estratégias de leitura nem com frequência nem com eficácia se não tiverem ajuda (Brown, Bransford, Ferrara, & Campione, 1983 apud Vaz, 2010; p. 164). Nesta perspetiva, as insuficiências na compreensão passam a ser atribuídas à falta de conhecimento e utilização de estratégias adequadas, passíveis de serem colmatadas através de um ensino apropriado. Note-se que as estratégias de leitura têm sido definidas como processos ou comportamentos específicos e intencionais, visando alcançar objetivos definidos, e que influem no controlo do esforço do leitor para decifrar e compreender as palavras e para construir o significado de um texto (Afflerbach, Pearson, & Paris, 2008; Garner, 1987 apud Vaz, 2010; p. 164). Com efeito, ensinar a compreensão poderá passar por ensinar e promover nos alunos, enquanto leitores, o recurso consistente a estes procedimentos.

Assim sendo, tomada consciência desta realidade, é necessário refletir sobre quais as estratégias a ensinar explicitamente para desenvolver a fluência de leitura, tendo em conta que, no Ensino Secundário, o ensino de estratégias de monitorização da leitura (tais como prever, sintetizar e questionar a informação obtida) deve permitir que o aluno seja capaz de: apreender o sentido global de um texto;

identificar o tema central e aspetos acessórios; distinguir entre ficção/não ficção, causa/efeito, facto/opinião; localizar informações específicas e usá-las para cumprir instruções; sintetizar partes do texto; reconhecer os objetivos do escritor; compreender inferências, mobilizando informações textuais implícitas e explícitas; relacionar a informação lida com conhecimentos exteriores ao texto; extrair conclusões do que foi lido; seguir instruções escritas para realizar uma ação; inferir o significado de uma palavra desconhecida com base no contexto; ler autonomamente obras integrais adequadas ao interesse da faixa etária em questão (Sim-Sim, 2007; pp. 11-12).

Deste modo, seguindo e adaptando para o Ensino Secundário o modelo proposto por Sim-Sim (2007; pp. 15-23, 35-6), que corresponde ao modelo de ensino do tipo «intervenção antes-durante-depois da atividade de leitura» (Giasson, 1993; p. 57), as estratégias para abordar um texto ocorrem antes, durante e após a leitura de textos, na medida em que ensinar a compreender é ensinar explicitamente estratégias de compreensão, isto é, ferramentas de que os alunos se servem deliberadamente para melhor compreenderem o que leem, quer se trate de ficção ou de não ficção.

Assim, como a compreensão de leitura é afetada pelo conhecimento prévio que o leitor tem sobre o assunto e pelo conhecimento das palavras que surgem no texto, há duas ações pedagógicas muito importantes no ensino da leitura: (i) conversar antecipadamente com o aluno sobre o tema do texto que ele irá ler em seguida; e (ii) desenvolver intencional e explicitamente o léxico dos alunos. Deste modo, as estratégias a utilizar antes de iniciar a leitura (Giasson, 1993; pp. 181-6; Sim-Sim, 2007; pp. 15-17) passam, essencialmente, por explicitar o objetivo da leitura do texto, ativar o conhecimento anterior ao tema e antecipar conteúdos. São múltiplas, de facto, as formas de o fazer. Por exemplo, antes de passar à leitura de um texto, pode ser vantajoso o leitor começar por refletir sobre o título e os subtítulos, observar eventuais imagens e legendas, atentar no índice do livro e, deste modo, criar um quadro contextual no qual a informação a ler mais facilmente ganhe sentido. De igual modo, poderá interrogar-se e avançar com hipóteses sobre o conteúdo ou mesmo trocar impressões e conversar sobre o tema antes de iniciar a leitura. Este tipo de procedimentos, que os bons leitores habitualmente assumem de forma autónoma, é, pois, um precioso auxílio para conseguir uma melhorada compreensão, havendo prova empírica de que é possível ensinar com êxito os leitores

menos capazes a adotarem consistentemente estas práticas (Bransford, Vye e Stein, 1984, apud Vaz, 2010; p. 165).

Durante a leitura (Giasson, 1993; pp. 107-130; Sim-Sim, 2007; pp. 17-19), é importante que se ensine os alunos a fazer uma leitura seletiva; criar uma imagem mental do que foi lido (associações, experiências); sintetizar à medida que se avança na leitura do texto; inferir o significado das palavras desconhecidas e, se necessitar, usar materiais de referência (dicionários, enciclopédias); parafrasear partes do texto; sublinhar e tomar notas durante a leitura. Estas são algumas ações que podem mostrar-se úteis para repor a compreensão. Na verdade, o bom leitor monitoriza a compreensão ao longo do processo de leitura: consciente dos seus objetivos de leitura, o bom leitor toma como referência esses objetivos e avalia, a cada momento, em que medida está a apreender o sentido do texto e a atingir as intenções pretendidas. Note-se, ainda, que os leitores mais capazes tendem a efetuar sínteses da informação no decurso da leitura, o que revela um processo de seleção dos conteúdos fundamentais e conduz a uma compreensão mais clara do texto, pois a síntese ou resumo da informação obriga a um trabalho de elaboração cognitiva que possibilita não só a verificação da compreensão, mas facilita igualmente a retenção de informação (Sprenger-Charolles, 1980, apud Vaz, 2010; p. 168). Pelo contrário, os maus leitores leem frequentemente sem se preocuparem em analisar se estão ou não a entender o significado do texto e o mais frequente é apenas tomarem consciência das suas dificuldades já depois de terem chegado ao fim do texto. Dados de diferentes estudos (Baker & Brown, 1984; Garner, 1992; Wagoner, 1983 apud Vaz, 2010; p. 166) confirmam claramente esta realidade, daí que desenvolver no leitor esta prática de verificação sistemática da compreensão enquanto lê seja fundamental para melhorar as competências de leitura. Além dos procedimentos de regulação anteriormente mencionados, a releitura é, provavelmente, um dos mais comuns. Através desta ação, o leitor volta atrás no texto e relê-o de forma a captar a compreensão a partir do ponto em que a havia perdido.

Finalmente, após terminar a leitura, é fundamental que se automonitorize o que se compreendeu do texto lido. Por conseguinte, as estratégias a utilizar depois da leitura (Giasson, 1993; pp. 247-252, 288-303; Sim-Sim, 2007; pp. 20-1) podem ser: formular questões sobre o texto lido e tentar responder; confrontar as previsões feitas com o conteúdo do texto; e discutir com os colegas o texto lido. É fundamental que a questionação seja assumida pelo aluno, uma vez que a formulação de perguntas para

orientar a compreensão do texto leva não só a níveis mais profundos de processamento da informação (André & Anderson 1979 apud Vaz, 2010; p. 170), como melhora a própria compreensão e aprendizagem.

Ora, como supradito, o ensino da compreensão de textos implica que sejam ensinadas estratégias gerais de automonitorização da leitura, mas também estratégias específicas para a abordagem de cada tipo textual. Com efeito, a tipologia dos textos a ler influencia a compreensão obtida, determina objetivos de leitura diversos e requer o uso de estratégias específicas de compreensão. Assim, o ensino da compreensão de textos narrativos passa por dois grandes momentos: (i) pela aquisição precoce da estrutura narrativa básica, na versão oral, por volta dos quatro/cinco anos de idade (da responsabilidade do educador infantil); e (ii) por explorar a compreensão dos textos narrativos, o que implica o trabalho de fomento do raciocínio dedutivo, a análise de ações, a antecipação de acontecimentos, a previsão de consequências, o raciocínio inferencial e a apreciação valorativa do texto (da responsabilidade do professor de Português do Ensino Básico e Secundário).

Neste sentido, o ensino explícito da compreensão de textos narrativos deve incluir estratégias que: visem uma compreensão global de todo o texto ou de partes específicas do mesmo (capítulos, parágrafos, frases, expressões, palavras) e interligações entre as partes específicas; desenvolvam a interpretação, isto é, a relação entre a compreensão do texto e a experiência individual do leitor; contemplem a análise da estrutura intratextual (organização e forma: como se ligam os capítulos numa obra ou os parágrafos num texto; como expressa o autor a passagem do tempo; como são caracterizadas as personagens); analisem o tema central, as personagens principais, os acontecimentos determinantes; explorem o significado mais profundo do texto (subjacente ou explícito), através da discussão coletiva, para que os alunos aprendam acerca da vida e deles próprios (Sim-Sim, 2007; pp. 35-6). Com efeito, o desenvolvimento de competências e capacidades de leitura deve levar o aluno a um nível superior de análise e interpretação de um texto, a partir da extração de inferências (Giasson, 1993; pp. 91-103). Considerada por muitos autores como o expoente da compreensão, as inferências permitem chegar a um entendimento que ultrapassa a mera compreensão literal do texto e atingir o que, apesar de não expresso, é legítimo depreender. É, assim, o nível mais complexo da leitura.



Em suma, relativamente ao processo de compreensão da leitura, destaca-se uma questão essencial: ler é compreender, é aceder ao significado do texto, ou seja, por compreensão da leitura entende-se a atribuição de significado ao que se lê, quer se trate de palavras, de frases ou de um texto. Assim sendo, a leitura, como uma forma de fruir arte, ou como um meio de obter informação, requer uma aprendizagem consciente e, por isso, no ensino da compreensão da leitura, devem-se contemplar intervenções pedagógicas que visem: (i) um ensino explícito de estratégias específicas que auxiliam a compreensão da leitura; (ii) a promoção do desenvolvimento linguístico dos alunos; (iii) a estimulação do seu comportamento como leitores; e (iv) a ampliação do conhecimento experiencial que possuem sobre a vida e sobre o Mundo, não esquecendo que as atividades propostas implicam sempre a presença ativa do professor.

## **CAPÍTULO 3**

### **METODOLOGIA**

Neste capítulo, descreve-se a metodologia adotada no ensino da leitura de texto literário (género narrativo), recorrendo aos pressupostos expostos na secção 2.2. Na primeira secção deste capítulo, descreve-se o desenho da intervenção didática. Na segunda, explicam-se as bases em que se apoiou a seleção de excertos de referência. Na terceira e última secção, apresenta-se uma caracterização da escola onde decorreu a intervenção letiva e da turma envolvida no projeto.

#### **3.1. Desenho da intervenção didática**

A intervenção didática desenvolvida no âmbito da prática de ensino supervisionada, na Escola Secundária de Camões, respeita os princípios fundamentais do modelo de ensino da leitura, entretanto descrito na secção 2.2. deste relatório.

Consequentemente, a unidade didática divide-se em quatro momentos essenciais, explicitados mais pormenorizadamente nos parágrafos seguintes. Em síntese: o primeiro momento foi de leitura analítica e crítica de excertos de *Peregrinação*, sempre orientada de perto pela docente, baseado em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura, de forma a dotar os alunos de estratégias explícitas de leitura de um texto literário. Seguindo-se um segundo momento de leitura e análise, o mais autónoma possível, de *O Murmúrio do Mundo*, para aplicação das estratégias anteriormente abordadas e comparação das duas obras. Num terceiro momento, fez-se a avaliação do processo de trabalho dos alunos, dos conhecimentos adquiridos, bem como das atitudes e valores. O último momento foi de reconhecimento da turma através de um questionário sobre a relação dos alunos com a leitura e com a Literatura de Viagens.

Como supradito, o primeiro grande momento da unidade didática relacionou-se com a leitura analítica e crítica de excertos de *Peregrinação*. Sendo assim, reservaram-se quatro aulas para este trabalho, iniciando-se com a leitura integral do primeiro capítulo da obra, em grupo-turma, com pequenos momentos de trabalho de pares, para posterior discussão de interpretações. Antes da leitura, discutiu-se com a turma o título da obra, com o intuito de despertar o interesse para a leitura e de levar os alunos a criarem um contexto mental relativamente ao texto que iriam explorar em seguida. A leitura deste capítulo foi proposta de forma parcelar, para que o primeiro

contacto com esta obra, dotada de características lexicais e sintáticas próprias, não levasse à desmotivação dos alunos ante a aparente dificuldade inicial que o texto apresenta. Ainda para colmatar algumas das possíveis dificuldades lexicais, foi apresentado um pequeno glossário adjacente ao texto, bem como a proposta de os alunos construírem, também, de forma ativa, o seu glossário, com recurso, por exemplo, ao dicionário, em contexto de sala de aula. Assim, os alunos não foram confrontados com uma edição excessivamente anotada que os torna leitores passivos, mas, pelo contrário, leitores ativos e ativos construtores do seu saber (Bernardes & Mateus, 2013; pp. 42-5). A leitura em voz alta foi também uma estratégia utilizada para adjuvar na compreensão do texto literário, na expectativa de que pudesse resolver algumas das dificuldades que se colocam quando o acesso aos textos é feito apenas por via da leitura individual e silenciosa.

Em seguida, propôs-se um trabalho de grupo, que incidia na leitura de um excerto de um capítulo de *Peregrinação*. Este trabalho foi parcialmente desenvolvido em sala de aula, uma vez que se tem consciência de que o professor é «imprescindível à leitura de um texto que o aluno não domina» (cf. *Programa*; p. 23). Por conseguinte, cada grupo fez uma leitura analítica e crítica de um excerto diferente da obra e realizou atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura. Posteriormente, este foi apresentado oralmente à turma, seguindo-se um momento de discussão e sistematização de aspetos essenciais, em *PowerPoint*. Na construção desta atividade, tiveram-se em consideração as observações do *Programa*, que, remetendo para a leitura de excertos de algumas obras (desta, em particular), propõe uma visão integral, colocando os alunos em contacto com o máximo de excertos possível, bem como com o livro, o objeto na sua totalidade, «o que poderá reforçar a associação entre leitura escolar e leitura não escolar» (p. 29).

Finalmente, o último momento desta leitura de *Peregrinação* consistiu na análise comparativa entre o primeiro e o último capítulos. Seguindo os pressupostos sobre o ensino da leitura, este trabalho permitiu fazer um levantamento de aspetos divergentes e semelhantes relativamente ao primeiro capítulo, para que os alunos pudessem construir ligações entre todos os textos estudados em aula e para que não lhes parecessem episódios desconexos de uma mesma obra. Este trabalho permitiu, ainda, discutir com a turma, antes e depois da leitura do capítulo, as suas expectativas relativamente ao conteúdo do mesmo.

Atendendo ao que o *Programa* defende, tentou-se sempre «evitar a acentuação excessiva dos saberes de referência histórico-literários, histórico-culturais, concretizada em contextualizações prolongadas feitas através de exposição oral do professor ou de proliferação de textos policopiados» (p. 23). Com efeito, a preocupação com os contextos da obra e da escrita interagiu sempre com a atividade de leitura, de modo a que esta não perdesse a sua centralidade no processo didático (Bernardes & Mateus, 2013; pp. 61-83). Esse convívio com o contexto passou, por exemplo, pelo contacto com uma edição fac-similada.

O segundo momento desta unidade didática desenvolveu-se nas duas aulas finais e correspondeu à leitura analítica e crítica de *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria, como supradito. À semelhança do estudo de *Peregrinação*, o primeiro e o último capítulos da obra de Almeida Faria foram analisados em grupo-turma, através da partilha de experiências de leitura, discussão e sistematização de ideias, sempre tendo em consideração os pressupostos sobre o ensino da leitura (cf. secção 2.2.). Na verdade, o objetivo último do ensino da Literatura, em geral, e da intervenção da unidade didática desenvolvida, em particular, é o de dotar o aluno de capacidades e competências para se transformar num leitor ativo e autónomo, na escola e fora dela, isto é, um leitor «para a vida» (Silva, 2010; p. 213). Assim sendo, seguindo os preceitos do *Programa*, e tendo em conta que, na aula de Literatura, «habitam maioritariamente textos passíveis de múltiplas interpretações que reclamam um sentido», decidiu-se, então, dar «espaço, oportunidade e atenção às divergentes leituras do aluno», uma vez que «Só assim pode assumir a sua ativa condição de leitor e a sua co-responsabilidade na construção do sentido textual» (p. 23).

Inicialmente estava planificado e previsto um trabalho de grupo sobre alguns temas centrais dos outros dois capítulos da obra. Neste sentido, teve-se em consideração que «Um cenário de intervenção ativa do aluno implica, necessariamente, uma metodologia que desenvolva as capacidades pessoais, as atitudes e comportamentos autónomos e responsáveis no que diz respeito à pesquisa e à abordagem dos temas.» (cf. *Programa*; pp. 22-3). No entanto, não foi possível realizar esta atividade com a turma, uma vez que excedia o tempo definido para a intervenção didática.

A avaliação da unidade didática foi a última etapa deste projeto e teve por base diversos instrumentos, na tentativa de recolher o máximo de informação possível e de propiciar a oportunidade aos alunos de, através de atividades

diversificadas, desenvolverem o seu conhecimento. Com efeito, todos os momentos de avaliação se revelaram como elementos constituintes de uma avaliação formativa. Por isso, as duas grandes partes da unidade didática, a saber, a leitura analítica e crítica de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, e de *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria, foram, cada uma delas, objeto de avaliação através de elementos diferentes.

Em relação à leitura de *Peregrinação*, o primeiro elemento de avaliação foi um trabalho de grupo (*vide* anexos 3 e 4; cf. secção 5.1.), realizado sob orientação da docente, sobre a leitura de um excerto da obra e, depois, apresentado oralmente à turma, com auxílio de sistematização, em *PowerPoint*, que foi entregue à professora. No final da leitura dos excertos de *Peregrinação*, avaliaram-se os conhecimentos centrais da obra, abordados e discutidos em aula, através de uma ficha de leitura (*vide* anexos 6.5., 6.6. e 6.7.; cf. secção 5.2.), que consistia na sistematização de conhecimentos adquiridos.

A avaliação da leitura de *O Murmúrio do Mundo* estava, inicialmente, definida para passar por uma ficha de verificação de leitura da obra, que pretendia averiguar a capacidade de leitura autónoma dos alunos. Contrariamente ao que acontecera com a *Peregrinação*, o trabalho de grupo a desenvolver sobre a narrativa de Almeida Faria seria realizado autonomamente e, mais do que avaliar conhecimento do texto ou interpretação, pretendia avaliar a relação de ideias entre obras, bem como com elementos do mundo real. Assim, o trabalho revelar-se-ia mais de pesquisa sobre elementos da obra para a poder explicar e compreender mais profundamente, sendo depois apresentado oralmente à turma, entregando, igualmente, o suporte digital da apresentação à professora. No entanto, estes elementos não puderam ser aplicados, pois a sua realização excedia, como anteriormente referido, o tempo definido para a intervenção didática. Deste modo, a avaliação desta obra resumiu-se à observação direta da participação espontânea e solicitada dos alunos, durante as aulas, sempre sem perder de vista o objetivo principal de avaliar a relação de ideias entre as duas obras estudadas e a compreensão da leitura dos excertos selecionados.

Para avaliar toda a unidade didática, optou-se por apresentar aos alunos uma ficha de trabalho (*vide* anexos 7.2., 7.3., 7.4. e 7.5.; cf. secção 5.3.) que lhes desse a oportunidade de refletir sobre os conhecimentos adquiridos acerca das duas obras e os expressasse, por escrito, de forma organizada: em relação à *Peregrinação*, pediu-

se um comentário sobre dois dos aspetos mais significativos da obra; sobre *O Murmúrio do Mundo*, solicitou-se a realização de um relato de viagem. Ainda nesta ficha, apresentaram-se algumas questões que visavam perceber a relação do aluno com a Literatura de Viagens e, mais precisamente, com estas duas obras, após o seu estudo em aula.

Finalmente, não se podia deixar de fazer uma avaliação por observação direta (*vide* anexo 7.8.; cf. secção 5.5.), recolhendo dados relativamente à atitude dos alunos perante o trabalho desenvolvido ao longo da unidade didática. Por isso, privilegiou-se a observação direta com a recolha de informações pertinentes sobre a sua participação, a realização dos trabalhos de casa e a sua assiduidade e pontualidade, bem como qualquer manifestação reveladora de interesse e motivação para o trabalho autónomo e em pequeno ou grande grupo, dentro e fora da sala de aula.

É de mencionar, ainda, um outro momento da unidade didática que foi a realização de um questionário (*vide* anexos 7.6. e 7.7.; cf. secção 5.5.), através do qual se pretendia perceber a relação atual dos alunos com os livros e com a leitura, inquirindo-os sobre os autores prediletos, a obra preferida e sobre a leitura de obras de Literatura de Viagens.

Seguindo os propósitos do *Programa de Literatura Portuguesa*, a avaliação constitui-se pela «recolha sistemática de informação relativa às aprendizagens dos alunos, seja do caudal de conhecimentos adquiridos, seja das atitudes, dos hábitos e dos interesses demonstrados» (p. 36). Assim sendo, os procedimentos privilegiados, na avaliação, tiveram em conta «os resultados da aprendizagem, mas também as condições e os processos de realização das tarefas» (p. 36). No quinto capítulo deste relatório, far-se-á uma explicação mais pormenorizada do modelo de avaliação adotado.

### **3.2. Seleção dos materiais**

Aquando da conceção da sequência didática e da produção dos respetivos materiais, partiu-se do princípio de que a leitura de uma determinada obra e de um determinado autor implicariam, sempre, que os alunos observassem e explorassem vários excertos que exemplificassem convenientemente o conteúdo e o estilo global da obra. Apenas desta forma lhes seria proporcionada uma oportunidade de

apreciarem o efeito estético daí decorrente e, além disso, compreenderem a forma como cada episódio se integra e articula, naturalmente, na globalidade da narrativa.

Relativamente aos excertos de *Peregrinação* a trabalhar, escolheram-se os capítulos 1, 14, 47, 55, 59, 214 e 226. Na impossibilidade de ler a obra na íntegra, julga-se que os capítulos selecionados representam narrativas simples, realistas e com bastantes pormenores descritivos, escritas numa linguagem viva, empolgante e sugestiva que pode levar o leitor – aluno de 10.º ano de escolaridade – a imaginar a ação narrada e despertar nele a curiosidade de conhecer, cada vez mais, a obra.

A escolha do capítulo 1 de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, deveu-se ao facto de este ser o prólogo da obra, mas também ao facto de constituir a sua melhor síntese, na medida em que explica aquilo que foi e será a vida do narrador. Na verdade, o autor colocou «diante dos olhos» do leitor o que havia passado na sua «mocidade neste reino»: as peripécias das suas primeiras aventuras, ainda em Portugal, que deixam logo criar expectativas em relação aos futuros feitos. É, em síntese, o relato do muito que passou o aventureiro Fernão Mendes Pinto na sua viagem ao Oriente. Por isso, é imprescindível referir, também, que este primeiro capítulo serve, igualmente, para recolher alguns dos seus principais dados biográficos. Por isso, decidiu-se ler o capítulo, em grupo-turma, na íntegra, ainda que de forma faseada.

Um dos capítulos selecionados para leitura em grupo foi o 14 e justifica-se por ser um dos primeiros capítulos onde se consegue perceber claramente a relação do navegador português com o desconhecido Oriente, pois, seduzido pelo desconhecido, é óbvia a sua concentração nos fenómenos da natureza que, para si, se revelam insólitos, como europeu. Fica, assim, maravilhado pelo mundo novo e, esforçando-se por se manter fiel à realidade observada, tenta traduzi-la pormenorizadamente, através de um relato enumerativo, que não consegue esconder o espanto perante aquilo que vê *in loco*, mas que tenta, ainda assim, transmitir com objetividade.

Os capítulos 47, 55 e 59 foram selecionados sobretudo para proporcionar uma reflexão sobre o comportamento dos navegadores portugueses no Oriente e também sobre a crítica social e religiosa indireta presente no discurso de Fernão Mendes Pinto e destacada pelos críticos como superlativa na compreensão da obra.

Por conseguinte, o conhecido episódio do rapto da noiva (capítulo 47) foi selecionado para ilustrar, em primeiro lugar, os equívocos possíveis no convívio e no

diálogo entre culturas diferentes. Assim, um primeiro equívoco mútuo – para os portugueses, os chineses seriam espias da armada que ficava atrás; para estes, aqueles faziam parte da comitiva do noivo – gerou confusão interpretativa. Porém, tal equívoco mantém-se propositadamente, por oportunismo, durante mais tempo. Note-se, ainda, que, apesar do estado de embriaguez dos outros, os portugueses insistem na agressão física, sem motivo plausível, mostrando-se alheios aos incómodos causados (Moniz, 1999; pp. 43-54). Além disso, este capítulo também permite a análise de um aspeto importante da obra – a integração do género epistolar. A carta da noiva apresenta um interessante discurso poético a partir da expressão de sentimentos, sobretudo através da utilização de vários recursos expressivos, como as comparações, as metáforas e as antíteses (*vide* anexo 3.3.).

O capítulo 55 foi selecionado por representar um dos episódios satíricos mais desconcertantes de toda a obra, tanto pela profundidade e justeza da sua mensagem como pela surpresa da sua proveniência. Assim, António de Faria, depois de ter roubado a embarcação e a criança do seu pai, mostra-se com boas intenções, prometendo, doravante, cuidar do menino como filho. Contudo, o menino recusa-se a acreditar nas boas intenções de António de Faria e, depois de repreendido pela manifestação da sua descrença em tais propósitos, empreende uma crítica à prática dos que se dizem cristãos. Consciência e maturidade são qualidades bem evidentes no discurso da criança que representa a voz repreensiva da consciência moral. Este menino dá uma lição pedagógica inesperada, sobretudo por ser dada por uma criança chinesa, aparentemente ignorante e inexperiente (Moniz, 1999; pp. 55-63). A esta estratégia de colocar a sátira impiedosa na boca simples de uma criança, Eduardo Lourenço (1989; pp. 1053-1062) chamou «crítica cultural indireta» (estratégia hábil como fuga à censura inquisitorial). O paradoxo encenado neste capítulo diz respeito, exatamente, ao menino chinês que não se diz cristão, mas que fala e age como tal, em contraste com António de Faria e seus companheiros. Deste modo, é apresentada a sátira à falsa legitimação do roubo, caricaturando a hipocrisia religiosa.

O capítulo 59, à semelhança dos dois anteriores, permite refletir sobre a ação dos portugueses no Oriente – matar e roubar –, tendo em conta os princípios morais que, à partida, os regiam – a fé cristã. Também neste capítulo, os portugueses insistem na violência, mostrando-se alheios às mortes causadas e, no caso específico da morte de Coja Acém (uma conquista há tanto procurada), mostram-se felizes. António de Faria provoca o derramar de muito sangue, numa cena descrita com uma



minúcia extrema que não omite a narração dos factos mais cruéis e violentos. Este episódio de combate feroz com o corsário Coja Acém representa, porém, a luta entre duas forças que se digladiam pelo domínio das águas asiáticas (e do tráfico que nelas se efetuava).

A seleção do capítulo 214 justifica-se por constituir o relato de um dos milagres atribuídos ao Padre Francisco Xavier. Neste capítulo, o insólito irrompe mediante a narração de uma situação extrema: a tempestade, o perigo e o desaparecimento de uma embarcação. Assim, surge o «milagre» que funciona como um elemento que vem ajudar os portugueses e que, como por magia, vem contrariar a ação das forças da natureza, que pareciam, até então, alcançar vitória. O padre Francisco Xavier é, pois, o intercessor entre os homens e o poder e misericórdia divinos - ele apenas intervém pela oração que, conseqüentemente, parece atrair o milagre. Contudo, Rebeca Catz (1981; pp. 98-110), estudiosa da obra deste autor, observa que, ao pretender-se mitificar o padre jesuíta, este é objeto de um delicado processo de satirização, na medida em que «cada um dos milagres tem um defeito» (p. 99). O defeito inerente ao milagre enunciado consiste numa contradição: no decorrer desta viagem, os navegantes foram surpreendidos por uma violenta tempestade, em consequência da qual se perdeu uma das embarcações que foi, posteriormente, recuperada sem que tivesse sofrido qualquer dano, humano ou material. O aparecimento desta embarcação foi atribuído, como supradito, à intervenção dos poderes divinos de S. Francisco Xavier, aquele que primeiro a avistou do chapitêu da nau em que se encontrava. Todavia, esse mesmo chapitêu tinha sido derrubado, juntamente com os castelos de vante, no segundo dia de dificuldades, como medida de precaução, pelo que seria inverosímil a ocorrência de tal cena no local mencionado.

A opção pelo capítulo 226 prendeu-se com o facto de este representar o *terminus* da obra e da viagem e pela possibilidade de análise comparativa com o primeiro capítulo lido. Assim sendo, enquanto o primeiro capítulo se apresenta, sobretudo, como uma exposição lamentatória «dos muitos e grandes trabalhos e infortúnios» (Pinto, 2001; p. 23) por que passou o autor; neste último capítulo, há, inicialmente, a criação de falsas expectativas relativamente ao reconhecimento positivo dos serviços de Fernão Mendes Pinto, que parece suavizar toda a veemente elegia do «pobre de mim», insistentemente cantada da primeira à última página. Por outro lado, encontramos, novamente, a recorrente afirmação dos perigos e trabalhos

vividus. A narrativa das aventuras e desventuras de Fernão Mendes Pinto termina com um certo índice de decepção e revolta ante a injustiça de que o narrador se sente vítima, no seu país, perante a falta de correspondência entre os «trabalhos e serviços passados» (p. 812) depois de ter recebido um reconhecimento positivo da sua ação e serviço por Francisco Barreto. É, pois, neste contexto que a imagem dos canos e da fonte, subtilmente legitimadora da falta régia, resume a sua mágoa, uma vez que as recompensas são normalmente concedidas pelos reis («a fonte limpa», p. 813) mais pelas amizades do que pelo seu valor («canos mais afeiçoados que arrazoados», p. 813). A ironia que esta metáfora comporta serve sobretudo para fazer uma sátira à ingratidão. Na sua obra, Fernão Mendes Pinto alude, ainda, com uma pequena diferença, ao «Rei do Céu» e aos «Reis da Terra»: ao primeiro, dá graças; aos segundos, não se queixa. Com efeito, o autor não culpa «os reis da terra» pelos pecados dos homens, isto é, pelos erros que denuncia na sua sátira, mas, confessando-se pecador, agradece à divina providência.

Escolheu-se, ainda, apresentar a peça musical «Quando às vezes ponho diante dos olhos», do álbum *Por Este Rio Acima*, de Fausto Bordalo Dias, a partir da qual é proposta uma atividade de discussão do texto literário, possibilitando uma abordagem interartística, em sala de aula, que ultrapasse a simples audição de textos musicados, conscientes de que «a convocação das artes para o estudo da literatura é condição *sine qua non* para a sua fruição e para o seu conhecimento» (Bernardes & Mateus, 2013; p. 113).

A opção de trabalhar *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria, numa análise comparativa com a *Peregrinação* deveu-se ao facto de esta obra apresentar uma intrínseca relação com a Literatura Portuguesa de Viagens, bem como com a obra de Fernão Mendes Pinto, não só pela alusão ao autor, mas também pelo destino da viagem. Consequentemente, à semelhança do estudo de *Peregrinação*, optou-se por ler, em aula, o primeiro e último capítulos, respetivamente «Partida» e «Regresso», por constituírem dois pontos importantes da obra e por veicularem sentidos que se revelam interessantes explorar em discussão-turma. Relativamente aos capítulos «Goa» e «Cochim», inicialmente estava planificada, não a leitura exaustiva do texto, mas a reflexão sobre temas e ideias a partir do mesmo. No capítulo «Goa», podemos destacar: a figura histórica de Afonso de Albuquerque e a relevância da sua alusão no contexto da obra; as principais influências dos portugueses em Goa (fortalezas, igrejas, gastronomia, toponímia); os elementos próprios do Outro (como o templo

«Shiri Manguesh» e o «deus-elefante Ganesh»), relacionando-os com a ilustração da capa do livro; a figura religiosa de S. Francisco Xavier e a sua relação com o capítulo 214 de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto; a história da misteriosa personagem Miguel e a sua ligação ao pintor flamengo Michiel Sweerts. No capítulo «Cochim», salientam-se os seguintes aspetos: os locais visitados (o museu de Arte Sacra, o Hill Palace, o Dutch Palace, o Bolgathy Palace e as backeaters); a religião, nomeadamente a figura de Jacobo Fenicio, as castas da religião hindu e os lugares de culto visitados pelo narrador; a expressão artística local: Kathakali; a reflexão sobre o tempo, presente na obra. Contudo, como supradito, estes dois capítulos não foram trabalhados com a turma, pois, devido ao tempo previsto para a intervenção didática, privilegiou-se a leitura de *Peregrinação* e respeitou-se, o mais possível, o ritmo de aprendizagem da turma.

Importa ainda salientar a atividade de leitura e reflexão sobre uma pintura de Bárbara Assis Pacheco. A associação entre a Literatura e as artes plásticas é aquela que, do ponto de vista histórico, tem conhecido maior fortuna na sala de aula (Bernardes & Mateus, 2013; pp. 92-112). Como não podia deixar de ser, na leitura de uma obra com as características das de *O Murmúrio do Mundo*, que apresenta esta intensa e inseparável relação com os desenhos de Bárbara Assis Pacheco, convoca-se para a aula uma reflexão a partir de uma pintura, que funciona como um veículo que possibilita a captação da complexidade do texto, tornando evidente os seus nexos. Desta forma, pretendeu-se, à semelhança do que Almeida Faria faz com a sua obra, dar às artes, na aula de Literatura, um espaço e uma função complementares e não acessórias do texto literário. Assim, a interpretação de obras plásticas, a par da leitura do texto verbal, complementa a construção de sentidos.

### **3.3. O contexto escolar e a turma envolvida no projeto**

No presente projeto, esteve envolvida uma turma do 10.º ano de escolaridade da Escola Secundária de Camões. Nesta última secção do presente capítulo, faz-se uma rápida apresentação da escola onde se aplicou a sequência didática (secção 3.3.1.), bem como uma caracterização da turma envolvida (secção 3.3.2.).

#### **3.3.1. Apresentação da escola**

A Escola Secundária de Camões, antigo Lyceu Camões, é uma das mais antigas e prestigiadas escolas de Lisboa. Está situada numa zona habitacional e de

serviços, o que permite uma população escolar muito diversificada (sobretudo depois do 25 de Abril), bem como excelentes acessibilidades, desde o metropolitano até táxis e autocarros.

Construído sob a responsabilidade do arquiteto Ventura Terra e inaugurado em 1909, ostenta, como núcleo da sua estrutura física, um edifício principal, uma planta simétrica, imponente e fechada ao exterior. Do lado de dentro, a construção é aberta e formatada em tridente. Assim, as varandas e os pátios são dois aspetos característicos do edifício central. Além deste, existem, igualmente, dentro do espaço escolar, outros importantes edifícios adjacentes, correspondentes a um auditório (inaugurado em 2003 e aberto à comunidade), a um pavilhão gimnodesportivo, a um refeitório e a dois laboratórios, um de Química e outro de Física.

A escola coloca, ainda, à disposição de todos uma série de outros equipamentos essenciais ao contexto educativo, dos quais se destacam uma biblioteca antiga, uma biblioteca escolar/centro de recursos educativos, trinta e nove salas de aula (totalmente equipadas com computadores e projetores), uma sala de estudo (física e virtual), quatro salas de informática, uma sala de multimédia e informação, um gabinete de orientação escolar e de psicologia e ensino especial, uma papelaria, uma reprografia, um arquivo (dos mais antigos arquivos escolares do país) e um museu. É, também, fácil encontrar vários projetos extracurriculares colocados ao dispor da comunidade, desde cursos livres de línguas até concursos literários e mesmo um grupo de teatro.

Já no que toca à sua tipologia, ela é, como supramencionado, uma escola secundária e apresenta uma oferta letiva do 10.º ao 12.º anos a aproximadamente mil setecentos e oitenta e oito alunos (mil e noventa do ensino diurno e os restantes do ensino noturno). No caso particular dos alunos do ensino diurno, encontram-se distribuídos por quarenta e três turmas, as quais apresentam um número médio aproximado de vinte e cinco alunos.

Por fim, a população estudantil, compreendida maioritariamente por jovens do sexo feminino entre os quinze e os vinte anos, é bastante diversificada (sensivelmente de vinte nacionalidades) e com origem em todas as classes sociais. Quanto ao corpo docente, é constituído por cento e quarenta professores, dos quais vinte e três têm o grau de Mestre e dois o grau de Doutor. Já o pessoal não docente é constituído por treze assistentes técnicos e trinta e sete assistentes operacionais.

Apesar de dotado de muitos espaços nobres, o centenário edifício tem vindo a assistir à degradação de alguns dos seus espaços e equipamentos. Por isso, tem-se procurado dar visibilidade à urgência de recuperação deste edifício classificado como monumento de interesse público. As salas de aula, destinadas a um modelo de ensino centrado no professor e na transmissão de conhecimentos, apresentam vários problemas, entre os quais se salientam as inadequações acústica e térmica e o facto de a instalação da rede elétrica estar desajustada às necessidades atuais e colocar mesmo questões de segurança. Apesar de algumas intervenções pontuais, a escola continua a aguardar obras que resolvam as situações consideradas mais urgentes.

### **3.3.2. Caracterização da turma**

A intervenção pedagógica, com uma duração de seis blocos de noventa minutos, ocorreu na Escola Secundária de Camões e foi desenvolvida e aplicada no início do segundo período, no ano letivo 2016/2017, a uma turma do Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades – o 10.º K.

A turma é composta, formalmente, por vinte e oito alunos, sete do sexo masculino (25%) e vinte e um do sexo feminino (75%), com idades compreendidas entre os catorze e os dezassete anos.

O horário escolar é diurno e com a maior parte das tardes livres (têm, apenas em dois dias, uma aula de Educação Física). A turma é bem comportada e, apesar de ser interessada, ainda não adquiriu muito ritmo de trabalho, tanto dentro como fora da sala de aula, já que os trabalhos de casa algumas vezes não são feitos (por alguns alunos). A participação oral, ainda que bastante satisfatória no seu conteúdo, reduz-se a um grupo restrito de alunos; os restantes apenas participam quando solicitados e as suas intervenções revelam alguma falta de estudo e de leitura das obras.

Dos dezassete alunos que responderam ao questionário (*vide* anexo 7.6.), constatou-se que 94% costuma ler habitualmente e que 63% lê entre 2 a 5 livros por ano. Ainda que estejam a frequentar a disciplina de Literatura Portuguesa, apenas dois alunos têm preferência pela leitura de livros de autores portugueses: as suas leituras são essencialmente de autores estrangeiros traduzidos para a língua portuguesa (56%). Com efeito, os dois autores apontados como preferidos foram J. K. Rowling e John Green. Na literatura portuguesa, destaca-se a referência a Sophia de Mello Breyner Andresen. Relativamente às obras de que mais gostaram, podemos realçar a alusão reiterada a *O Fim da Inocência*, de Francisco Salgueiro. No entanto,

referem-se obras muito diferentes: desde os clássicos, como a *Eneida*, de Virgílio, *As ondas*, de Virginia Woolf, e obras de autores de língua portuguesa, como *Capitães da areia*, de Jorge Amado, e *Quem me dera ser onda*, de Manuel Rui.

Em relação à Literatura de Viagens, 75% dos alunos que responderam ao questionário afirmaram que nunca tinham lido nenhuma obra deste género. Na verdade, admitem reconhecer a existência deste género, mas nunca lhes tinha sido aconselhada nenhuma obra. Aqueles que responderam afirmativamente destacaram *Os Lusíadas* como a obra que tinham lido anteriormente.

Em suma, conclui-se que esta turma é constituída por alunos leitores conscientes dos benefícios desta prática e que procuram na leitura sobretudo prazer, ainda que alguns já se mostrem leitores críticos e criteriosos na escolha das obras e dos autores. Porém, verifica-se a necessidade de fomentar a leitura de autores portugueses, para o que o estudo da Literatura Portuguesa, certamente, contribuirá bastante.

## CAPÍTULO 4

### DESCRIÇÃO DA INTERVENÇÃO DIDÁTICA

Neste capítulo, faz-se uma descrição da intervenção didática sobre o estudo da Literatura de Viagens a partir da leitura analítica e crítica de excertos de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, e de *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria, desenvolvida no âmbito da prática de ensino supervisionada, numa turma do 10.º ano de escolaridade.

#### 4.1. Primeira aula

A primeira aula (4 de janeiro de 2017) iniciou-se com uma apresentação oral, na qual se explicou o contexto do trabalho. Em seguida, fez-se a chamada dos alunos. Entretanto, estes registaram, no caderno, o sumário que estava projetado em *PowerPoint* (vide anexo 2.4.).

Começou-se, então, por apresentar o trabalho que iríamos desenvolver ao longo das seis aulas: o estudo da Literatura de Viagens, a partir da leitura de excertos de duas obras – *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, e *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria. Pediu-se a um aluno para distribuir uma pequena antologia com excertos da obra de Almeida Faria e agendou-se a sua leitura para o dia 12 de janeiro.

Em seguida, outro aluno distribuiu o Guião 1 (vide anexo 2.2.) e deu-se início ao estudo de *Peregrinação*. Em primeiro lugar, apresentou-se uma edição fac-similada da obra, de modo a motivar os alunos para a sua leitura, a qual circulou pela turma. O primeiro exercício sobre esta obra foi de reflexão sobre o seu título – *Peregrinação* – e, para isso, fez-se um *brainstorming* em grupo-turma, com registo progressivo, no quadro, por uma aluna voluntária, das sugestões dos colegas. Chegamos à conclusão, a partir dos termos apresentados pela turma, de que o título desta obra tem uma conotação, por um lado, religiosa e, por outro, indica movimento. Procedeu-se, então, à sistematização do seu significado, chamando à colação a sua etimologia.

Num segundo momento da aula, é pedido aos alunos que leiam silenciosamente as primeiras linhas do primeiro capítulo da obra e, depois, solicitou-se que um aluno voluntário lesse, em voz alta, esse excerto. Verificou-se que, devido à extensão dos períodos, o aluno teve algumas dificuldades de leitura e os restantes também admitiram que o texto não era, à partida, muito acessível, mas que, numa segunda leitura, já o compreendiam melhor. Pediu-se, então, para resolverem a

primeira parte do Guião, isto é, responderem às linhas de leitura apresentadas. Entretanto, a professora estagiária circulou pela sala, de modo a esclarecer dúvidas. Concluído este primeiro trabalho, passou-se à correção oral e discussão das respostas: um aluno voluntário leu a sua resposta e, consecutivamente, fez-se uma sistematização dos pontos principais a abordar em cada linha de leitura.

No final da aula, os alunos leram o restante excerto do capítulo e começaram a responder às questões da segunda parte do Guião. A conclusão desta tarefa ficou para trabalho de casa.

#### **4.2. Segunda aula**

A segunda aula (5 de janeiro de 2017) iniciou-se com a chamada dos alunos. Entretanto, estes registaram, no caderno, o sumário que estava projetado em *PowerPoint* (vide anexo 3.4.).

O primeiro trabalho foi corrigir a tarefa do final da aula anterior. Assim sendo, deram-se alguns minutos para os alunos esclarecerem dúvidas e discutirem com os colegas as suas respostas. Depois, iniciou-se a correção oral das respostas: à semelhança da aula anterior, um aluno voluntário leu a sua resposta, a turma reagiu, referindo se concordava ou não, bem como completando alguns aspetos que considerava importantes. Sucessivamente, fez-se uma sistematização dos pontos principais a abordar em cada linha de leitura.

Relativamente à atividade de pós-leitura do Guião 1, que tinha ficado para trabalho de casa, como apenas quatro alunas a tinham realizado, optou-se por reproduzir a música de Fausto e pedir que, na aula, extraíssem pontos em comum com o capítulo que tinham acabado de ler. A correção fez-se em grande-grupo, em que os alunos completavam as respostas dos colegas e, progressivamente, elaborou-se uma sistematização dos principais aspetos convergentes. Note-se que, nesta atividade, houve uma maior participação dos alunos.

Em diálogo, os alunos mencionaram as suas impressões sobre *Peregrinação*: a maioria referiu que gostou de conhecer as várias aventuras deste narrador e uma aluna destacou que ficou entusiasmada para ler mais da obra. Contudo, a turma reconheceu as dificuldades que o texto apresenta, sobretudo a nível da sintaxe.

Em seguida, dividiu-se a turma em seis grupos de trabalho, de quatro elementos cada, e determinou-se o capítulo que cada grupo iria analisar, após ser feita uma breve síntese de cada um deles a partir do seu título. Os grupos e os



capítulos foram escolhidos pelos próprios alunos. Antes de iniciarem o trabalho do Guião 2 (*vide* anexo 3.2.), fez-se circular pela sala a versão adaptada da obra para banda desenhada, de José Ruy (cf. Referências Bibliográficas), e projetou-se os critérios de avaliação do trabalho em *PowerPoint*, que depois se clarificou individualmente, em cada grupo. O trabalho de grupo iniciou-se com a leitura dos capítulos e, entretanto, a professora estagiária circulou pela sala, a fim de esclarecer dúvidas sobre a realização das tarefas.

Finalmente, determinou-se o trabalho de casa: além de concluírem os trabalhos de grupo até à aula seguinte (9 de janeiro), pediu-se aos alunos que realizassem a tarefa do Guião 4 (*vide* anexo 6.2.) até à aula do dia 11 de janeiro.

#### **4.3. Terceira aula**

A terceira aula (9 de janeiro de 2017) iniciou-se com a chamada dos alunos. Entretanto, estes registaram, no caderno, o sumário que estava projetado em *PowerPoint* (*vide* anexo 3.4.).

Antes dos grupos começarem as suas apresentações, discutiram-se os critérios de avaliação do trabalho, já apresentados na aula anterior e projetados em *PowerPoint*. Seguiu-se, então, um pequeno momento de esclarecimento de dúvidas e de organização dos trabalhos, estando a turma reunida nos pequenos grupos de trabalho.

Terminados os esclarecimentos, deu-se início às apresentações orais dos trabalhos de grupo: pedia-se que cada grupo apresentasse a sistematização do capítulo que trabalhara, respondesse às linhas de leitura apresentadas no Guião 2 (*vide* anexo 3.2.) e elaborasse um texto de escrita criativa. Uma vez que o primeiro grupo a apresentar faltara à aula, passou-se para o segundo grupo, que apresentou o capítulo 47, de *Peregrinação*. Este grupo iniciou a sua apresentação respondendo à primeira linha de leitura do Guião, aproveitando para sistematizar a narrativa (embora de forma muito longa, o que levou a uma certa dispersão da atenção dos colegas). Ainda no início da exposição, as alunas leram o seu texto referente à atividade de escrita criativa, alterando, assim, a estrutura pré-determinada. Depois, responderam às restantes linhas de leitura de forma sintética, organizada e perceptível. No final da exposição, pediram-se comentários à turma em relação à escrita criativa do grupo, contudo os alunos não se pronunciaram, uma vez que não tinham lido o capítulo. Este grupo referiu ainda que teve algumas dificuldades em perceber o texto,

devido à sintaxe. Para finalizar a análise do capítulo, sistematizaram-se as ideias principais, completando as informações das alunas a partir de tópicos projetados em *PowerPoint*.

Em seguida, os grupos três e quatro apresentaram o capítulo 55 da obra em estudo. Ambos os grupos seguiram a estrutura pré-determinada: iniciaram a apresentação com a sistematização do capítulo, mostrando, todos, que captaram o sentido global do texto; em seguida, responderam às linhas de leitura apresentadas no Guião, de forma bastante clara e sistematizada. Apenas o grupo três apresentou o seu texto referente à atividade de escrita criativa, mostrando o seu sentido crítico em relação à ação das personagens. Relativamente a esta produção criativa, a turma referiu que, de facto, optaria por reescrever o final do capítulo, indo ao encontro do apresentado pelo grupo. Para finalizar a análise do capítulo, sistematizaram-se as ideias principais já apresentadas pelas alunas, a partir de tópicos projetados em *PowerPoint*.

Depois, o quinto grupo iniciou a sua apresentação sobre o capítulo 59. No entanto, não apresentou nem a síntese do capítulo, nem a resposta às duas primeiras questões do Guião, uma vez que a aluna responsável por essa tarefa não trouxera o material para a aula. Assim sendo, começaram diretamente pelas respostas às restantes linhas de leitura. Em relação à escrita criativa, a turma mencionou que considerou interessante a forma como o grupo adaptou o texto, transformando-o numa entrevista. Uma vez que, como supradito, o grupo não apresentara nem a síntese do capítulo, nem as respostas às duas primeiras questões do Guião, pediu-se-lhes que tentassem elaborar uma resposta rápida e concisa, tendo em conta que dominavam o texto. Deste modo, orientadas por algumas questões que se iam colocando, as alunas responderam satisfatoriamente à parte do trabalho que não haviam apresentado. O grupo referiu ter tido dificuldade na leitura do texto, necessitando repeti-la para compreender o sentido do mesmo. Para finalizar a análise do capítulo, sistematizaram-se as ideias principais já apresentadas pelas alunas, a partir de tópicos projetados em *PowerPoint*.

Nos últimos quinze minutos da aula, o sexto grupo apresentou o seu trabalho – análise do capítulo 214 –, começando por expor a organização do mesmo de forma muito clara e de modo a orientar os colegas. Iniciaram, então, a sistematização do capítulo, demonstrando ter apreendido o sentido global do texto. Em seguida, responderam de forma completa, organizada e clara às questões do Guião e, para a

sua explicitação, recorreram a imagens clarificadoras. Relativamente à escrita criativa, a turma salientou o sentido de humanidade e preocupação com o outro demonstrado pelas personagens. A sistematização das ideias principais apresentadas ficou agendada para a aula seguinte.

No final da aula, lembrou-se a necessidade da turma ler todos os capítulos trabalhados pelos vários grupos e recordou-se o trabalho de casa agendado (desde a última aula) para a aula seguinte: resolução do Guião 4 (*vide* anexo 6.2.).

#### **4.4. Quarta aula**

A quarta aula (11 de janeiro de 2017) iniciou-se com a chamada dos alunos. Entretanto, estes registaram, no caderno, o sumário que estava projetado em *PowerPoint* (*vide* anexo 5.4.).

Começou-se por sistematizar as informações relativas ao trabalho de grupo sobre a exploração do capítulo 214. Pediu-se a um elemento do grupo (voluntário) que sintetizasse o capítulo, para recordar os colegas e, em seguida, apresentaram-se, projetados em *PowerPoint*, os tópicos principais relativos a cada questão, chamando a atenção para a informação mais importante.

Em seguida, estava planeada a apresentação do trabalho do grupo que faltara na última aula e que incidia na análise do capítulo 14. Contudo, o grupo não o fizera e, por isso, não apresentou. Concordou-se, então, que a sua apresentação ficaria para a aula seguinte.

Assim sendo, deu-se início ao estudo do último capítulo de *Peregrinação*. Distribuiu-se o material, o Guião 3 (*vide* anexo 5.2.) e pediu-se aos alunos para exporem as suas expetativas em relação ao final da obra, que se revelaram bastante interessantes: os alunos esperavam encontrar, por um lado, um final gratificante para o narrador, depois de tantos perigos e misérias por que passou; e, por outro lado, depois de tanta crítica ao longo dos capítulos, tinham a expetativa de encontrar algum elogio à nação portuguesa ou aos navegadores. Para orientar as suas respostas, resolveu-se a questão de pré-leitura do Guião: solicitou-se que lessem e explicassem a estância 145, do canto X, de *Os Lusíadas*, de Camões, e, a partir do seu conteúdo, expusessem as suas expetativas. Assim, os alunos concluíram que, escritas na mesma época e no mesmo reino, certamente fariam a mesma crítica à ingratidão dos governantes portugueses, que não valorizavam as viagens e aventuras nos mares. Entretanto, a professora estagiária circulou pela sala e esclareceram-se dúvidas,

sobretudo de compreensão da estância. Depois deste primeiro momento de reflexão, os alunos expuseram oralmente as suas respostas à questão de pré-leitura e sistematizou-se a resposta, projetando, em *PowerPoint*, os elementos mais importantes, destacando-os.

Em seguida, procedeu-se à leitura, em voz alta, do último capítulo de *Peregrinação*. Pediu-se a um aluno voluntário para iniciar a leitura e, depois, designaram-se outros alunos para continuarem. Esta atividade suscitou resultados divergentes: alguns alunos referiram que, de facto, ler em voz alta e ouvir a leitura os ajuda a compreender melhor o texto; porém, outros alunos referiram que se desconcentram quando um colega está a ler o texto em voz alta e só o conseguem compreender quando o leem silenciosamente. Terminada a leitura, perguntou-se aos alunos se o final da obra correspondia às suas expectativas, ao que responderam que não, pois o narrador não tinha sido recompensado ao chegar a Portugal. Note-se que, neste momento, os alunos referiram, sobretudo, a dificuldade em compreender o texto e a necessidade de o reler. Por isso, procedeu-se a uma segunda leitura do texto, desta vez em silêncio. Progressivamente, os alunos começaram a responder às questões apresentadas no Guião. Entretanto, a professora estagiária circulou pela sala para esclarecer dúvidas.

A aula termina com a determinação do trabalho de casa: leitura da antologia de excertos de *O Murmúrio do Mundo* até à aula seguinte (trabalho agendado desde o primeiro dia de aulas). Relembrou-se, ainda, que era necessário comparecer na aula seguinte com o Guião 4 resolvido (tarefa proposta desde a semana anterior).

#### **4.5. Quinta aula**

A quinta aula (12 de janeiro de 2017) iniciou-se com a chamada dos alunos. Entretanto, estes registaram, no caderno, o sumário que estava projetado em *PowerPoint* (vide anexo 6.11.).

Antes de dar início à correção das tarefas dos Guiões 3 e 4, distribuiu-se o material para trabalho de casa: um questionário (para averiguar que tipo de leitores são) e uma ficha final para avaliação de conhecimentos adquiridos, bem como para extrair algumas considerações sobre as opiniões dos alunos em relação às obras estudadas.

Em seguida, iniciou-se a correção do Guião 3: os alunos voluntários apresentaram, oralmente, as suas respostas e, para as completar, solicitou-se

sugestões de mais alguns alunos. Depois, fez-se a sistematização oral dos aspetos mais importantes, através da apresentação dos tópicos principais da resposta em *PowerPoint*. Foram dados alguns minutos para os alunos tirarem apontamentos das respostas e completarem as suas. A correção de todas as atividades do Guião decorreu segundo este esquema de trabalho.

Terminada a correção do Guião 3, e antes de iniciar a verificação do Guião 4, fez-se uma pequena discussão sobre o documentário em apreço (*vide* anexo 6.2.). Os alunos referiram que, apesar de extenso, era interessante e que ajudava a compreender a obra. Assim, iniciou-se a correção, oralmente e em conjunto, de algumas questões do Guião 4: as perguntas eram lidas em voz alta pela professora estagiária e os alunos voluntários respondiam; depois, sintetizou-se o mais importante e projetou-se a resposta em *PowerPoint*. Nesta tarefa, ainda que se apresentassem os tópicos em *PowerPoint*, como o material já estava disponível para os alunos consultarem, no correio eletrónico da turma, não se facultou muito tempo para tirarem apontamentos, apenas podiam fazê-lo durante a correção oral.

Uma vez concluída a leitura dos excertos de *Peregrinação* planeados para a intervenção didática, pediu-se aos alunos para apresentarem as suas opiniões sobre os capítulos estudados desta obra: na sua grande maioria, os alunos referiram, sobretudo, as grandes dificuldades que sentiram, mas, apesar disso, salientaram que haviam gostado. Note-se, porém, que demonstraram só terem sido capazes de compreender os capítulos que leram em aula ou que exploraram em grupo; os capítulos lidos autonomamente não conseguiram compreender e nem todos os alunos os leram, de facto.

Consecutivamente, procedeu-se à realização de uma ficha de trabalho de sistematização dos aspetos principais da obra abordados no documentário e nas aulas (*vide* anexo 6.5.). Durante a realização desta atividade, apenas se esclareceu à turma uma dúvida de vocabulário.

No final da aula, deu-se início ao estudo de *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria. Pediu-se, em primeiro lugar, que os alunos apresentassem as suas impressões e opiniões sobre a obra, uma vez que já tinham lido excertos da mesma a partir da antologia distribuída (*vide* anexo 6.8.). Os alunos referiam que a sua leitura tinha sido muito mais acessível e um pouco mais interessante do que a de *Peregrinação*.

Para iniciar o estudo da obra, fez-se, então, um exercício de *brainstorming*, respondendo à questão «Índia: o que nos traz esta palavra?». As sugestões dos alunos foram registadas, no quadro, por uma aluna voluntária. Na sequência dos elementos apresentados pelos alunos, observou-se e tentou-se descrever uma pintura de Bárbara Assis Pacheco, presente na obra de Almeida Faria e reproduzida na antologia distribuída à turma. Os alunos registaram no caderno as palavras sugeridas pelos colegas e os elementos presentes na pintura.

No final da aula, determinou-se que, como trabalho de casa, os alunos resolveriam as atividades do Guião 5 (*vide* anexo 6.9.), para serem discutidas e corrigidas na aula seguinte.

#### **4.6. Sexta aula**

A sexta aula (16 de janeiro de 2017) iniciou-se com a chamada dos alunos. Entretanto, estes registaram, no caderno, o sumário que estava projetado em *PowerPoint* (*vide* anexo 6.11.). Em simultâneo, recolheram-se os materiais de trabalho de casa: um questionário (*vide* anexo 7.6.) e uma ficha de trabalho (*vide* anexo 7.2.).

Em seguida, iniciou-se a leitura analítica e crítica de excertos de *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria. Pediu-se aos alunos que, tendo em conta a leitura da antologia, resolvessem, a pares, as questões 1 e 3 das linhas de leitura relativas ao primeiro capítulo da obra, «Partida», bem como a questão de pós-leitura, do Guião 5 (*vide* anexo 6.9.). Entretanto, a professora estagiária circulou pela sala para esclarecer dúvidas. Posteriormente, iniciou-se a correção das tarefas: pediu-se a um aluno voluntário que lesse um excerto do texto, explicou-se o que se pedia na questão 1 e solicitou-se que alguns alunos apresentassem as suas respostas. Após a recolha de algumas sugestões de resposta, expôs-se uma sistematização dos elementos mais importantes e que, por isso, deviam ser destacados. Seguiu-se o mesmo esquema de trabalho para a questão 3 e a de pós-leitura.

Saliente-se que as semelhanças e diferenças entre as viagens ultramarinas no século XVI e atualmente foram facilmente identificadas pelos alunos. Porém, estes revelaram alguma dificuldade em esclarecer a relação entre a alusão a «mendespintice/mendespinto» e a obra de Fernão Mendes Pinto. Na verdade, reconheceram a ligação da expressão com o autor em causa, mas demonstraram dificuldade em explicitá-la e relacioná-la com o trocadilho «Fernão, mentes?

Minto!», cingindo-se à referência vaga e pouco precisa de que o autor «mente» na sua obra. Assim, revelou-se necessário explicar novamente o caráter hiperbólico das suas descrições, bem como o caráter inacreditável daquilo que narra, não sendo, por isso, necessariamente mentira, mas, sobretudo, difícil de acreditar por um europeu do século XVII que «viu pouco» do mundo.

Em seguida, pediu-se aos alunos que resolvessem as linhas de leitura 1 e 3 relativas ao último capítulo da obra, bem como a questão de pós-leitura. Disponibilizaram-se alguns minutos para que resolvessem esta atividade, a pares. Entretanto, a professora estagiária circulou pela sala com o intuito de esclarecer dúvidas. Posteriormente, iniciou-se a correção das tarefas: à semelhança do que acontecera na primeira metade da aula, determinou-se que um aluno voluntário lesse um excerto do texto, explicou-se o que se pedia na questão 1 e solicitou-se que alguns alunos apresentassem as suas respostas. Após a recolha de algumas sugestões, expôs-se uma sistematização dos elementos mais importantes. Seguiu-se o mesmo esquema de trabalho para a questão 3 e a de pós-leitura.

É de salientar que, relativamente à questão de pós-leitura, a única dificuldade demonstrada relacionou-se com as marcas específicas do relato de viagens. Ultrapassado este obstáculo, os alunos facilmente conseguiram relacionar a *Peregrinação* com *O Murmúrio do Mundo*.

Finalmente, a aula terminou com duas breves observações: em primeiro lugar, desejou-se aos alunos muito sucesso e incentivou-se a que trabalhassem mais, para fazerem jus às capacidades que revelaram ao longo destas seis aulas; e, em segundo lugar, agradeceu-se a colaboração de todos, neste projeto, e mencionou-se o privilégio que foi trabalhar com uma turma como esta. Como agradecimento por estas observações, a delegada de turma também proferiu umas palavras de despedida.

## **CAPÍTULO 5**

### **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Neste capítulo, faz-se a apresentação, análise e discussão dos resultados da intervenção didática descrita no capítulo anterior. Na secção 5.1., apresentam-se as pontuações gerais obtidas pelos alunos no trabalho de grupo sobre a análise de um excerto de um capítulo de *Peregrinação*. Na secção 5.2., desenvolve-se uma análise dos resultados dos alunos na ficha de sistematização de conhecimentos sobre a obra de Fernão Mendes Pinto. Na secção 5.3., expõe-se uma análise dos resultados dos alunos na ficha final, relacionando-os com os obtidos na ficha de sistematização de conhecimentos sobre a obra. Na secção 5.4., são apresentados os resultados do questionário aplicado à turma. Na secção 5.5., apresentam-se os resultados da avaliação por observação direta.

#### **5.1. Trabalho de grupo: leitura de um excerto de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto**

O trabalho de grupo consistia na apresentação, oralmente, de um dos excertos seleccionados no Guião 2 (*vide* anexo 3.2.), expondo uma visão geral do texto, as respostas às linhas de leitura fornecidas e uma atividade de produção de escrita criativa. Determinou-se que a apresentação devia ser acompanhada de uma sistematização, no quadro ou em *PowerPoint*, e que cada grupo dispunha de, no máximo, dez minutos para a sua exposição oral.

O primeiro grupo, que tinha como tarefa ler e analisar o capítulo 14 da obra, não apresentou o trabalho. Na aula agendada para as apresentações orais, todo o grupo faltou e, na aula seguinte, o grupo referiu que não havia feito o trabalho. Foi-lhes dada mais uma oportunidade para o apresentarem, na última aula da semana, pois duas alunas se comprometeram a fazê-lo. Contudo, isso não aconteceu, por isso este capítulo não foi explorado com os alunos.

O segundo grupo apresentou o capítulo 47, de *Peregrinação*. A nível da expressão oral, as alunas apresentaram um discurso com algumas hesitações e utilizaram um vocabulário repetitivo, mas exprimiram-se com correção e articularam as ideias com pertinência. Note-se, ainda, que o grupo utilizou uma projecção em *Word*, como apoio à sua apresentação, dificilmente perceptível pela turma, e, em algumas situações, substituiu a comunicação oral pela leitura das respostas.



Como supradito, este grupo iniciou a sua apresentação respondendo à primeira linha de leitura do Guião, aproveitando para sistematizar a narrativa, embora de forma muito longa, o que levou a uma certa dispersão da atenção dos colegas. Ainda no início da exposição, as alunas leram o seu texto relativo à atividade de escrita criativa e só depois responderam às restantes linhas de leitura, alterando, assim, a estrutura pré-determinada. Esta alteração da estrutura do trabalho, não justificada, não se revelou benéfica para a compreensão lógica do texto em análise.

Relativamente às respostas apresentadas, estas foram dadas de forma sintética, organizada e perceptível e, desta forma, o grupo mostrou ter compreendido a globalidade do capítulo: identificaram de forma correta as personagens intervenientes; explicitaram claramente os equívocos possíveis no convívio e no diálogo entre culturas diferentes e a insistência dos portugueses na agressão física; compreenderam o discurso poético da carta da noiva, topicalizando as informações relevantes e explicitando o valor expressivo de algumas figuras de estilo.

Em relação à escrita criativa deste grupo, note-se que o texto ia ao encontro do que havia sido pedido: as alunas apropriaram-se do estilo do autor e utilizaram expressões do texto lido, adaptando-as, para construírem o seu texto.

Este grupo autoavaliou-se com Bom e esta avaliação correspondeu, de facto, à atribuída à execução do trabalho. A questão essencial a ter em conta numa futura exposição oral é a organização da mesma, de modo a que seja compreensível por todos os ouvintes.

Os grupos três e quatro apresentaram o capítulo 55 da obra em estudo. O terceiro grupo apresentou um discurso fluente e correto linguisticamente, utilizando com rigor o vocabulário e articulando com pertinência as ideias. Destacou-se o tom de voz audível e claramente perceptível. No entanto, na comunicação, utilizou apenas a voz, sem auxílio de suportes visuais.

Este grupo seguiu a estrutura pré-determinada: iniciou a sua apresentação com a sistematização do texto e, em seguida, respondeu às linhas de leitura apresentadas no Guião. Pela sua apresentação bastante clara e sistematizada, concluiu-se que as alunas compreenderam a globalidade do texto: caracterizaram corretamente as personagens; analisaram os seus diálogos, refletindo sobre eles e extraindo ilações; explicitaram corretamente e de forma clara a funcionalidade crítica deste episódio na globalidade da obra.

Relativamente à escrita criativa, as alunas demonstraram sentido crítico em relação à ação das personagens, mas revelaram alguma dificuldade em utilizar a linguagem e o estilo do autor. A turma referiu que, de facto, optaria por reescrever o final do capítulo, indo ao encontro do apresentado pelo grupo, isto é, tomando as palavras do menino não só como crítica à ação dos portugueses nos mares do Oriente, mas também como impulso para modificar as atitudes negativas.

Este grupo autoavaliou-se com Bom, mas, à execução do trabalho, foi atribuída a classificação de Muito Bom. O único aspeto relevante a melhorar é a utilização de materiais de apoio à apresentação oral.

O quarto grupo apresentou um discurso fluente, mas hesitando em algumas situações e o tom de voz não era sempre audível. As alunas esforçaram-se por comunicarem oralmente, recorrendo ao auxílio do *PowerPoint* como suporte visual da sua exposição.

O grupo seguiu a estrutura pré-determinada: iniciou a sua apresentação com a sistematização do texto e, em seguida, respondeu às linhas de leitura apresentadas no Guião. A estrutura da apresentação, assim como das respostas revelou-se organizada e consciente. À semelhança do grupo anterior, as alunas mostraram ter compreendido a globalidade do texto: caracterizaram corretamente as personagens e analisaram os seus diálogos, sintetizando-os. No entanto, este grupo demonstrou não ter conseguido perceber a função do capítulo na globalidade da obra.

Relativamente à escrita criativa, o grupo não apresentou oralmente, nem entregou por escrito esta parte do trabalho.

Este grupo autoavaliou-se com Satisfaz, mas foi atribuída a classificação de Bom à execução do trabalho. Ainda que não tenham apresentado a atividade de escrita, a análise do excerto foi apresentada de forma clara, organizada e cientificamente correta, na sua globalidade.

O quinto grupo centrou a sua apresentação no capítulo 59. As alunas apresentaram um discurso com alguns enganos e hesitações, mas esforçaram-se por manter uma linha lógica. Ainda que não tenham apresentado incorreções linguísticas, utilizaram um vocabulário repetitivo e pouco expressivo. Destaca-se, ainda, a postura corporal e a utilização de algumas expressões inadequadas no contexto de uma exposição oral preparada, assim como o facto de substituírem a comunicação oral pela leitura das respostas.

O grupo não apresentou nem a síntese do capítulo, nem a resposta às duas primeiras questões apresentadas no Guião, uma vez que a aluna a quem tinha sido atribuída essa tarefa não trouxera o material para aula. Assim sendo, começou-se a apresentação diretamente pelas respostas às restantes linhas de leitura. Ainda que o seu conteúdo estivesse correto, a sua exposição revelou-se muito apressada e extremamente sintética. No entanto, conseguiram demonstrar que compreenderam alguns aspetos do texto, nomeadamente a verdadeira intenção do combate, como luta pelo domínio dos mares asiáticos, e a utilização de uma língua oriental como manifestação do exotismo do Outro. É relevante referir que, auxiliadas pelo glossário do manual, as alunas conseguiram compreender e explicitar, de forma clara e organizada, o motivo pelo qual o herói de *Peregrinação* é um pícaro.

Uma vez que, como supradito, o grupo não apresentara nem a síntese do capítulo, nem a resposta às duas primeiras questões presentes no Guião, pediu-se-lhes que tentassem elaborar uma resposta rápida e concisa, tendo em conta que dominavam o texto. Deste modo, orientadas por algumas questões que se iam colocando, as alunas responderam satisfatoriamente à parte do trabalho que não haviam apresentado.

Em relação à escrita criativa, a turma mencionou que considerou interessante a forma como o grupo adaptou o texto, transformando-o numa entrevista. De facto, para as respostas da personagem, o grupo utilizou expressões do texto que funcionaram muito bem, mas para a elaboração das perguntas afastaram-se do registo linguístico do século XVI.

Este grupo autoavaliou-se com Satisfaz e esta avaliação correspondeu, de facto, à atribuída à execução do trabalho. A questão essencial a ter em conta numa futura exposição oral é a realização do trabalho completo, bem como a utilização de materiais de apoio à exposição oral.

O sexto grupo apresentou o seu trabalho de análise do capítulo 214. O grupo revelou um discurso fluente e articulou pertinentemente as ideias, exprimindo-se com correção linguística e adequação discursiva e utilizando um vocabulário variado e expressivo. Todos os elementos apresentaram uma dicção clara e utilizaram um tom de voz audível e claramente perceptível, falando num ritmo ajustado aos objetivos de comunicação.

O grupo começou por expor a organização do trabalho de forma muito clara e de modo a orientar os colegas. Iniciaram, então, a apresentação do trabalho com a

sistematização do capítulo, demonstrando ter apreendido o sentido global do texto. Em seguida, responderam de forma completa, organizada e clara às questões do Guião e, para a sua explicitação, recorreram a imagens clarificadoras. Note-se que o grupo seguiu sempre a mesma estrutura: apresentou a pergunta, sistematizou os aspetos mais importantes e leu as respostas, recorrendo ao auxílio do *PowerPoint* como suporte visual.

Relativamente à escrita criativa, a turma salientou o sentido de humanidade e preocupação com o Outro demonstrado pelas personagens, em vez de se centrarem na prece e súplica em favor próprio. De facto, o grupo conseguiu transmitir o desespero e a aflição dos marinheiros, à maneira de Mendes Pinto, não esquecendo, também, a valorização da fé, tão presente no capítulo estudado.

Este grupo autoavaliou-se com Muito Bom e esta avaliação correspondeu, de facto, à atribuída à execução do trabalho. O único aspeto relevante a melhorar é a necessidade de os alunos apresentarem o trabalho oralmente sem recurso à leitura, pois, mesmo utilizando materiais de apoio à apresentação oral, estes devem ser encarados, apenas, como um suporte.

É de realçar que todos os grupos cumpriram o limite de tempo estipulado para a apresentação oral. No entanto, nem todos os grupos entregaram um suporte escrito da apresentação e nem todos respeitaram os prazos para a sua entrega.

É importante destacar que, apesar dos trabalhos de grupo terem resultado no núcleo de cada grupo, o facto de os restantes alunos não terem lido, em casa, todos os capítulos em análise, como tinha sido solicitado, dificultou o acompanhamento do estudo dos textos e a sua compreensão, em aula.

## **5.2. Sistematização dos conhecimentos de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto**

Esta ficha de trabalho (*vide* anexo 6.5.) tinha como objetivo principal aferir os conhecimentos gerais sobre a obra estudada, tendo em conta os capítulos lidos e, sobretudo, o documentário visionado.

A questão 1, referente à marcação temporal, exigia a referência ao século no qual decorre a ação da obra. Verificaram-se 63% de respostas corretas. A questão número 2 exigia a localização espacial das aventuras relatadas na obra. Verificaram-se apenas 47% de respostas corretas. Estas duas primeiras questões, de resposta fechada, são essenciais para perceber se os alunos compreenderam que *Peregrinação*

foi escrita no século XVI e que narra as aventuras de Fernão Mendes Pinto pelo Oriente. Contudo, notou-se que alguns alunos assumiram que o sujeito viajou por todo o mundo e não apenas pelo Oriente.

A terceira questão era uma pergunta de resposta aberta, onde foi avaliado o conteúdo da resposta, mas também a sua correção linguística. Nesta questão, pedia-se que os alunos justificassem o facto pelo qual o primeiro capítulo da obra «é a sua melhor síntese». A maior parte dos alunos apenas referiu o facto de este capítulo resumir as aventuras que o narrador viveu, não mencionando o facto de relatar as primeiras peripécias em Portugal (que deixam antever os futuros episódios), nem o facto de este capítulo servir para recolher os principais dados biográficos do autor (dispersos, também, ao longo de toda a obra). Assim, verificaram-se 46% de respostas corretas, embora incompletas.

As questões 4, 5 e 6 eram de escolha múltipla e os alunos tinham de mostrar que, a partir da leitura dos capítulos estudados, compreenderam que o autor, após escrever a obra, foi visto como um homem imaginativo e mentiroso (questão 4); que, no início da sua obra, considera que tem razões para se queixar da sua pouca sorte (questão 5); e que afirma ter sido, em vinte e um anos de viagem, treze vezes cativo e dezassete vendido (questão 6). Todas estas questões obtiveram média positiva: a quarta 100%; a quinta 54%; e a sexta 92%. Destas, a questão número 5 foi a que suscitou mais dúvidas, uma vez que, ainda que o autor se queixe da sua pouca sorte, no primeiro capítulo, ele também agradece a Deus o bem presente. Esta dupla ação do narrador levou os alunos a assumirem que, no início da obra, o autor considerava ser um afortunado por ter passado por tantas aventuras. No entanto, o texto refere exatamente o contrário.

A sétima questão, à semelhança das duas primeiras, também era de resposta fechada e questionava o motivo pelo qual o narrador partiu para a Índia. Verificaram-se 100% de respostas corretas. De facto, esta questão foi várias vezes referida aquando do estudo do primeiro e do último capítulos da obra.

As questões 8, 9 e 10 eram, também, de escolha múltipla e pretendiam perceber se os alunos seriam capazes de reconhecer alguns dos «trabalhos» por que passou e sobreviveu o narrador (questão 8); identificar as prioridades de Portugal, na época dos Descobrimentos (questão 9); e o «segredo» no qual residia o sucesso da Expansão portuguesa (questão 10). À semelhança das outras questões de escolha múltipla, todas estas obtiveram média positiva: a oitava e a nona 96%; e a décima

92%. Todos estes assuntos foram salientados aquando da leitura dos excertos, bem como da correção referente à visualização do documentário.

A questão 11 é a que apresenta uma média mais baixa, apenas 18% dos alunos conseguiram responder a esta questão corretamente. De facto, foi o tema menos explorado com a leitura dos capítulos: pedia-se que identificassem a novidade que a obra em estudo trouxe à literatura, no que diz respeito à forma de perceber o Outro. Foram apenas três alunos que compreenderam esta questão e outros três perceberam parcialmente a problemática. Na verdade, a questão de o Outro ser percebido como igual, apresentando, a obra, uma visão mais tolerante em relação à cultura e à religião do Outro, foi apenas referida no documentário. Nos capítulos analisados, muito dificilmente se compreende como os navegadores europeus deixam de sobrepor a sua cultura e começam a compreender e a respeitar mais os modos dos povos nativos dos lugares por onde passam. A este respeito, foi feita apenas uma pequena referência a partir da correção de um trabalho de grupo, mencionando a importância do diálogo com o Outro e o exotismo patente na citação de uma língua local.

A décima segunda questão pedia que se explicasse o facto de *Peregrinação* ser preterida em relação a *Os Lusíadas*. Na verdade, a grande maioria dos alunos conseguiu explicar que *Os Lusíadas* se destacavam pelo elogio aos feitos dos portugueses nos mares, durante as Descobertas, e que a *Peregrinação*, pelo contrário, apresentava, sobretudo, crítica à governação do reino e à utilização da religião como legitimação dos atos dos portugueses. Contudo, não explicitaram claramente como estes factos fizeram com que a *Peregrinação* fosse preterida em relação a *Os Lusíadas*. Verificaram-se, então, 45% de respostas corretas.

A questão 13 solicitava que explicassem o contexto do trocadilho popular «Fernão, mentes? Minto!». Os alunos compreenderam que, na sua obra, Fernão Mendes Pinto narra episódios, aventuras e histórias que não são verídicas. No entanto, nem sempre ficou claro que compreenderam que o trocadilho surgiu devido ao facto de o leitor europeu não conseguir acreditar em feitos, paisagens e animais tão fantásticos, pois eram aspetos totalmente desconhecidos na Europa do século XVII. Este tema não chegou a ser abordado com a profundidade desejada, pois o grupo de trabalho encarregue de apresentar o capítulo no qual esta problemática era bastante evidente não realizou a tarefa e os restantes alunos ou não leram o capítulo, como solicitado, ou os que leram admitiram ter tido dificuldades.

A última questão, número 14, pedia para os alunos identificarem o género narrativo a que pertence a obra *Peregrinação*. Este tema foi salientado no documentário e, por diversas vezes, durante as aulas, ressaltando que esta obra inicia a Literatura de Viagens Portuguesa. Assim, verificou-se uma média de 88% de respostas corretas.

Conclui-se, então, que todas as questões que exigiam uma resposta de pequeno desenvolvimento obtiveram média negativa. Este resultado parece prender-se com o facto de os alunos revelarem algumas dificuldades em fundamentar as afirmações que apresentaram.

Em suma, a média total foi de 106 pontos: a nota mais alta foi de 19 valores e a mais baixa de 3. Verificaram-se 54% de positivas (treze alunos) e 46% de negativas (onze alunos). Registou-se, também, a falta de presença de quatro alunos que, por isso, não realizaram o exercício escrito. A média positiva de 11 valores, numa pequena ficha de trabalho, não é totalmente satisfatória, pois revela alguma falta de leitura, de realização das tarefas solicitadas (sobretudo trabalhos de casa) e de estudo autónomo. Alguma falta de atenção na aula pode também ter sido um fator para os resultados obtidos, visto que todas as questões desta ficha de trabalho tinham sido explicadas e sistematizadas na mesma aula, minutos antes da realização do exercício.

### **5.3. Ficha de Trabalho Final**

A Ficha de Trabalho Final (*vide* anexo 7.2.) está dividida em três partes: (i) uma produção escrita sobre dois aspetos significativos de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto; (ii) a construção de um relato de viagens; (iii) questões de apreciação das duas obras estudadas.

Importa começar por referir que, num universo de vinte e oito alunos, apenas oito entregaram a resolução desta Ficha de Trabalho, isto é, 29%. De facto, este valor é francamente insatisfatório e, por isso, foi pedido, em aula, que a turma justificasse a ausência da realização da ficha proposta para trabalho durante o fim de semana. Os alunos mencionaram, essencialmente, que se haviam esquecido do material ou que não haviam tido tempo para resolverem a ficha. No entanto, julga-se que a verdadeira razão se prende com o facto de não terem percebido a importância deste trabalho para se aferirem os conhecimentos adquiridos em relação às obras estudadas. Acredita-se que, à semelhança da ficha anteriormente apresentada, se esta também tivesse sido resolvida em sala de aula e se lhe tivesse chamado “teste”, os alunos,

compreendendo que estavam a ser avaliados, se teriam preparado de um modo diferente para a atividade. Além disso, o facto de alguns pedirem mais tempo para a realização desta tarefa mostra que, apesar de serem alunos do Ensino Secundário, ainda não adquiriram a responsabilidade de cumprir prazos estipulados pelo professor para realização ou entrega de trabalhos.

Em relação à primeira parte, dos oito alunos que entregaram a resolução desta Ficha de Trabalho, apenas sete responderam ao Grupo I. Destes sete, somente quatro obtiveram uma classificação correspondente a mais de metade da resposta correta, ou seja, com uma pontuação superior a 75 pontos. Ainda assim, a média desta questão, que valia 150 pontos, é de 71 pontos, o que equivale a apenas 47% da resposta correta.

Os alunos nem sempre foram capazes de desenvolver dois aspetos significativos da obra e, em algumas situações, apenas um aspeto era abordado. Em ambos os casos, a apresentação dos tópicos era feita de forma genérica e recorrendo a ideias gerais apresentadas em aula. Os alunos não foram capazes de justificar as suas afirmações, baseados em textos críticos do manual, cuja leitura tinha sido recomendada. Nos momentos em que a exposição do tema era acompanhada de fundamentação, observou-se que, de um modo geral, os exemplos evidenciavam um juízo de leitura, por vezes, pouco consistente, fundado em referências que refletem um conhecimento genérico dos capítulos estudados. Em síntese, os alunos não só revelaram que não tinham lido os excertos da obra trabalhados em aula, como também demonstraram não ter aprofundado os conhecimentos desenvolvidos nas aulas através de leitura autónoma para informação.

O segundo grupo foi resolvido apenas por cinco dos oito alunos que entregaram a resolução desta Ficha de Trabalho. Destes cinco, dois não responderam ao que era pedido: em vez de produzirem um relato de viagem, sintetizaram a obra *O Murmúrio do Mundo*. Os outros três construíram, de facto, um texto coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade, onde trataram, sem desvios, o tema proposto, mobilizando informação, de acordo com a tipologia solicitada. Porém, mostraram mais dificuldade em apresentar um texto constituído por três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão), individualizadas, devidamente proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente.

Salienta-se que esta questão tinha uma cotação de 50 pontos e que as respostas corretas apresentadas tiveram uma média de 43 pontos, o que equivale a



uma percentagem de 85% da resposta correta. Assim sendo, apesar da grande quantidade de faltas verificadas e de duas respostas que se afastavam completamente do solicitado, os alunos que responderam acertadamente a esta questão obtiveram classificações muito positivas. Deste modo, este pequeno grupo de alunos mostrou conseguir construir, de forma bastante satisfatória, um relato de viagens, com base na obra de Almeida Faria e utilizando marcas específicas deste género.

Em suma, neste exercício escrito, a média da turma é negativa, apenas de 9 valores (87 pontos). Destaca-se que a nota mais baixa foi de 4 valores e a mais alta de 16 valores. Por conseguinte, 75% dos alunos que realizaram a tarefa obtiveram média negativa e somente 25% (dois alunos) alcançaram nota positiva. Estes resultados devem-se, como supramencionado, ao facto de os alunos não terem enriquecido os conteúdos abordados em aula com leituras críticas, bem como devido ao facto de não terem realizado a leitura de todos os capítulos da obra que foram trabalhados em aula. Note-se, no entanto, que, ainda assim, se obtiveram duas classificações de nível Muito Bom, de entre os oito alunos que realizaram esta atividade. Pelas razões referidas anteriormente, assim como pela natureza da própria ficha – pois, sendo uma produção escrita, implica, necessariamente, mais dificuldade do que questões de escolha múltipla ou de pequeno desenvolvimento –, este exercício escrito obteve uma avaliação francamente inferior ao realizado na sala de aula.

Relativamente à terceira parte, apenas seis alunos a realizaram, o que corresponde a 21% da turma. Pedia-se que indicassem o episódio de *Peregrinação* que mais lhes tivesse agradado e concluiu-se que os alunos referiram aquele que haviam trabalhado em grupo, o que prova que, na verdade, não leram os restantes capítulos sugeridos. Portanto, numa futura abordagem, reduzir-se-ia o número de capítulos abordados no âmbito do trabalho de grupo, levando todos os alunos, em aula, a lerem todos os textos trabalhado pelos colegas. Sobre a intenção de ler mais capítulos da obra, todos mencionaram que não e justificaram aludindo à dificuldade lexical e sintática da obra, bem como à quantidade de descrições, sendo este um recurso pouco apreciado pelos alunos.

Em relação à obra que gostaram mais de estudar, quatro alunos destacaram *O Murmúrio do Mundo*, mencionando a facilidade de leitura de uma obra contemporânea, com uma estrutura sintática e um léxico mais próximo do seu

universo de referência. Apenas um aluno destacou a *Peregrinação*, aludindo ao caráter fantástico e quase irreal da narração, o que lhe despertou curiosidade.

Finalmente, três alunos referiram que não ficaram com interesse em ler outras obras de Literatura de Viagens e justificaram mencionando que uma grande quantidade de descrições numa obra é um fator que não apreciam, pois torna-a pouco interessante. Apenas um aluno respondeu afirmativamente, justificando que este é um género narrativo que lhe desperta interesse.

#### 5.4. Questionário

A este questionário (*vide* anexo 7.6.) responderam dezassete alunos (61% da turma). Todos estes responderam afirmativamente à questão sobre ter livros em casa, sendo que se pode destacar que os três tipos de livros mais frequentes nas suas casas são: livros escolares, livros infantis/juvenis e romances de amor. Coincidentemente, em relação aos três géneros que estes leem mais frequentemente, pode-se destacar, em primeiro lugar, policiais/espionagem/ficção científica; em segundo lugar, romances de amor; e, finalmente, livros infantis/juvenis.

Dos dezassete alunos que responderam ao questionário, constatou-se que 94% costuma ler habitualmente. Apenas um aluno respondeu negativamente a esta questão. Com efeito, 63% lê entre 2 a 5 livros por ano; 19% lê entre 11 a 20; 13% lê 6 a 10 e 6% lê apenas um livro por ano.

Ainda que estejam a frequentar a disciplina de Literatura Portuguesa, apenas dois alunos têm preferência por ler livros de autores portugueses, o que equivale a 13% dos alunos que responderam ao questionário. Os restantes afirmam que as suas leituras são essencialmente de autores estrangeiros traduzidos para a língua portuguesa (56%) e alguns ainda destacam que preferem ler livros de autores estrangeiros em língua estrangeira (31%).

Com efeito, os três autores apontados como preferidos foram J. K. Rowling, Rainbow Rowell e John Green, na literatura estrangeira. Dos clássicos da Antiguidade greco-latina, sobressai Virgílio e, na literatura portuguesa, destaca-se a referência a Sophia de Mello Breyner Andresen, Luís de Camões e José Saramago. Autores de literatura de língua portuguesa são mencionados Clarice Lispector, Jorge Amado e Manuel Rui.

Relativamente às obras de que mais gostaram, podemos realçar a referência reiterada a *O Fim da Inocência*, de Francisco Salgueiro. No entanto, referem-se obras

muito diferentes: desde os clássicos, como a *Eneida*, de Virgílio, *As ondas*, de Virginia Woolf, e obras de autores de língua portuguesa, como *Capitães da areia*, de Jorge Amado, e *Quem me dera ser onda*, de Manuel Rui. Como seria esperado nesta faixa etária, são mencionados, ainda, *O Diário de Anne Frank*, de Annelies Marie Frank, e *Harry Potter*, de J. K. Rowling.

Em relação à Literatura de Viagens, 75% dos alunos que responderam ao questionário afirmaram que nunca tinham lido nenhuma obra deste gênero. Na verdade, 50% admitiu que reconhece a existência deste gênero, mas nunca tinham sido aconselhados a ler nenhuma obra. Outros 42% mencionaram que já tinham lido excertos em aula e que não gostaram e os restantes 8% desconheciam a existência de obras deste gênero narrativo. Os 25% que responderam afirmativamente a esta questão destacaram *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, como a obra que tinham lido anteriormente.

### **5.5. Observação direta**

Na primeira aula, observaram-se vinte e seis presenças e duas faltas, o que equivale a 93% de alunos presentes na aula. Dos alunos presentes, vinte apresentaram-se com o material necessário: o manual. Todos os alunos, nesta aula, obtiveram classificações positivas no parâmetro do comportamento, visto que não perturbaram a aula e se esforçaram por resolver as tarefas apresentadas. Apenas quatro alunos da turma obtiveram avaliação negativa, no que diz respeito à participação (espontânea ou involuntária), em aula, uma vez que não expuseram as suas dúvidas relativamente ao texto em estudo, quando a professora estagiária circulava pela sala, e não se voluntariaram para apresentarem oralmente as suas respostas à turma, na correção das tarefas.

Na segunda aula, verificaram-se vinte e cinco presenças e três faltas, o que equivale a 89% de alunos presentes na aula. Dos alunos presentes, todos se apresentaram com o material necessário: o manual e o Guião 1, distribuído na aula anterior. À semelhança da aula anterior, todos os alunos obtiveram classificações positivas no parâmetro do comportamento. Contudo, nesta aula, os alunos apresentaram mais agitação e perturbaram mais, durante a realização das tarefas. Relativamente ao parâmetro da participação (espontânea ou involuntária), cinco alunos da turma obtiveram avaliação negativa, uma vez que não expuseram as suas dúvidas relativamente ao texto em estudo, quando a professora estagiária circulava

pela sala, nem se voluntariaram para apresentarem oralmente as suas respostas à turma, na correção das tarefas. Além disso, no momento da realização do trabalho de grupo, distraíram-se com assuntos externos à aula, em vez de se dedicarem à execução do mesmo. Dos alunos presentes em aula (e que estavam presentes também na aula anterior), apenas três não realizaram o trabalho de casa e outros três realizaram-no de forma incompleta.

Na terceira aula, observaram-se vinte e três presenças e cinco faltas, o que equivale a 82% de alunos presentes na aula. Dos alunos presentes, apenas um não se apresentou com o material necessário: o manual e o Guião 2, distribuído na aula anterior. Todos os alunos obtiveram classificações positivas no parâmetro do comportamento. Note-se que, nesta aula, os alunos revelaram muita atenção e concentração, aquando da apresentação dos trabalhos dos colegas. Nenhum aluno da turma obteve avaliação negativa, relativamente à participação (espontânea ou involuntária), em aula, uma vez que todos os que foram chamados responderam com prontidão e assertividade às questões propostas e outros comentaram voluntariamente os trabalhos dos colegas. Além disso, alguns alunos mostraram interesse pelos trabalhos, tirando apontamentos e mostrando, através da postura corporal, a sua concordância ou discordância, relativamente às opiniões dos colegas. Dos alunos presentes em aula (e que estavam presentes também na aula anterior), apenas um não realizara o trabalho de casa.

Na quarta aula, apuraram-se vinte e sete presenças e uma falta, o que equivale a 96% de alunos presentes na aula. Dos alunos presentes, apenas um não se apresentou com o material necessário: o manual. Todos os alunos obtiveram classificações positivas no parâmetro do comportamento. Note-se, contudo, que os alunos revelaram muita agitação durante a aula, sendo necessário fazer várias chamadas de atenção e pedir várias vezes para trabalharem em silêncio. Nenhum aluno obteve avaliação negativa, no que diz respeito à participação (espontânea ou involuntária), uma vez que todos participaram na aula: resolvendo as tarefas, expondo dúvidas e ajudando os colegas nas respostas. Dos alunos presentes em aula, seis não realizaram o trabalho de casa.

Na quinta aula, verificaram-se vinte e quatro presenças e quatro faltas, o que equivale a 86% de alunos presentes na aula. Dos alunos presentes, três não se apresentaram com o material necessário: o manual e os Guiões 3 e 4. Todos os alunos obtiveram classificações positivas no parâmetro do comportamento. Note-se

que, nesta aula, os alunos estiveram extremamente atentos e interessados na correção das atividades, não perturbando de nenhum modo o desenvolvimento das mesmas. Apenas dois dos alunos que não trouxeram o material obtiveram avaliação negativa, no respeitante à participação (espontânea ou involuntária), em aula, uma vez que se recusaram a responder às questões colocadas. Dos alunos presentes em aula, apenas três não realizaram o trabalho de casa.

Na sexta aula, observaram-se vinte e seis presenças e duas faltas, o que equivale a 93% de alunos presentes na aula. Dos alunos presentes, três não se apresentaram com o material necessário: a antologia e o Guião 5. Dois alunos obtiveram classificações negativas no parâmetro do comportamento, uma vez que passaram a aula constantemente na conversa e a tentar desestabilizar outro grupo de trabalho. Saliente-se que a sua atenção foi chamada por várias vezes, ao longo da aula, pedindo-se que resolvessem as tarefas, que não conversassem com os colegas e que se sentassem devidamente. Os restantes obtiveram classificações positivas. Apenas dois não trouxeram o material. Em relação à participação (espontânea ou involuntária), em aula, apenas um aluno, cujo comportamento se revelou extremamente desapropriado numa sala de aula, obteve avaliação negativa, pois não realizou as tarefas propostas. Dos alunos presentes em aula, apenas oito realizaram o trabalho de casa; os restantes ou não o realizaram ou realizaram-no de forma incompleta. Considerando que é francamente insatisfatório, num universo de vinte e oito alunos, apenas oito terem realizado o trabalho de casa, numa futura abordagem, julga-se crucial enfatizar a importância da realização dos trabalhos propostos, bem como do cumprimento dos prazos de entrega. Além disso, explicitar claramente os objetivos específicos das atividades antes da sua resolução poderá ser uma forma de consciencializar os alunos para a necessidade de se aplicarem na execução das tarefas propostas, pois os resultados obtidos nos trabalhos refletem os seus conhecimentos sobre a matéria, assim como as suas dificuldades ou os aspetos sobre os quais devem dispensar mais tempo a estudar.

Em suma, com base na observação diária do desempenho dos alunos (*vide* anexo 7.8.), foi possível constatar que: (i) a turma é, no geral, assídua e pontual, pois verificou-se, nas seis aulas lecionadas, uma média de vinte e duas presenças e seis faltas, o que equivale a 90% de alunos presentes em aula; (ii) os alunos apresentam um comportamento satisfatório, visto que se verificou apenas uma média de três ocorrências de comportamento negativo, o que equivale a que 89% dos alunos se

comportaram de acordo com o aceitável para uma turma de 10.º ano, numa sala de aula, ao longo das seis aulas; (iii) em relação à participação, a turma é bastante participativa e interage com o professor e com os seus pares, demonstrando empenho e interesse ao longo das atividades propostas, na medida em que se notou uma média de cinco ocorrências de participação negativa e vinte e três de participação positiva, o que equivale a que 82% da turma participa ativa e corretamente nas aulas. Finalmente, conclui-se que (iv) a turma, no geral, é responsável e trabalhadora, pois, no que diz respeito à realização dos trabalhos de casa, a média demonstra que dezoito alunos os fizeram e dez não (ou os apresentaram incompletos), o que equivale a uma percentagem de 63% de alunos que concluíram os trabalhos de casa e os trouxeram para a aula; e, relativamente ao material necessário (o manual e os Guiões), a média de 79% mostra que, na maioria das vezes, os alunos trouxeram o material para a aula.

## CAPÍTULO 6

### CONCLUSÕES E REFLEXÃO FINAL

Segundo o *Programa de Literatura Portuguesa* (p. 9), uma das principais finalidades desta disciplina é «promover o conhecimento de obra/autores representativos da tradição literária portuguesa», bem como «formar leitores reflexivos, confiantes e autónomos que leiam com emoção e discernimento, na Escola, fora da Escola e para além da Escola», conscientes das suas escolhas e dos seus gostos.

Na verdade, os resultados observados ao longo das aulas revelaram-se condicentes com as expetativas, considerando-se, por isso, que as opções tomadas, no âmbito da intervenção didática, contribuíram para a lecionação e apreensão da obra literária *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.

No entanto, uma vez que os alunos revelaram muita dificuldade em realizar trabalho autónomo, fora da sala de aula, e, por isso, alguns não fizeram as leituras solicitadas e os que fizeram, devido às especificidades da linguagem e estilo desta obra, tiveram muita dificuldade em perceber o texto, numa futura abordagem, optar-se-ia por reduzir o número de capítulos abordados no âmbito do trabalho de grupo, levando todos os alunos, em aula, a lerem todos os textos trabalhados pelos colegas. Saliente-se que a leitura e compreensão de *Peregrinação* é o objetivo principal da abordagem da obra. De facto, os capítulos lidos na aula, que foram trabalhados e explorados com as questões orientadoras e sobre os quais os alunos puderam refletir e esclarecer questões, ficaram compreendidos. Os restantes capítulos, que apenas leram em casa, sozinhos, autonomamente, reconheceram não os ter percebido na totalidade.

Relativamente à atividade de visualização do documentário preparado pela série Grandes Livros, da RTP2, dedicado à obra em estudo, esta demonstrou-se uma atividade positiva, na medida em que, apesar de os alunos terem declarado que o mesmo era extenso, admitiram que era interessante e que ajudava a compreender a obra e algumas questões já abordadas, na sala de aula. Revelou-se, pois, importante o facto de se ter elaborado um Guião direcionado para as questões mais importantes a observar no documentário. Saliente-se que quase todos os alunos resolverem esta atividade. Numa próxima abordagem, poder-se-ia selecionar um excerto mais curto, em vez de exigir a visualização de todo o documentário. Contudo, considera-se necessário e importante desenvolver nos alunos, desde o 10.º ano, a capacidade de

interpretar textos orais, com diferente extensão e complexidade, distinguindo as informações principais das acessórias.

Em relação ao trabalho com a obra de Almeida Faria, *O Murmúrio do Mundo*, destaca-se como foi vantajoso ter-se construído a antologia, de modo a que os alunos pudessem ler apenas um pequeno excerto da obra, não os sobrecarregando com informação acessória, mas possibilitando a análise comparativa entre as duas obras, incidindo apenas nos aspetos mais relevantes, aos quais alguns alunos foram sensíveis ainda antes da orientação do Guião de leitura.

A análise global dos resultados da turma, feita através de observação direta, registo de informações, um trabalho de grupo e dois trabalhos escritos de avaliação (uma ficha de leitura de *Peregrinação* e uma produção escrita sobre a mesma), leva a considerar que os objetivos básicos foram parcialmente alcançados, pois confirma-se que os alunos foram sensíveis somente aos aspetos principais da obra de Fernão Mendes Pinto. Na verdade, os conteúdos abordados em aula foram compreendidos e assimilados de forma genérica e a leitura dos excertos de *Peregrinação* apenas se limitou aos capítulos 1, 226 e aquele que cada aluno abordou no trabalho de grupo. Faltou, de facto, algum trabalho autónomo por parte dos alunos, relativamente à leitura dos restantes capítulos abordados pelos colegas, bem como a leitura de textos críticos sobre os aspetos mais relevantes da obra.

Além disso, a par da reflexão autónoma sobre os excertos de *Peregrinação*, de *O Murmúrio do Mundo* e da discussão com os colegas sobre pontos de vista, a possibilidade de esclarecimento de dúvidas individualmente parece ter sido relevante para a compreensão de algumas questões. Na verdade, alguns alunos mostraram maior à-vontade para esclarecer as suas dúvidas durante o momento de apoio ao trabalho individual, demonstrando, depois, mais disponibilidade para participar na discussão em grupo. De facto, quando as tarefas eram realizadas em grupo-turma, os alunos expunham as suas dúvidas e voluntariavam-se significativamente menos vezes.

Em suma, os alunos reagiram bem a cada uma das aulas e a qualquer situação de ensino proporcionada. Acredita-se que o facto de se ter investido, em aula, no trabalho a pares e em grupo teve o seu peso (se é que não foi realmente o elemento decisivo) para o balanço positivo da estratégia utilizada na leção da unidade didática.



## **BIBLIOGRAFIA**

### **Edições de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto**

#### **1.<sup>a</sup> edição:**

PINTO, Fernão Mendes (1614). *Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto* [...], ed. de Pedro Crasbeeck. Lisboa: a custa de Belchior de Faria Cavaleyro da casa del Rey nosso Senhor, & seu Livreyro.

#### **Edições no século XX e XXI:**

PINTO, Fernão Mendes (1908-1909). *Peregrinação*, com notas, glossário e prefácio de Brito Rebelo. Lisboa: Livraria Ferreira, Editora.

PINTO, Fernão Mendes (1930-1931). *Peregrinação*, com nota bio-bibliográfica de Jordão de Freitas. Vila Nova de Gaia – Aguda: Cosmópolis Editora.

PINTO, Fernão Mendes (1944-1946). *Peregrinação*, ed. de Costa Pimpão e César Pegado. Porto: Portucalense Editora.

PINTO, Fernão Mendes (1952-1953). *Peregrinação*, versão em português moderno por Adolfo Casais Monteiro. Lisboa/Rio de Janeiro: Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro/Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil.

PINTO, Fernão Mendes (1961-1984). *Peregrinação e outras obras*, texto crítico, prefácio, notas e estudo de António José Saraiva. Lisboa: Sá da Costa.

PINTO, Fernão Mendes (1971). *Peregrinação*, ed. de Maria Alberta Menéres. Lisboa: Afrodite/Fernando Ribeiro de Melo.

- PINTO, Fernão Mendes [1975]. *Peregrinação*. Lisboa: Amigos do Livro.
- PINTO, Fernão Mendes [1983]. *Peregrinação*, introd. e notas de Neves Águas. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- PINTO, Fernão Mendes (1983). *Peregrinação*, reed. da ed. de Adolfo Casais Monteiro, 1952-1953. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PINTO, Fernão Mendes (1984). *Peregrinação*, ed. de Aníbal Pinto de Castro. Porto: Lello & Irmão.
- PINTO, Fernão Mendes (1989). *Peregrinação e Cartas*. Lisboa: Afrodite.
- PINTO, Fernão Mendes (1995). *Peregrinação*, ed. fac-similada da de 1614, com apresentação de José Manuel Garcia. Maia: Castoliva Editora, Lda.
- PINTO, Fernão Mendes (1996). *Peregrinação*, introdução e notas de Neves Águas. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- PINTO, Fernão Mendes (1998). *Peregrinação*, edição eletrónica em CD-ROM. In CASTRO, Ivo de, AMADO, Teresa, RIBEIRO, Cristina Almeida e MORÃO, Paula (Coordenação Científica), *Biblioteca Virtual de Autores Portugueses/Virtual Library of Portuguese Authors*. [Lisboa]: Biblioteca Nacional.
- PINTO, Fernão Mendes (2001). *Peregrinação* (2 volumes), versão para português actual e glossário de Maria Alberta Menéres e nota introdutória de Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Relógio D'Água (edição utilizada).
- PINTO, Fernão Mendes (2004). *Peregrinação*, ilustrações de Carlos Marreiros e notas por António José Saraiva. Lisboa: Edição *Expresso*.

## **Estudos sobre Fernão Mendes Pinto e a sua obra**

ALMEIDA, Fernando-António (2006). *Fernão Mendes Pinto, um aventureiro português no extremo oriente – contribuição para o estudo da sua vida e obra*. Câmara Municipal de Almada.

BERNARDES, José Augusto Cardoso (1999). *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. II. Lisboa: Verbo.

BRÍZIDA, Elsa Susana Clarinha (2010). *A leitura de um clássico na sala de aula: Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto*. Dissertação de Mestrado, IE-UL.

BUESCU, M<sup>a</sup> Leonor, 1985. “A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto ou as alternativas do olhar”. In *Ensaaios de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença.

BUESCU, M<sup>a</sup> Leonor (1992). “A Literatura de Viagens. A cronística, o relato e a aventura. João de Barros, Damião de Góis, Diogo de Couto, Castanheda. Fernão Mendes Pinto”. In *Literatura Portuguesa Clássica*. Lisboa: Universidade Aberta.

CARVALHO, João Carlos (2015). *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e a Perenidade da Literatura de Viagens*. Lisboa: CLEPUL e Faro: FCHS-UA.

CASTRO, Aníbal Pinto de (2001). “PINTO, Fernão Mendes”. In *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 4. Lisboa/S. Paulo: Verbo.

CATZ, Rebecca (1978). *A sátira social de Fernão Mendes Pinto: análise crítica da Peregrinação*. Lisboa: Prelo. (Colecção «Estudos e ensaios», 2).

- CATZ, Rebecca (1989). “Para uma compreensão da *Peregrinação*”. In PINTO, Fernão Mendes (2001). *Peregrinação*. Lisboa: Relógio D’Água.
- CATZ, Rebecca (1981). *Fernão Mendes Pinto - Sátira e Anti-Cruzada na Peregrinação*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Ministério da Educação e Ciência, Março.
- CIDADE, Hernâni (1978). “*Peregrinação*”. In COELHO, Jacinto do Prado (dir.), *Dicionário de Literatura Portuguesa Brasileira Galega e Estilística Literária*, vol. II. Porto: Livraria Figueirinhas.
- COELHO, Eduardo Prado (1998). “Marginais”. In PINTO, Fernão Mendes (1989), *Peregrinação e Cartas. Comentários Críticos*, 2.º vol.. Lisboa: Edições Afrodite.
- CORREIA, João David Pinto (1983). *Autobiografia e aventura na literatura de viagens : a “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto*, 2ª ed. Lisboa: Comunicação.
- DOMINGUES, Mário (1967). *Fernão Mendes Pinto*. Porto: Civilização Editora.
- FARIA, Almeida (1989). “*Peregrinação aos lugares selectos*”. In PINTO, Fernão Mendes (1989), *Peregrinação e Cartas. Comentários Críticos*, 2.º vol.. Lisboa: Edições Afrodite.
- FLORES, Alexandre M. (1983). *Fernão Mendes Pinto: subsídios para a sua biobibliografia*. Almada: Câmara Municipal de Almada.
- LABORINHO, Ana Paula (2010). “O livro dos Fingimentos”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 1050, 29 de dezembro.

- LABORINHO, Ana Paula (2006). *O rosto de Jano. Universos ficcionais da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Dissertação de Doutoramento. FLUL.
- LABORINHO, Ana Paula (1999). “Bibliografia crítica sobre a *Peregrinação* (1620-1998)”. In SEIXO, Maria Alzira, & ZURBACH, Christine (Orgs.) (1999). *O discurso literário da «Peregrinação»*. Lisboa: Edições Cosmos.
- LIMA, Francisco Ferreira de (2011). “A *Peregrinação* ou o outro livro das maravilhas”. In BUESCU, Helena, & SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da (coord.) (2011), *Literatura Portuguesa e a construção do passado e do futuro*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- LOURENÇO, Eduardo (1989). «*Peregrinação e Crítica Cultural Indirecta*». In PINTO, Fernão Mendes (1989), *Peregrinação e Cartas. Comentários Críticos*, 2.º vol.. Lisboa: Edições Afrodite.
- MACHADO, José Carlos Oliveira (2006). *A Peregrinação: Mito(S), Símbolos, Realidade e Utopia*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro.
- MARTINHO, Ivone Dias Pereira (2010). *O Herói Pícaro na Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto e em Don Quijote De La Mancha, de Miguel de Cervantes*. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior.
- MONIZ, António (1999). *Para Uma Leitura de Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Editorial Presença.
- MORAES, Wenceslau de (2004). *Fernão Mendes Pinto no Japão*. Lisboa: INCM.
- RUY, José (2015). *Fernão Mendes Pinto e a sua Peregrinação*. Âncora Editora.

SARAIVA, António José (1961). *Fernão Mendes Pinto ou a sátira picaresca da ideologia senhorial*. Lisboa: Jornal do Fôro.

SARAIVA, António José (1981). Prefácio. In PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação e outras obras*, vol. I. Lisboa: Sá da Costa.

SARAIVA, António José, e LOPES, Óscar (2001). “Fernão Mendes Pinto”. In *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora.

SARAIVA, Arnaldo (s.d.). *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto Revisitada - A Sua Teoria Moderna da Viagem*, CEM - Cultura, Espaço & Memória, n.º 1.

SEIXO, Maria Alzira & ZURBACH, Christine (org.) (1999). *O discurso literário da Peregrinação: aproximações*. Lisboa: Cosmos.

SIMÕES, João Gaspar (1867). “A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto”. In *História do Romance Português*, 1.º vol.. Lisboa: Estúdios Cor.

### **Edição utilizada da obra de Almeida Faria**

FARIA, Almeida (2012). *O Murmúrio do Mundo*. Lisboa: Tinta-da-china.

### **Estudos sobre Almeida Faria e *O Murmúrio do Mundo***

“Almeida Faria: a dupla viagem”. *Jornal de Letras*, 8 a 22 de fevereiro de 2012

Almeida Faria, *Projeto Vercial*, da UMinho. [Consult. 20 nov. 2016]. Disponível na internet: <<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/afaria.htm>>

ALMEIDA, Pedro Dias de (2012). “As nossas Índias privadas”. *Visão*, 16 a 22 de fevereiro.

MATHIAS, Marcello Duarte (2012). “Recensão crítica a '*O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada*', de Almeida Faria”. *Colóquio/Letras*, n.º 181, Set.; pp.245-247.

OLIVEIRA, Cristina R. Cordeiro (1995). “Almeida Faria”. In *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 1. Lisboa/S. Paulo: Verbo.

RUBIM, Gustavo (2012). “Outra Índia”. *Público*, 15 de fevereiro. [Consult. 20 nov. 2016]. Disponível na internet: <<https://www.publico.pt/2012/02/15/culturaipsilon/noticia/outra-india-1657626>>

### **Estudos sobre Literatura de Viagens**

BARRETO, L. F. (1995). O Sentido da Expansão Portuguesa no Mundo (séculos XV-XVIII). In FARINHA, A. D. & CARREIRA, J. N. & SERRÃO, V. (org.) (1995). *Uma vida em História. Estudos em Homenagem a António Borges Coelho*. Lisboa: Colibri.

CABETE, Susana Margarida Carvalheiro (2010). “II Parte – Para Uma Teoria Da Literatura De Viagens”. In *A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade nacional* (2010). Tese de Doutoramento, Université de la Sorbonne Nouvelle - Paris III.

CARVALHO, J. Barradas de (1971). “Literatura de Viagens”. In *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, Joel Serrão (dir.). Lisboa: Iniciativas Editoriais.

CRISTÓVÃO, Fernando (2002). “Do tema da viagem na Literatura ao subgénero Literatura de viagens”. In *Condicionantes culturais da literatura de viagens : estudos e bibliografias*. Coimbra: Almedina.

CRISTÓVÃO, Fernando (coord.) (2010). *Literatura de viagens: da tradicional à nova e à novíssima: marcas e temas*. Coimbra: Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades.

FERNANDES, Daniel Cruz (2016). “Capítulo 1. Arqueologia da literatura de viagens portuguesas”. In *Do Mar à Terra: «Viagem a Portugal», de José Saramago, e o retorno da literatura de viagens*, Dissertação de Mestrado, FLUC.

MONIZ, António Manuel de Andrade (2001). “Ciência e Paraciência na Literatura de Viagens”. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 14. Lisboa: Edições Colibri.

RADULET, Carmen (1991). “Literatura de descoberta e expansão: considerações terminológicas e hermenêuticas”. In *Os descobrimentos Portugueses e a Itália: ensaios filológico-literários e historiográficos*. Lisboa: Veja.

RITA, Annabela (2013). *Em viagem pela “Literatura de Viagens” nas comemorações dos 500 anos do achamento do Brasil*. Lisboa: CLEPUL.

SIMÕES, Manuel, 1985. “A Literatura de Viagens”. In *A Literatura de Viagens nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Ed. Comunicação.

TRIGUEIROS, Luís Forjaz (1978). “Viagens (Literatura de)”. In COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega e Estilística Literária* (dir.), vol. II. Porto: Livraria Figueirinhas.

### **Estudos sobre Leitura e Compreensão**

COSTA, Maria Armanda (1992). “Leitura: conhecimento linguístico e compreensão”. In DELGADO-MARTINS, R. et al. (1992). *Para a Didáctica do Português, seis estudos de Linguística*. Lisboa: ed. Colibri.



GIASSON, Jocelyne (1993). *A Compreensão na Leitura*. Porto: Ed. Asa.

GRABE, William & STOLLER, Fredricka (2002). *Teaching and Researching Reading*. Longman.

GRELLET, Françoise (1998). *Developing Reading Skills*. Cambridge: Cambridge University Press.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) et al (2007). *A Leitura em Portugal*. Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação.

SIM-SIM, Inês (2007). *O Ensino da Leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação, Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

VAZ, João Luís Pimentel (2010). “O Ensino da Compreensão para uma Leitura mais Eficaz”. In *Actas do I Encontro Internacional do Ensino da Língua Portuguesa*. Escola Superior de Educação de Coimbra.

### **Estudos sobre Didática do Português**

BERNARDES, José Augusto Cardoso (2005). *Como abordar... A Literatura no Ensino Secundário. Outros Caminhos*. Areal Editores.

BERNARDES, José Augusto Cardoso & MATEUS, Rui Afonso (2013). *Literatura e Ensino do Português*. Lisboa: FFMS.

CEIA, Carlos (2002). *O Que É Ser Professor de Literatura?*. Lisboa: Edições Colibri.

DUARTE, Inês & MORÃO, Paula (orgs.) (2006). *Ensino do Português para o Século XXI*. Lisboa: Edições Colibri, Departamento de Linguística Geral e Românica e Departamento de Literaturas Românicas/FLUL.

MENDES, Margarida Vieira (1997). “Pedagogia da Literatura”. *Românica* nº 6.

SILVA, Vítor Aguiar e (2010). *As Humanidades, os estudos culturais, o ensino da literatura e a política da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.

### **Manual escolar utilizado**

CARDOSO, Elsa, & SILVA, Pedro (2015). *Viagens 10 - Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora.

### **Documentos normativos**

COELHO, Maria da Conceição (coord.) (2001). *Programa de Literatura Portuguesa 10.º e 11.º ou 11.º e 12.º anos*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário.

*Projeto Educativo 2014-2017*, da Escola Secundária de Camões [Consult. 10 jan. 2017]. Disponível na internet: <[https://escamoes-web.sharepoint.com/Documents/PROJETO%20%20EDUCATIVO%20%202014\\_2017.pdf](https://escamoes-web.sharepoint.com/Documents/PROJETO%20%20EDUCATIVO%20%202014_2017.pdf)>.

## **ANEXOS**

### **Anexo 1 – Planificação da unidade didática**

## Anexo 1 – Planificação da unidade didática



Escola Secundária de Camões  
Ano letivo 2016/2017  
Disciplina de Literatura Portuguesa – 10.º ano – Turma K

### A minha planificação da unidade didática



**Unidade Didática:** Módulo 2 – Do Renascimento ao Pré-Romantismo - Prosa: Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação* (excertos)

Objetivos	Conteúdos	Estratégias			Avaliação
		Atividades	Materiais e formas sociais de trabalho	Tempo	
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Leitura</b></li> </ul> <p>Tomar consciência de obras de Literatura de Viagens;</p> <p>Reconhecer o valor documental e literário de <i>Peregrinação</i>;</p> <p>Identificar algumas características do estilo de Fernão Mendes Pinto;</p> <p>Caracterizar a <i>Peregrinação</i> enquanto obra de Literatura de Viagens;</p> <p>Reconhecer valores</p>	<p><b><i>Peregrinação</i>, de Fernão Mendes Pinto - excertos dos capítulos 1, 14, 47, 55, 59, 214 e 226.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Polissemia do título;</li> <li>▪ Narrativa autobiográfica;</li> <li>▪ Enumeração como estratégia de captação do real;</li> <li>▪ Discurso narrativo e descritivo;</li> <li>▪ Comportamento dos portugueses no século XVI perante outros povos;</li> <li>▪ Crítica cultural</li> </ul>	<p>Leitura analítica e crítica do introito da obra:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Resolução de linhas de leitura do Guião 1;</li> <li>▪ Audição de uma música de Fausto e análise comparativa com o capítulo 1 da obra;</li> <li>▪ Correção da análise do primeiro capítulo da obra com projeção de cenário de resposta.</li> </ul> <p>Proposta de trabalho de casa: leitura e reflexão sobre excertos de <i>Peregrinação</i>.</p>	<p>PINTO, Fernão Mendes (2001). <i>Peregrinação</i> (2 volumes), versão para português atual e glossário de Maria Alberta Menéres e nota introdutória de Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Relógio D'Água.</p> <p>Guião de Leitura 1 para trabalho de pares.</p> <p>Projeção em <i>PowerPoint</i> da correção do Guião 1 para trabalho em grupo-turma.</p>	<p>6 aulas de 90 minutos</p>	<p>Avaliação formativa.</p> <p>Observação direta:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Assiduidade;</li> <li>▪ Pontualidade;</li> <li>▪ Comportamento;</li> <li>▪ Participação (espontânea e solicitada);</li> <li>▪ Realização dos trabalhos de casa.</li> </ul> <p>Trabalhos orais e escritos.</p>

<p>culturais, éticos e estéticos manifestados no texto;</p> <p>Valorizar a obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo;</p> <p>Ampliar e aprofundar a compreensão do texto;</p> <p>Explicitar a estrutura interna do texto e estabelecer relações entre as diversas partes;</p> <p>Identificar ideias principais, justificando;</p> <p>Analisar o ponto de vista das diferentes personagens;</p> <p>Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas do texto, entre pontos de vista das personagens e entre episódios;</p> <p>Reconhecer a relação entre a Literatura e outras artes (música e pintura);</p>	<p>indireta;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Exotismo e sobrenatural;</li> <li>▪ Crítica ao poder instituído;</li> <li>▪ Anti-herói picaresco.</li> </ul> <p><b><i>O Murmúrio do Mundo, de Almeida Faria.</i></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Relação entre a viagem no século XVI e no século XXI;</li> <li>▪ Influência portuguesa na Índia;</li> <li>▪ Elementos próprios do <i>Outro</i>;</li> <li>▪ Dicotomia passado/presente;</li> <li>▪ Um outro modo de olhar.</li> </ul>	<p>Leitura e análise de um excerto de um capítulo da obra em grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Resolução de linhas de leitura do Guião 2;</li> <li>▪ Apresentação oral à turma;</li> <li>▪ Sistematização das ideias principais.</li> </ul> <p>Proposta de trabalho de casa: visualização do documentário da RTP2 da série Grandes Livros sobre <i>Peregrinação</i>, de Fernão Mendes Pinto e resolução do Guião 4.</p> <p>Leitura analítica e crítica do último capítulo da obra:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Resolução de linhas de leitura do Guião 3;</li> <li>▪ Correção da análise do último capítulo da obra com projeção de cenário de resposta.</li> </ul> <p>Sistematização das linhas gerais da obra através da correção do Guião 4 com projeção de cenário de resposta.</p> <p>Aferição de conhecimentos</p>	<p>Música «Quando às vezes ponho diante dos olhos», de Fausto (in <i>Por este rio acima</i>).</p> <p>Colunas.</p> <p>Guião de Leitura 2 para trabalho de grupo.</p> <p>Projeção em <i>PowerPoint</i> da correção do Guião 2 para trabalho em grupo-turma.</p> <p>Guião de Leitura 3 para trabalho de pares.</p> <p>Projeção em <i>PowerPoint</i> da correção do Guião 3 para trabalho em grupo-turma.</p> <p>Documentário RTP2 Grandes Livros: <i>Peregrinação</i>, de Fernão Mendes Pinto (disponível online).</p> <p>Guião 4 para orientar a visualização autónoma</p>		
--	--	---	--	--	--

<p>Ler outras obras e estabelecer comparações entre elas.</p> <p>▪ <b>Oralidade</b> Planificar intervenções orais, selecionando informação e elaborando tópicos de suporte à intervenção;</p> <p>Produzir textos orais com correção e pertinência sobre um episódio da obra;</p> <p>Interpretar textos orais, distinguindo informação subjetiva de informação objetiva.</p> <p>▪ <b>Escrita</b> Produzir um texto crítico com coerência e correção linguística sobre temas respeitantes às obras estudadas, seguindo tópicos fornecidos.</p>		<p>adquiridos sobre a obra com a realização de uma ficha.</p> <p>Verificação de leitura da obra <i>O Murmúrio do Mundo</i>, de Almeida Faria.</p> <p>Análise do primeiro capítulo da obra:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Brainstorming</i> sobre a Índia, a partir das pinturas de Bárbara Assis Pacheco;</li> <li>▪ Resolução de linhas de leitura do Guião 5;</li> <li>▪ Correção da análise do primeiro e último capítulos da obra com projeção de cenário de resposta.</li> </ul> <p>Análise dos capítulos “Goa” e “Cochim” através da realização de trabalho de grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Desenvolvimento de tópicos temáticos apresentados no Guião 5;</li> <li>▪ Apresentação oral à turma.</li> </ul> <p>Reflexão individual sobre as obras analisadas.</p> <p>Resolução de um questionário.</p>	<p>do documentário.</p> <p>FARIA, Almeida (2012). <i>O Murmúrio do Mundo</i>. Lisboa: Tinta-da-China.</p> <p>Ficha de verificação de leitura da <i>O Murmúrio do Mundo</i>, de Almeida Faria.</p> <p>Guião 5 para trabalho de pares e de grupo.</p> <p>Projeção em <i>PowerPoint</i> da correção do Guião 5 para trabalho em grupo-turma.</p> <p>Ficha de trabalho final.</p> <p>Questionário.</p>		
--	--	--	--	--	--

## **Anexo 2 - Plano e materiais da primeira aula**

2.1. Plano da primeira aula

2.2. Guião de Leitura 1

2.3. Cenário de Resposta do Guião 1

2.4. Diapositivos da Apresentação em *PowerPoint*

## 2.1. Plano da primeira aula



Escola Secundária de Camões  
2016/2017

Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa

Professora orientadora: Doutora Margarida Braga Neves

Professora cooperante: Dr.<sup>a</sup> Cristina Duarte

10.º ano Turma K Data: 04 de janeiro de 2017



<b>Plano de Aula – Memória Descritiva</b> <b><i>Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto</i></b>
<b>Objetivos:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>▪ Explicitar a estrutura interna do texto;</li><li>▪ Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constituintes do texto;</li><li>▪ Identificar dados autobiográficos no texto;</li><li>▪ Reconhecer a relação entre a Literatura e outras artes (música).</li></ul>
<b>Conteúdos:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>☞ <b>Análise do capítulo 1 - «Do que passei em minha mocidade neste reino até que embarquei para a Índia»:</b><ul style="list-style-type: none"><li>▪ Hipóteses de interpretação do título, <i>Peregrinação</i>: polissemia do termo «peregrinação»;</li><li>▪ Reflexão sobre os dois vetores essenciais do capítulo (a pouca sorte e a ajuda de Deus);</li><li>▪ A narrativa autobiográfica: levantamento de dados autobiográficos;</li><li>▪ Finalidades da escrita da obra;</li><li>▪ A primeira aventura e a preparação do leitor para futuros episódios.</li></ul></li></ul>
<b>Avaliação:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Observação direta, com registo das intervenções (assiduidade; pontualidade; comportamento; participação espontânea e solicitada);</li></ul>

<b>Atividades</b>	<b>Recursos</b>	<b>Tempo</b>
1. Entrada dos alunos e professoras na sala de aula. 1.1. Apresentação oral da mestranda; 1.2. Apresentação oral dos alunos.		10 minutos
2. Elaboração do sumário e explicação do objetivo da aula.	Projeção em <i>PowerPoint</i> . Caderno diário.	5 minutos



<p>3. Leitura analítica e crítica do primeiro capítulo de <i>Peregrinação</i>: «Do que passei em minha mocidade neste reino até que embarquei para a Índia».</p> <p>3.1. Distribuição do material;</p> <p>3.2. Leitura em voz alta do capítulo por um aluno voluntário;</p> <p>3.3. Análise do capítulo, respondendo às linhas de leitura;</p> <p>3.4. Correção das respostas dos alunos;</p> <p>3.5. Atividade de análise comparativa do capítulo 1 e da música de Fausto «Quando às vezes ponho diante dos olhos».</p>	<p>Guião 1.</p> <p>Projeção em <i>PowerPoint</i> com anotação de dados pertinentes.</p> <p>Suporte áudio da música de Fausto «Quando às vezes ponho diante dos olhos».</p> <p>Colunas.</p>	<p>70 minutos</p>
<p>4. Instruções sobre o trabalho de casa: Trabalho de grupo - análise de um capítulo de <i>Peregrinação</i>.</p>	<p>Guião 2.</p>	<p>5 minutos</p>

### **Sumário**

Leitura analítica e crítica do primeiro capítulo da obra de Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*.

Análise comparativa do capítulo 1 e da música de Fausto «Quando às vezes ponho diante dos olhos».

## 2.2. Guião de Leitura 1



Escola Secundária de Camões  
2016/2017

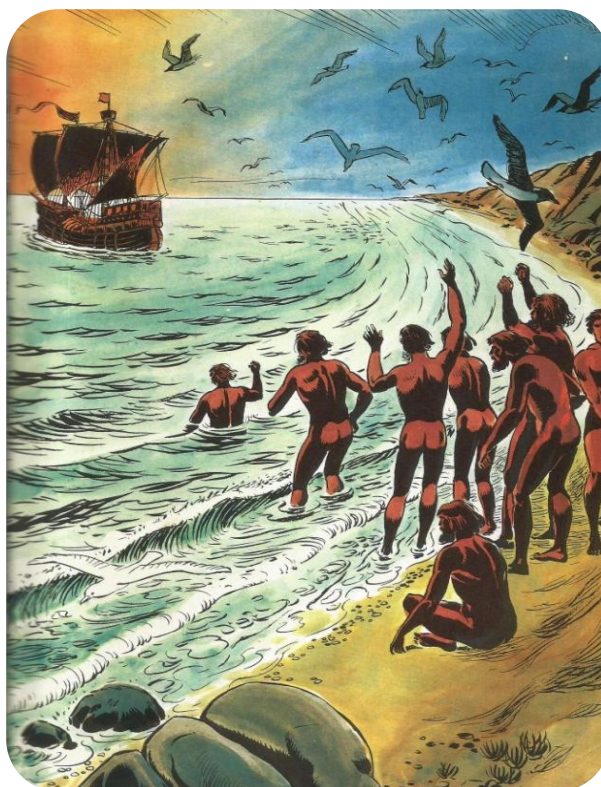
Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa  
10.º ano Turma: K Data: 04 de janeiro de 2017

Nome: \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_



### Guião 1

#### *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto Capítulo 1 – A primeira aventura



A. do Carmo Reis, *Fernão Mendes Pinto*,  
Coleção História Júnior, Edições Asa, p. 7.

#### Com a realização deste trabalho, serei capaz de:

- Explicitar a estrutura interna do texto;
- Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constituintes do texto;
- Identificar dados autobiográficos no texto;
- Reconhecer a relação entre a Literatura e outras artes (música).

**Tempo:** 90 minutos.

**Modalidade de trabalho:** pares e grande grupo.

**Pré-leitura:**

1. Tendo em conta o título da obra, *Peregrinação*, explicita os sentidos que podemos atribuir ao vocábulo «peregrinação».

**1**

**DO QUE PASSEI EM MINHA MOCIDADE NESTE REINO ATÉ QUE ME  
EMBARQUEI PARA A ÍNDIA**

(manual, pp.328-330)

**Linhas de Leitura**

**Leia o texto até à linha 35 e responda às seguintes questões:**

1. A primeira parte do capítulo 1 apresenta-se estruturada em duas unidades lógicas que correspondem a uma oposição simétrica. Divida o texto nas suas partes constituintes e indique em que se centra cada uma delas.
2. No primeiro capítulo, o narrador refere as suas provações, mas ainda assim apresenta uma visão otimista sobre a vida. Justifique a afirmação, relacionando-a com o que é referido sobre «a ventura» e sobre «Deus».
3. No texto, são expostas as finalidades da escrita da obra. Identifique-as.

**Leia o texto da linha 36 até ao final e responda às seguintes questões:**

4. Apresente os primeiros acontecimentos da «peregrinação» pessoal do narrador, mencionando de que forma podem preparar o leitor para os futuros capítulos.
5. Identifique a figura de estilo presente na frase «E indo eu assim tão desatinado com o grande medo que levava, que não sabia por onde ia, como quem vira a morte diante dos olhos e a cada passo cuidava que a tinha comigo» (ll. 49-50) e explicita o seu valor expressivo.
6. Faça o levantamento dos principais dados da vida do narrador apresentados, de modo a comprovar a natureza autobiográfica do texto.
7. Sintetize as ideias principais do texto que acabou de ler.

**Construa o seu Glossário**

•  
•  
•  
•  
•

•  
•  
•  
•  
•

### Pós-leitura:

1. Oiça o poema «Quando às vezes ponho diante dos olhos», da autoria de Fausto, que é a letra de um tema musical do álbum *Por este rio acima* (1984), inspirado nas viagens de Fernão Mendes Pinto. Em simultâneo, assinale as passagens do texto que remetem diretamente para informações apresentadas no primeiro capítulo de *Peregrinação*.

Quando às vezes ponho diante dos olhos  
A lusitana viagem medonha que eu dobrei  
Os tormentos passados e os fados que chorei  
Arde o corpo em oração entre pecado e perdão  
Agonia o coração e arde o corpo  
Do cotovelo da terra à pestana do mundo  
Fui treze vezes cativo dezassete vendido  
Mataram os mares milhares num gemido  
Ai de mim sou missionário  
Foge cafre já sou corsário  
Marinheiro voluntário  
Ai de mim

Quando às vezes ponho diante dos olhos  
A fúria da onda tremenda rasgada no vento  
O assombro da fronha de um monstro  
Que horrenda estampada no breu  
Ai meu Deus o aperto em que estou  
Olha o cobre e o ouro  
Olha o bobo que eu sou  
Que se escapa o tesouro  
Que me dá a fraqueza  
Enriquece bandido  
A saudade do Tejo  
O inventário da presa  
Meu amor dá-me um beijo  
Afasta-o do sentido  
E lá vou eu desvalido

Quando às vezes ponho diante dos olhos  
Os trabalhos tremendos, os perigos que passei  
O Inferno maldito Infinito que afrontei  
Vem à boca uma prece  
A alma inteira estremece  
Arde  
Grita  
Enlouquece  
E vem à boca  
Um amargo de morte arrefece-me o corpo  
Um grande medo  
Meu Deus  
Que estala no peito  
Só o meu coração respira amores perfeitos  
Que eu nem conto em segredo  
Que eu risquei do enredo  
Num latino arremedo

Que eu nem conto  
Quando às vezes ponho diante dos olhos  
Cobras  
Lagartos  
Mostrengos  
Horríveis  
Sarnentos  
O delírio dos rios  
Das selvas ardentes  
Da febre a queimar  
A matar  
Terra à vista  
Atenção  
Espia como mercador  
Eu cá sou benfeitor  
Assalta como ladrão  
Olha o rombo na quilha  
Olha a tua quadrilha  
Quem me dera estar longe  
Empunha o machado  
Ser um anjo ser monge  
Aguenta safado  
Sendo o mais enfeitado

De Lisboa p'rá Índia  
Da Tartária ao Sião  
Da China à Etiópia  
De Ormuz ao Japão  
P' lo Cabo do Mundo  
Passei por um triz  
Da Ilha Maluca  
À Arábia Feliz  
São de todas as cores  
As paixões os ardores  
Na voragem do cio  
O amor aplacado  
Entre esteiras deitado  
No porão do navio  
Vai o sonho entornado

Quando às vezes ponho diante dos olhos  
As guerras  
Assaltos e gritas  
O sangue a jorrar  
A alagar  
Os turcos  
Senhora bendita  
Lançados ao mar

A afundar  
Tangendo panelas  
P'ró diabo que os leve  
Infiéis tagarelas  
Filhos de Mafamede  
Ai da vossa cegueira  
Dispara o roqueiro  
No rescaldo da afronta  
Amordaça o escravo  
Rezo pela desconta  
És cruzado és um bravo  
Dos pecados sem conta

De Lisboa p'rá Índia  
Da Tartária ao Sião  
Da China à Etiópia  
De Ormuz ao Japão  
P' lo Cabo do Mundo  
Passei por um triz  
Da Ilha Maluca  
À Arábia Feliz  
São de todas as cores  
As paixões os ardores  
Na voragem do cio  
O amor aplacado  
Entre esteiras deitado  
No porão do navio  
Vai o sonho entornado  
Foi de fio a pavio  
P'ró diabo que os leve  
Infiéis tagarelas  
Filhos de Mafamede  
Ai da vossa cegueira  
Dispara o roqueiro  
Amordaça o escravo  
És cruzado és um bravo  
Espia como mercador  
Assalta como ladrão  
Olha o rombo na quilha  
Empunha o machado  
Olha a tua quadrilha  
Aguenta safado  
Dos pecados sem conta  
És o mais enjeitado  
O aperto em que estás  
Olha o cobre e o ouro

Que se escapa o tesouro  
Que te dá a fraqueza  
Enriquece bandido  
No rescaldo da afronta  
Ai quem te dera estar longe  
Ser um anjo ser monge  
Reza pela desconta  
Entre apupos e gritas  
De mãos alevantadas  
Treme o bom jesuíta  
Ai Jesus que embrulhada  
Em pouco mais de dois credos  
Dois mil mortos no chão  
Pelejando um milhão  
Soçobrados em sangue  
Estalam mil bofetadas  
No traseiro de um cafre  
Sobrevoa o milhafre  
Seis cabeças rachadas  
Muitas feridas e chagas  
Numa grande chacina  
Entre insultos e pragas  
Chovem panelas de urina  
Vinte e três afogados  
Trinta e quatro perdidos  
Nus e ajoelhados  
Sem contar os aflitos  
Pelas pernas abaixo  
Vai o pobre de mim  
De Quedá a Samatra  
De Malaca a Pequim  
Fugindo a sete pés  
Quando estoira o convés  
Perde-se ouro o provento  
A prata fina a saúde  
Mas glória santa me ajude  
A dar graças a Deus  
Misericórdia infinita  
Pois eu não me lamento  
Se ao fim de tantos tormentos  
Escapei deles com vida  
O Senhor seja louvado  
Santos apostolados  
Viva eu entre os mortais  
Pois não mereci mais  
Por meus grandes pecados

## 2.3. Cenário de Resposta do Guião 1

### Guião 1

#### *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto

#### Capítulo 1 – A primeira aventura

#### Cenário de resposta

#### Antes de ler

**1. Tendo em conta o título da obra, *Peregrinação*, explicita os sentidos que podemos atribuir ao vocábulo «peregrinação».**

- Na realidade, «peregrinação» deriva de «peregrinus», que designava pura e simplesmente «estrangeiro» e que deriva de «peregre» ou «peregri», que para alguns é composto de «ager» (campo) mais «per» – «o que anda pelo campo, pela terra»;
- Terá sido no século XI ou XII que a palavra passou a nomear um viajante religioso, sem que o segundo sentido tenha abolido o primeiro;
- O conceito de «peregrinação» não implica necessariamente o mundo religioso, que encontramos, por exemplo, na etimologia de «romaria» ou de «romagem», palavras que remetem para a Roma cristã. A «peregrinação» religiosa, diferente da outra, supõe a existência de um «centro» ou pólo religioso, de um lugar sagrado ou de um santuário a que se chegue para cumprir promessas ou para obter algum bem material ou espiritual e de que pelo menos se deseje voltar regenerado, purificado, abençoado: Delfos, Roma, Benares, Meca, Santiago de Compostela, Fátima... A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto não fala de nenhuma peregrinação propriamente dita, nem nenhum dos seus personagens parece preocupado com alguma, ou com o objetivo final da chegada a um santuário, a um centro ou a um lugar sagrado, apesar de:
  - estar carregada de alusões ao divino (Deus, Nosso Senhor, Senhor Omnipotente, Jesus Cristo, Rei do Céu, Providência Divina, Nossa Senhora, Nossa Senhora das Dores, S. Pedro, S. Miguel, Santa Luzia...);
  - conter muitas referências a missões e a padres, como o P. Belchior e o P. Francisco Xavier;
  - aludir com frequência a rituais religiosos (procissões, confissões públicas, orações, pedidos de clemência e de misericórdia divina).

- Não se pense, porém, que o título *Peregrinação* é impertinente ou irrelevante, e que poderia ser facilmente substituído por supostos sinónimos como jornada, passeio, caminhada, expedição, deambulação...
  - a «peregrinação» – e a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto – não fala de uma unidade temporal, como a «jornada» (à letra, um dia de viagem), mas de um tempo desestruturado ou sincopado;
  - não sugere a ideia, como «caminhada», de uma linearidade espacial, um percurso contínuo, um itinerário ou uma rota mais ou menos definida, mas, sim, a de alguma errância ou vagabundagem;
  - não projeta, como «passeio», ou «deambulação», um viajante dado ao ócio ou ao lazer, *flâneur*, turista, mas um viajante que se expõe a perigos e sacrifícios e enfrenta medos e obstáculos; não supõe uma viagem organizada e com um objetivo científico, militar ou outro, como «expedição», mas uma viagem solta, à solta.

(texto adaptado de: SARAIVA, Arnaldo, s.d.. *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto Revisitada - A Sua Teoria Moderna da Viagem*, CEM - Cultura, Espaço & Memória, n.º 1.)

### **Linhas de Leitura (I):**

**1. A primeira parte do capítulo 1 apresenta-se estruturada em duas unidades lógicas que correspondem a uma oposição simétrica. Divida o texto nas suas partes constituintes e indique em que se centra cada uma delas.**

A primeira parte do capítulo 1 corresponde às treze primeiras linhas e centra-se na ventura. Esta parte parece estar relacionada com a mocidade e, por isso, parece corresponder a uma certa precipitação centrada num queixume em relação à sua sorte ou ao seu destino que redundou em infelicidade e frustração relativamente ao males passados.

O segundo momento é introduzido pela conjunção adversativa «mas» (l. 13) e prolonga-se até à linha 35. Está, por outro lado, centrado em Deus e revela um momento de maturidade em que o sujeito é agora capaz de compreender a sua existência e dar graças, em vez de se consumir em queixumes.

Podemos afirmar que a segunda unidade lógica corresponde a uma oposição simétrica da primeira, na medida em que apresenta, por exemplo, expressões

paralelas, mas contrárias. Veja-se a título de exemplo «acho que com muita razão me posso queixar» (ll. 3-4) e «acho que não tenho tanta razão de me queixar» (l.16).

**2. No primeiro capítulo, o narrador refere as suas provações, mas ainda assim apresenta uma visão otimista sobre a vida. Justifique a afirmação, relacionando-a com o que é referido sobre «a ventura» e sobre «Deus».**

Numa reflexão sobre a sua vida, a primeira ação é queixar-se da vida, referindo, em relação à sua «ventura», as «misérias» (l. 8), os «sobressaltos» (l. 9) e os «perigos da vida» (ll. 9-10) que teve de ultrapassar. Com efeito, em relação à sua «ventura», o sujeito queixa-se de três aspetos da sua vida: ter nascido em Portugal («de me pôr na minha Pátria logo no começo da minha mocidade», ll. 6-7); ter sido pobre («vivi sempre em misérias e em pobreza», l. 8); ser obrigado a partir para a Índia e viver aí alguns perigos («não sem alguns sobressaltos e perigos da vida, me quis também levar às partes da Índia», ll. 9-11).

No entanto, rapidamente estas provações são aceites como positivas, na medida em que o sujeito se apercebe de que pode extrair do seu sofrimento uma aprendizagem. Assim, o *eu* adulto reflete e conclui que, apesar das suas dificuldades, teve sempre a ajuda de Deus («me quis Deus tirar sempre a salvo e pôr-me em segurança», ll. 14-15) e que devia «dar graças por só este bem presente» (ll. 17-18).

**3. No texto, são expostas as finalidades da escrita da obra. Identifique-as.**

O sujeito justifica a produção da obra, por um lado, como eternização da memória dos seus trabalhos e perigos, isto é, como escrita autobiográfica e memorialística, dedicando a «rude e tosca escritura» aos seus filhos. Por outro lado, justifica a produção da obra como motivação da ação e dos projetos de vida de todos os homens («tomem os homens motivo de não desanimarem com os trabalhos da vida para deixarem de fazer o que devem», ll. 29-31), apelando à coragem de cada um, pois «não há nenhuns [trabalhos da vida], por grandes que sejam, com que não possa a natureza humana, ajudada do favor divino» (ll. 25-6). Assim, a produção da sua obra, a sua autopromoção ou a da sua vida, servem, acima de tudo, como *exemplum*: a missão, a existência do sujeito é nunca desanimar e voltar a lutar; é isso que faz ao longo da sua peregrinação e é isso que quer transmitir ao seu leitor.



## **Linhas de Leitura (II):**

### **4. Apresente os primeiros episódios da «peregrinação» pessoal do narrador, mencionando de que forma podem preparar o leitor para os futuros capítulos.**

Os primeiros episódios da «peregrinação» pessoal do narrador foram passados em Portugal: é levado por um tio, com dez ou doze anos, para trabalhar, em Lisboa, na casa de uma senhora, da qual acabou por fugir; embarcou para Setúbal, mas a caravela foi atacada em Sesimbra e os seus tripulantes capturados e açoitados diariamente; a embarcação onde agora estavam foi tomada por uma nau de um mercador e ele lançado nu, na praia de Melides; por terra, chegou a Setúbal, onde passou a servir dois fidalgos.

Tendo em conta os acontecimentos que este narrador ensaia ainda na costa portuguesa, o leitor prepara-se para encontrar uma longa odisseia nos capítulos seguintes, pois parece que este primeiro embarque é uma antecipação do que será a vida futura. Na verdade, acabada a pequena peregrinação por aquelas pequenas terras do reino, Fernão Mendes Pinto estava pronto para a grande, na qual, durante vinte e um anos, iria descobrir e se espantar com os mais escondidos segredos do mundo.

### **5. Identifique e justifique o recurso expressivo presente na frase «E indo eu assim tão desatinado com o grande medo que levava, que não sabia por onde ia, como quem vira a morte diante dos olhos e a cada passo cuidava que a tinha comigo» (ll. 49-50).**

Na frase transcrita, encontramos a personificação da morte, a sua animização: a morte é vista pelo narrador como se fosse uma personagem humana que, diante dele («vira a morte diante dos olhos»), o aterroriza. A intenção do narrador parece ser a de contrapor a fragilidade humana («desatinado», «não sabia por onde ia») aos grandes perigos da vida («o grande medo», «a morte»), mostrando, novamente, a necessidade de intervenção divina para salvamento. Na verdade, no final do capítulo, encontramos uma atitude de total entrega às mãos do Destino («já disposto a toda a ventura, ou má ou boa, que me sucedesse», ll. 60-1).

## **6. Comprove a natureza autobiográfica do texto, indicando os principais dados da vida do narrador apresentados.**

Dos poucos dados biográficos seguros que dele se conhecem, podemos acreditar nalguns que ele próprio veiculou na sua obra e nas suas escassas cartas:

- que nasceu por volta de 1510 no seio de uma família pobre de Montemor-o-Velho, a poucos quilómetros de Coimbra, no seu tempo e durante séculos sede da principal universidade portuguesa;

- que por um tio foi levado em 1521 para casa de uma nobre senhora de Lisboa, onde, cerca de um ano e meio depois, teve um «caso» misterioso, de que só diz que lhe «pôs a vida em tanto risco», que teve logo de fugir de casa;

- que depois da fuga precipitada foi de barco em direção a Setúbal, mas, atacado esse barco por corsários franceses, foi pela primeira vez prisioneiro, durante 13 dias;

- que serviu noutra casa nobre de Setúbal, de onde também saiu, partindo a 11 de Março de 1537 de Lisboa, e desembarcando na Índia (Diu) a 5 de Setembro do mesmo ano;

- que andou por vários lugares orientais – Índia, Malaca, Samatra, Java, China, Macau, Japão, etc. –, cumprindo diversas tarefas ou missões e passando por experiências muito diferenciadas (da prática de soldado e de pirata à de noviço ou irmão leigo da Companhia de Jesus, da extrema pobreza ao enriquecimento rápido) e às vezes muito difíceis ou ousadas, tendo sido «treze vezes cativo e dezassete vendido» e regressando em Setembro de 1558 a Lisboa, que deixara 21 anos antes.

## **7. Sintetize, em poucas palavras, as ideias principais do texto que acabou de ler.**

O primeiro capítulo de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, constitui um verdadeiro prólogo explicativo daquilo que foi e será a vida do protagonista. Na verdade, o autor colocou «diante dos olhos» do leitor o que havia passado na sua «mocidade neste reino»: as peripécias das suas primeiras aventuras, ainda em Portugal. Além disso, faz questão de reconhecer a importância de Deus para ultrapassar «os muitos e grandes trabalhos e infortúnios» por que passou e aproveita para se apresentar a si, através da sua obra, como um exemplo de persistência, incentivando os homens do seu tempo (e o seu leitor) a concretizar grandes projetos de vida. Finalmente, é imprescindível referir que este primeiro capítulo serve também para recolher alguns dos seus principais dados biográficos.

### **Depois de Ler:**

**1. Oiça o poema «Quando às vezes ponho diante dos olhos», da autoria de Fausto, que é a letra de um tema musical do álbum *Por este rio acima*, inspirado nas viagens de Fernão Mendes Pinto. Em simultâneo, assinale as passagens do texto que remetem diretamente para informações apresentadas no primeiro capítulo de *Peregrinação*.**

- Fez uma viagem à Índia, partindo de Portugal e passou por muitas dificuldades;

«A lusitana viagem medonha que eu dobrei/Os tormentos passados e os fados que chorei»; «Fui treze vezes cativo dezassete vendido»; «trabalhos tremendos, os perigos que passei/O Inferno maldito Infinito que afrontei»

- Teve muito medo;

«Agonia»; «A alma inteira estremece»; «Um amargo de morte arrefece-me o corpo/Um grande medo»

- Passou por vários lugares longínquos;

«De Lisboa p' rá Índia/Da Tartária ao Sião/Da China à Etiópia/De Ormuz ao Japão/P' lo Cabo do Mundo»

- Sente a necessidade de dar graças a Deus, pois reconhece a sua ajuda.

«Vem à boca uma prece»; «A dar graças a Deus/Misericórdia infinita»; «Pois eu não me lamento/Se ao fim de tantos tormentos/Escapei deles com vida/O Senhor seja louvado».

## 2.4. Diapositivos da Apresentação em PowerPoint

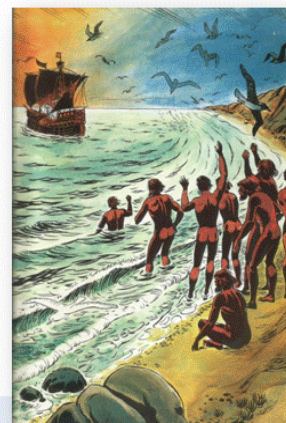


Escola Secundária de Camões  
2016/2017  
Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa  
10.º ano Turma: K Data: 04 de janeiro de 2017



# *Peregrinação,* de Fernão Mendes Pinto

## Capítulo 1



### Sumário

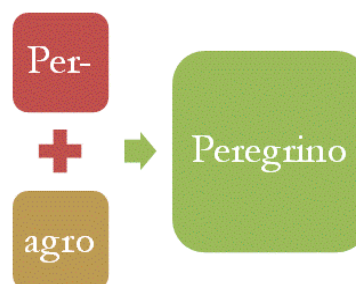
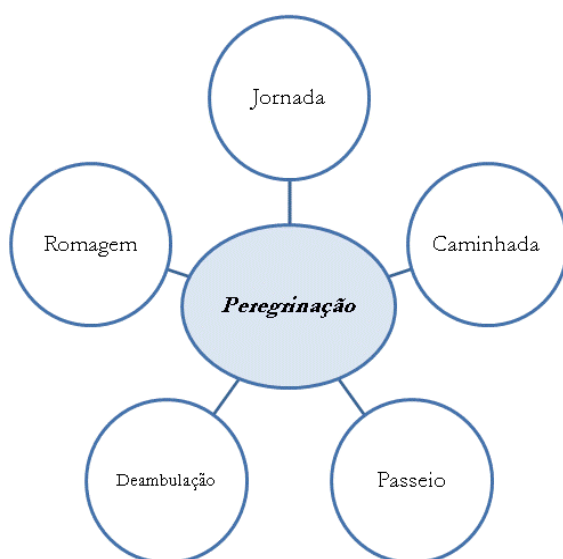
Leitura analítica e crítica do primeiro capítulo da obra de Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*.

Análise comparativa do capítulo 1 e da música de Fausto «Quando às vezes ponho diante dos olhos».

1

### Pré-leitura

1. Tendo em conta o título da obra, *Peregrinação*, explicita os sentidos que podemos atribuir ao vocábulo «peregrinação».



Do latim, *peregrinus* designava estrangeiro, o que anda pelo campo, pela terra.

A palavra *peregrinação* remete para a diegese da obra e para as aventuras do seu autor.

2

# 1

## DO QUE PASSEI EM MINHA MOCIDADE NESTE REINO ATÉ QUE ME EMBARQUEI PARA A ÍNDIA

### Capítulo 1 (ll. 1-35)

3

1. A primeira parte do capítulo 1 apresenta-se estruturada em duas unidades lógicas que correspondem a uma oposição simétrica. Divida o texto nas suas partes constituintes e indique em que se centra cada uma delas.

#### **Primeira parte** (até à linha 13)

- centra-se na ventura;
- relacionada com a mocidade;
- centrada num queixume em relação à sua sorte ou ao seu destino que redundou em infelicidade e frustração relativamente aos males passados.

#### **Segunda parte** (da linha 13 à linha 35)

- centrado em Deus;
- revela um momento de maturidade em que o sujeito é agora capaz de dar graças.

A segunda unidade lógica corresponde a uma oposição simétrica da primeira:

- expressões paralelas, mas contrárias
  - «acho que com muita razão me posso queixar», ll. 3-4;
  - «acho que não tenho tanta razão de me queixar», l. 16.

4

2. No primeiro capítulo, o narrador refere as suas provações, mas ainda assim apresenta uma visão otimista sobre a vida. Justifique a afirmação, relacionando-a com o que é referido sobre «a ventura» e sobre «Deus».

#### Ventura

- a primeira ação é queixar-se da vida, referindo as «misérias» (l. 8), os «sobressaltos» (l. 9) e os «perigos da vida» (ll. 9-10).
- queixa-se de três aspetos da sua vida:
  - ter nascido em Portugal («de me pôr na minha Pátria logo no começo da minha mocidade», ll. 6-7);
  - ter sido pobre («vivi sempre em misérias e em pobreza», l. 8);
  - ser obrigado a partir para a Índia e viver aí alguns perigos («não sem alguns sobressaltos e perigos da vida, me quis também levar às partes da Índia», ll. 9-11).

#### Deus

- rapidamente estas provações são aceites como positivas e o narrador apercebe-se que pode extrair do seu sofrimento uma aprendizagem.
- o *eu* adulto conclui que, apesar das suas dificuldades, teve sempre a ajuda de Deus («me quis Deus tirar sempre a salvo e pôr-me em segurança», ll. 14-15) e que, por isso, devia «dar graças por só este bem presente» (ll. 17-8).

5

3. No texto, são expostas as finalidades da escrita da obra. Identifique-as.

- O autor justifica a produção da obra,
  - por um lado, como eternização da memória dos seus trabalhos e perigos, dedicando a «rude e tosca escritura» aos seus filhos;
  - por outro lado, como motivação da ação e dos projetos de vida de todos os homens («tomem os homens motivo de não desanimarem com os trabalhos da vida para deixarem de fazer o que devem», ll. 29-31).
- Assim, a produção da sua obra, a sua autopromoção ou a da sua vida, servem, acima de tudo, como *exemplum*: a missão existencial do narrador é nunca desanimar e voltar a lutar; é isso que faz ao longo da sua peregrinação e é isso que quer transmitir ao seu leitor.

6

# 1

## DO QUE PASSEI EM MINHA MOCIDADE NESTE REINO ATÉ QUE ME EMBARQUEI PARA A ÍNDIA

### Capítulo 1

(ll. 35-89)

7

**4. Apresente os primeiros acontecimentos da «peregrinação» pessoal do narrador, mencionando de que forma podem preparar o leitor para os futuros capítulos.**

- As primeiras aventuras da «peregrinação» pessoal do narrador foram passadas em Portugal:
  - é levado por um tio, com dez ou doze anos, para trabalhar, em Lisboa, na casa de uma senhora, da qual acabou por fugir por razões que permanecem misteriosas;
  - embarcou para Setúbal, mas a caravela foi atacada em Sesimbra e os seus tripulantes capturados e açoitados diariamente;
  - a embarcação, onde agora estavam, foi tomada por uma nau de um mercador e ele lançado nu, na praia de Melides;
  - por terra, chegou a Setúbal, onde passou a servir dois fidalgos.
- Tendo em conta os acontecimentos que este narrador ensaia ainda na costa portuguesa, o leitor prepara-se para encontrar uma longa odisséia nos capítulos seguintes, pois parece que este primeiro embarque é uma antecipação do que será a vida futura.

8

**5. Identifique a figura de estilo presente na frase «E indo eu assim tão desatinado com o grande medo que levava, que não sabia por onde ia, como quem vira a morte diante dos olhos e a cada passo cuidava que a tinha comigo» (ll. 49-50) e explicita o seu valor expressivo.**

- Na frase transcrita, encontramos a personificação da morte, a sua animização: a morte é vista pelo narrador como se fosse uma personagem humana que, diante dele («vira a morte diante dos olhos»), o aterroriza.
- A intenção do narrador parece ser a de contrapor a fragilidade humana («desatinado», «não sabia por onde ia») aos grandes perigos da vida («o grande medo», «a morte»), mostrando, novamente, a necessidade de intervenção divina para salvamento. Na verdade, no final do capítulo, encontramos uma atitude de total entrega às mãos do Destino («já disposto a toda a ventura, ou má ou boa, que me sucedesse», ll. 60-1).

9

**6. Faça o levantamento dos principais dados da vida do narrador apresentados, de modo a comprovar a natureza autobiográfica do texto.**

- nasceu por volta de 1510 no seio de uma família pobre de Montemor-o-Velho;
- foi levado, por um tio, em 1521, para casa de uma nobre senhora de Lisboa, onde, cerca de um ano e meio depois, teve um «caso» misterioso, de que só diz que lhe «pôs a vida em tanto risco», que teve logo de fugir de casa;
- depois da fuga precipitada, foi de barco em direção a Setúbal, mas, atacado esse barco por corsários franceses, foi pela primeira vez prisioneiro, durante 13 dias;
- serviu noutra casa nobre de Setúbal, de onde também saiu, partindo a 11 de Março de 1537 de Lisboa, e desembarcando na Índia (Diu), a 5 de Setembro do mesmo ano;
- andou por vários lugares orientais – Índia, Malaca, Samatra, Java, China, Macau, Japão, etc. –, cumprindo diversas tarefas ou missões e passando por experiências muito diferenciadas e às vezes muito difíceis ou ousadas, tendo sido «treze vezes cativo e dezassete vendido»;
- regressou em Setembro de 1558 a Lisboa, que deixara 21 anos antes.

10



## 7. Sintetize as ideias principais do texto que acabou de ler.

- O primeiro capítulo de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, constitui um verdadeiro prólogo explicativo daquilo que foi e será a vida da personagem principal;
- o autor colocou «diante dos olhos» do leitor o que havia passado na sua «mocidade neste reino»: as peripécias das suas primeiras aventuras, ainda em Portugal;
- faz questão de reconhecer a importância de Deus para ultrapassar «os muitos e grandes trabalhos e infortúnios» por que passou e aproveita para se apresentar, através da sua obra, como um exemplo de persistência, incentivando os homens do seu tempo (e o seu leitor) a concretizar grandes projetos de vida;
- este primeiro capítulo serve também para recolher alguns dos seus principais dados biográficos.

### Palavras-chave:

- Prólogo explicativo;
- As primeiras aventuras;
- Importância de Deus;
- «trabalhos e infortúnios»  
•*Exemplum*
- Dados autobiográficos.

11

## Pós-leitura

**1. Oia o poema «Quando às vezes ponho diante dos olhos», da autoria de Fausto, que é a letra de um tema musical do álbum *Por este rio acima*, inspirado nas viagens de Fernão Mendes Pinto. Em simultâneo, assinale as passagens do texto que remetem diretamente para informações apresentadas no primeiro capítulo de *Peregrinação*.**

- **Fez uma viagem à Índia, partindo de Portugal, e passou por muitas dificuldades;**
  - «A lusitana viagem medonha que eu dobrei/Os tormentos passados e os fados que chorei»; «Fui treze vezes cativo dezassete vendido»; «trabalhos tremendos, os perigos que passei/O Inferno maldito Infinito que afrontei».
- **Teve muito medo;**
  - «Agonia»; «A alma inteira estremece»; «Um amargo de morte arrefece-me o corpo/Um grande medo».
- **Passou por vários lugares longínquos;**
  - «De Lisboa p'rá Índia/Da Tartária ao Sião/Da China à Etiópia/De Ormuz ao Japão/P'lo Cabo do Mundo».
- **Sente a necessidade de dar graças a Deus, pois reconhece a sua ajuda.**
  - «Vem à boca uma prece»; «A dar graças a Deus/Misericórdia infinita»; «Pois eu não me lamento/Se ao fim de tantos tormentos/Escapei deles com vida/O Senhor seja louvado».

12

### **Anexo 3 - Plano e materiais da segunda aula**

3.1. Plano da segunda aula

3.2. Guião de Leitura 2

3.3. Cenário de Resposta do Guião 2

3.4. Diapositivos da Apresentação em *PowerPoint*

### 3.1. Plano da segunda aula



Escola Secundária de Camões  
2016/2017

Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa

Professora orientadora: Doutora Margarida Braga Neves

Professora cooperante: Dr.<sup>a</sup> Cristina Duarte

10.º ano Turma K Data: 05 de janeiro de 2017



#### Plano de aula – Memória descritiva

##### O estudo de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto

###### Objetivos:

- Identificar ideias principais, justificando;
- Identificar a enumeração como estratégia de descrição;
- Reconhecer o exotismo do *Outro* e a intervenção do sobrenatural.
- Explicitar a estrutura interna do texto e estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas;
- Analisar o ponto de vista das diferentes personagens, relacionando-os com a crítica cultural indireta.

###### Conteúdos:

###### ☞ **Leitura analítica e crítica de um excerto de um capítulo da obra**

###### **(Trabalho de grupo orientado pela docente):**

- ☞ «Do mais que se passou neste caso até Pêro de Faria me mandar a este rei Bata, e do que vi no caminho» (Capítulo 14):
  - A sucessão de vários discursos;
  - A estratégia narrativa de captação do «real»: a enumeração;
  - A tentativa de fornecer ao leitor o máximo de informações;
  - Reflexão sobre a expressão popular «Fernão, mentes? Minto!».
- ☞ «Como estando nós surtos na ponta de Tilaumera, vieram por acaso ter connosco quatro lanteas de remo em que vinha uma noiva» (Capítulo 47):
  - O comportamento dos portugueses no séc. XVI perante outros povos;
  - A estruturação do capítulo: apontamentos narrativos e o encaixe de um novo episódio;
  - O discurso poético da carta.
- ☞ «Como nos partimos desta ilha dos ladrões para o porto de Liampó, e do que passámos até chegar a um rio a que chamavam Xingrau» (Capítulo 55):
  - Episódio satírico;
  - Caracterização das personagens: António de Faria e a criança;
  - Os argumentos da criança;
  - A função do episódio na globalidade da obra: a crítica cultural indireta.
- ☞ «Como António de Faria pelejou com o corsário Coja Acém e do que com ele lhe sucedeu» (Capítulo 59):
  - A construção da narrativa (do geral para o particular);

<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Marcas de violência no discurso do narrador e das personagens;</li> <li>▪ Manifestação da «estranheza» e do «exotismo» do <i>Outro</i>.</li> </ul> <p>☞ «Da grande tormenta que passámos, indo do Japão para a China, e como fomos livres dela por orações deste servo de Deus» (Capítulo 214):</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O retrato do Padre Francisco Xavier no mundo oriental;</li> <li>▪ A intervenção do sobrenatural: o milagre;</li> <li>▪ Procura de exatidão no registo das informações.</li> </ul>
<p><b>Avaliação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação direta, com registo das intervenções (assiduidade; pontualidade; comportamento; participação espontânea e solicitada; realização dos trabalhos de casa);</li> </ul>

Atividades	Recursos	Tempo
1. Entrada dos alunos e professoras na sala de aula.		5 minutos
2. Elaboração do sumário e explicação do objetivo da aula.	Projeção em <i>PowerPoint</i> . Caderno diário.	5 minutos
3. Correção das respostas dos alunos às linhas de leitura do Guião 1.	Guião 1. Projeção em <i>PowerPoint</i> .	45 minutos
4. Trabalho de grupo orientado pela docente - Leitura analítica e crítica de um excerto de um capítulo da obra: 4.1. Leitura silenciosa do excerto; 4.2. Síntese do excerto; 4.3. Resolução das linhas de leitura do Guião; 4.4. Esclarecimento de dúvidas; 4.5. Planificação da apresentação oral.	Guião 2.	30 minutos
5. Instruções sobre o trabalho de casa: 5.1. Visionamento orientado do documentário da RTP2 da série Grandes Livros: <i>Peregrinação</i> , de Fernão Mendes Pinto.	Guião 4.	5 minutos

### Sumário

Trabalho de grupo: leitura e análise de um excerto de um capítulo da obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.

### 3.2. Guião de Leitura 2



Escola Secundária de Camões  
2016/2017

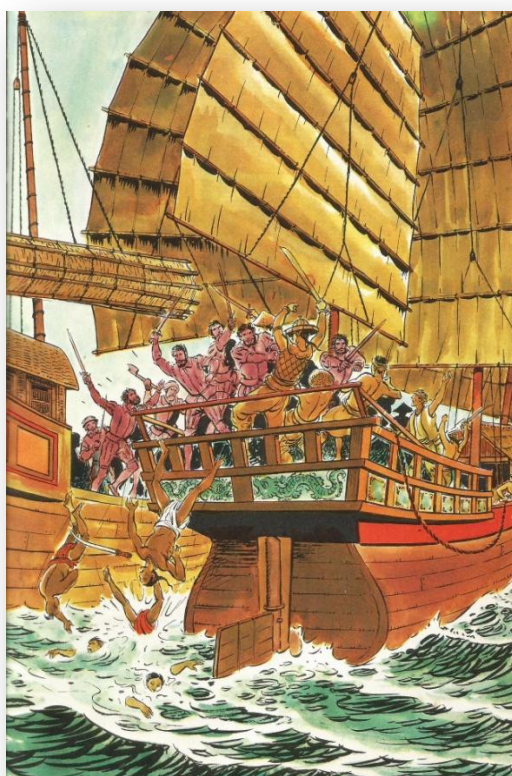
Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa  
10.º ano Turma: K Data: 05 de janeiro de 2017

Nome: \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_



## Guião 2

### *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto Trabalho de Grupo



A. do Carmo Reis, *Fernão Mendes Pinto*,  
Coleção História Júnior, Edições Asa; p.17

#### Com a realização deste trabalho, serei capaz de:

- Identificar ideias principais, justificando;
- Reconhecer a enumeração como estratégia de descrição;
- Explicitar a estrutura interna do texto e estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas;
- Reconhecer o exotismo do *Outro* e a intervenção do sobrenatural;
- Analisar o ponto de vista das diferentes personagens, relacionando-os com a crítica cultural indireta.

**Tempo:** 180 minutos.

**Modalidade de trabalho:** grupo.

## Trabalho de Grupo

Leia, com atenção, os títulos-síntese dos capítulos apresentados e selecione um para trabalhar em grupo.

O trabalho de grupo deve seguir os seguintes passos:

1. Antes de iniciar a leitura:	2. Durante a leitura:	3. Depois da leitura:
<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Ativar o conhecimento anterior sobre este tema:<ul style="list-style-type: none"><li>▪ O que já sei sobre o texto?</li></ul></li><li>✓ Antecipar conteúdos com base no título:<ul style="list-style-type: none"><li>▪ O que é que o título me faz lembrar? Que informações posso retirar do título?</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Fazer uma leitura seletiva:<ul style="list-style-type: none"><li>▪ O que tenho de ler com mais atenção?</li><li>▪ O que tenho de reler?</li></ul></li><li>✓ Sintetizar à medida que se avança na leitura:<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Qual a informação mais importante deste parágrafo?</li><li>▪ Como posso sintetizar a informação mais importante em poucas palavras?</li></ul></li><li>✓ Decifrar o significado de palavras desconhecidas:<ul style="list-style-type: none"><li>▪ O que a palavra me faz lembrar? (associação de ideias);</li><li>▪ Que pistas me dá o contexto em que a palavra está inserida?</li><li>▪ Como posso procurar o significado da palavra no dicionário?</li></ul></li><li>✓ Parafrasear partes do texto:<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Como posso dizer o mesmo que o autor, usando outras palavras?</li></ul></li><li>✓ Sublinhar e tomar notas:<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Que informações devo destacar (sublinhando ou colocando notas ao lado do texto) para mais facilmente me lembrar ou localizar mais tarde?</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Formular questões sobre o texto lido e tentar responder:<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Quais são as ideias mais importantes do texto?</li><li>▪ Qual é o assunto tratado no capítulo?</li><li>▪ Qual a ordem das ideias expostas?</li><li>▪ Sei distinguir entre as informações principais das secundárias?</li><li>▪ Consigo fazer a síntese do texto?</li></ul></li><li>✓ Discutir com os colegas:<ul style="list-style-type: none"><li>▪ O que acho importante perguntar ou dizer aos meus colegas sobre o texto?</li></ul></li><li>✓ Reler:<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Que partes do texto devo voltar a ler para perceber melhor ou porquê são importantes?</li></ul></li></ul>

Cada grupo deverá apresentar oralmente um dos excertos, expondo:

- ✎ uma visão geral do texto;
- ✎ as respostas às linhas de leitura fornecidas.

A apresentação deve ser acompanhada de uma sistematização, no quadro. Cada grupo dispõe de, no máximo, 10 minutos para a sua exposição oral.

## DO MAIS QUE SE PASSOU NESTE CASO ATÉ PÊRO DE FARIA ME MANDAR A ESTE REI BATA, E DO QUE VI NO CAMINHO

(manual, pp.334-335)

### **Linhas de Leitura:**

1. Podemos dividir o capítulo em duas partes que correspondem, respetivamente, a um momento narrativo e a um momento descritivo. Mostre como se sucedem estes discursos no texto, sintetizando cada um deles.
2. Observe como a parte descritiva do texto está construída de forma simétrica. Explique como está construído o texto, destacando a estratégia narrativa de descrição utilizada pelo narrador.
3. A preocupação do narrador é fornecer ao leitor o máximo de informações. Justifique esta afirmação, referindo informações de carácter geográfico e científico.
4. Explique a seguinte afirmação do autor: «é muito para reear contá-lo, pelo menos a gente que viu pouco do mundo: porque esta, como viu pouco, também costuma dar pouco crédito ao muito que os outros viram» (ll. 54-6). Relacione-a com a origem da expressão popular «Fernão, mentes? Minto!».

### **✎ Escrita criativa**

Imagine que é Fernão Mendes Pinto e que, na sua viagem, viu ainda mais coisas. Tentando imitar o estilo do autor, escreva mais um parágrafo, onde descreva esses novos elementos.



José Ruy, *Fernão Mendes Pinto e a sua Peregrinação*, Âncora Editora, 2015; p.17.

### **Construa o seu Glossário**

- |   |   |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> </ul> |
|---|---|

**COMO ESTANDO NÓS SURTOS NA PONTA DE TILAUMERA, VIERAM POR  
ACASO TER CONNOSCO QUATRO LANTEAS DE REMO EM QUE VINHA UMA  
NOIVA**

(manual, pp.341-343)

**Linhas de Leitura:**

1. Observe a estruturação do capítulo: um novo episódio é introduzido. Apresente-o, referindo as personagens e os acontecimentos.
2. O episódio narrado neste capítulo documenta uma faceta do comportamento dos portugueses, no século XVI, perante os outros povos. Justifique esta afirmação.
3. Leia, com atenção, a carta enviada pela noiva (ll. 78-91). Sintetize o seu conteúdo.
4. Explicite de que forma o discurso poético está presente na carta da noiva, referindo três figuras de estilo utilizadas e justificando o seu valor expressivo.

**✍ Escrita criativa**

Imagine que, de facto, o noivo estava na outra embarcação. Coloque-se no seu papel e escreva uma possível carta de resposta.

**Construa o seu Glossário**

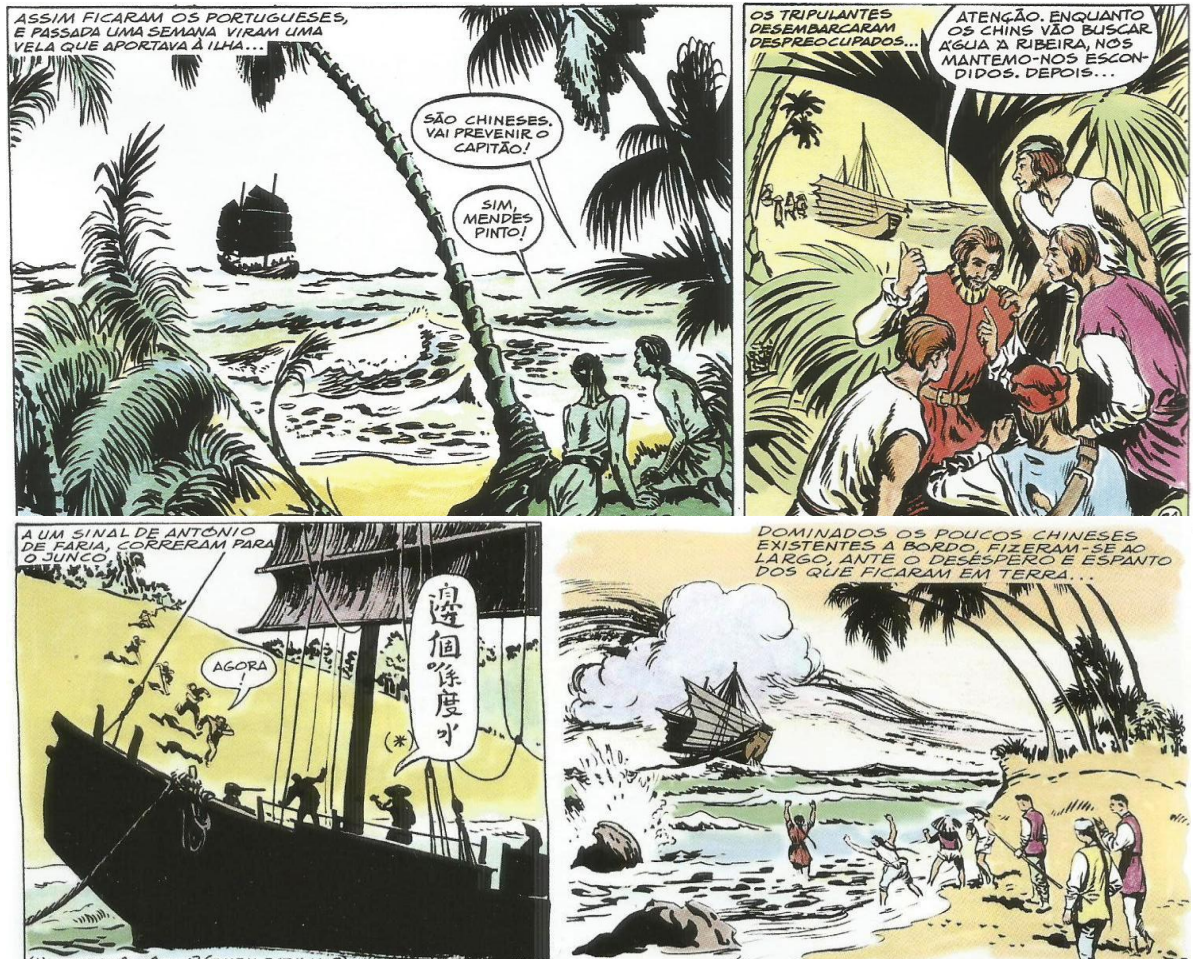
•  
•  
•  
•  
•

•  
•  
•  
•  
•



**COMO NOS PARTIMOS DESTA ILHA DOS LADRÕES PARA O PORTO DE LIAMPÓ, E DO QUE PASSÁMOS ATÉ CHEGAR A UM RIO A QUE CHAMAVAM XINGRAU**

(manual, pp.349-351)



José Ruy, *Fernão Mendes Pinto e a sua Peregrinação*, Âncora Editora, 2015; pp.28-9.

**Linhas de Leitura:**

1. Caracterize as personagens deste excerto: António de Faria e a criança.
2. Analise o diálogo entre as duas personagens, sintetizando o conteúdo da intervenção de cada uma.
  - a. Relacione a expressão «sorriso a modo de escárnio» (l. 112) com o conteúdo das palavras do menino.
  - b. Destaque a coerência dos argumentos da criança.
3. Tendo em conta o que respondeu na questão 1 e 2, explicito o paradoxo presente no texto.
4. Explique a funcionalidade deste episódio na globalidade da obra.

✍ **Escrita criativa**

A partir do final deste capítulo, esta criança nunca mais aparece na obra de Fernão Mendes Pinto. Pondere a possibilidade de António de Faria não ignorar as palavras do menino e escreva outro final para este episódio.

**Construa o seu Glossário**

- 
- 
- 
- 
- 

- 
- 
- 
- 
-

## COMO ANTÓNIO DE FARIA PELEJOU COM O CORSÁRIO COJA ACÉM E DO QUE COM ELE LHE SUCEDEU

Velejando nós pelo rio acima com vento e maré que Nosso Senhor então nos deu, em menos de uma hora chegámos onde os inimigos estavam, que até este tempo nos não tinham ainda sentido; mas como eles eram ladrões e se temiam da gente da terra, pelos males e roubos que ali cada dia lhe faziam, estavam tão aparelhados e tinham tão boa vigia que em

5

nos vendo tocaram um sino muito apressadamente, ao som do qual foi tamanho o rumor e revolta de gente, tanto da que estava em terra como da que estava embarcada, que não havia quem se ouvisse com eles o que vendo António de Faria, bradou logo, dizendo:

– Eia, senhores e irmãos meus, a eles, com o nome de Cristo, antes que as suas lorchas<sup>1</sup> lhes acudam! Santiago!

10

E disparando toda a artilharia, prouve a Nosso Senhor que se empregou tão bem que dos mais esforçados que já neste tempo estavam em cima do chapitéu<sup>2</sup>, veio logo abaixo a maior parte, feitos em pedaços, o que foi um bom prognóstico do nosso desejo.

Após isto, os nossos atiradores, que seriam cento e sessenta, pondo fogo a toda a arcabuzaria, conforme o sinal que lhes fora feito, os conveses de ambos os juncos ficaram

15

tão vazios da multidão que antes neles se via, que já nenhum dos inimigos ousava aparecer. Os nossos dois juncos, abalroando então os dois inimigos assim como estavam, a briga se travou entre todos, de maneira que realmente confesso que não me atrevo a particularizar o que nela se passou, ainda que me achasse presente, porque (...) a revolta dos inimigos e nossa era tamanha, juntamente com o estrondo dos tambores, bacias e sinos, e com as gritas

20

e brados de uns e dos outros, acompanhados de muitos pelouros de artilharia e de arcabuzaria, e na terra o retumbar dos ecos pelas concavidades dos vales e outeiros, que as carnes tremiam de medo (...).

Vendo então os capitães das nossas duas lorchas (...) o tempo disposto para efectuarem o desejo que traziam, e a inveja honrosa de que ambos se picavam, arremeteram

25

juntamente a elas, e lançando-lhes muita soma de panelas de pólvora, se ateou o fogo em ambas, de maneira que assim juntas como estavam arderam até lume da água, com o que a maior parte da gente se lançou ao mar, e os nossos acabaram ali de matar a todos às zargunchadas, sem um só ficar vivo; e somente nestas três lorchas morreram passante duzentas pessoas; e a outra que levava o capitão morto, tão-pouco pôde escapar (...).

30

O perro do Coja Acém que até este tempo não era ainda conhecido, acudiu com muita pressa ao desmancho que via nos seus, armado com uma coura de lâminas de cetim carmesim franjada de ouro, que fora de portugueses, e bradando alto para que todos o ouvissem, disse por três vezes:

– Lah hulah hilah lah muhamd roçol lahal, ó massoleimões e homens justos da santa lei de Mafamede, como vos deixais vencer assim por uma gente tão fraca como são estes cães, sem mais ânimo que de galinhas brancas e de mulheres barbadas? A eles, a eles, que certa temos a promessa do livro das flores, em que o profeta Nobi abastou de deleites os daroeses<sup>3</sup> da casa de Meca. Assim fará hoje a vós e a mim, se nos banharmos no sangue destes cafres sem lei!

35

Com as quais malditas palavras o Diabo os esforçou de maneira que fazendo-se todos num copo, amoucos<sup>4</sup>, tornaram a voltar tão esforçadamente que era espanto ver como se metiam nas nossas espadas.

40

António de Faria então bradando também aos seus, lhes disse:

– Ah, cristãos e senhores meus, se estes se esforçam na maldita seita do Diabo, 45  
esforcemo-nos em Cristo Nosso Senhor posta na Cruz por nós, que nos não há-de  
desamparar, por mais pecadores que sejamos, por que enfim somos seus, o que estes perros  
não são.

E arremetendo com este fervor e zelo da fé, ao Coja Acém, como quem lhe tinha boa  
vontade, lhe deu ambas as mãos com uma espada que trazia, uma tão grande cutilada pela  
50 cabeça, que cortando-lhe um barrete de malha que trazia, o derrubou logo no chão, e  
tornando-lhe com outro revés lhe decepou ambas as pernas, de que não pôde mais levantar, o  
qual sendo visto pelos seus, deram uma grande grita e arremetendo a António de Faria se  
igualaram com ele uns cinco ou seis com tanto ânimo e ousadia que nenhuma conta fizeram  
de trinta portugueses de que ele estava rodeado, e lhe deram duas cutiladas, com que o  
55 tiveram quase no chão, o que vendo os nossos, acudiram logo com muita pressa, e  
esforçando-os ali Nosso Senhor, o fizeram de maneira que em pouco mais de dois credos  
foram mortos, dois inimigos ali sobre o Coja Acém, quarenta e oito, e dos nossos catorze  
somente, de que só cinco foram portugueses, e os mais moços escravos muito bons cristãos e  
muito leais. Já neste tempo os que ficavam começaram a enfraquecer, e se foram retirando  
60 desordenadamente para os chapitéus da proa, com a tenção de se fazerem aí fortes a que  
vinte soldados dos trinta que estavam no junco de Quiay Panjão, acudiram com muita pressa,  
e tomando-o do rosto antes que se assenhoreassem do que pretendiam os apertaram de  
maneira que os fizeram lançar todos ao mar, com tamanho desatino que uns caíam por cima  
dos outros. Animados então os nossos com o nome de Cristo Nossos Senhor, por quem  
65 chamavam continuamente, e com a vitória que já conheciam, e com a muita honra que  
tinham ganho, os acabaram ali de matar e consumir a todos, sem ficarem deles mais que só  
cinco que tomaram vivos, os quais, depois de presos e atados de pés e mãos, e lançados em  
baixo na bomba para com tratos se lhes fazerem algumas perguntas, se degolaram às  
dentadas uns aos outros, com receio da morte que se lhes podia dar. E estes também foram  
70 feitos em quartos pelos nossos moços e lançados ao mar, em companhia do perro Coja  
Acém, seu capitão e caciz-mor<sup>5</sup> de el-rei de Bintão, e derramador e bebedor do sangue  
português, como se ele intitulava nos começos das suas cartas, e publicamente pregava a  
todos os mouros, por causa do que, e pelas superstições da sua maldita seita, era deles muito  
venerado.

PINTO, Fernão Mendes, 2001. *Peregrinação* (ed. de Maria Alberta Menéres). Lisboa: Relógio  
D'Água.

### Glossário

<sup>1</sup> **lorchas:** embarcação  
pequena, da China.

<sup>2</sup> **chapitéu:** a parte  
mais elevada da  
popa.

<sup>3</sup> **daroeses:** sacerdotes.

<sup>4</sup> **amoucos:** homem  
que, sob o juramento  
de vencer ou morrer,  
se lança contra o  
inimigo.

<sup>5</sup> **caciz:** sacerdote  
entre os mouros.

### Construa o seu Glossário

- 
- 
- 
- 
- 
-



### Linhas de Leitura:

1. Explícite a construção da narrativa deste capítulo.
2. Este capítulo é atravessado por marcas de violência, tanto no discurso do narrador como no das personagens. Refira-as.
3. Distinga corsário de pirata.
4. Indique a verdadeira intenção de António de Faria em lutar com o corsário Coja Acém.
5. Explícite porque se considera que o herói de *Peregrinação* é um pícaro, isto é, um anti-herói. Atente na sua filosofia de vida e na expressão «pobre de mim», utilizada como autocaracterização desde o primeiro capítulo da obra.
6. Explique como a introdução de uma língua oriental é pertinente para a manifestação da estranheza, do exotismo do Outro.

### ✎ Escrita criativa

Imagine que é um jornalista do século XVI e prepare uma entrevista a António de Faria sobre o confronto com o corsário Coja Acém e o seu sucesso.



José Ruy, Fernão Mendes Pinto e a sua *Peregrinação*, Âncora Editora, 2015; p.33.

**DA GRANDE TORMENTA QUE PASSÁMOS, INDO DO JAPÃO PARA A CHINA,  
E COMO FOMOS LIVRES DELA POR ORAÇÕES DESTE SERVO DE DEUS**

Ao outro dia pela manhã, depois que o nosso santo padre com todos os portugueses se despediu de el-rei (...), nos fomos a embarcar e nos partimos desta cidade Fuchéu, velejámos por nossa rota à vista de terra até uma ilha de el-rei de Minacó, (...) e (...) continuámos nosso caminho por espaço de sete dias, no fim dos quais o tempo (...) nos saltou ao sul, e ameaçando-nos com chuviros e mostras de inverno, veio em tamanho crescimento que nos foi forçoso arribar (...) por mar incógnito e nunca navegado por nação nenhuma, sem sabermos por onde íamos, entregues de todo ao arbítrio da fortuna e do tempo, com uma tão brava e tão excessiva tormenta, qual os homens nunca imaginaram, que nos durou cinco dias. (...)

No segundo dia desta tormenta, já sobre a tarde, foi crescendo o mar de escarcéu com vagas tão altas que o ímpeto da nau as não podia romper, pelo que se assentou, por parecer dos oficiais, que as obras do chapitêu e dos castelos de avante se arrasassem até ao andar do convés, para que assim pudesse a nau ficar mais afrontada, e obedecer aos lanços do leme.

Feito isto com toda a presteza possível (...), se entendeu logo em se segurar o batel, o qual com assaz de trabalho foi atracado a bordo, e lhe guarneceram logo um cabo de duas amarras de cairo novo. E porque já quando esta obra se acabou, a cerração da noite era muito grande, não foi possível recolher-se à nau a gente que estava nele, pelo que foi forçoso ficarem aquela noite lá todos, que foram quinze, de que cinco eram portugueses, e os outros escravos e marinheiros.

Em todos estes trabalhos e infortúnios nos acompanhou sempre este bem-aventurado padre, tanto de noite como de dia, (...) animando e consolando a todos, de maneira que depois de Deus, ele só era o capitão que nos esforçava e nos dava alento para de todos nos não rendermos ao trabalho e nos entregarmos todo à ventura, como alguns quizeram fazer algumas vezes, se ele não fosse.

Sendo já quase meia-noite, os quinze que iam no batel deram uma grande grita de «Senhor Deus misericórdia», e acudindo toda a gente na nau a saber o que aquilo era, viram ao horizonte do mar o batel ir atravessando, porque se lhe quebraram os bragueiros<sup>1</sup> ambos com que estava amarrado. O capitão, com a dor daquele desastre, sem consideração alguma nem atentar no que fazia, mandou arribar a nau pela esteira do batel, parecendo-lhe que o poderia salvar, mas (...) ela (...) ficou atravessada entre duas vagas, onde a encapelou uma grande serra por cima da popa, e lhe lançou no convés tamanho peso de água, que de todo a teve soçobrada, a que a gente com uma grande grita que rompia o ar, chamou com muita instância por Nossa Senhora que lhe valesse.

A isto acudiu o padre muito depressa, (...) e vendo a nau da maneira que estava, e nós pelas amuradas uns sobre os outros, (...) levantando as mãos ao céu, disse alto:

– Ó Jesus Cristo, amores de mi anima, vale-nos, Senhor, pelas cinco chagas que por nós padeceste na árvore da vera Cruz!

E logo naquele breve instante milagrosamente a nau tornou a surdir<sup>2</sup> sobre a vaga do mar (...) e o batel desapareceu de todo pela esteira da nau, de que todos ficaram chorando e rezando pelas almas dos que iam nele.

(...) Quando foi manhã clara, em todo o mar quanto alcançava a vista da gávea, não aparecia coisa nenhuma mais que somente o escarcéu da tormenta que rebentava em flor. E sendo passado pouco mais de meia-hora de dia, o padre que então estava recolhido (...), veio

ao chapitéu onde estavam o mestre e o piloto com mais seis ou sete portugueses, e depois de dar a todos os bons-dias com semblante alegre e quieto, perguntou se aparecia o batel, e lhe foi respondido que não (...).

E chamando-me então para o chapitéu onde ele estava, e ao parecer de todos bem triste, me disse se lhe queria mandar aquecer uma pouca de água para beber, porque trazia o estômago muito desconsolado, a que eu por meus pecados não satisfiz, por não haver fogão na nau, porque se tinha lançado ao mar no dia antes, quando se alijou o convés no princípio da tormenta. E queixando-se-me ele então que andava muito esvaído da cabeça, e com vagados que lhe acudiam de quando em quando, lhe respondi eu:

– Não é de mais andar vossa reverência dessa maneira, pois há três noites que não dorme, e quiçá que nem comeria bocado, porque assim me disse um moço de Duarte da Gama.

(...) Eu então, porque vi o padre bocejar muitas vezes, lhe disse:

– Vá-se vossa reverência encostar um pouco ali naquele meu camarote, e quiçá que repousará – o que ele aceitou, dizendo que fosse pelo amor de Deus, e que me pedia muito que mandasse ao meu china que lhe fechasse a porta, e se não fosse dali, para que quando o chamasse lha abrisse. E (...) recolhido no camarote estive nele todo o dia até quase o sol-posto. E acertando eu neste comenos de chamar o china que estava à porta, da banda de fora, para que me desse um púcaro de água, lhe perguntei se dormia ainda o padre, e ele me respondeu:

– Nunca dormiu, mas está de joelhos chorando de braços sobre o catre.

(...) Desta maneira estive o padre recolhido na sua oração até quase sol-posto, e então se saiu do camarote e se foi acima do chapitéu (...) e (...) perguntou ao piloto se aparecia o batel, e ele lhe respondeu que por razão natural era impossível deixar de estar perdido, com mares tão grossos como aqueles, e que pressuposto que Deus milagrosamente o quisesse salvar, nos ficava já a mais de cinquenta léguas. A que o padre lhe tornou:

– Assim parece naturalmente, mas folgaria eu, piloto, já que se nisso não perde nada, que por amor de Deus quisésseis ir à gávea, ou mandar lá algum marinheiro que de lá de cima vigie todo o mar, para que ao menos nos não fique isto por fazer.

E o piloto lhe disse que ele iria lá de boa vontade. E subindo acima, e o mestre com ele, mais para satisfazerem o desejo que viam no padre, quer por lhes parecer que podiam ver alguma coisa, como parecia que estava em razão, se detiveram lá um grande espaço, e enfim afirmaram que em todo o mar não viam coisa nenhuma, de que o padre, ao parecer de todos, ficou assaz triste. E encostando a cabeça no prepau<sup>3</sup> do chapitéu, estive assim com aquela tristeza um pouco impando como que a querer chorar, e já por derradeiro, abrindo a boca tomando fôlego, como quem desabafava daquela tristeza que tinha, e levantando as mãos ao céu, disse com lágrimas:

– Jesus Cristo, meu verdadeiro Deus e Senhor, peço-te pelas dores da tua sacratíssima morte e paixão, que hajas misericórdia de nós, e nos salves as almas dos fiéis que vão naquele batel.

E tornando com isto a reclinar a cabeça sobre o prepau a que estava encostado, se deixou assim estar como que a dormir, cerca de dois a três credos, quando um menino que estava sentado na enxárcia, começou a gritar dizendo: «Milagre, milagre, que eis o nosso batel.»

A esta voz arremeteu toda a gente assim como estava, à parte de bombordo onde o menino gritava, e viu vir o batel afastado da nau cerca de um tiro de espingarda pouco mais ao menos, e espantados todos de tão novo e desacostumado caso, choravam uns com os



outros como crianças, de maneira que não havia quem se pudesse ouvir em toda a nau, com os urros da gente.

Todos arremeteram então ao padre para se lhe lançarem aos pés, porém ele o não consentiu, e se recolheu para a câmara do capitão e se fechou por dentro para que ninguém lhe falasse.

Os companheiros que vinham no batel foram logo recolhidos dentro da nau, com aquele gosto e alvoroço que todos podem entender, e por isso então deixo agora de contar aqui as particularidades deste recebimento, porque são elas mais para se cuidarem que para se escreverem.

Passando assim aquele pequeno espaço em que a noite se cerrou de todo, que podia ser de pouco mais de meia hora. Mandou o padre por um menino chamar o piloto e lhe disse que louvasse a Deus Nosso Senhor, de quem eram aquelas obras, e mandasse fazer logo a nau prestes porque aquele contraste não duraria muito. E satisfazendo-se com toda a presteza possível, e com muita devoção, ao que o padre mandara, prouve a Nosso Senhor que logo de improviso, antes que a verga grande estivesse em cima e as velas fossem mareadas, a tormenta acalmou de todo e nos assaltou o vento norte, com o qual por monção tendente seguimos nossa viagem com bem de alegria e contentamento de todos; e este milagre que contei, aconteceu a dezassete de Dezembro de 1551.

### **Linhas de Leitura:**

1. Explique como o maravilhoso está presente no texto.
2. Indique a terminologia relativa à náutica e ao registo do código temporal, mencionando a sua importância para a narrativa.
3. Demonstre o esforço conjunto de toda a tripulação para salvar os companheiros. Justifique com expressões do texto.

### **✂ Escrita criativa**

Imagine que é um dos cinco portugueses do batel desaparecido e descreva a angústia vivida pelos seus companheiros na noite em que este andava à deriva pelo mar.

#### **Glossário**

- <sup>1</sup>**bragueiros:** cabo ou corda de amarrar.  
<sup>2</sup>**surdir:** seguir.  
<sup>3</sup>**prepau:** pau junto do mastro que atravessa as escoteiras da gávea.

#### **Construa o seu Glossário**

- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
-



### **3.3. Cenário de Resposta do Guião 2**

#### **Guião 2**

*Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto

**Trabalho de Grupo**

**Cenário de resposta**

#### **Capítulo 14:**

##### **Linhas de Leitura:**

**1. Podemos dividir o capítulo em duas partes que correspondem, respetivamente, a um momento narrativo e a um momento descritivo. Mostre como se sucedem estes discursos no texto, sintetizando cada um deles.**

O capítulo, até à linha 52, apresenta um discurso narrativo, no qual o narrador apresenta os sucessivos acontecimentos: preparação de uma embarcação para seguir em direção à Índia; convite de Pêro de Faria a Fernão Mendes Pinto para o acompanhar na viagem e a sua aceitação; o embarque e a navegação (referências temporais e espaciais).

A partir da linha 53, inicia-se um discurso descritivo, no qual se apresenta aquilo que o narrador e os seus companheiros viram, nomeadamente os animais desconhecidos que são apresentados, maioritariamente, por comparação com algum elemento conhecido («vendo», l. 53; «vimos», ll. 62, 68, 71 e 73).

**2. Observe como a parte descritiva do texto está construída de forma simétrica. Explícite como está construído o texto, destacando a estratégia narrativa de descrição utilizada pelo narrador.**

A parte descritiva do texto (da linha 53 até ao final do excerto) está construída de forma simétrica, na medida em que a introdução de um elemento novo é sempre exposto da mesma forma: através da forma verbal «ver» («vendo», l. 53; «vimos aqui também», ll. 62-3 e 73; «vimos também aqui», l. 68; «vimos» 71). Com efeito, a enumeração daquilo que é visto é uma estratégia que o narrador utiliza para captação do real.

**3. A preocupação do narrador é fornecer ao leitor o máximo de informações. Justifique esta afirmação, referindo informações de carácter variado (geográfico e científico).**

Ao longo do texto, o narrador fornece informações de índole diversa. A nível geográfico, podemos observar a anotação pormenorizada dos lugares («Malaca»; «ao porto de Surotilau, que fica na costa do reino de Aaru»; «ilha de Samatra»; «Mediterrâneo»; «rio a que chamavam Hicanduré»; «pequeno rio de sete braços de fundo, a que chamavam Guateamguim», ll. 30-52). Finalmente, em relação às informações de carácter científico, encontramos a descrição dos animais (que vai até ao pormenor do «tamanho» e «comprimento», das características do corpo «nas costas», «lombo», «asas», «pescoço», «testa», «rabo», ll. 65-8).

**4. Explique a seguinte afirmação do autor: «é muito para recear contá-lo, pelo menos a gente que viu pouco do mundo: porque esta, como viu pouco, também costuma dar pouco crédito ao muito que os outros viram» (ll. 54-6). Relacione-a com a origem da expressão popular «Fernão, mentes? Minto!».**

A expressão é associada a Fernão Mendes Pinto por a sua narrativa ter causado grande escândalo com a descrição de inúmeras realidades novas e diferentes das existentes na Europa da época. Quem conhecia pouco do mundo, dava «pouco crédito» e pouca validade às palavras do autor, acusando-o de mentir.

### **Capítulo 47:**

**Linhas de Leitura:**

**1. Observe a estruturação do capítulo: um novo episódio é introduzido. Apresente este novo episódio, referindo as personagens e os acontecimentos.**

No relato da viagem é introduzido um novo episódio: o rapto da noiva. Neste participam António de Faria e os seus companheiros, a noiva, o seu tio e os restantes convidados do casamento. António de Faria, apercebendo-se da existência de uma nova embarcação que se aproximava, utiliza a tática de dissimulação, mandando esconder todos os portugueses, a fim de não permitir o reconhecimento da sua identidade, evitando, assim, a fuga dos demandantes. Os portugueses, aquando da aproximação do tio da noiva para entregar uma carta desta ao noivo (que pensa estar naquela embarcação), tomam as lanteas dos festejos e, além de matarem grande parte dos convidados, impedem o casamento.

**2. O episódio narrado neste capítulo documenta uma faceta do comportamento dos portugueses, no século XVI, perante os outros povos. Justifique esta afirmação.**

Neste episódio, mais conhecido como o da noiva, relata-se o rapto de uma noiva chinesa, que serve para ilustrar, em primeiro lugar, os equívocos possíveis no convívio e no diálogo entre culturas diferentes que nem sempre são compreensíveis entre si, nomeadamente devido à linguagem verbal diferente. Contudo, depois dos portugueses perceberem o que se passava, aproveitaram-se oportunamente da situação: um primeiro equívoco mútuo – para os portugueses, os chineses seriam espias da armada que ficava atrás; para estes, aqueles faziam parte da comitiva do noivo – gerou confusão interpretativa, porém tal equívoco mantém-se propositadamente, por oportunismo, durante mais tempo.

Note-se, ainda, que, apesar da vulnerabilidade apresentada, em razão de estado de embriaguez, os portugueses insistem na agressão física, sem motivo plausível, levada a altos graus de malvadez. E não satisfeitos com a vitória sobre os desarmados civis, os impacientes e imoderados ocidentais procedem à perseguição de outras embarcações.

Os portugueses mostram-se alheios aos incómodos causados, numa inconsciência confrangedora, num gesto de cínica indiferença, que é indiretamente.

**3. Leia, com atenção, a carta enviada pela noiva (ll. 78-91). Sintetize o seu conteúdo.**

A noiva, «de fraca e mulheril natureza», começa por pedir licença para se dirigir ao noivo da sua vida, sem tal gesto manchar a sua honestidade («sem isso ser nódoa no meu honesto viver»). Se isso fosse possível, iria, muito rapidamente («assim voaria meu corpo»), como a ave açor, ter com o seu noivo. Neste momento, percebemos uma recriminação irónica à demora do interlocutor («beijar esses teus vagarosos pés»). A noiva refere que já saiu de casa e foi até aquele local ter com ele e, então, pede-lhe que vá ter com ela antes que ela morra («com me não veres na escuridão desta noite, não sei se na brancura da manhã me poderás enxergar entre os vivos»). Utiliza, ainda, o argumento do sofrimento que a deixa sem palavras («o meu coração em si cala, tanto porque já não tenho boca para falar») e o da orfandade («minha alma me não sofre estar órfã da tua vista quanto a tua estéril condição o

consente») para persuadir o interlocutor a se apressar ou a deixá-la aproximar-se dele. A alusão ao amor («não me negues este amor pelo que sempre te tive») surge ligada à aliança entre famílias, expressa na abundância de bens patrimoniais («para que Deus por sua justiça, em castigo de tal ingratidão, te não tire o muito que herdaste de teus antigos parentes»). Finalmente, refere-se a indissolúvel união e posse matrimoniais («agora por matrimónio me hás-de senhorear até à morte»), que constitui a essência do rito que se deseja celebrar. Saliente-se que é preciso ter em consideração que o casamento chinês, tradicionalmente organizado pelas famílias, é muito mais uma questão de honra e subsistência familiares do que uma motivação amorosa: o asiático não casa por amor; casa para ter um filho, um descendente, um herdeiro, que perpetue o nome da família, à qual então se presta culto no altar dos mortos.

**4. Explícite de que forma o discurso poético está presente na carta da noiva, referindo três figuras de estilo utilizadas e justificando o seu valor expressivo.**

A carta da noiva apresenta um interessante discurso poético a partir da expressão de sentimentos, sobretudo através das comparações («crê que assim voaria meu corpo a ir beijar esses teus vagarosos pés, como o esfaimado açor no primeiro ímpeto de sua soltura», ll. 79-80), das metáforas («sem isso ser nódoa no meu honesto viver», l. 79) e das antíteses («mas com me não veres na escuridão desta noite, não sei se na brancura da manhã me poderás enxergar entre os vivos», ll. 83-4). Na verdade, tal carta visa mostrar ao noivo «o muito que parece que lhe queria» (ll. 75-6), apresentar a autocaracterização feminina («fraca e mulheril natureza», l. 78), bem como a necessidade de pedir licença para se dirigir ao noivo da sua vida, sem tal gesto manchar a sua honestidade («sem isso ser nódoa no meu honesto viver», l. 79). Encontramos, ainda, a imagem alada do corpo («assim voaria meu corpo», l. 79) e uma recriminação irónica à demora do interlocutor («beijar esses teus vagarosos pés», ll. 79-80).

## **Capítulo 55:**

### **Linhas de Leitura:**

#### **1. Caracterize as personagens deste excerto: António de Faria e a criança.**

A criança é caracterizada como tendo não mais de treze anos, «muito alvo e bem assombrado» (l. 102) e impertinente ao ponto de lhe ser chamada a atenção. Sendo criança, esperar-se-ia que fosse ignorante, inexperiente, imatura, cândida e inocente.

António de Faria, o adulto, é apresentado como ladrão («tomardes-lhes vós outros em menos de uma hora o que ele ganhou em mais de trinta anos», ll. 104-5) e finge ser carinhoso e atencioso com a criança («lhe disse que não chorasse e o afagou quanto pôde, prometendo-lhe que o trataria como filho», ll. 110-11), mostrando um falso paternalismo.

#### **2. Analise o diálogo entre as duas personagens, sintetizando o conteúdo da intervenção de cada uma.**

António de Faria, depois de ter roubado a embarcação e a criança ao seu pai, mostra-se com boas intenções, prometendo, doravante, cuidar do menino como filho.

Contudo, o menino recusa-se a acreditar nas boas intenções de António de Faria e, depois de repreendido pela manifestação da sua descrença em tais propósitos, empreende uma crítica à prática dos que se dizem cristãos.

##### **2.1. Relacione a expressão «sorriso a modo de escárnio» (l. 112) com o conteúdo das palavras do menino.**

A criança adota uma atitude de menosprezo, que o seu sorriso denuncia («sorriso a modo de escárnio», l. 112), e critica a hipocrisia do capitão, perante a sua sugestão de proteção.

##### **2.2. Destaque a coerência dos argumentos da criança.**

Consciência e maturidade são qualidades bem evidentes no discurso da criança que representa a voz repreensiva da consciência moral que fala a Mendes Pinto no próprio momento dos malefícios. Este menino dá uma lição pedagógica inesperada, sobretudo por ser dada por uma criança chinesa, aparentemente ignorante e inexperiente. A esta estratégia de colocar a sátira impiedosa na boca simples de uma criança, Eduardo Lourenço chamou «crítica cultural indireta» (estratégia hábil como fuga à censura inquisitorial).

**3. Tendo em conta o que respondeu na questão 1 e 2, explicite o paradoxo presente no texto.**

O paradoxo que é encenado neste capítulo diz respeito ao menino chinês que não se diz cristão, mas que fala e age como tal, em contraste com António de Faria e seus companheiros. Assim é apresentada a sátira à falsa legitimação do roubo, em que a caricatura da hipocrisia religiosa se combina com a força do sarcasmo («beijos untados», l. 121) e com a linguagem que encanta pelo realismo e rusticidade («arreganhar os dentes», l. 122). Finalmente, a comparação sarcástica com que o menino finaliza o seu discurso constitui um vitupério irrefutável: «como estes miseráveis e cegos que cuidam que furtar e pregar te pode satisfazer como aos príncipes tiranos que reinam na terra.» (ll. 133-4).

**4. Explique a funcionalidade deste episódio na globalidade da obra.**

O episódio do menino chinês contribui para conferir à *Peregrinação* uma dimensão crítica. Pela boca de uma das personagens envolvida nos acontecimentos, o narrador dirige duras repreensões à forma como os portugueses agiram no Oriente, desprezando os valores cristãos e atuando, por vezes com recurso à violência, em prol do seu bem-estar e do seu enriquecimento.

**Capítulo 59:**

**Linhas de Leitura:**

**1. Explicite a construção da narrativa deste capítulo.**

O enunciado narrativo deste capítulo está organizado do geral para o particular. Parte-se do geral: do encontro com os inimigos, do combate dos portugueses com os inimigos, da vitória coletiva dos portugueses, para o particular: o aparecimento de Coja Acém, o combate deste corsário com António de Faria, a vitória portuguesa.

**2. Este capítulo é atravessado por marcas de violência, tanto no discurso do narrador como das personagens. Refira-as.**

Podemos destacar, como marcas da violência no discurso do narrador, dois tipos: marcas ao nível do fazer («cutilada», l. 54; «derrubou», l. 55; «deceçou», l. 55; «matar», l. 72) e marcas sonoras («gritas», l. 22; «brados», l. 22; «ecos», l. 24).

Relativamente a marcas de violência no discurso das personagens, destaca-se os ultrajes («estes cães», l. 40; «galinhas brancas», l. 40; «mulheres barbadas», ll. 40-1; «cafres sem lei», l. 43).

### **3. Distinga corsário de pirata.**

Os piratas eram os «ladrões dos mares, isto é, aqueles que atacavam e roubavam navios por conta própria. O termo pirata vem do grego (πειρατής, derivado de πειράω «tentar, assaltar») e foi utilizado, pela primeira vez, por Homero, na Odisseia. O pirata é, pois, um marginal, um fora-da-lei, que, de forma autónoma ou organizado em grupos, cruza os mares promovendo saques e pilhagem de navios e cidades para obter riquezas e poder.

Pelo contrário, os corsários, também chamados corsos, eram piratas autorizados por um governo a pilhar navios de outra nação e, assim, atuavam em nome de um rei. Atacavam navios de países inimigos, usando a bandeira de seu país, e dividiam o saque com o rei, que ficava com a maior parte. Os corsos eram utilizados pelos governos como um meio fácil e barato de enfraquecer as nações inimigas e perturbar as suas rotas marítimas.

Em suma, os piratas existiam desde a Antiguidade, mas os primeiros corsários surgiram durante as Cruzadas e eram, sobretudo, corsários muçulmanos que estavam autorizados pelos seus governos a pilhar as rotas marítimas dos países cristãos.

### **4. Indique a verdadeira intenção de António de Faria em lutar com o corsário Coja Acém.**

Este episódio de combate feroz com o corsário Coja Acém representa a luta entre duas forças que se digladiam pelo domínio das águas asiáticas (e do tráfico que nelas se efetua).

### **5. Explícite porque se considera que o herói de *Peregrinação* é um pícaro, isto é, um anti-herói. Atente na sua filosofia de vida e na expressão «pobre de mim», utilizada como autocaracterização desde o primeiro capítulo da obra.**

O capitão António de Faria é comumente considerado um herói pícaro, na medida em que este possui uma filosofia de vida particular: é materialista, primitivo, desleal, manifestando inclinação para a fraude e a vadiagem e vale-se de meios desonestos, como pequenos roubos, para sobreviver. Esta personagem surge na

narrativa como um herói que derrota o pirata Coja Acém e outros inimigos dos Portugueses. António de Faria e o seu bando, movidos pela fúria, afundam barcos, incendeiam povoações, roubam mulheres e crianças e nem sequer os templos escapam à sua fúria devastadora. Chegam mesmo a invocar Deus para os ajudar nos seus atos bárbaros e têm até a ousadia de pedir socorro a Deus nas horas de aflição. O seu percurso de aventura é marcado pela perseguição ao pirata Coja Acém, que termina com uma batalha muito violenta.

António José Saraiva (1981; p. XXII) diz que «a personagem Fernão Mendes Pinto se apresenta, deliberadamente, como um anti-herói de um romance autobiográfico, e como uma figura curiosa que tem a franqueza de nos declarar que a sua única peregrinação é a de fazer fortuna e conta-nos as suas necessidades, misérias, fugas e os seus ataques de medo» (diz frequentemente que «as carnes tremiam» e utiliza a expressão «pobre de mim»).

#### **6. Explique como a introdução de uma língua oriental é pertinente para a manifestação da estranheza, do exotismo do *Outro*.**

A produção de uma frase em língua indígena («Lah hulah hilah lah muhamd roçol lahal», l. 38), acompanhada da respetiva tradução («ó massoleimões e homens justos da santa lei de Mafamede», ll. 38-9), representa um mecanismo de imaginação que pretende avivar o exotismo do *Outro*.

### **Capítulo 214:**

#### **Linhas de Leitura:**

##### **1. Explique como o maravilhoso está presente no texto.**

Neste capítulo, o insólito irrompe mediante a narração de uma situação extrema: a tempestade, o perigo e o desaparecimento de uma embarcação. Assim, surge o «milagre» que funciona como um elemento que vem ajudar os portugueses e que, como por magia, vem contrariar a ação das forças da natureza, que pareciam, até então, alcançar vitória. O padre Francisco Xavier é, pois, o intercessor entre os homens e o poder e misericórdia divinos - ele apenas intervém pela oração que, conseqüentemente, parece atrair o milagre.



**2. Indique a terminologia relativa à náutica e ao registo do código temporal, mencionando a sua importância para a narrativa.**

Relativamente à náutica, encontramos, neste capítulo, referência a «gávea» (l. 58), «enxárcia» (l. 97) e «verga grande» (l. 117).

Em relação ao registo do código temporal, este revela-se constante e procura exatidão nas informações dos dias, das horas e das durações: «por espaço de sete dias» (l. 5), «nos durou cinco dias» (l. 11), «no segundo dia» (l. 12), «pouco mais de meia hora» (ll. 49 e 112), «no dia antes» (l. 57).

**3. Demonstre o esforço conjunto de toda a tripulação para salvar os companheiros. Justifique com expressões do texto.**

Quando, no meio da tempestade, os portugueses se apercebem de que perderam um batel, toda a tripulação se junta para salvar os companheiros («acudindo toda a gente na nau», l. 29). Podemos, assim, destacar a ação do padre Francisco Xavier, que «a isto acudiu o padre muito depressa», l. 39 («nos acompanhou sempre este bem-aventurado padre (...) de maneira que depois de Deus, ele só era o capitão que nos esforçava e nos dava alento», ll. 23-6); o capitão, que «mandou arribar a nau pela esteira do batel, parecendo-lhe que o poderia salvar» (ll. 31-3); o piloto, que foi à gávea vigiar o mar («o piloto lhe disse que ele iria lá de boa vontade. E subindo acima, e o mestre com ele», ll. 82-3); e até «um menino que estava sentado na enxárcia, começou a gritar dizendo: “Milagre, milagre, que eis o nosso batel”» (ll. 95-6). Em suma, «todos ficaram chorando e rezando pelas almas dos que iam nele» (ll. 44-5).

### 3.4. Diapositivos da Apresentação em PowerPoint



Escola Secundária de Camões  
2016/2017  
Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa  
10.º ano Turma: K Data: 05 de janeiro de 2017



## *Peregrinação,* de Fernão Mendes Pinto

Trabalho de grupo  
Capítulos 14, 47, 55, 59 e 214



### Sumário

Trabalhos de grupo: leitura e análise de um excerto de um capítulo da obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.

1

## Critérios de avaliação do trabalho de grupo

- **Expressão Oral:**
  - Elementos relacionados com a voz (entoação, pausas, ritmo);
  - Correção linguística.
- **Execução:**
  - Estrutura;
  - Pertinência e uso de materiais de apoio;
  - Síntese do capítulo (Profundidade do conhecimento/informações do capítulo);
  - Resposta às linhas de leitura (Profundidade do conhecimento/informações do capítulo);
  - Criatividade e aproximação ao estilo do autor.

## **Trabalho de grupo**

Selecione um dos capítulos para ler e analisar.

- **14:** Do mais que se passou neste caso até Pêro de Faria me mandar a este rei bata, e do que vi no caminho;
- **47:** Como estando nós surtos na ponta de Tilaumera, vieram por acaso ter connosco quatro lanteas de remo em que vinha uma noiva;
- **55:** Como nos partimos desta ilha dos ladrões para o porto de Liampó, e do que passámos até chegar a um rio a que chamavam Xingrau;
- **59:** Como António de Faria pelejou com o corsário Coja Acém e do que com ele lhe sucedeu;
- **214:** Da grande tormenta que passámos, indo do Japão para a China, e como fomos livres dela por orações deste servo de Deus.

2

## **DO MAIS QUE SE PASSOU NESTE CASO ATÉ PÊRO DE FARIA ME MANDAR A ESTE REI BATA, E DO QUE VI NO CAMINHO**

### **Capítulo 14**

(manual, pp. 334-335)

4

**1. Podemos dividir o capítulo em duas partes que correspondem, respetivamente, a um momento narrativo e a um momento descritivo. Mostre como se sucedem estes discursos no texto, sintetizando cada um deles.**

#### **Discurso narrativo**

- O capítulo, até à linha 52, apresenta um discurso narrativo;
- o narrador apresenta os sucessivos acontecimentos:
  - preparação de uma embarcação para seguir em direção à Índia;
  - convite de Pêro de Faria a Fernão Mendes Pinto para o acompanhar na viagem e a sua aceitação;
  - o embarque e a navegação (referências temporais e espaciais).

#### **Discurso descritivo**

- A partir da linha 53, inicia-se um discurso descritivo;
- Apresenta-se aquilo que o narrador e os seus companheiros viram:
  - os animais desconhecidos que são apresentados, maioritariamente, por comparação com algum elemento conhecido («vendo», l. 53; «vimos», ll. 62, 68, 71 e 73).

5

**2. Observe como a parte descritiva do texto está construída de forma simétrica. Explícite como está construído o texto, destacando a estratégia narrativa de descrição utilizada pelo narrador.**

- A parte descritiva do texto (da linha 53 até ao final do excerto) está construída de forma simétrica, na medida em que a introdução de um elemento novo é sempre exposto da mesma forma: através da forma verbal «ver» («vendo», l. 53; «vimos aqui também», ll. 62-3 e 73; «vimos também aqui», l. 68; «vimos» 71).
- Com efeito, a enumeração daquilo que é visto é uma estratégia que o narrador utiliza para captação do real.

6

**3. A preocupação do narrador é fornecer ao leitor o máximo de informações. Justifique esta afirmação, referindo informações de carácter geográfico e científico.**

- Ao longo do texto, o narrador fornece informações de índole diversa:
  - A nível geográfico: podemos observar a anotação pormenorizada dos lugares («Malaca»; «ao porto de Surotilau, que fica na costa do reino de Aaru»; «ilha de Samatra»; «Mediterrâneo»; «rio a que chamavam Hicanduré»; «pequeno rio de sete braças de fundo, a que chamavam Guateamguim», ll. 30-52);
  - informações de carácter científico: encontramos a descrição dos animais (que vai até ao pormenor do «tamanho» e «comprimento», das características do corpo «nas costas», «dombo», «asas», «pescoço», «testa», «rabo», ll. 65-8).

7

**4. Explique a seguinte afirmação do autor: «é muito para recear contá-lo, pelo menos a gente que viu pouco do mundo: porque esta, como viu pouco, também costuma dar pouco crédito ao muito que os outros viram» (ll. 54-6). Relacione-a com a origem da expressão popular «Fernão, mentes? Minto!».**

- A expressão é associada a Fernão Mendes Pinto por a sua narrativa ter causado grande escândalo com a descrição de inúmeras realidades novas e diferentes das existentes na Europa da época. Quem conhecia pouco do mundo dava «pouco crédito» e pouca validade às palavras do autor, acusando-o de mentir.

8

### Escrita criativa

Imagine que é Fernão Mendes Pinto e que, na sua viagem, viu ainda mais coisas. Tentando imitar o estilo do autor, escreva mais um parágrafo, onde descreva esses novos elementos.



José Ruy, *Fernão Mendes Pinto e a sua Peregrinação*, Âncora Editora, 2015, p. 17.

9

## COMO ESTANDO NÓS SURTOS NA PONTA DE TILAUMERA, VIERAM POR ACASO TER CONNOSCO QUATRO LANTEAS DE REMO EM QUE VINHA UMA NOIVA

### Capítulo 47

(manual, pp. 341-343)

10



**1. Observe a estruturação do capítulo: um novo episódio é introduzido. Apresente-o, referindo as personagens e os acontecimentos.**

**Episódio**

- No relato da viagem é introduzido um novo episódio: o rapto da noiva.

**Acontecimentos**

- António de Faria, apercebendo-se da existência de uma nova embarcação que se aproximava, utiliza a tática de dissimulação, mandando esconder todos os portugueses, a fim de não permitir o reconhecimento da sua identidade, evitando, assim, a fuga dos demandantes;
- Os portugueses, aquando da aproximação do tio da noiva para entregar uma carta desta ao noivo (que pensa estar naquela embarcação), tomam as lanteas dos festejos e, além de matarem grande parte dos convidados, impedem o casamento.

**Personagens**

- Neste participam António de Faria e os seus companheiros, a noiva, o seu tio e os restantes convidados do casamento.

11

**2. O episódio narrado neste capítulo documenta uma faceta do comportamento dos portugueses, no século XVI, perante os outros povos. Justifique esta afirmação.**

- O rapto de uma noiva chinesa serve para ilustrar os equívocos possíveis no convívio e no diálogo entre culturas diferentes que nem sempre são compreensíveis entre si, nomeadamente devido à linguagem verbal diferente;
- Contudo, depois dos portugueses perceberem o que se passava, aproveitaram-se oportunamente da situação:
  - um primeiro equívoco mútuo gerou confusão interpretativa, porém tal equívoco mantém-se propositadamente, por oportunismo, durante mais tempo
    - para os portugueses, os chineses seriam espias da armada que ficava atrás;
    - para estes, aqueles faziam parte da comitiva do noivo.
- Note-se, ainda, que, apesar da vulnerabilidade apresentada, em razão de estado de embriaguez, os portugueses insistem na agressão física, sem motivo plausível, levada a altos graus de malvadez. E não satisfeitos com a vitória sobre os desarmados civis, os impacientes e imoderados ocidentais procedem à perseguição de outras embarcações.

12

### 3. Leia, com atenção, a carta enviada pela noiva (ll. 78-91). Sintetize o seu conteúdo.

- A noiva começa por pedir licença para se dirigir ao destinatário da sua vida, sem tal gesto manchar a sua honestidade («sem isso ser nódoa no meu honesto viver»);
- Se isso fosse possível, iria, muito rapidamente («assim voaria meu corpo»), como a ave açaor, ter com o seu noivo. Neste momento, percebemos uma recriminação irónica à demora do interlocutor («beijar esses teus vagarosos pés»);
- A noiva pede-lhe que vá ter com ela antes que ela morra («com me não veres na escuridão desta noite, não sei se na brancura da manhã me poderás enxergar entre os vivos»);
- Utiliza o argumento do sofrimento que a deixa sem palavras («o meu coração em si cala, tanto porque já não tenho boca para falar») e o da orfandade («minha alma me não sofre estar órfã da tua vista quanto a tua estéril condição o consente») para persuadir o interlocutor a se apressar ou a deixá-la aproximar-se dele;
- A alusão ao amor («não me negues este amor pelo que sempre te tive») surge ligada à aliança entre famílias («para que Deus por sua justiça, em castigo de tal ingratidão, te não tire o muito que herdaste de teus antigos parentes»);
- Finalmente, refere a indissolúvel união e posse matrimoniais («agora por matrimónio me hás-de senhorear até à morte»), que constitui a essência do rito que se deseja celebrar.

13

### 4. Explícite de que forma o discurso poético está presente na carta da noiva, referindo três figuras de estilo utilizadas e justificando o seu valor expressivo.

- A carta da noiva apresenta um interessante discurso poético a partir da expressão de sentimentos, sobretudo através :
  - das comparações («crê que assim voaria meu corpo a ir beijar esses teus vagarosos pés, como o esfaimado açaor no primeiro ímpeto de sua soltura», ll. 79-80);
  - das metáforas («sem isso ser nódoa no meu honesto viver», l. 79);
  - das antíteses («mas com me não veres na escuridão desta noite, não sei se na brancura da manhã me poderás enxergar entre os vivos», ll. 83-84);
  - e da ironia («beijar esses teus vagarosos pés», ll. 79-80).

14



### **Escrita criativa**

Imagine que, de facto, o noivo estava na outra embarcação. Coloque-se no seu papel e escreva uma possível carta de resposta.

15

## **COMO NOS PARTIMOS DESTA ILHA DOS LADRÕES PARA O PORTO DE LIAMPÓ, E DO QUE PASSÁMOS ATÉ CHEGAR A UM RIO A QUE CHAMAVAM XINGRAU**

### **Capítulo 55**

(manual, pp. 349-351)

16

## 1. Caracterize as personagens deste excerto: António de Faria e a criança.

### António de Faria

- António de Faria, o adulto, é apresentado como:
  - ladrão («tomardes-lhes vós outros em menos de uma hora o que ele ganhou em mais de trinta anos», ll. 104-5);
  - finge ser carinhoso e atencioso com a criança («lhe disse que não chorasse e o afagou quanto pôde, prometendo-lhe que o trataria como filho», ll. 110-11);
  - mostra um falso paternalismo.

### A criança

- A criança é caracterizada como:
  - tendo não mais de treze anos, «muito alvo e bem assombrado» (l. 102);
  - impertinente ao ponto de lhe ser chamada a atenção;
  - sendo criança, esperar-se-ia que fosse ignorante, inexperiente, imaturo, cândido e inocente.

17

## 2. Analise o diálogo entre as duas personagens, sintetizando o conteúdo da intervenção de cada uma.

- António de Faria, depois de ter roubado a embarcação e a criança do seu pai, mostra-se com boas intenções, prometendo, doravante, cuidar do menino como filho.
- Contudo, o menino recusa-se a acreditar nas boas intenções de António de Faria e, depois de repreendido pela manifestação da sua descrença em tais propósitos, empreende uma crítica à prática dos que se dizem cristãos.

18

**2.1. Relacione a expressão «sorriso a modo de escárnio» (l. 112) com o conteúdo das palavras do menino.**

- A criança adota uma atitude de menosprezo, que o seu sorriso denuncia («sorriso a modo de escárnio», l. 112), e critica a hipocrisia do capitão, perante a sua sugestão de proteção.

19

**2.2. Destaque a coerência dos argumentos da criança.**

- Consciência e maturidade são qualidades bem evidentes no discurso da criança que representa a voz repreensiva da consciência moral que fala a Mendes Pinto no próprio momento dos malefícios. Este menino dá uma lição pedagógica inesperada, sobretudo por ser dada por uma criança chinesa, aparentemente ignorante e inexperiente. A esta estratégia de colocar a sátira impiedosa na boca simples de uma criança, Eduardo Lourenço chamou «crítica cultural indireta» (estratégia hábil como fuga à censura inquisitorial).

20

**3. Tendo em conta o que respondeu na questão 1 e 2, explicita o paradoxo presente no texto.**

- O paradoxo que é encenado neste capítulo diz respeito ao menino chinês que não se diz cristão, mas que fala e age como tal, em contraste com António de Faria e os seus companheiros.
- Assim é apresentada a sátira à falsa legitimação do roubo, em que a caricatura da hipocrisia religiosa se combina com a força do sarcasmo («beijos untados», ll. 37-8) e com a linguagem que encanta pelo realismo e rusticidade («arreganhar os dentes», l. 38).
- Finalmente, a comparação sarcástica com que o menino finaliza o seu discurso constitui um vitupério irrefutável: «como estes miseráveis e cegos que cuidam que furtar e pregar te pode satisfazer como aos príncipes tiranos que reinam na terra.» (ll. 51-3).

21

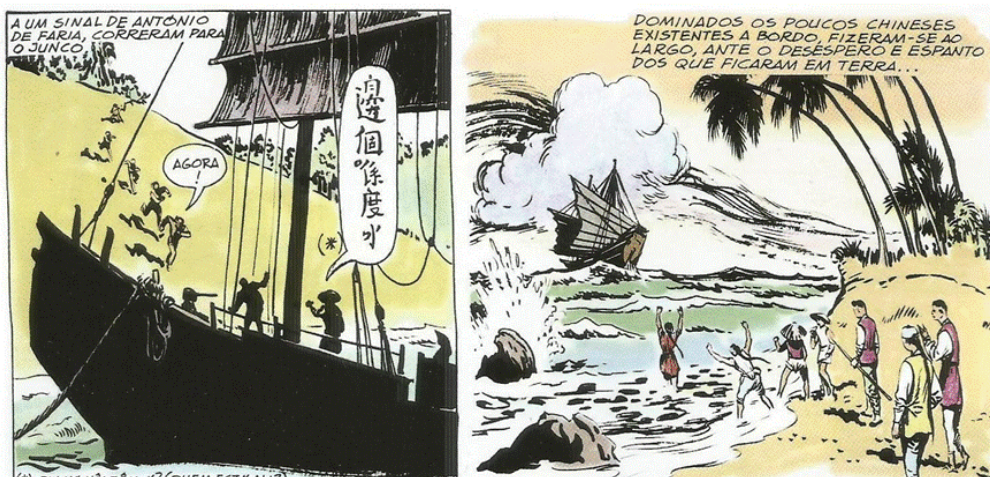
**4. Explique a funcionalidade deste episódio na globalidade da obra.**

- O episódio do menino chinês contribui para conferir à *Peregrinação* uma dimensão crítica. Pela boca de uma das personagens envolvida nos acontecimentos, o autor dirige duras repreensões à forma como os portugueses agiram no Oriente, desprezando os valores cristãos e atuando, por vezes com recurso à violência, em prol do seu bem-estar e do seu enriquecimento.

22

### Escrita criativa

A partir do final deste capítulo, esta criança nunca mais aparece na obra de Fernão Mendes Pinto. Pondera a possibilidade de António de Faria não ignorar as palavras do menino e escreve outro final para este episódio.



José Ruy, *Fernão Mendes Pinto e a sua Peregrinação*, Âncora Editora, 2015, pp. 28-9.

23

## COMO ANTÓNIO DE FARIA PELEJOU COM O CORSÁRIO COJA ACÉM E DO QUE COM ELE LHE SUCEDEU

### Capítulo 59

24

### 1. Explícite a construção da narrativa deste capítulo.

- O enunciado narrativo deste capítulo está organizado do geral para o particular.
  - Parte-se do geral: do encontro com os inimigos, do combate dos portugueses com os inimigos, da vitória coletiva dos portugueses,
  - para o particular: o aparecimento de Coja Acém, o combate deste corsário com António de Faria, a vitória portuguesa.

25

### 2. Este capítulo é atravessado por marcas de violência, tanto no discurso do narrador como no das personagens. Refira-as.

- Podemos destacar, como marcas da violência no discurso do narrador, dois tipos:
  - marcas ao nível do fazer («cutilada», l. 54; «derrubou», l. 55; «decepow», l. 55; «matar», l. 72)
  - e marcas sonoras («gritas», l. 22; «brados», l. 22; «ecos», l. 24).
- Relativamente a marcas de violência no discurso das personagens, destaca-se
  - os ultrajes («estes cães», l. 40; «galinhas brancas», l. 40; «mulheres barbadas», ll. 40-1; «cafres sem lei», l. 43).

26

### 3. Distinga corsário de pirata.

#### **Piratas**

- Os «dadrões dos mares», isto é, aqueles que atacavam e roubavam navios por conta própria.
- O pirata é, pois, um marginal, um fora-da-lei, que, de forma autónoma ou organizado em grupos, cruza os mares promovendo saques e pillagem de navios e cidades para obter riquezas e poder.
- Existiam desde a Antiguidade.

#### **Corsários**

- Os corsários, também chamados de corsos, eram piratas autorizados por um governo a pillhar navios de outra nação e, assim, atuavam em nome de um rei.
- Os corsos eram utilizados pelos governos como um meio fácil e barato de enfraquecer as nações inimigas e perturbar as suas rotas marítimas.
- Surgiram durante as Cruzadas.

27

### 4. Indique a verdadeira intenção de António de Faria em lutar com o corsário Coja Acém.

- Este episódio de combate feroz com o corsário Coja Acém representa a luta entre duas forças que se digladiam pelo domínio das águas asiáticas (e do tráfico que nelas se efetua).

28

5. Explícite porque se considera que o herói de *Peregrinação* é um pícaro, isto é, um anti-herói. Atente na sua filosofia de vida e na expressão «pobre de mim», utilizada como autocaracterização desde o primeiro capítulo da obra.

#### Filosofia de vida

- A filosofia de vida de António de Faria é particular: é materialista, primitivo, desleal, manifestando inclinação para a fraude e a vadiagem e vale-se de meios desonestos, como pequenos roubos, para sobreviver.

António de Faria é o reverso dos grandes heróis épicos, que lutavam com tanta bravura, que se elevavam acima dos mortais. Esta personagem recorre à sua astúcia e a procedimentos ilegítimos para sobreviver e considera-se um pecador destinado a sofrer, subordinado ao poder da ventura.

#### «pobre de mim»

- António de Faria tem a franqueza de nos declarar que a sua única peregrinação é a de fazer fortuna e conta-nos as suas necessidades, misérias, fugas e os seus ataques de medo.

29

6. Explique como a introdução de uma língua oriental é pertinente para a manifestação da estranheza, do exotismo do Outro.

- A produção de uma frase em língua indígena («Lah hulah hilah lah muhamd roçol lahab», l. 38), acompanhada da respetiva tradução («ó massoleimões e homens justos da santa lei de Mafamede», ll. 38-9), representa um mecanismo de imaginação que pretende avivar o exotismo do Outro.

30



### Escrita criativa

Imagine que é um jornalista do século XVI e prepare uma entrevista a António de Faria sobre o confronto com o corsário Coja Acém e o seu sucesso.



José Ruy, *Fernão Mendes Pinto e a sua Peregrinação*, Âncora Editora, 2015, p. 33.

31

## DA GRANDE TORMENTA QUE PASSÁMOS, INDO DO JAPÃO PARA A CHINA, E COMO FOMOS LIVRES DELA POR ORAÇÕES DESTE SERVO DE DEUS

Capítulo 214

32

### 1. Explique como o maravilhoso está presente no texto.

- Neste capítulo, o insólito irrompe mediante a narração de uma situação extrema: a tempestade, o perigo e o desaparecimento de uma embarcação.
- Assim, surge o «milagre» que funciona como um elemento que vem ajudar os portugueses e que, como por magia, vem contrariar a ação das forças da natureza, que pareciam, até então, alcançar vitória.
- O padre Francisco Xavier é, pois, o intercessor entre os homens e o poder e misericórdia divinos - ele apenas intervém pela oração que, conseqüentemente, parece atrair o milagre.

33

### 2. Indique a terminologia relativa à náutica e ao registo do código temporal, mencionando a sua importância para a narrativa.

- Relativamente à náutica, encontramos, neste capítulo, referência a «gávea» (l. 58), «enxárcia» (l. 97) e «verga grande» (l. 117).
- Em relação ao registo do código temporal, este revela-se constante e procura exatidão nas informações dos dias, das horas e das durações: «por espaço de sete dias» (l. 5), «nos durou cinco dias» (l. 11), «no segundo dia» (l. 12), «pouco mais de meia hora» (ll. 49 e 112), «no dia antes» (l. 57).

34

**3. Demonstre como se pode verificar o esforço conjunto de toda a tripulação para salvarem os companheiros. Justifique com expressões do texto.**

- Toda a tripulação se juntou para salvar os companheiros («acudindo toda a gente na nau», l. 29; «todos ficaram chorando e rezando pelas almas dos que iam nele», ll. 44-5).
  - padre Francisco Xavier, que «a isto acudiu o padre muito depressa» (l. 39) («nos acompanhou sempre este bem-aventurado padre (...) de maneira que depois de Deus, ele só era o capitão que nos esforçava e nos dava alento», ll. 23-6);
  - o capitão, que «mandou arribar a nau pela esteira do batel, parecendo-lhe que o poderia salvar» (ll. 31-3);
  - o piloto, que foi à gávea vigiar o mar («o piloto lhe disse que ele iria lá de boa vontade. E subindo acima, e o mestre com ele», ll. 82-3);
  - e até «um menino que estava sentado na enxárcia, começou a gritar dizendo: “Milagre, milagre, que eis o nosso batel”» (ll. 95-6).

35

**Escrita criativa**

Imagine que é um dos cinco portugueses do batel desaparecido e descreva a angústia vivida pelos seus companheiros na noite em que este andava à deriva pelo mar.

36

## **Anexo 4 - Plano e materiais da terceira aula**

4.1. Plano da terceira aula

4.2. Grelha de Avaliação dos trabalhos de grupo sobre um excerto de *Peregrinação*

4.3. Grelha de Autoavaliação dos trabalhos de grupo

#### 4.1. Plano da terceira aula



Escola Secundária de Camões  
2016/2017

Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa

Professora orientadora: Doutora Margarida Braga Neves

Professora cooperante: Dr.<sup>a</sup> Cristina Duarte

10.º ano Turma K Data: 09 de janeiro de 2017



#### Plano de aula – Memória descritiva

#### Leitura de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto

##### Objetivos:

- Produzir textos orais com correção e pertinência sobre um episódio da obra;

##### Conteúdos:

##### ☞ **Leitura analítica e crítica de um excerto de um capítulo da obra**

##### **(Trabalho de grupo orientado pela docente):**

- ☞ «Do mais que se passou neste caso até Pêro de Faria me mandar a este rei Bata, e do que vi no caminho» (Capítulo 14):
  - A sucessão de vários discursos;
  - A estratégia narrativa de captação do «real»: a enumeração;
  - A tentativa de fornecer ao leitor o máximo de informações;
  - Reflexão sobre a expressão popular «Fernão, mentes? Minto!».
- ☞ «Como estando nós surtos na ponta de Tilaumera, vieram por acaso ter connosco quatro lanteas de remo em que vinha uma noiva» (Capítulo 47):
  - O comportamento dos portugueses no séc. XVI perante outros povos;
  - A estruturação do capítulo: apontamentos narrativos e o encaixe de um novo episódio;
  - O discurso poético da carta.
- ☞ «Como nos partimos desta ilha dos ladrões para o porto de Liampó, e do que passámos até chegar a um rio a que chamavam Xingrau» (Capítulo 55):
  - Episódio satírico;
  - Caracterização das personagens: António Faria e a criança;
  - Os argumentos da criança;
  - A função do episódio na globalidade da obra: a crítica cultural indireta.

<p>✎ «Como António de Faria pelejou com o corsário Coja Acém e do que com ele lhe sucedeu» (Capítulo 59):</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A construção da narrativa (do geral para o particular);</li> <li>▪ Marcas de violência no discurso do narrador e das personagens;</li> <li>▪ Manifestação da «estranheza», do «exotismo», do <i>Outro</i>.</li> </ul> <p>✎ «Da grande tormenta que passámos, indo do Japão para a China, e como fomos livres dela por orações deste servo de Deus» (Capítulo 214):</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O retrato do Padre Mestre Francisco Xavier no mundo oriental;</li> <li>▪ A intervenção do sobrenatural: o milagre;</li> <li>▪ Procura de exatidão no registo das informações.</li> </ul>
<p><b>Avaliação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação direta, com registo das intervenções (assiduidade; pontualidade; comportamento; participação espontânea e solicitada; realização dos trabalhos de casa);</li> <li>• Suporte escrito das apresentações.</li> </ul>

Atividades	Recursos	Tempo
1. Entrada dos alunos e professoras na sala de aula.		5 minutos
2. Elaboração do sumário e explicação do objetivo da aula.	Projeção em <i>PowerPoint</i> . Caderno diário.	5 minutos
3. Apresentações orais dos trabalhos de grupo.	Guião 2.	75 minutos
4. Instruções sobre o trabalho de casa: Leitura do capítulo 226 de <i>Peregrinação</i> .	Guião 3.	5 minutos

### Sumário

Apresentações orais dos trabalhos de grupo.

## 4.2. Grelha de Avaliação dos trabalhos de grupo sobre um excerto de *Peregrinação*

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES		
ANO LETIVO 2016/2017		
DISCIPLINA: Literatura Portuguesa	TURMA: K	ANO: 10.º
Grelha de Avaliação do Trabalho de Grupo	DATA: 09 de janeiro de 2017	

		Expressão oral		Execução				T O T A L	
		Elementos relacionados com a voz (entoação, pausas, ritmo)	Correção linguística	Estrutura	Pertinência e o uso de materiais de apoio	Síntese do capítulo (Profundidade do conhecimento/informações do capítulo.)	Resposta às linhas de leitura (Profundidade do conhecimento/informações do capítulo.)		
		10%	10%	5%	5%	30%	30%	10%	100%
Grupo I	S.I.	Não apresentou							0 M
	L.	Não apresentou							0 M
	B. M.	Não apresentou							0 M
	G. D.	Não apresentou							0 M
	M. M.	Não apresentou							0 M
Grupo II	T. P. L.	S	B	S	S	B	B	MB	15 B
	T. P. S	B	B	S	S	B	B	MB	15 B
	A. G.	B	B	S	S	B	B	MB	15 B
	M. C. A.	MB	B	S	S	B	B	MB	15 B
Grupo III	C.	EXC	MB	MB	I	MB	MB	B	17 MB
	A. M. R.	B	MB	MB	I	MB	MB	B	17 MB
	B. P.	B	MB	MB	I	MB	MB	B	17 MB
	T.	MB	MB	MB	I	MB	MB	B	17 MB
Grupo IV	S.	EXC	MB	MB	B	B	B	Não apresentou	14 B
	R. F.	B	B	MB	B	B	B	Não apresentou	14 B
	A. C.	S	B	MB	B	B	B	Não apresentou	13 B
	R. G.	B	B	MB	B	B	B	Não apresentou	13 B
Grupo V	I.	B	B	S	I	I	S	B	12 S
	P.	B	B	S	I	I	S	B	12 S
	L. H.	B	B	S	I	I	S	B	12 S
	C. A.	Não apresentou							0 M
Grupo VI	A. M. V.	EXC	MB	MB	MB	MB	MB	MB	18 MB
	M. T.	EXC	MB	MB	MB	MB	MB	MB	18 MB
	M. C.	MB	MB	MB	MB	MB	M	MB	18 MB
	R.	EXC	MB	MB	MB	MB	MB	MB	18 MB
	C. C.	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	18 MB
Sem grupo	S. P.	Não apresentou							0 M
	T.	Não apresentou							0 M

### 4.3. Grelha de Autoavaliação dos trabalhos de grupo

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES		
ANO LETIVO 2016/2017		
DISCIPLINA: Literatura Portuguesa	TURMA: K	ANO: 10.º
Grelha de Autoavaliação do Trabalho de Grupo	DATA: 09 de janeiro de 2017	

		Expressão oral		Execução					T O T A L	
		Elementos relacionados com a voz (entoação, pausas, ritmo)	Correção linguística	Estrutura	Pertinência e o uso de materiais de apoio	Síntese do capítulo	Resposta às linhas de leitura	Criatividade		
						(Profundidade do conhecimento/informações do capítulo.)	(Profundidade do conhecimento/informações do capítulo.)			
		10%	10%	5%	5%	30%	30%	10%	100%	
Grupo I	S.I.	Não apresentou							0	M
	L.	Não apresentou							0	M
	B. M.	Não apresentou							0	M
	G. D.	Não apresentou							0	M
	M. M.	Não apresentou							0	M
Grupo II	T. P. L.	S	S	B	S	B	B		14	B
	T. P. S	S	S	B	S	MB	B		15	B
	A. G.	S	S	B	S	B	B		14	B
	M. C. A.	S	B	B	S	MB	B		16	MB
Grupo III	C.	B	B	B	S	B	B		15	MB
	A. M. R.	S	S	B	B	B	B		14	MB
	B. P.	B	S	B	S	B	B		15	MB
	T.	S	B	B	S	B	B		15	MB
Grupo IV	S.	S	B	B	B	S	S	Não apresentou	11	S
	R. F.	S	S	B	S	S	S	Não apresentou	11	S
	A. C.	S	B	B	B	S	S	Não apresentou	11	S
	R. G.	S	B	B	B	S	S	Não apresentou	11	S
Grupo V	I.	S	S	S	S	S	S		12	S
	P.	S	S	S	S	S	S		12	S
	L. H.	S	S	S	S	S	S		12	S
	C. A.	Não apresentou							0	M
Grupo VI	A. M. V.	MB	B	MB	B	B	MB		16	MB
	M. T.	B	B	MB	S	B	MB		16	MB
	M. C.	B	B	MB	B	MB	B		16	MB
	R.	B	B	MB	B	B	MB		16	MB
	C. C.	B	B	MB	B	MB	B		16	MB
Sem grupo	S. P.	Não apresentou							0	M
	T.	Não apresentou							0	M



## **Anexo 5 - Plano e materiais da quarta aula**

5.1. Plano da quarta aula

5.2. Guião de Leitura 3

5.3. Cenário de Resposta do Guião 3

5.4. Diapositivos da Apresentação em *PowerPoint*

## 5.1. Plano da quarta aula



Escola Secundária de Camões

2016/2017

Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa

Professora orientadora: Doutora Margarida Braga Neves

Professora cooperante: Dr.ª Cristina Duarte

10.º ano Turma K Data: 11 de janeiro de 2017



### Plano de aula – Memória descritiva

#### Conclusão da leitura de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto

##### Objetivos:

- Identificar ideias principais, justificando;
- Estabelecer relações de sentido entre episódios;
- Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados no texto;
- Valorizar a obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo.

##### Conteúdos:

☞ **Leitura e análise do capítulo 226 - «Do que passei depois que partimos deste porto de Xequé até chegar à Índia, e daí a este reino»:**

- Relação com o capítulo 1: semelhanças e divergências;
- Afirmção do testemunho autobiográfico;
- Crítica ao poder: ironia e sátira.

##### Avaliação:

- Observação direta, com registo das intervenções (assiduidade; pontualidade; comportamento; participação espontânea e solicitada; realização dos trabalhos de casa);
- Ficha de sistematização de conteúdos.

Atividades	Recursos	Tempo
1. Entrada dos alunos e professoras na sala de aula.		5 minutos
2. Elaboração do sumário e explicação	Projeção em <i>PowerPoint</i> .	5 minutos

do objetivo da aula.	Caderno diário.	
<p>3. Leitura analítica e crítica do último capítulo de <i>Peregrinação</i>: «Do que passei depois que partimos deste porto de Xequé até chegar à Índia, e daí a este reino».</p> <p>3.1. Leitura em voz alta do capítulo;</p> <p>3.2. Resolução das linhas de leitura do Guião;</p>	<p>Guião 3.</p> <p>Projeção em <i>PowerPoint</i> com anotação de dados pertinentes.</p>	75 minutos
4. Instruções sobre o trabalho de casa	<p>Guião 5.</p> <p>Obra <i>O Murmúrio do Mundo</i>, de Almeida Faria.</p>	5 minutos

### **Sumário**

Leitura e análise do capítulo 226 de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.

## 5.2. Guião de Leitura 3



Escola Secundária de Camões  
2016/2017

Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa  
10.º ano Turma: K Data: 11 de janeiro de 2017

Nome: \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_



### Guião 3

*Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto  
Capítulo 226 – A reflexão final



A. do Carmo Reis, *Fernão Mendes Pinto*,  
Coleção História Júnior, Edições Asa; p.29

**Com a realização deste trabalho, serei capaz de:**

- Identificar ideias principais, justificando;
- Estabelecer relações de sentido entre episódios;
- Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados no texto;
- Valorizar a obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo.

**Tempo:** 45 minutos.

**Modalidade de trabalho:** pares e grande grupo.

**Pré-leitura:**

1. Partindo da leitura da seguinte estância d’*Os Lusíadas*, de Luís de Camões, apresente as suas ideias sobre o que espera ler no último capítulo da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.

*Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho  
Destemperada e a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente surda e endurecida.  
O favor com que mais se acende o engenho  
Não no dá a pátria, não, que está metida  
No gosto da cobiça e na rudeza  
Dũa austera, apagada e vil tristeza.*  
(Camões, *Os Lusíadas*, X, 145)

226

**DO QUE PASSEI DEPOIS QUE PARTIMOS DESTE PORTO DE XEQUE ATÉ  
CHEGAR À ÍNDIA, E DAÍ A ESTE REINO**

(manual, pp.359-360)

**Linhas de Leitura:**

1. O narrador conclui o seu discurso com a defesa da sua própria causa. Contudo, encontramos, no texto, alguns indícios de decepção e de revolta perante a injustiça de que o narrador se sente vítima. Justifique a afirmação com expressões do texto.
2. Este capítulo funciona, em certa medida, como autentificação de todo o texto da *Peregrinação*. Explique de que forma isso é feito.
3. Explicite como este capítulo manifesta uma densa crítica ao poder instituído. Relacione a sua resposta com a metáfora «fonte/canos» e com a alusão à diferença entre «Rei do Céu» e «Reis da Terra».

**Pós-leitura:**

1. Compare este capítulo com o primeiro, referindo elementos comuns e possíveis divergências.

**Construa o seu Glossário**

- 
- 
- 
- 
-

### 5.3. Cenário de Resposta do Guião 3

#### Guião 3

*Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto

Capítulo 226 – A reflexão final

Cenário de resposta

#### Pré-leitura:

1. Partindo da leitura da seguinte estrofe d'*Os Lusíadas*, de Luís de Camões, apresente as suas ideias sobre o que espera ler no último capítulo de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.

*Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho*

*Destemperada e a voz enrouquecida,*

*E não do canto, mas de ver que venho*

*Cantar a gente surda e endurecida.*

*O favor com que mais se acende o engenho*

*Não no dá a pátria, não, que está metida*

*No gosto da cobiça e na rudeza*

*Dũa austera, apagada e vil tristeza.*

(Camões, *Os Lusíadas*, X, 145)

No último capítulo de *Peregrinação*, espera-se ler uma expressão de desânimo, desencanto por se escrever para um país de «gente surda e endurecida». Neste sentido, prevê-se que esta obra não receba o reconhecimento desejado pelo autor e que a pátria não lhe dê o «favor» merecido. Com efeito, espera-se encontrar uma crítica à ingratidão do reino.

#### Linhas de Leitura:

1. O narrador conclui o seu discurso com a defesa da sua própria causa. Contudo, encontramos, no texto, alguns indícios de decepção e de revolta perante a injustiça de que o narrador se sente vítima. Justifique a afirmação com expressões do texto.

A narrativa das aventuras e desventuras de Fernão Mendes Pinto termina com um certo índice de decepção e revolta perante a injustiça de que o narrador se sente

vítima. Perante a falta de correspondência entre os «trabalhos e serviços passados» e a sua valorização, o narrador naturalmente lamenta a perda de tempo, recursos e esforços («me teve os tristes papéis quatro anos e meio, no fim dos quais não tirei fruto senão os trabalhos e pesadumes que passei no requerimento, que não sei se diga que me foram mais pesados que quantos passei no decurso do tempo atrás.», ll.43-6). No fundo, estamos perante uma sincera mágoa daquele que se autointitulou «pobre de mim» («E vendo eu quão pouco me fundiam tanto os trabalhos e serviços passados, como o requerimento presente, determinei de me recolher com essa miséria que trouxera comigo, adquirida por meio de muitos trabalhos e infortúnios», ll.47-9).

Contudo, por outro lado, a compreensão e a resignação perante aquilo que é interpretado como um castigo de Deus, para expiação dos seus pecados, é logo mencionada («não deixo de entender que ficar eu sem a satisfação que me pretendia por tantos trabalhos e por tantos serviços, procedeu mais da providência divina que o permitiu assim por meus pecados, que de descuido ou falta alguma que houvesse em quem por ordem do céu tinha a seu cargo satisfazer-me», ll.56-59).

**2. Este capítulo funciona, em certa medida, como autentificação de todo o texto da *Peregrinação*. Explique de que forma isso é feito.**

Este capítulo funciona como afirmação e mesmo como autentificação da obra escrita como testemunho autobiográfico, na medida em que se alude a «papéis» (l. 24) e «certidões» (l. 30). Além disso, parece transparecer a impressão de que o texto foi escrito para demonstrar a injustiça de que o seu autor foi vítima, no seu país, depois de ter recebido um reconhecimento positivo da sua ação e serviço por Francisco Barreto.

**3. Explicita como este capítulo manifesta uma densa crítica ao poder instituído. Relacione a sua resposta com a metáfora «fonte/canos» e com a alusão à diferença entre «Rei do Céu» e «Reis da Terra».**

A imagem dos canos e da fonte, subtilmente legitimadora da falta régia, é uma forma de resumir a sua mágoa, uma vez que as recompensas são normalmente concedidas pelos reis («a fonte limpa») mais pelas amizades do que pelo seu valor («canos mais afeiçoados que arrazoados»). A ironia que esta metáfora comporta serve sobretudo para fazer uma sátira à ingratidão.

Na sua obra, Fernão Mendes Pinto alude, com uma pequena diferença, ao «Rei do Céu» e ao «Reis da Terra»: ao primeiro, dá graças; aos segundos, não se queixa. Com efeito, o autor não culpa «os reis da terra» pelos pecados dos homens, isto é, pelos erros que denuncia na sua sátira, mas, confessando-se pecador, agradece à enigmática e divina providência.

### **Pós-leitura:**

#### **1. Compare este capítulo com o primeiro, referindo elementos comuns e possíveis divergências.**

- O primeiro capítulo apresenta-se, sobretudo, como uma exposição lamentatória «dos muitos e grandes trabalhos e infortúnios» por que passou o protagonista;
- No último capítulo, há, inicialmente, a criação de falsas expectativas relativamente ao reconhecimento positivo dos serviços de Fernão Mendes Pinto («E em satisfação deste trabalho e dos gastos que tinha feito de minha fazenda, me fez muitos oferecimentos», ll. 17-18), que parece suavizar toda a veemente elegia do «pobre de mim», insistentemente cantada da primeira à última página.
- A recorrente afirmação dos perigos e trabalhos vividos (cap. 1: «meus trabalhos e perigos da vida que passei no decurso de vinte e um anos, em que fui treze vezes cativo e dezassete vendido», ll. 22-25; cap. 226: «meus serviços de vinte e um anos, nos quais fui treze vezes cativo e dezasseis vendido», ll. 53-4).



## 5.4. Diapositivos da Apresentação em PowerPoint



Escola Secundária de Camões  
2016/2017

Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa  
10.º ano Turma: K Data: 11 de janeiro de 2017



# *Peregrinação,* de Fernão Mendes Pinto

## Capítulo 226



### Sumário

Leitura e análise do capítulo 226 de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.

1

### Pré-leitura

1. Partindo da leitura da seguinte estância d' *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, apresente as suas ideias sobre o que espera ler no último capítulo de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.

*Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho  
Destemperada e a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente surda e endurecida.  
O favor com que mais se acende o engenho  
Não no dá a pátria, não, que está metida  
No gosto da cobiça e na rudeza  
D'ũa austera, apagada e vil tristeza.*

(Camões, *Os Lusíadas*, X, 145)

- No último capítulo de *Peregrinação*, espera-se ler uma expressão de desânimo, desencanto por se escrever para um país de «gente surda e endurecida». Neste sentido, prevê-se que esta obra não receba o reconhecimento desejado pelo autor e que a pátria não lhe dê o «favor» merecido. Com efeito, espera-se encontrar uma crítica à ingratidão do reino.

2

# DO QUE PASSEI DEPOIS QUE PARTIMOS DESTE PORTO DE XEQUE ATÉ CHEGAR À ÍNDIA, E DAÍ A ESTE REINO

Capítulo 226

3

**1. O narrador conclui o seu discurso com a defesa da sua própria causa. Contudo, encontramos, no texto, alguns indícios de decepção e de revolta perante a injustiça de que o narrador se sente vítima. Justifique a afirmação com expressões do texto.**

- Perante a falta de correspondência entre os «trabalhos e serviços passados» e a sua valorização, o narrador naturalmente lamenta a perda de tempo, recursos e esforços.
  - «me teve os tristes papéis quatro anos e meio, no fim dos quais não tirei fruto senão os trabalhos e pesadumes que passei no requerimento, que não sei se diga que me foram mais pesados que quantos passei no decurso do tempo atrás.», ll.43-6
- Estamos perante uma sincera mágoa daquele que se autointitulou «pobre de mim».
  - «E vendo eu quão pouco me fundiam tanto os trabalhos e serviços passados, como o requerimento presente, determinei de me recolher com essa miséria que trouxera comigo, adquirida por meio de muitos trabalhos e infortúnios», ll.47-9
- A compreensão e a resignação perante aquilo que é interpretado como um castigo de Deus, para expiação dos seus pecados, é logo mencionada.
  - «não deixo de entender que ficar eu sem a satisfação que me pretendia por tantos trabalhos e por tantos serviços, procedeu mais da providência divina que o permitiu assim por meus pecados, que de descuido ou falta alguma que houvesse em quem por ordem do céu tinha a seu cargo satisfazer-me», ll.56-59

4

**2. Este capítulo funciona, em certa medida, como autentificação de todo o texto da *Peregrinação*. Explique de que forma isso é feito.**

- Este capítulo funciona como afirmação e mesmo como autentificação da obra escrita como testemunho autobiográfico, na medida em que se alude a «papéis» (l. 30) e «certidões» (l. 24). Além disso, parece transparecer a impressão de que o texto foi escrito para demonstrar a injustiça de que o seu autor foi vítima, no seu país, depois de ter recebido um reconhecimento positivo da sua ação e serviço por Francisco Barreto.

5

**3. Explícite como este capítulo manifesta uma densa crítica ao poder instituído. Relacione a sua resposta com a metáfora «fonte/canos» e com a alusão à diferença entre «Rei do Céu» e «Reis da Terra».**

#### **Fonte/canos**

- A imagem dos canos e da fonte, subtilmente legitimadora da falta régia, é uma forma de resumir a sua mágoa, uma vez que as recompensas são normalmente concedidas pelos reis («a fonte limpa») mais pelas amizades do que pelo seu valor («canos mais afeiçoados que arrazoados»). A ironia que esta metáfora comporta serve sobretudo para fazer uma sátira à ingratidão.

#### **Rei do Céu e Reis da Terra**

- Na sua obra, Fernão Mendes Pinto alude ao «Rei do Céu» e aos «Reis da Terra»: ao primeiro, dá graças; aos segundos, não se queixa. Com efeito, o autor não culpa «os reis da terra» pelos pecados dos homens, isto é, pelos erros que denuncia na sua sátira, mas, confessando-se pecador, agradece à enigmática e divina providência.

6

### **Pós-leitura:**

#### **1. Compare este capítulo com o primeiro, referindo elementos comuns e possíveis divergências**

##### **Elementos comuns**

- A recorrente afirmação dos perigos e trabalhos vividos:
  - cap. 1: «meus trabalhos e perigos da vida que passei no decurso de vinte e um anos, em que fui treze vezes cativo e dezassete vendido», ll. 22-25;
  - cap. 226: «meus serviços de vinte e um anos, nos quais fui treze vezes cativo e dezasseis vendido», ll. 53-4).

##### **Possíveis divergências**

- O primeiro capítulo apresenta-se, sobretudo, como uma exposição lamentatória «dos muitos e grandes trabalhos e infortúnios» por que passou o autor;
- No último capítulo, há, inicialmente, a criação de falsas expectativas relativamente ao reconhecimento positivo dos serviços de Fernão Mendes Pinto («E em satisfação deste trabalho e dos gastos que tinha feito de minha fazenda, me fez muitos oferecimentos», ll. 17-18), que parece suavizar toda a veemente elegia do «pobre de mim», insistentemente cantada da primeira à última página.

## **Anexo 6 - Plano e materiais da quinta aula**

6.1. Plano da quinta aula

6.2. Guião de Leitura 4

6.3. Cenário de Resposta do Guião 4

6.4. Diapositivos da Apresentação em *PowerPoint*

6.5. Ficha de sistematização de conhecimentos sobre *Peregrinação*

6.6. Cenário de Resposta da Ficha de sistematização de conhecimentos

6.7. Grelha de Avaliação da Ficha de sistematização

6.8. Antologia de excertos de *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria

6.9. Guião de Leitura 5

6.10. Cenário de Resposta do Guião 5

6.11. Diapositivos da Apresentação em *PowerPoint*

## 6.1. Plano da quinta aula



Escola Secundária de Camões  
2016/2017

Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa

Professora orientadora: Doutora Margarida Braga Neves

Professora cooperante: Dr.ª Cristina Duarte

10.º ano Turma K Data: 12 de janeiro de 2017



### Plano de aula – Memória descritiva

#### Introdução ao estudo de *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria

##### Objetivos - O aluno deve ser capaz de:

- Ler outras obras e estabelecer comparações entre elas;
- Reconhecer a relação entre a Literatura e outras artes (pintura);
- Identificar ideias principais, justificando.

##### Conteúdos:

###### ☞ Documentário da RTP2 Grandes Livros: *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto:

- Reflexão sobre as linhas gerais da obra.

###### ☞ Análise de excertos da obra *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria:

- Análise de elementos paratextuais.

##### Avaliação:

- Observação direta, com registo das intervenções (assiduidade; pontualidade; comportamento; participação espontânea e solicitada; realização dos trabalhos de casa);
- Ficha de verificação de leitura da obra.

Atividades	Recursos	Tempo
1. Entrada dos alunos e professoras na sala de aula.		5 minutos
2. Elaboração do sumário e explicação do objetivo da aula.	Projeção em <i>PowerPoint</i> . Caderno diário.	5 minutos

3. Correção das respostas dos alunos ao Guião 3.	Guião 3. Projeção em <i>PowerPoint</i> .	30 minutos
4. Sistematização das linhas gerais da obra. 4.1. Correção das respostas dos alunos ao Guião 4; 4.2. Resolução de uma ficha sobre as questões principais da obra aprendidas com a leitura dos excertos e com a visualização do documentário da RTP2 Grandes Livros: <i>Peregrinação</i> , de Fernão Mendes Pinto.	Guião 4.  Ficha de sistematização de conteúdos.	35 minutos
5. Análise de excertos da obra de Almeida Faria:  5.1. <i>Brainstorming</i> sobre a Índia, a partir de uma pintura de Bárbara Assis Pacheco.	Obra <i>O Murmúrio do Mundo</i> , de Almeida Faria.  Guião 5.  Projeção em <i>PowerPoint</i> com anotação de dados pertinentes.	10 minutos
6. Instruções sobre o trabalho de casa: resolução da ficha de trabalho final e de um questionário.	Ficha de trabalho.  Questionário.	5 minutos

### **Sumário**

Sistematização das linhas gerais da obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto: correção das atividades da aula anterior e resolução de uma ficha de trabalho.  
Leitura analítica e crítica de excertos da obra *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria.



## 6.2. Guião de Leitura 4



Escola Secundária de Camões  
2016/2017

Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa  
10.º ano Turma: K Data: 11 de janeiro de 2017

Nome: \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_



### Guião 4

*Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto  
Documentário Grandes Livros



Com a realização deste trabalho, serei capaz de:

- Interpretar textos orais, distinguindo informação subjetiva de informação objetiva;
- Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados no texto;
- Valorizar a obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo.

**Tempo:** 50 minutos.

**Modalidade de trabalho:** individual.



Visione atentamente o programa *Grandes Livros* dedicado à *Peregrinação* e ao seu autor, Fernão Mendes Pinto, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=aU-wXwnUj30>. Siga as orientações apresentadas para que possa sistematizar as informações mais importantes e desenvolver algumas ideias-chave sobre o autor, a sua obra e a sua época.

1. Como é caracterizada a abertura da obra?

---

---

---

---

2. Indique:

2.1. a data de partida do autor para a Índia. \_\_\_\_\_

2.2. a da sua chegada a Portugal. \_\_\_\_\_

3. Fernão Mendes Pinto narra a aventura portuguesa no Oriente. Apresente as razões que levaram o autor a sair de Portugal.

---

---

3.1. Sintetize as suas aventuras.

---

---

---

---

---

3.2. Diz-se que Portugal «está no auge de uma época irrepetível de navegação, descoberta e comércio». Enuncie os três principais objetivos de Portugal nesta altura.

---

---

4. Explique o desenvolvimento do império marítimo Português na carreira da Índia, referindo o «segredo» desta bem-sucedida expansão ao Oriente.

---

---

---

---

5. Refira os principais dados biográficos de Fernão Mendes Pinto.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

6. Que género narrativo se diz que «Fernão Mendes Pinto estava a criar»?

---

7. Destaque os aspetos mais importantes do depoimento de Rui Zink (10:13' – 10:35').

---

---

---

---

8. Oiça, com atenção, o depoimento de Ana Paula Laborinho (10:56' – 11:27') e indique as fontes de Fernão Mendes Pinto.

---

---

---

---

9. Sintetize a «história da *Peregrinação*».

---

---

---

---

10. De que forma a chegada dos portugueses ao Japão se tornou um fator decisivo para a História desse país?

---

---

---

---

---

---

---

11. Explique a razão pela qual o historiador José Eduardo Franco (21:45' – 23:06') diz que «a *Peregrinação* é uma obra extraordinária».

---

---

---

---

---

---

---

---

12. Porque é que, ao longo dos tempos, as obras *Peregrinação* e *Os Lusíadas* têm sido relacionadas? Justifique, ainda, o «esquecimento» da *Peregrinação*.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

13. Com base nos depoimentos do documentário, responda à pergunta do narrador: «Terá real fundamento o adágio popular que então nasceu Fernão, mentes? Minto!».

Segundo Luís Thomaz: \_\_\_\_\_

De acordo com João Paulo Oliveira e Costa:

---

---

---

---

Na opinião de Rui Zink:

---

---

Segundo Ana Paula Laborinho:

---

---

Para Natália Guedes:

---

---

14. Explícite o que para Paula Laborinho é «o mais luminoso deste texto» (30:57' – 31:38').

---

---

15. Indique as opiniões sobre a polissemia do título da obra, *Peregrinação*.

---

---

---

---

---

---

---

16. Que memória se eternizou de Fernão Mendes Pinto?

---

---

### **6.3. Cenário de Resposta do Guião 4**

#### **Guião 4**

***Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto**

**Documentário Grandes Livros**

**Cenário de resposta**

#### **1. Como é caracterizada a abertura da obra?**

«As primeiras palavras da obra, apesar de não serem tão célebres como as de outras obras suas contemporâneas (como *Os Lusíadas*), não lhes ficam atrás quanto à grandeza a que se propõem».

A primeira página da *Peregrinação* é a sua melhor síntese, trata-se do extraordinário relato do muito que passou o aventureiro Fernão Mendes Pinto.

#### **2. Indique:**

**2.1. a data de partida do autor para a Índia:** 11 de março de 1537.

**2.2. a da sua chegada a Portugal:** 22 de setembro de 1558 «chega a Lisboa miraculosamente são e salvo».

#### **3. Fernão Mendes Pinto narra a aventura portuguesa no Oriente. Apresente as razões que levaram o autor a sair de Portugal.**

Em busca de fortuna, embarca ao lado de comerciantes, militares e missionários.

##### **3.1. Sintetize as suas aventuras.**

Sobrevive a tempestades, naufrágios, combates, vitórias e perdições, corsários e piratas. Foi preso, vendido, ferido e abandonado, assiste a mortes incontáveis mesmo ao seu lado, negócios entre portugueses e locais, alianças e traições de príncipes e reis das mais exóticas partes do mundo. No papel de espetador, relata o que os seus olhos viram antes de qualquer outro europeu: os povos, os costumes, as línguas, as cidades, as paisagens e animais fantásticos.

##### **3.2. Diz-se que Portugal «está no auge de uma época irrepetível de navegação, descoberta e comércio». Enuncie os três principais objetivos de Portugal nesta altura.**

Os três principais objetivos eram: primeiro queria expandir-se; segundo, fazer comércio; terceiro, espalhar a fé cristã.

**4. Explique o desenvolvimento do império marítimo Português na carreira da Índia, referindo o «segredo» desta bem-sucedida expansão ao Oriente.**

As linhas de comunicação são extensas, não só entre a metrópole e o Oriente, mas também entre as várias poções do Oriente. Portugal aposta intensamente na carreira da Índia: negocia animais, minérios, madeira, âmbar, especiarias. Os portugueses desenvolvem na Ásia, no século XVI, um império marítimo que consegue discutir a hegemonia do mar asiático com os muçulmanos.

O «segredo» desta bem-sucedida expansão ao Oriente não residia na supremacia bélica, mas na habilidade para negociar, na busca de entendimento, no acordo.

**5. Refira os principais dados biográficos de Fernão Mendes Pinto.**

Supõe-se que tenha nascido em 1509, mas pode ter sido em 1511, em Montemor-o-Velho;

Chega a Lisboa a 1521 e foge seis anos e meio depois, por razões desconhecidas, da casa da dama nobre onde trabalhava;

Embarca para Setúbal, mas nunca chega ao destino. A nau é assaltada por corsários que abandonam a tripulação em Melides;

Em março de 1537, volta a haver notícia de Fernão Mendes Pinto, tinha agora 28 ou 30 anos e era um dos muitos portugueses que não conseguindo fazer riqueza na pátria estavam decididos a procurá-la mais longe: na Índia.

**6. Que género narrativo se diz que «Fernão Mendes Pinto estava a criar»?**

Querendo ou não, Fernão Mendes Pinto estava a criar a Literatura de Viagens Portuguesa.

**7. Destaque os aspetos mais importantes do depoimento de Rui Zink (10:13' – 10:35').**

«A *Peregrinação* é uma obra-prima do século XVI, é uma obra-prima da nossa literatura, é uma das poucas joias da coroa que ainda guardamos e é, juntamente com *Os Lusíadas*, o emblema final nos nossos descobrimentos, no nosso renascimento».

**8. Oiça, com atenção, o depoimento de Ana Paula Laborinho (10:56' – 11:27') e indique as fontes de Fernão Mendes Pinto.**

Estão presentes nas suas descrições outros autores, como João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, Gaspar da Cruz, mas há uma diferença que faz com que este texto possa ser integrado na Literatura de Viagens, mas a exceda muitíssimo como obra.

**9. Sintetize a «história da *Peregrinação*».**

Um romance de viagens e aventuras por terras exóticas com salteadores e a conquista do Oriente em fundo.

**10. De que forma a chegada dos portugueses ao Japão se tornou um fator decisivo para a História desse país?**

Os portugueses, além de serem os primeiros europeus a lá chegar, chegavam com algo que ia mudar a história do país: armas de fogo. A introdução da espingarda foi um fator decisivo na história do Japão, porque, quando os portugueses chegaram ao Japão, o país estava mergulhado numa profunda guerra civil e a espingarda vai introduzir a superioridade que conduz à unificação do território e da sua capacidade de defesa face a ameaças externas. Os japoneses aprendem o fabrico da arma e, ainda hoje, todos os anos, celebram o festival da espingarda.

**11. Explique a razão pela qual o historiador José Eduardo Franco (21:45' – 23:06) diz que «a *Peregrinação* é uma obra extraordinária».**

Porque ela acaba por apresentar e descrever não só os estados de espírito perante o contacto com novos cenários até então desconhecidos, mas revelar aquilo que foi o progresso de um europeu vindo de uma matriz/cultura eurocêntrica que considerava a sua cultura mais importante e a sua religião superior e que, no contacto com o *Outro*, vai transformando o seu olhar e vai se transformando.

Esta é uma das novidades que a *Peregrinação* traz à literatura: o *Outro*, o estranho, é reconhecido como igual, o seu discurso é direto em igualdade com o do sujeito europeu, há diálogo.

É uma obra que em grande medida engrandece a nossa cultura, abrindo para uma certa tolerância, dado que a nossa cultura e a nossa literatura, mesmo *Os Lusíadas*, são muito marcadas por uma visão que era própria da época: marcada pelo nós e por uma certa intolerância em relação ao *Outro*, no sentido de transformar o *Outro* e torná-lo o mais possível semelhante a nós.

**12. Porque é que, ao longo dos tempos, as obras *Peregrinação* e *Os Lusíadas* têm sido relacionadas? Justifique, ainda, o «esquecimento» da *Peregrinação*.**

A *Peregrinação* é a obra-mestra a par d'*Os Lusíadas*. O que acontece é que como *Os Lusíadas* são um bocado «lambe botas» (Rui Zink): têm um décimo de crítica, que é o episódio do Velho do Restelo, e nove décimos de panegírico. *Os Lusíadas* contam a epopeia dos portugueses e da nação portuguesa e estabelecem o mito da nação portuguesa daquela maneira mítica, efabulada, à maneira dos clássicos, portanto, uma epopeia idealista.

A *Peregrinação* é exatamente o contrário: tem uma décima de panegírico e nove décimas de crítica e autocritica e por isso tem sido esquecida e maltratada, porque Portugal nunca gostou de ser criticado. A *Peregrinação* é uma espécie de epopeia realista, dado que, no terreno, o protagonista vai descrevendo, passo a passo, o contacto com vários povos e exercendo vários cargos.

Em síntese, postas lado a lado, o povo eternizado em ambas as obras aceita melhor o elogio do que crítica. A *Peregrinação* tem várias críticas ao comportamento dos portugueses no Oriente e isso é altamente patriótico. Mendes Pinto contava coisas extraterrestres, visões que nenhum outro europeu jamais tivera e isso terá sido difícil de aceitar. Por outro lado, criticava a corrupção, a tirania, a monstruosidade de muitos atos dos portugueses no longínquo Oriente e o trilha sangrento desta hipotética verdade jamais poderia ser abraçado com o mesmo amor que o poema que Camões deixara à pátria, mas o futuro faria alguma justiça a *Peregrinação*.

**13. Com base nos depoimentos do documentário, responda à pergunta do narrador: «Terá real fundamento o adágio popular que então nasceu Fernão, mentes? Minto!».**

Segundo Luís Thomaz: «Ele diz ter visto o filho do Xá da Pérsia e isso nunca aconteceu, porque ele nunca lá esteve. Portanto, nesse aspeto, mente.»;

De acordo com João Paulo Oliveira e Costa: «Embora a *Peregrinação*, grosso modo, seja um texto fiável, há aspetos que parecem andar mais pela utopia e serem mais inventados. Por exemplo, ele nunca terá vivido a passagem pelo interior da China. Mas, quando ele chega a Portugal e começa a contar tudo o que viu, era mais fácil para as pessoas não acreditarem, porque, na realidade, o mundo asiático era impensável e difícil de conceber.»;

Na opinião de Rui Zink: «Crime de lesa-pátria, levado a cabo pelas sucessivas inquisições, pela nobreza e pelo clero. Não estou a ver o povo, que não lia a obra de Fernão Mendes Pinto, porque não era permitida, a fazer um gozo com um livro que não leu.»;

Segundo Ana Paula Laborinho: «tem-se vindo a mostrar que muitas dessas informações têm, afinal, uma base histórica através da comparação com outros documentos.»;

Para Natália Guedes: «se compararmos com outros relatos de outros escritores que por lá passaram, o nosso Fernão Mendes Pinto é extraordinariamente audaz no que diz e aos poucos se confirma que o que diz é a realidade.».

**14. Explícite o que para Ana Paula Laborinho é «o mais luminoso deste texto» (30:57' – 31:38').**

«O mais luminoso deste texto» é a sua elaboração ficcional e, nesse aspeto, Fernão Mendes Pinto faz construções claramente ficcionais: ele utiliza histórias que estão narradas por outros e incorpora na sua biografia.

**15. Indique as opiniões sobre a polissemia do título da obra, *Peregrinação*.**

Luís Thomaz: «A *Peregrinação* tem sido lida como um romance, como um livro de história, mas não é nada, mas é tudo. Tem-se chamado pouco a atenção para o aspeto filosófico, de peregrinação interior. Não é só peregrinação, porque o autor anda de lugar em lugar, mas é peregrinação, também, porque há uma peregrinação em busca da verdade, por parte do autor»;

João Paulo Oliveira e Costa: «Na sua *Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto descreve, acima de tudo, a sua caminhada espiritual, que é uma caminhada ascética de quem se vai desprendendo da vida intensa que tinha levado (vida de comércio, roubo, etc...)»;

Ana Paula Laborinho: «as aventuras que vai contando são o seu penitencial»;

Narrador: «caminhada com sentido de ascese, salvação».

**16. Que memória se eternizou de Fernão Mendes Pinto?**

Em Almada, erigiu-se-lhe uma estátua;

Tem um lugar no Padrão dos Descobrimentos (terceira figura a contar do fim, do lado direito).



## 6.4. Diapositivos da Apresentação em PowerPoint



Escola Secundária de Camões  
2016/2017  
Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa  
10.º ano Turma: K Data: 11 de janeiro de 2017



# *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto

Documentário RTP2 – Grandes Livros



1

### 1. Como é caracterizada a abertura da obra?

- «As primeiras palavras da obra, apesar de não serem tão célebres como as de outras obras suas contemporâneas (como *Os Lusíadas*), não lhes ficam atrás quanto à grandeza a que se propõem».
- A primeira página de *Peregrinação* é a sua melhor síntese, trata-se do extraordinário relato do muito que passou o aventureiro Fernão Mendes Pinto.

2

## 2. Indique:

- a data de partida do autor para a Índia: 11 de março de 1537.
- a da sua chegada a Portugal: 22 de setembro de 1558 «chega a Lisboa miraculosamente são e salvo».

3

## 3. Fernão Mendes Pinto narra a aventura portuguesa no Oriente. Apresente as razões que levaram o autor a sair de Portugal.

- Em busca de fortuna, embarca ao lado de comerciantes, militares e missionários.

4

### 3.1. Sintetize as suas aventuras.

- Sobrevive a tempestades, naufrágios, combates, vitórias e perdições, corsários e piratas. Foi preso, vendido, ferido e abandonado, assiste a mortes incontáveis mesmo ao seu lado, negócios entre portugueses e locais, alianças e traições de príncipes e reis das mais exóticas partes do mundo. No papel de espectador, relata o que os seus olhos viram antes de qualquer outro europeu: os povos, os costumes, as línguas, as cidades, as paisagens e animais fantásticos.

5

### 3.2. Diz-se que Portugal «está no auge de uma época irrepetível de navegação, descoberta e comércio». Enuncie os três principais objetivos de Portugal nesta altura.

- Os três principais objetivos eram: primeiro quer expandir-se; segundo, fazer comércio; terceiro, espalhar a fé cristã.

6

**4. Explique o desenvolvimento do império marítimo Português na carreira da Índia, referindo o «segredo» desta bem-sucedida expansão ao Oriente.**

- As linhas de comunicação são extensas, não só entre a metrópole e o Oriente, mas também entre as várias poções do Oriente. Portugal aposta intensamente na carreira da Índia: negocia animais, minérios, madeira, âmbar, especiarias. Os portugueses desenvolvem na Ásia, no século XVI, um império marítimo que consegue discutir a hegemonia do mar asiático com os muçulmanos.
- O «segredo» desta bem-sucedida expansão ao Oriente não residia na supremacia bélica, mas na habilidade para negociar, na busca de entendimento, no acordo.

7

**5. Refira os principais dados biográficos de Fernão Mendes Pinto.**

- Supõe-se que tenha nascido em 1509, mas pode ter sido em 1511, em Montemor;
- Chega a Lisboa a 1521 e foge seis anos e meio depois, por razões desconhecidas, da casa da dama nobre onde trabalhava;
- Embarca para Setúbal, mas nunca chega ao destino. A nau é assaltada por corsários que abandonam a tripulação em Melides;
- Em março de 1537, volta a haver notícia de Fernão Mendes Pinto, tinha agora 28 ou 30 anos e era um dos muitos portugueses que não conseguindo fazer riqueza na pátria estavam decididos a procurá-la mais longe: na Índia.

8

**6. Que género narrativo se diz que «Fernão Mendes Pinto estava a criar»?**

- Querendo ou não, Fernão Mendes Pinto estava a criar a Literatura de Viagens Portuguesa.

9

**7. Destaque os aspetos mais importantes do depoimento de Rui Zink (10:13' – 10:35').**

- «A *Peregrinação* é uma obra-prima do século XVI, é uma obra-prima da nossa literatura, é uma das poucas joias da coroa que ainda guardamos e é, juntamente com *Os Lusíadas*, o emblema final nos nossos descobrimentos, no nosso renascimento».

10

8. Oiça, com atenção, o depoimento de Ana Paula Laborinho (10:56' – 11:27') e indique as fontes de Fernão Mendes Pinto.

- João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, Gaspar da Cruz.
- Estão presentes nas suas descrições outros autores, mas há uma diferença que faz com que este texto possa ser integrado na Literatura de Viagens, mas a exceda muitíssimo como obra.

11

9. Sintetize a «história da *Peregrinação*».

- Um romance de viagens e aventuras por terras exóticas com salteadores e a conquista do Oriente em fundo.

12

**10. De que forma a chegada dos portugueses ao Japão se tornou um fator decisivo para a História desse país?**

- Os portugueses, além de serem os primeiros a lá chegar, chegavam com algo que ia mudar a história do país: armas de fogo. A introdução da espingarda foi um fator decisivo na história do Japão, porque, quando os portugueses chegaram ao Japão, o país estava mergulhado numa profunda guerra civil e a espingarda vai introduzir a superioridade que conduz à unificação do território e da capacidade de defesa a ameaças externas. Os japoneses aprendem o fabrico da arma e, ainda hoje, todos os anos, celebram o festival da espingarda.

13

**11. Explique a razão pela qual o historiador José Eduardo Franco (21:45' – 23:06') diz que «a *Peregrinação* é uma obra extraordinária».**

- Porque ela acaba por apresentar e descrever não só os estados de espírito perante o contacto com novos cenários até então desconhecidos, mas revelar aquilo que foi o progresso de um europeu vindo de uma cultura eurocêntrica que considerava a sua cultura mais importante e a sua religião superior e que, no contacto com o Outro, vai transformando o seu olhar e vai se transformando.
- Esta é uma das novidades que a *Peregrinação* traz à literatura: o Outro, o estranho, é reconhecido como igual, o seu discurso é direto em igualdade com o do sujeito europeu, há diálogo.
- É uma obra que em grande medida engrandece a nossa cultura abrindo para uma certa tolerância, dado que a nossa cultura e a nossa literatura, mesmo *Os Lusíadas*, são muito marcadas por uma visão que era própria da época: marcada pelo nós e por uma certa intolerância em relação ao Outro, no sentido de transformar o Outro e torná-lo o mais possível semelhante a nós.

14



12. Porque é que, ao longo dos tempos, as obras *Peregrinação* e *Os Lusíadas* têm sido relacionadas? Justifique, ainda, o «esquecimento» da *Peregrinação*.

### *Os Lusíadas*

- têm um décimo de crítica, que é o episódio do Velho do Restelo, e nove décimos de panegírico;
- contam a epopeia dos portugueses e da nação portuguesa e estabelecem o mito da nação portuguesa de maneira mítica, efabulizada, à maneira dos clássicos, portanto, uma epopeia idealista.

### *Peregrinação*

- tem uma décima de panegírico e nove décimas de crítica e autocritica e por isso tem sido esquecida e maltratada, porque Portugal «nunca gostou de ser criticado».
- é uma espécie de epopeia realista, dado que, no terreno, o protagonista vai descrevendo, passo a passo, o contacto com vários povos e exercendo vários cargos.
- tem várias críticas ao comportamento dos portugueses no Oriente e isso é altamente patriótico.
- Mendes Pinto contava «coisas extraterrestres», visões que nenhum outro europeu jamais tivera e isso terá sido difícil de aceitar.

15

13. Com base nos depoimentos do documentário, responda à pergunta do narrador: «Terá real fundamento o adágio popular que então nasceu Fernão, mentes? Minto!».

- **Luís Thomaz:** «Ele diz ter visto o filho do Xá da Pérsia e isso nunca aconteceu, porque ele nunca lá esteve. Portanto, nesse aspeto, mente.»
- **João Paulo Oliveira e Costa:** «Embora a *Peregrinação*, *grosso modo*, seja um texto fiável, há aspetos que parecem andar mais pela utopia e serem mais inventados. Por exemplo, ele nunca terá vivido a passagem pelo interior da China. Mas, quando ele chega a Portugal e começa a contar tudo o que viu, era mais fácil para as pessoas não acreditarem, porque, na realidade, o mundo asiático era impensável e difícil de conceber.»
- **Rui Zink:** «é um crime de lesa pátria, levado a cabo pelas sucessivas inquisições, pela nobreza e pelo clero. Não estou a ver o povo, que não lia a obra de Fernão Mendes Pinto porque não era permitida, a fazer um gozo com um livro que não leu.»
- **Ana Paula Laborinho:** «tem-se vindo a mostrar que muitas dessas informações têm, afinal, uma base histórica através da comparação com outros documentos.»
- **Natália Guedes:** «se compararmos com outros relatos de outros escritores que por lá passaram, o nosso Fernão Mendes Pinto é extraordinariamente audaz no que diz e aos poucos se confirma que o que diz é a realidade.»

16



14. Explícite o que para Paula Laborinho é «o mais luminoso deste texto» (30:57' – 31:38').

- É a sua elaboração ficcional e nesse aspeto Fernão Mendes Pinto faz construções claramente ficcionais: ele utiliza histórias que estão narradas por outros e incorpora na sua biografia.

17

15. Indique as opiniões sobre a polissemia do título da obra, *Peregrinação*.

- **Luís Thomaz:** «A *Peregrinação* tem sido lida como um romance, como um livro de história, mas não é nada, mas é tudo. Tem-se chamado pouco a atenção para o aspeto filosófico, de peregrinação interior. Não é só peregrinação, porque o autor anda de lugar em lugar, mas é peregrinação, também, porque há uma peregrinação em busca da verdade, por parte do autor»;
- **João Paulo Oliveira e Costa:** «Na sua *Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto descreve, acima de tudo, a sua caminhada espiritual, que é uma caminhada ascética de quem se vai desprendendo da vida intensa que tinha levado (vida de comércio, roubo, etc...)»;
- **Ana Paula Laborinho:** «as aventuras que vai contando são o seu penitencial»;
- **Narrador:** «caminhada com sentido de ascese, salvação».

18

**16. Que memória se eternizou de Fernão Mendes Pinto?**

- Em Almada, erigiu-se-lhe uma estátua;
- Tem um lugar no Padrão dos Descobrimentos (terceira figura a contar do fim do lado direito).

## 6.5. Ficha de sistematização de conhecimentos sobre *Peregrinação*



Escola Secundária de Camões

2016/2017

Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa

10.º ano

Turma: K

Data: 11 de janeiro de 2017

Nome: \_\_\_\_\_

N.º \_\_\_\_\_



### *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto Sistematização



**Com a realização deste trabalho, serei capaz de:**

- Identificar ideias principais, justificando;
- Reconhecer o valor documental e literário de *Peregrinação*;
- Identificar algumas características do estilo de Fernão Mendes Pinto;
- Caracterizar *Peregrinação* enquanto obra de Literatura de Viagens;
- Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados no texto;
- Valorizar a obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo.

**Tempo:** 10 minutos.

**Modalidade de trabalho:** individual.

Responda às questões apresentadas tendo em conta o que aprendeu nas aulas com a leitura dos excertos da *Peregrinação*, bem como com o visionamento do documentário *Grandes Livros* dedicado a Fernão Mendes Pinto e à sua obra.

1. Em que século decorre a ação da obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto? \_\_\_\_\_

2. O autor, Fernão Mendes Pinto, conta as suas aventuras pelo \_\_\_\_\_

3. Por que se diz que o primeiro capítulo da obra é «a sua melhor síntese»?

---

---

---

4. Após escrever a obra, o autor foi visto como um homem

- a. imaginativo e mentiroso.
- b. aventureiro e corajoso.
- c. religioso e devoto.
- d. irresponsável e covarde.

5. O autor, logo no início da sua obra, considera que

- a. tem razões para se queixar da sua pouca sorte.
- b. o leitor irá apreciar conhecer as suas aventuras.
- c. a sua experiência será exemplarmente recordada.
- d. for um afortunado por ter passado por tantas aventuras.

6. O autor afirma que, em 21 anos de viagem

- a. foi 3 vezes cativo e 7 vendido.
- b. foi 13 vezes cativo e 17 vendido.
- c. foi 13 vezes cativo e 7 vendido.
- d. foi 3 vezes cativo e 17 vendido.

7. O que procura Fernão Mendes Pinto ao embarcar para a Índia? \_\_\_\_\_

8. Fernão Mendes Pinto embarcou ao lado de militares, missionários e comerciantes e sobreviveu a

- a. incêndios, maremotos, monstros e indígenas canibais.
- b. naufrágios, pestes, doenças e feras.
- c. tempestades, naufrágios, combates, perdições e piratas.
- d. doenças, escravidão, chicotadas e violência.

9. Na época dos Descobrimentos, as prioridades de Portugal seriam

- a. dividir o mundo e descobrir outros continentes.
- b. expandir o império, fazer comércio e espalhar a fé cristã.
- c. descobrir o Brasil, chegar ao Japão e conhecer novas rotas comerciais.
- d. alargar o império, tomar o rei poderoso e chegar à Índia por mar.

10. O segredo da bem-sucedida expansão portuguesa residia

- a. nas capacidades guerreiras.
- b. no manuseio das armas.
- c. na capacidade de negociar.
- d. no comércio de materiais desconhecidos na Europa.

11. Qual é umas das grandes novidades que a *Peregrinação* traz à literatura no que diz respeito à forma de perceber o Outro?

---

---

---

---

---

---

---

---

12. Explique, por palavras suas, a razão pela qual a *Peregrinação* tem sido preterida em relação a *Os Lusíadas*.

---

---

---

---

---

---

---

---

13. Porque surgiu o popular trocadilho «Fernão, mentes? Minto!»?

---

---

---

---

---

---

---

---

14. A que género narrativo pertence a *Peregrinação*? \_\_\_\_\_

## **6.6. Cenário de Resposta da Ficha de sistematização de conhecimentos**

### ***Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto**

#### **Sistematização**

#### **Cenário de resposta**

**Responda às questões apresentadas tendo em conta o que aprendeu nas aulas com a leitura dos excertos da *Peregrinação*, bem como com o visionamento do documentário *Grandes Livros* dedicado a Fernão Mendes Pinto e à sua obra.**

**1. Em que século decorre a ação da obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto?**

Século XVI. A obra foi escrita entre 1570 e 1578, sobre as aventuras passadas entre 1537 e 1558, e publicada, postumamente, em 1614.

**2. O autor, Fernão Mendes Pinto, conta as suas aventuras pelo Oriente.**

**3. Por que se diz que o primeiro capítulo da obra é «a sua melhor síntese»?**

O primeiro capítulo de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, constitui «a sua melhor síntese», na medida em que explica aquilo que foi e será a vida da personagem principal. Na verdade, o autor colocou «diante dos olhos» do leitor o que havia passado na sua «mocidade neste reino»: as peripécias das suas primeiras aventuras, ainda em Portugal, que deixa logo perspetivar e criar expectativas em relação aos futuros feitos. É, em síntese, o relato do muito que passou o aventureiro Fernão Mendes Pinto na sua viagem ao Oriente. É imprescindível referir, também, que este primeiro capítulo serve igualmente para recolher alguns dos seus principais dados biográficos.

**4. Após escrever a obra, o autor foi visto como um homem:**

Imaginativo e mentiroso.

**5. O autor, logo no início da sua obra, considera que:**

Tem razões para se queixar da sua pouca sorte.

**6. O autor afirma que, em 21 anos de viagem:**

Foi 13 vezes cativo e 17 vendido.

**7. O que procura Fernão Mendes Pinto ao embarcar para a Índia? Riqueza**

**8. Fernão Mendes Pinto embarcou ao lado de militares, missionários e comerciantes e sobreviveu a:**

Tempestades, naufrágios, combates, perdições e piratas.

**9. Na época dos Descobrimentos, as prioridades de Portugal seriam:**

Expandir o império, fazer comércio e espalhar a fé cristã.

**10. O segredo da bem-sucedida expansão portuguesa residia:**

Na capacidade de negociar.

**11. Qual é umas das grandes novidades que a *Peregrinação* traz à literatura no que diz respeito à forma de perceber o Outro?**

Na *Peregrinação*, o Outro, o estranho, é reconhecido como igual, o seu discurso é direto em igualdade com o do sujeito europeu, há diálogo. É uma obra que em grande medida abre para uma certa tolerância: não se tenta sobrepor a cultura portuguesa, mas sobretudo compreender o Outro e os seus modos, pelo exotismo que representam.

**12. Explique, por palavras suas, a razão pela qual a *Peregrinação* tem sido preterida em relação a *Os Lusíadas*.**

Ambas as obras são escritas no século XVI e discorrem sobre uma viagem marítima ao Oriente, mas uma grande diferença separa-as: enquanto *Os Lusíadas* são a glorificação de um povo que ultrapassa aquilo que «pode a força humana»; a *Peregrinação* é a crítica, ainda que subtil, à ação dos portugueses nos mares orientais, bem como à governação portuguesa. A crítica presente na *Peregrinação* é, acima de tudo, feita de forma indireta através de vozes interpostas: o narrador recorre, muitas vezes, a vozes de personagens orientais para efetuar uma sátira à nossa política de penetração na Índia e à má administração portuguesa. Com efeito, críticas semelhantes também as

encontramos n' *Os Lusíadas*, mas de forma mais velada e em menos ocorrência. Assim, naturalmente, a *Peregrinação* tem sido preterida em relação à grande epopeia dos feitos gloriosos dos portugueses, que é *Os Lusíadas*.

### **13. Porque surgiu o popular trocadilho «Fernão, mentes? Minto!»?**

Para o leitor da época, todas as descrições deviam parecer o que para nós, hoje, são os extraterrestres, pois tudo aquilo era fantástico. Assim, surgiu a desconfiança do leitor. O próprio autor estava tão ciente da natureza incrível de alguns dos seus relatos, que é ele próprio quem, ao narrá-los, põe o leitor de sobreaviso. Com efeito, ao longo do tempo, o interesse suscitado pela obra quase que se centrou apenas no problema de saber qual o grau de verdade histórica do seu conteúdo, isto é, de saber se, na sua génese, o leitor encontra uma realidade vivida ou uma ficção imaginada. Contudo, o mais interessante da obra não é a questão da verdade do texto ou da sua adequação à realidade, mas ver até que ponto o texto se define pelo seu excesso em relação à realidade.

### **14. A que género narrativo pertence a *Peregrinação*? Literatura de Viagens.**



## 6.7. Grelha de Avaliação da Ficha de sistematização

### ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES ANO LETIVO 2016/2017

DISCIPLINA: Literatura Portuguesa

TURMA: K

ANO: 10.º

Grelha de Avaliação da Ficha de Sistematização

DATA: 11 de janeiro de 2017

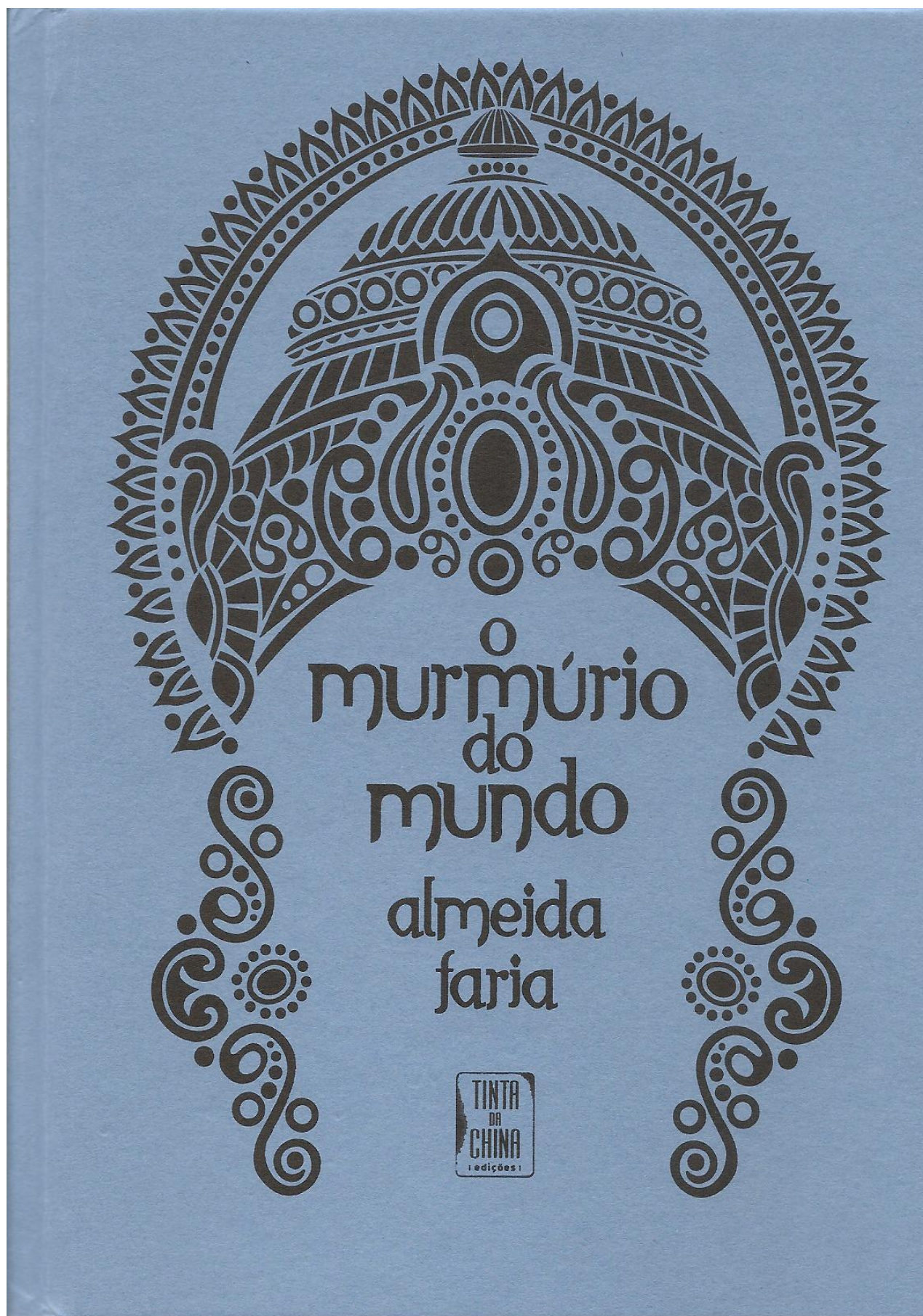
Questão	1	2	3		4	5	6	7	8	9	10	11		12		13		14	TOTAL	
			C.	C. L.								C.	C. L.	C.	C. L.	C.	C. L.			
Cotação	12	3	15	10	4	4	4	8	4	4	4	24	16	24	16	24	16	8	200	20
A. C.	0	3	7	7	4	4	4	8	4	4	4	0	0	5	11	5	14	8	92	9
A. G.	12	0	7	7	4	4	4	8	4	4	4	0	0	14	10	5	14	8	109	11
A.M.V.	12	3	7	9	4	4	4	8	4	4	4	24	16	24	16	24	16	8	191	19
A.M.R.	12	3	0	0	4	4	4	8	4	4	4	0	0	0	0	0	0	8	55	6
B.M.	12	0	0	0	4	4	4	8	0	4	4	0	0	10	8	12	13	8	91	9
B.P.	12	3	5	7	4	4	4	8	4	4	4	0	0	5	12	10	7	8	101	10
C.A.	12	0	10	7	4	0	4	8	4	4	0	0	0	0	0	12	14	8	87	9
C.C.	12	3	7	10	4	0	4	8	4	4	4	20	13	24	9	20	11	8	165	17
G.D.	12	0	5	7	4	4	4	8	4	4	4	0	0	0	0	5	14	8	83	8
L.	12	1	7	8	4	0	0	8	4	4	4	5	13	10	14	5	11	8	118	12
L.H.	0	1	7	6	4	0	0	8	4	4	4	0	0	0	0	0	0	8	46	5
M.C.A.	12	0	5	9	4	4	4	8	4	4	4	12	14	14	10	24	16	8	156	16
M.M.	0	0	10	6	4	4	4	8	4	4	4	0	0	0	0	0	0	8	56	6
M.T.	0	3	0	0	4	0	4	8	4	4	4	0	0	12	9	5	14	8	79	8
M.C.	12	3	7	9	4	4	4	8	4	4	4	0	0	24	12	10	14	8	131	13
P.	0	1	7	8	4	0	4	8	4	4	4	5	11	0	0	14	9	0	83	8
R.	12	3	7	7	4	0	4	8	4	4	4	0	0	24	16	10	16	8	131	13
R.F.	0	0	0	0	4	0	4	8	4	0	0	0	0	0	0	0	0	8	28	3
R.G.																			0	
S.I.																			0	
S.P.	12	0	7	7	4	0	4	8	4	4	4	0	0	20	12	12	15	8	121	12
T.	0	1	6	9	4	4	4	8	4	4	4	24	16	24	12	20	15	8	167	17
T.P.S.	0	0	4	7	4	0	4	8	4	4	4	0	0	10	9	5	14	0	77	8
T.P.L.	0	0	7	7	4	0	4	8	4	4	4	0	0	20	9	20	12	8	111	11
T.																			0	
C.	12	3	7	7	4	4	4	8	4	4	4	12	14	24	16	14	12	8	161	16
S.																			0	
L.	12	3	0	0	4	4	4	8	4	4	4	0	0	12	9	20	8	0	96	10
Média da Questão	8	1	11		4	2	4	8	4	4	4	7		18		17		7	Média da Turma	
% de respostas certas	63	47	46		100	54	92	100	96	96	92	18		45		43		88	106	11

	Nº alunos	%
Negativas	11	46
Positivas	13	54

Nota mais alta	28
Nota mais baixa	191

Presenças	24
Faltas	4

6.8. Antologia de excertos de *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria



## PARTIDA

*Despachadas as cousas todas, o Governador se embarcou e se fez à vela meado março, indo ele embarcado na nau São Thomé. Em a qual frota, além de gente ordenada para a navegação das naus, iriam até mil e quinhentos homens de armas, todos gente limpa, em que entravam muitos fidalgos e moradores da casa de el-rei, os quais iam ordenados para ficar na Índia, e por regimento que el-rei então fez eram obrigados a servir lá três anos contínuos.*

Despachada a bagagem dita de porão, *embarcámos* aos trinta dias de novembro num avião sem nome de santo mas dotado do dom de trespassar os céus a altas velocidades. Além da tripulação e dos outros passageiros, éramos cerca de três dezenas de *gente limpa* em que entravam alguns antigos e atuais moradores da casa da governação do Estado, e não nos esperavam meses e meses sem fim no mar até à Índia, nem lá ficaríamos *três anos contínuos*.

Índia: o que nos traz esta palavra? Mahatma Gandhi, Ganges, Gama, Goa, Buda, guru, *Vedas*, Ayurveda, karma, *Kama Sutra*, *Mahabharata*, encantadores de cobras, faquires, elefantes, tigres de Bengala, vacas sagradas, fogueiras crematórias, yoga, mantra, dharma, castas, párias, Taj Mahal, Akbar, palácios de rajás, turbantes e joias, pedras preciosas, diamantes rosa, colares, pingentes, braceletes, sedas, saris, caxemiras, açafão, Assam, Darjeeling, caril, gergelim, hinduísmo, Hightech, Meca, Calcutá, Bollywood, Bombaim, Benares...

A Bombaim contávamos chegar na noite seguinte. Chegar a meio da noite a uma cidade que não se conhece pode torná-la mais estranha ainda. As primeiras pessoas avistadas, as primeiras palavras ouvidas, o ar leve ou pesado, a brisa, caso a haja, carregada de ruídos próximos ou longínquos, que não se sabe de onde vêm e intrigam mais por isso, tudo adquire uma importância inusual. Num misto de curiosidade e de cansaço, adivinho em vez de ver, a fadiga alerta-me os sentidos, os ouvidos tornam-se mais atentos, as narinas mais sensíveis, reparo melhor em cada ser, em cada som ou cheiro, sem saber se fico mais consciente de mim mesmo ou se o espírito do lugar toma conta de mim e me dissolve nele.

(...)

Não senti isto na madrugada deste outro novembro ao sair do avião em Bombaim, aliás Mumbai, cidade babilónica cuja insónia produz coisas espantosas, misturando o mais arcaico da humanidade com o presente mais caótico, num caldo em que se confunde e explode tudo que é antagónico. Salman Rushdie, nascido em Mumbai no ano da independência da Índia, chama-lhe filha mestiça de um casamento luso-britânico: aqui a Índia encontrou o que não era



Índia, aquilo que veio vindo por cima das águas sombrias do mar. Quando Camões aqui desembarcou, vir à Índia exigia (nas suas palavras) uma travessia *longa e áspera*. Hoje, viajar até tão longe apenas exige uns insignificantes sacrifícios. Acordáramos às quatro da manhã, noite fechada, a fim de apanharmos o primeiro voo de Lisboa para Frankfurt, onde, antes mesmo de deixarmos o nosso outono em direção à primavera do outro hemisfério, comecei a ver a Índia das imagens dos meus antigos manuais escolares. Na maioria das cadeiras e sofás em volta das mesas baixas, muitos indianos aguardavam já a hora de embarcar. Calmos, calados, contrastavam com o excesso de agitação e as catadupas de conversas dos outros viajantes. Para além da paciência, do silêncio, de uma certa harmonia nos gestos e lentidão nos movimentos, as diferenças entre os próprios indianos eram óbvias, desde as tonalidades da pele até aos trajes.

A maioria das mulheres seria hindu, a julgar pelo *cucume*, ponto vermelho pintado entre as sobrancelhas das casadas. Umas tinham lenço na cabeça, blusa comprida à maneira das túnicas, calças folgadas. Outras, a blusa justa chamada *choli*, sob o sari habitual nas cores mais luminosas, azul-alfazema, azul esverdeado, azul-ferrete, rosa-roxo, amarelo fosco, amarelo-ocre, vários vermelhos, a ponta superior atirada para trás das costas e a outra drapeando ao longo do tronco, metros e metros torneando a cintura e caindo depois como uma saia (...).

Os homens, mesmo os mais adaptados ao vestuário ocidental, mantinham aquela distância a que chamamos oriental, uma ausência que não se confundia com aborrecimento. Um deles cabeceava, meditabundo como o Buda. Um outro, alheio aos olhares alheios, dormia mesmo, a cabeça e os braços no tampo da mesa. Por causa do frio lá fora, um velho seco, digno, enfiara um gorro de lã grossa até aos olhos sem perder a compostura nem recear o ridículo.

*São homens baços, quase brancos, de cabelos compridos, corredios, pretos. Isso mesmo são homens de muito boas estaturas e de nossas próprias fisionomias...*

(...)

Habitados aos cómodos incómodos dos nossos passeios aéreos, não é fácil pormo-nos na pele dos homens das armadas de outrora, amontoados em acanhados cascos de naus e bergantins, galeões, caravelas e outras embarcações de alto bordo e alto risco, com medo de serem devorados pelos monstros marinhos, ou de que os seus corpos, ao entrarem na zona tórrida, lhes ficassem escuros como os dos povos daquelas quenturas, ou com medo de alcançarem o fim do mundo, lá onde os abismos escancaram as goelas e engolfam navios e homens. Mesmo quem não cria em credices receava doenças e tormentas e enjoos e tormentos durante os temporais (...).

Avançando contra o suposto sentido do sol ao voarmos para leste, adiantamos os relógios, o dia desaparece mais depressa, tempo e espaço, medidas para mim um tanto mágicas, ficam semibaralhadas. A seguir ao almoço era noite, mas a trepidação em certos percursos e a dificuldade do meu corpo em saltar fusos horários sabotaram-me o sono. Por isso, nos vagares da travessia, observei os meus vizinhos indianos e as suas crianças bem arranjadas, quase demasiado bem comportadas, sem se agitarem nem falarem alto. Uma pré-adolescente indiana levava preso ao cabelo, em estilo cerimonioso, um fio com argolas claras que pareciam de prata e, no pulso, uma espécie de rosário com dezenas de pequenas contas em madeira, quem sabe se para obter a proteção de Brahma, criador e energia do mundo, ou de qualquer outra dos milhões de divindades dessa Índia onde, diz-se, são tantas quantos os humanos porque cada um tem a sua.

Sem conseguir dormir, fui lendo sobre a cidade onde em breve aterrariámos. Segundo uma etimologia aparentemente óbvia embora errónea, o nome Bombaim provinha da expressão portuguesa «Boa Baía», transformada pelos ingleses em Bombay por julgarem tratar-se de uma baía (*bay*). Na verdade, Bombaim não era baía, era uma série de sete ilhas e ilhotas pantanosas agora ligadas. No ano cento e cinquenta da nossa era, Ptolomeu chamara-lhe Heptanásia, por causa das sete ilhas que os hindus apelidaram de Mumbai invocando talvez a deusa Mumba para que ela lhes concedesse a segurança da terra firme. À cautela deram uma ajuda à deusa, construindo sucessivos aterros, paredões, canais e diques. Os quais, contudo, na estação das chuvas, não impedem as águas de incharem e inundarem casas, ruas e bairros. Já no século dezassete, António Bocarro, sucessor de Diogo do Couto como cronista e guarda-mor da Torre do Tombo de Goa, registou o termo «Mombaim»:

*Esta povoação de Mombaim é cousa pequena, espalhada. Tem onze portugueses casados, o que, com os naturais pretos, vem a fazer setenta espingardeiros.*

A rebatizada Mumbai, com mais habitantes que Portugal inteiro, é hoje cousa gigantesca e capital do estado de Maharashtra. O aeroporto internacional cheirava a mofo apesar do ar condicionado, um bafio que a memória me trouxe misturado com imagens de outros aeroportos, noutros trópicos, Rio de Janeiro, Salvador, Aracaju, Recife, Bissau, Dakar, São Tomé, Luanda a seguir ao Natal, quando cheguei à porta do avião e a primeira baforada de abafada humidade me deixou incapaz de respirar. Mas aquelas distantes descidas em terras tropicais eram uma visão arcádica quando comparada com a multidão sonâmbula que cercava o carrossel das bagagens às duas da madrugada em Mumbai, e se esgueirava uma hora mais tarde diante de funcionários alfandegários de fardas às três pancadas, fixando-nos como se fôssemos aves raras. Fora, no calor compacto, odores fortes

a gases de automóveis, a sujidade, a suor. E crianças-rapazes pedindo. Tinham-me aconselhado a nunca dar esmola porque depois os pedintes não nos largam. O olhar indefeso, a insistência e a idade deles despertaram em mim a tortura da compaixão, a obscura vocação para a culpa, e distribuí ao acaso as rupias acabadas de trocar.

Os rapazes desapareceram numa correria, e só então reparei nos carregadores desinteressados das nossas malas, sentados ou encostados aos carrinhos metálicos enormes, desajeitados, antiquados, aqui ainda usados para levar malas. No imenso parque de estacionamento à nossa frente, centenas de táxis parados com ar de ali estarem há séculos. Falar em centenas de táxis soa a mendespintice. Garanto que não mendespinto. Nas entupidas ruas de Mumbai andam cinquenta mil táxis de vários tipos, uns de tejadilho cinza, amarelo ou creme claro e portas azuis ou pretas, outros com frisos decorativos colados aos vidros, muitos como riquexós de três rodas e sem portas, para que a circulação do ar faça as vezes de ar condicionado. (...)

Enquanto avançávamos por terras cor de ferro, sem árvores ou só com um par de árvores poeirentas, entre as vacas-sem-medo e casinhotos de tábuas servindo de lojas, oficinas de motos, montes de carros velhos e sucata, sórdidos charcos, águas empapadas, uma fábrica inativa com ar de arqueologia industrial, lembrei-me de dois momentos que determinaram, em parte, *os muitos ontens da história* desta hipercidade.

(...)

No ardor da manhã do primeiro de dezembro, descolámos do aeroporto doméstico na antiga ilha de Salsete, hoje parte da Grande Mumbai, sobre bairros de lata num solo acastanhado, desguarnecido e devastado de subúrbios que nem o sol conseguia tornar menos soturnos. Mas, ao rumarmos a sul, mudou o mundo: à nossa esquerda os contrafortes dos Gates Ocidentais escorregavam até aos recortes da orla do Mar Arábico, liso, translúcido, cheio de angras, enseadas, desembocaduras de rios e riachos sombreados pelos troncos empinados e pelos ramos ralos dos coqueiros, decerto semelhantes aos do tempo do Gama (...).



Ilustração de Bárbara Assis Pacheco,  
in Almeida Faria, *O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada*,  
Lisboa, Tinta-da-China, 2012 [pp. 74-75]

## REGRESSO

Parámos em Mumbai entre dois voos e, com a tarde por nossa conta, queríamos ver o centro. Mas o amável taxista, num inglês precário e adocicado, logo nos desiludiu: chegar ao centro levaria horas, e ele não nos garantia o regresso ao hotel a tempo de pegar nas malas e embarcar, às três da madrugada, de volta à Europa. Limitamo-nos por isso a fazer, sempre de táxi, uma ronda pelos bazares com seus

*xailes de Caxemira, que podem passar por dentro de um anel; colares de ouro e prata, que gorjeiam, com suas mil campainhas minúsculas; objetos de laca e charão; brincos, braceletes, adornos para a risca do cabelo, um do lado, representando o sol, outro do lado de lá, representando a lua; pingentes que se põem por cima das orelhas, outros que caem na testa...*

(...)

O visitante ocidental que pela primeira vez chega a Goa e Cochim enfrentará provavelmente a vertigem do caos à sua volta e dentro de si. Quando começa a familiarizar-se com a estonteante exuberância e com as contradições coexistentes, quando julga começar a entender a complexidade das castas, dos cultos e costumes tão diferentes, quando começa a fixar nomes, imagens, atributos dos deuses, tudo lhe foge de súbito, tudo se torna de novo confuso, como se o véu de Maia voltasse a cobrir a indecifrável irrealidade da Índia real.

Quem regressa de uma terra tão diversa, traz fragmentos de caras, casas, ruas, cheiros, quartos, uma carga de imagens que, na alfandega-roleta do lembrar e esquecer, deveria pagar excesso de bagagem. Vim carregado de cores e de cansaço mas inteiro e em estado razoável, bem melhor que outrora, contentes por regressarem, contavam:

*Lá vos digo que há fadigas  
Tantas mortes, tantas brigas  
E perigos descompassados  
Que assim vimos destróçados  
Pelados como formigas.*

Vim ainda carregado de algo mais: um outro modo de olhar, a certeza de não pertencer aquele tipo de *viajante que não fala do que vê, mas do que imagina ou deseja ver*. Trouxe comigo um bloco confusamente escrevinhado, uma curiosidade acrescentada, uma crescente descrença na *elegância da descrença*. E tornei-me mais atento à infindável memória do mundo, mais capaz de escutar o incansável murmúrio do mundo.



*O mundo é um imenso livro do qual  
aqueles que nunca saem de casa  
leem apenas uma página.*

AGOSTINHO DE HIPONA

«O visitante ocidental que pela primeira vez chega a Goa e Cochim enfrentará provavelmente a vertigem do caos à sua volta e dentro de si. Quando começa a familiarizar-se com a estonteante exuberância e com as contradições coexistentes, quando julga começar a entender a complexidade das castas, dos cultos e costumes tão diferentes, quando começa a fixar nomes, imagens, atributos dos deuses, tudo lhe foge de súbito, tudo se torna de novo confuso, como se o véu de Maia voltasse a cobrir a indecifrável irreabilidade da Índia real.»

ALMEIDA FARIA

*O seu Requiem, menos pelo império havido que pelo império perdido e, por perdido, mais sublimado que o de Camões, é o triunfo puro da ficção. E o regresso de um grande romancista ao prazer, sem melancolia, da ficção.*

EDUARDO LOURENÇO, do Prefácio

DESENHOS DE  
BÁRBARA ASSIS PACHECO

COORDENADOR DA COLEÇÃO  
CARLOS VAZ MARQUES

ISBN 978-989-671-111-5



## 6.9. Guião de Leitura 5



Escola Secundária de Camões  
2016/2017

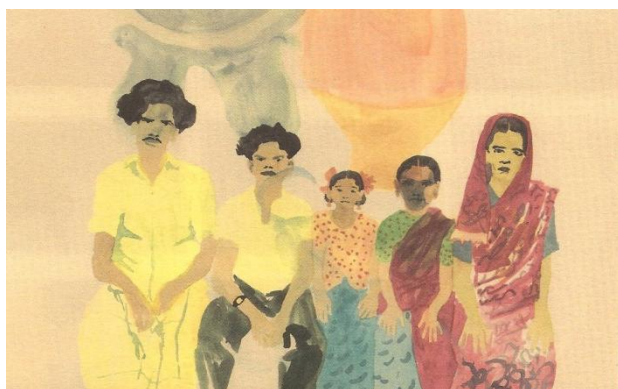
Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa  
10.º ano Turma: K Data: 12 de janeiro de 2017

Nome: \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_

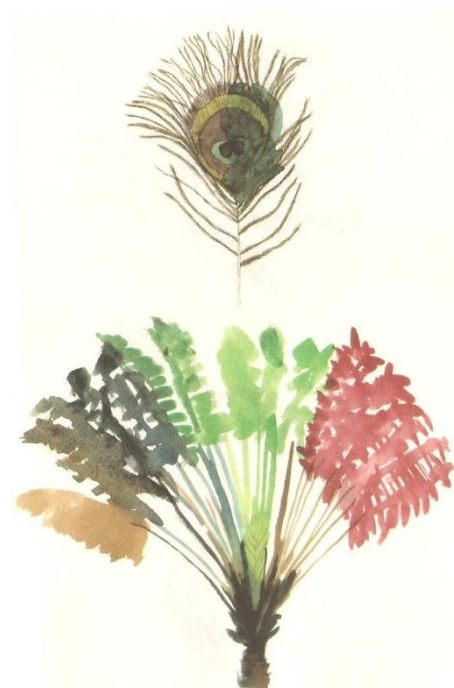


### Guião 5

#### *O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada,* de Almeida Faria



Ilustrações de Bárbara Assis Pacheco,  
in Almeida Faria, *O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada*,  
Lisboa, Tinta-da-China, 2012;  
p. 122 e 127.



#### Com a realização deste trabalho, serei capaz de:

- Ler outras obras e estabelecer comparações entre elas;
- Reconhecer a relação entre a Literatura e outras artes (pintura);
- Identificar ideias principais, justificando;
- Explicitar a influência dos portugueses na Índia;
- Reconhecer características próprias do *Outro*.

**Tempo:** 180 minutos.

**Modalidade de trabalho:** pares e grande grupo.

## PARTIDA

### Pré-Leitura:

À semelhança de outras das suas obras, o livro *O Murmúrio do Mundo: A Índia Revisitada*, de Almeida Faria, é, como outras das suas obras, multimodal, apresentando dois recursos distintos: o texto propriamente dito, escrito pelo autor, e as ilustrações diversas da autoria de Bárbara Assis Pacheco.

1. Observe a imagem presente na antologia e responda à pergunta «Índia: o que nos traz esta palavra?» (p.19).

### Linhas de Leitura:

1. A narrativa inicia-se com uma citação de *Décadas da Ásia*, de Diogo do Couto, e o segundo parágrafo é o seu eco contemporâneo. Encontre pontos convergentes e divergentes entre os dois contextos e justifique o uso do itálico.
2. Nos primeiros quatro parágrafos da obra (pp. 19-20), o narrador relata o início de uma viagem à Índia, abordando em cada um deles um tema específico. Explícite a informação mais relevante e sintetize o tema de cada parágrafo. Prove, ainda, que há um encadeamento lógico entre os vários temas desenvolvidos.
3. A alusão a «Camões» (p. 21) e aos «homens das armas de outrora» (p. 24) é feita com que intenção?
4. Como são descritas as diferenças entre os europeus e os indianos?
5. Sintetize a descrição de Mumbai.

### Pós-leitura:

1. Tendo em conta o que estudou, interprete as seguintes frases: «Falar em centenas de táxis soa a mendespintice. Garanto que não mendespinto.» (p. 28).

## REGRESSO

1. No final do último capítulo da sua obra, o autor cita um excerto de uma conhecida obra de Gil Vicente, *Auto da Índia*. Na sua opinião, com que intuito o terá feito?

*Lá vos digo que há fadigas  
tantas mortes, tantas brigas  
e perigos descompassados  
que assim vimos destróçados  
pelados como formigas.* (p. 143)

2. Este capítulo é marcado pela enumeração. Explícite o valor deste recurso.
3. Interprete o título da obra: *O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada*.

### Pós-leitura:

1. Identifique marcas de género específicas do relato de viagem presentes na obra e relacione-as com a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.



## 6.10. Cenário de Resposta do Guião 5

### Guião 5

*O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada,*

de Almeida Faria

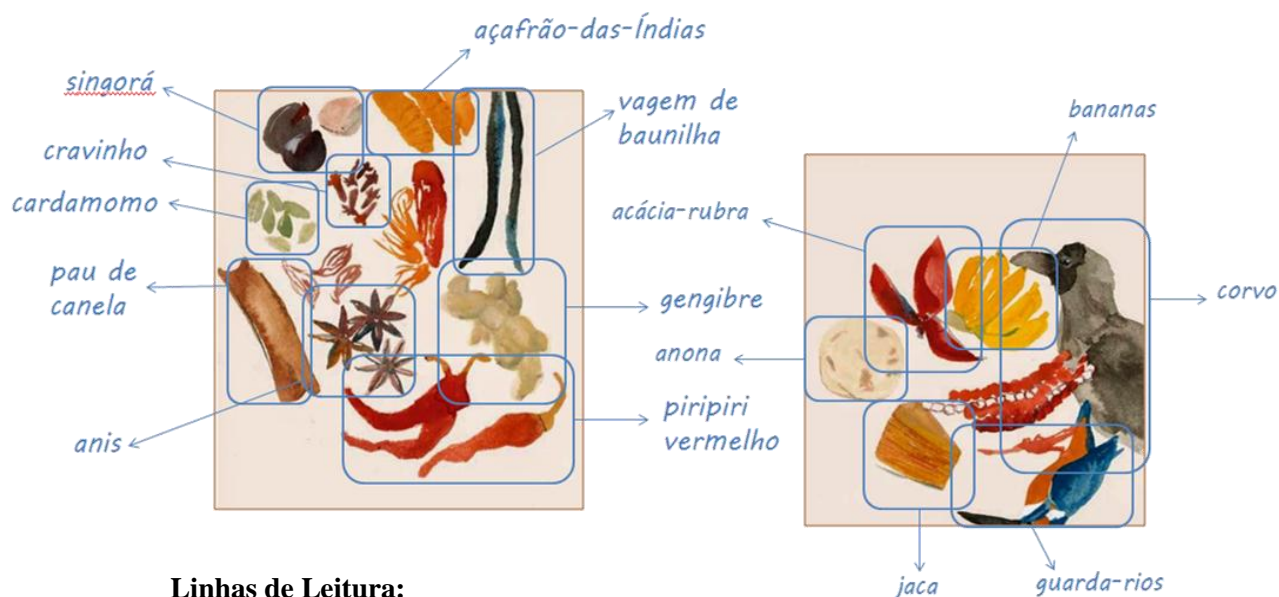
Cenário de resposta

#### Pré-Leitura:

1. Observe uma das imagens do livro e responda à pergunta «Índia: o que nos traz esta palavra?» (p.19).

Resposta livre.

Sugestões: sonho, aventura, exotismo, descoberta, perigo, desconhecido (...).



#### Linhas de Leitura:

1. A narrativa inicia-se com uma citação de *Décadas da Ásia*, de Diogo do Couto, e o segundo parágrafo é o seu eco contemporâneo. Encontre pontos convergentes e divergentes entre os dois contextos e justifique o uso do **itálico**.

O destino da viagem (a Índia, o Oriente) levou o autor aos textos da época da Expansão portuguesa, no século XVI. Por isso, Almeida Faria opta por complementar o seu relato, desde o início, com citações de textos dessa época (e não só). Com efeito, o **itálico** é um recurso utilizado para citar palavras de um texto alheio e para marcar a intertextualidade entre as duas obras.

Isso acontece logo no início da obra: cita-se um excerto de *Décadas da Ásia* e constrói-se um primeiro parágrafo contemporâneo baseado no texto antigo. Isso é possível, na medida em que o ato de embarcar (num barco, no século XVI) associa e faz contrastar as viagens modernas (embarcar num avião) com as de então – esta é, pois, a grande diferença apresentada, que revela, por sua vez, o desenvolvimento do mundo durante os séculos que

separam estas viagens. Entre os viajantes há semelhanças, por exemplo, no desempenho de funções oficiais, ainda que mais leve (patrocinada pelo Centro Nacional de Cultura e não tinha o intuito de conquistar terras novas nem espalhar a fé cristã) e breve (não ficaria no destino três anos) as atuais.

**2. Nos primeiros quatro parágrafos da obra (pp. 19-20), o narrador relata o início de uma viagem à Índia, abordando em cada um deles um tema específico. Explícite a informação mais relevante e sintetize o tema de cada parágrafo. Prove, ainda, que há um encadeamento lógico entre os vários temas desenvolvidos.**

A informação mais significativa do primeiro parágrafo é o embarque de avião, a 30 de novembro, rumo à Índia, em viagem. O tema é, então, a viagem à Índia.

No segundo parágrafo, apresenta-se as características emblemáticas da Índia. O tema é, pois, a Índia.

No terceiro parágrafo, expõem-se as consequências psicológicas da chegada a uma cidade desconhecida a meio da noite. O tema é a viagem.

Finalmente, no quarto parágrafo, referem-se as sensações causadas pela chegada a Bombaim, as características da cidade e dos seus habitantes e é apresentado o confronto entre as dificuldades inerentes a uma viagem à Índia na época de Camões e as facilidades associadas às viagens atuais ao mesmo local. O tema é, assim, a viagem a Bombaim.

Os vários temas (tema da Índia e de Bombaim) associam-se a um tema predominante: a viagem. Podemos observar o encadeamento lógico dos temas, na medida em que primeiro há o relato do momento da partida para a Índia; depois, encontramos uma reflexão sobre a Índia; posteriormente, chega-se a Bombaim e reflete-se sobre as sensações de chegar durante a noite; finalmente, caracteriza-se a realidade observada no momento da chegada (o ambiente e os habitantes).

**3. A alusão a «Camões» (p. 21) e aos «homens das armas de outrora» (p. 24) é feita com que intenção?**

Em ambos os casos, as alusões aos portugueses do século XVI pretendem confrontar as condições das viagens nesse tempo e na atualidade. Se, no tempo do autor épico, as viagens eram longas e acidentadas, nos dias de hoje, elas são marcadas pela rapidez e pelos «cómodos incómodos» que, aos olhos do narrador, não passam de «insignificantes sacrifícios».

**4. Como são descritas as diferenças entre os europeus e os indianos.**

Na obra são descritas, logo no primeiro capítulo, as diferenças entre os indianos e os europeus. Os indianos distinguem-se por serem calmos, calados, pacientes e silenciosos,

bem como pela lentidão de movimentos e pelas roupas específicas. Note-se a observação do narrador em relação às crianças indianas: «quase demasiado bem comportadas». Os europeus, por outro lado, destacavam-se pelo excesso de agitação e pelas «catadupas de conversas».

### **5. Sintetize a descrição de Mumbai.**

De acordo com o narrador, Mumbai é «cousa gigantesca» que cheira a «mofo». Sobressai o «calor compacto, odores fortes a gases de automóveis, a sujidade, a suor», as «periferias, casas degradadas, barracas de comes-e-bebes, noctívagos perdidos, cães e lixo» e ainda o «trânsito caótico de bicicletas, camionetas e roucos automóveis, frenesim buzinate e contudo fluente». Em síntese: Mumbai é marcada pela miséria, «terras cor de ferro, sem árvores ou só um par de árvores poeirentas, entre as vacas sem medo e casinhotos de tábuas servindo de lojas (...), sórdidos charcos, águas empapadas».

### **Pós-leitura:**

**1. Tendo em conta o que estudou, interprete as seguintes frases: «Falar em centenas de táxis soa a mendespintice. Garanto que não mendespinto.» (p. 28).**

A expressão «mendespintice» e «mendespinto» refere-se ao autor Fernão Mendes Pinto que é reconhecido pela sua hipérbole, não só dos números que refere, mas também das descrições que faz dos povos, lugares e animais que encontra. Com efeito, este autor é associado à expressão popular «Fernão, mentes? Minto!» exatamente pelo carácter inacreditável daquilo que narra.

## **REGRESSO**

**1. No final do último capítulo da sua obra, o autor cita um excerto de uma conhecida obra de Gil Vicente, *Auto da Índia*. Na sua opinião, com que intuito o terá feito?**

O autor parece ter pretendido acentuar o contraste existente entre a forma como a Índia era encarada por alguns portugueses das Descobertas, aquando do seu regresso à pátria, e a forma como este país é encarado atualmente, por quem daí regressa.

Quando a personagem Marido, do *Auto da Índia*, diz à Ama, sua esposa, que regressam da Índia «pelados como formigas», refere-se ao facto de alguns marinheiros, na época, regressarem pobres, sem dinheiro, miseráveis, isto porque, tal como a mesma personagem também diz na mesma obra, os capitães das armadas apoderavam-se da maior parte das riquezas que os marinheiros tinham roubado. Ao fazer referência às «fadigas», «mortes» e «brigas» está-se a referir aos roubos, saques e pilhagens que havia no Oriente na época, mostrando, assim, uma visão pouco favorável da política dos portugueses na Índia, contrariamente ao que Camões relata, mais tarde, na sua obra *Os Lusíadas*.

Há, assim, na obra de Gil Vicente uma crítica a muitos dos acontecimentos que ocorriam durante as navegações no tempo das Descobertas. A imagem que os órgãos e as instituições de poder procuravam passar dos navegadores como heróis que iam espalhar a cristandade pelo mundo fora é, nesta obra, claramente exposta tal como isso ocorria na verdade – combatendo e saqueando.

## **2. Este capítulo é marcado pela enumeração. Explicita o valor deste recurso.**

A enumeração presente neste capítulo («nomes, imagens, atributos dos deuses»; «caras, casas, ruas, cheiros, quartos») realça a diversidade e a quantidade de elementos da realidade observada.

## **3. Interprete o título da obra: *O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada*.**

O tema principal da obra é uma viagem à Índia, narrado desde o momento da saída de Portugal e referindo as mais diversas especificidades dos lugares por onde vai passando: esse é o «murmúrio do mundo» – aquilo que o mundo nos diz, em voz baixa, só a nós; aquilo que cada um capta do mundo através da sua sensibilidade; a sua memória, as suas particularidades, as suas infindáveis diferenças. Esta é, porém, uma viagem contemporânea, por isso a referência no título é a «Índia revisitada».

### **Pós-leitura:**

#### **1. Identifique marcas de género específicas do relato de viagem presentes na obra e relaciona-as com a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.**

Um relato de viagem corresponde, como a própria designação indica, à narração de uma viagem realizada pelo sujeito de enunciação e integra não só momentos narrativos, como também descritivos e ainda algumas reflexões do narrador. Assim sendo, podemos encontrar nesta obra, bem como na *Peregrinação*, as marcas de género específicas do relato de viagem: a variedade de temas (viagem; as tradições e a cultura; reflexão autobiográfica); o discurso pessoal (prevalência da primeira pessoa) e as dimensões narrativa e descrita. Poder-se-á ainda referir que a informação recolhida através de observação direta é complementada com informações colhidas em outros documentos.

## 6.11. Diapositivos da Apresentação em PowerPoint



Escola Secundária de Camões  
2016/2017  
Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa  
10.º ano Turma: K Data: 12 de janeiro de 2017



### *O Murmúrio do Mundo,* de Almeida Faria



#### Sumário

Sistematização das linhas gerais da obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto:  
correção das atividades da aula anterior e resolução de uma ficha de trabalho.  
Leitura analítica e crítica de excertos da obra *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria.

1

#### Pré-leitura

1. Observe uma das imagens do livro e responda à pergunta «Índia: o que nos traz esta palavra?» (p.19).

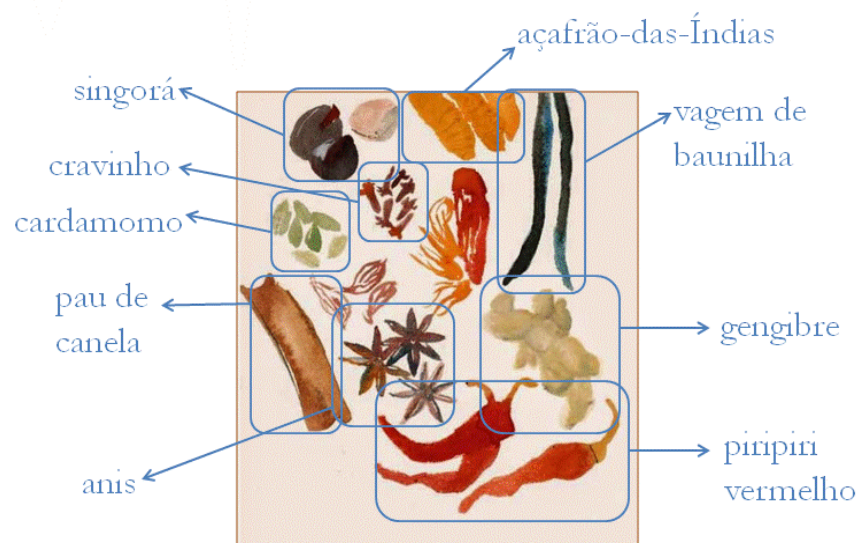


Ilustração de Bárbara Assis Pacheco,  
in Almeida Faria, *O Murmúrio do Mundo – A Índia Revisitada*,  
Lisboa, Tinta-da-China, 2012 [pp. 74-75]

2

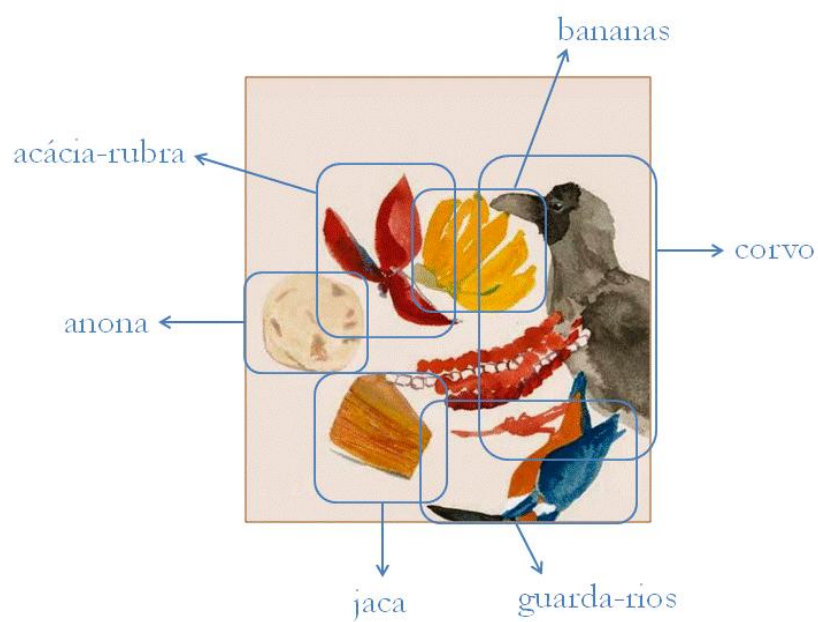


**Ilustração de Bárbara Assis Pacheco**



NOTA: descrição da pintura extraída do manual *Encontros - Português - 10.º Ano*, de Noémia Jorge e Sónia Gonçalves Junqueira, Porto Editora, 2016.

3



4

# Partida

5

**1. A narrativa inicia-se com uma citação de *Décadas da Ásia*, de Diogo do Couto, e o segundo parágrafo é o seu eco contemporâneo. Encontre pontos convergentes e divergentes entre os dois contextos e justifique o uso do itálico.**

## Pontos divergentes

- Logo no início da obra, cita-se um excerto de *Décadas da Ásia* e constrói-se um primeiro parágrafo contemporâneo baseado no texto antigo. Isso é possível, na medida em que o ato de embarcar (num barco, no século XVI) associa e faz contrastar as viagens modernas (embarcar num avião) com as de então — esta é, pois, a grande diferença apresentada, que revela, por sua vez, o desenvolvimento do mundo durante os séculos que separam estas viagens.

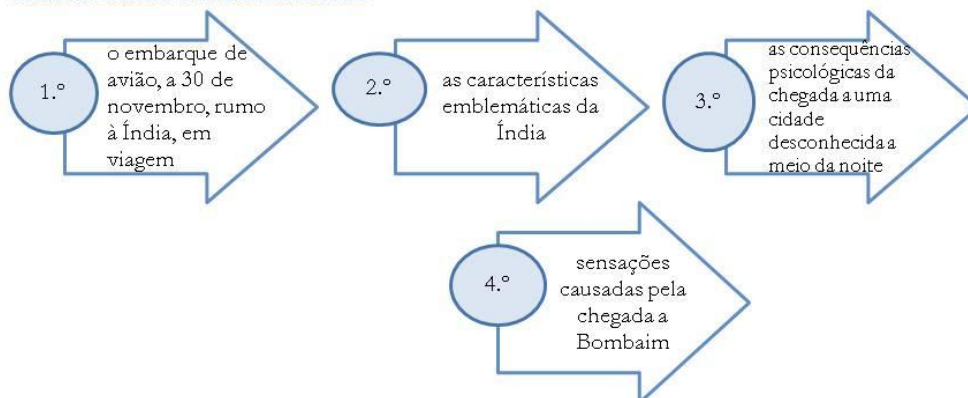
## Pontos convergentes

- Entre os viajantes há semelhanças, por exemplo, no desempenho de funções oficiais, ainda que mais leve (patrocinada pelo Centro Nacional de Cultura e não tinha o intuito de conquistar terras novas nem espalhar a fé cristã) e breve (não ficaria no destino três anos) as atuais.

O destino da viagem (a Índia, o Oriente) levou o autor aos textos da época da expansão portuguesa, no século XVI. Por isso, Almeida Faria opta por complementar o seu relato, desde o início, com citações de textos dessa época (e não só). Com efeito, o itálico é um recurso utilizado para citar palavras de um texto alheio e para marcar a intertextualidade entre as duas obras.

6

2. Nos primeiros quatro parágrafos da obra (pp. 19-20), o narrador relata o início de uma viagem à Índia, abordando em cada um deles um tema específico. Explicite a informação mais relevante e sintetize o tema de cada parágrafo. Prove, ainda, que há um encadeamento lógico entre os vários temas desenvolvidos.



- Os vários temas (tema da Índia; de Bombaim, de Veneza) associam-se a um tema predominante: a viagem. Podemos observar o encadeamento lógico dos temas, na medida em que primeiro há o relato do momento da partida para a Índia; depois, encontramos uma reflexão sobre a Índia; posteriormente, chega-se a Bombaim e reflete-se sobre as sensações de chegar durante a noite; finalmente, caracteriza-se a realidade observada no momento da chegada (o ambiente e os habitantes).

7

3. A alusão a «Camões» (p. 21) e aos «homens das armas de outrora» (p. 24) é feita com que intenção?

- Em ambos os casos, as alusões aos portugueses do século XVI pretendem confrontar as condições das viagens nesse tempo e na atualidade. Se no tempo do autor épico as viagens eram longas e acidentadas, nos dias de hoje elas são marcadas pela rapidez e pelos «cómodos incómodos» que, aos olhos do narrador, não passam de «insignificantes sacrifícios».

8

#### 4. Como são descritas as diferenças entre os europeus e os indianos?

- Na obra são descritas, logo no primeiro capítulo, as diferenças entre os indianos e os europeus. Os indianos distinguíam-se por serem calmos, calados, pacientes e silenciosos, bem como pela lentidão de movimentos e pelas roupas específicas. Note-se a observação do narrador em relação às crianças indianas: «quase demasiado bem comportadas». Os europeus, por outro lado, destacavam-se pelo excesso de agitação e pelas «catadupas de conversas».

9

#### 5. Sintetize a descrição de Mumbai.

- De acordo com o narrador, Mumbai é «cousa gigantesca» que cheira a «mofo». Sobressai o «calor compacto, odores fortes a gases de automóveis, a sujidade, a suor», as «periferias, casas degradadas, barracas de comes-e-bebes, noctívagos perdidos, cães e lixo» e ainda o «trânsito caótico de bicicletas, camionetas e roucos automóveis, frenesim buzínante e contudo fluente». Em síntese: Mumbai é marcada pela miséria, «terras cor de ferro, sem árvores ou só um par de árvores poeirentas, entre as vacas sem medo e casinhotos de tábuas servindo de lojas (...), sórdidos charcos, águas empapadas».

10

**Pós-leitura:**

**1. Tendo em conta o que estudou, interprete as seguintes frases: «Falar em centenas de táxis soa a mendespintice. Garanto que não mendespinto.»**

- A expressão «mendespintice» e «mendespinto» refere-se ao autor Fernão Mendes Pinto que é reconhecido pela sua hipérbole, não só dos números que refere, mas também das descrições que faz dos povos, lugares e animais que encontra. Com efeito, este autor é associado à expressão popular «Fernão, mentes? Mintol!» exatamente pelo carácter inacreditável daquilo que narra.

11

## Regresso

12

1. No final do último capítulo da sua obra, o autor cita um excerto de uma conhecida obra de Gil Vicente, *Auto da Índia*. Na sua opinião, com que intuito o terá feito?

*Lá vos digo que há fadigas  
tantas mortes, tantas brigas  
e perigos descompassados  
que assim vimos destroçados  
pelados como formigas. (p. 143)*

- O autor parece ter pretendido acentuar o contraste existente entre a forma como a Índia era encarada por alguns portugueses das Descobertas aquando do seu regresso à pátria e a forma como este país é encarado atualmente, por quem daí regressa.
- Quando a personagem Marido, do *Auto da Índia*, diz à Ama, sua esposa, que regressam da Índia «pelados como formigas», refere-se ao facto de alguns marinheiros, na época, regressarem pobres, sem dinheiro, miseráveis, isto porque, tal como a mesma personagem também diz na mesma obra, os capitães das armadas apoderavam-se da maior parte das riquezas que os marinheiros tinham roubado. Ao fazer referência às «fadigas», «mortes» e «brigas» está-se a referir aos roubos, saques e pilhagens que havia no Oriente na época, mostrando, assim, uma visão pouco favorável da política dos portugueses na Índia, contrariamente ao que Camões relata, mais tarde, na sua obra *Os Lusíadas*.
- Há, assim, na obra de Gil Vicente uma crítica a muitos dos acontecimentos que ocorriam durante as navegações no tempo das Descobertas. A imagem que os órgãos e as instituições de poder procuravam passar dos navegadores heróis que iam espalhar a cristandade pelo mundo fora é, nesta obra, claramente exposta tal como isso ocorria na verdade – combatendo e saqueando.

13

2. Este capítulo é marcado pela enumeração. Explícite o valor deste recurso.

- A enumeração presente neste capítulo («nomes, imagens, atributos dos deuses»; «caras, casas, ruas, cheiros, quartos») realça a diversidade e a quantidade de elementos da realidade observada.

14



**Pós-leitura:**

**1. Identifique marcas de género específicas do relato de viagem presentes na obra e relacione-as com a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.**

- Um relato de viagem corresponde, como a própria designação indica, a narração de uma viagem, realizada pelo sujeito de enunciação e integra não só momentos narrativos, como também descritivos e ainda algumas reflexões do narrador.
- Assim sendo, podemos encontrar nesta obra, bem como na *Peregrinação*, as marcas de género específicas do relato de viagem: a variedade de temas (viagem; as tradições e a cultura; reflexão autobiográfica); o discurso pessoal (prevalência da primeira pessoa) e as dimensões narrativa e descrita.
- Poder-se-á ainda referir que a informação recolhida através de observação direta é complementada com informações colhidas em outros documentos.

16

**3. Interprete o título da obra: *O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada*.**

- O tema principal da obra é uma viagem à Índia, narrado desde o momento da saída de Portugal e referindo as mais diversas especificidades dos lugares por onde vai passando: esse é o «murmúrio do mundo» – aquilo que o mundo nos diz, em voz baixa, só a nós; aquilo que cada um capta do mundo através da sua sensibilidade; a sua memória, as suas particularidades, as suas infindáveis diferenças. Esta é, porém, uma viagem contemporânea, por isso a referência no título a «Índia revisitada».

15

## **Anexo 7 - Plano e materiais da sexta aula**

7.1. Plano da sexta aula

7.2. Ficha de Trabalho final

7.3. Cenário de Resposta da Ficha final

7.4. Critérios de Correção da Ficha final

7.5. Grelha de Avaliação da Ficha final

7.6. Questionário

7.7. Apresentação gráfica dos resultados do inquérito

7.8. Grelha de Observação Direta



### 7.1. Plano da sexta aula



Escola Secundária de Camões  
2016/2017

Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa

Professora orientadora: Doutora Margarida Braga Neves

Professora cooperante: Dr.<sup>a</sup> Cristina Duarte

10.º ano Turma K Data: 16 de janeiro de 2017



#### Plano de aula – Memória descritiva

##### Conclusão do estudo de *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria

##### Objetivos:

- Ler outras obras e estabelecer comparações entre elas;
- Identificar ideias principais, justificando;
- Identificar a influência dos portugueses na Índia;
- Reconhecer características próprias do *Outro*.

##### Conteúdos:

##### ○ Reflexão sobre excertos da obra de Almeida Faria:

- A relação entre a viagem no século XVI e no século XXI;
- A caracterização dos europeus e dos indianos;
- A descrição atual de Mumbai;
- O itinerário da viagem;
- Análise de elementos paratextuais (título);
- Considerações sobre um outro modo de olhar o *Outro*.

##### Avaliação:

- Observação direta, com registo das intervenções (assiduidade; pontualidade; comportamento; participação espontânea e solicitada; realização dos trabalhos de casa);
- Ficha de trabalho.

Atividades	Recursos	Tempo
1. Entrada dos alunos e professoras na sala de aula.		5 minutos
2. Elaboração do sumário e explicação do objetivo da aula.	Projeção em <i>PowerPoint</i> .	5 minutos

	Caderno diário.	
3. Análise de excertos da obra de Almeida Faria:		
3.1. Resolução de linhas de leitura do Guião;	Obra <i>O Murmúrio do Mundo</i> , de Almeida Faria.	50 minutos
3.2. Correção das respostas dos alunos.	Guião 5.	30 minutos

### **Sumário**

- Análise de excertos da obra de Almeida Faria, *O Murmúrio do Mundo*: reflexão sobre o primeiro e o último capítulos.

## 7.2. Ficha de Trabalho final



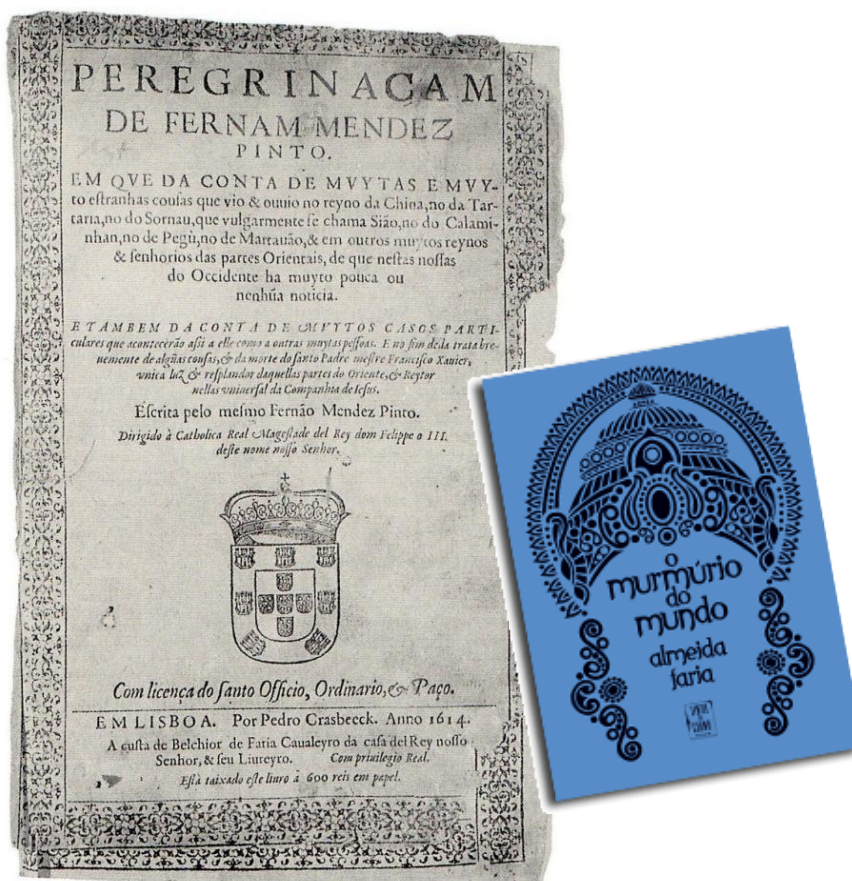
Escola Secundária de Camões  
2016/2017

Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa  
10.º ano Turma: K Data: 16 de janeiro de 2017

Nome: \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_



### Ficha de Trabalho



Com a realização deste trabalho, serei capaz de:

- Produzir um texto crítico com coerência e correção linguística sobre temas respeitantes às obras estudadas, seguindo tópicos fornecidos;
- Reconhecer e justificar as principais linhas temáticas da obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto;
- Apreciar uma obra enquanto obra da Literatura de Viagens.

**Tempo:** 60 minutos.

**Modalidade de trabalho:** individual.

*Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto

- ☒ A narrativa autobiográfica de viagens;
- ☒ A crítica cultural indireta;
- ☒ A relação entre a realidade e a ficção.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

212

## II

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

### III

Tendo em conta o estudo das duas obras de Literatura de Viagens, responda às seguintes questões:

1. De todos os episódios lidos da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, qual foi o que lhe despertou mais interesse? Justifique a sua resposta.

---

---

---

---

---

---

---

2. Ficou com vontade de ler mais capítulos de *Peregrinação*?

Sim ☐ Não ☐  
Porquê?

---

---

---

---

---

---

---

3. Indique e justifique de qual das duas obras estudadas gostou mais.

---

---

---

---

---

---

---

4. Ficou com vontade de ler outras obras de Literatura de Viagens?

Sim ☐ Não ☐  
Porquê?

---

---

---

---

---

---

---

### 7.3. Cenário de Resposta da Ficha final

*Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto, e *O Murmúrio do Mundo*, de Almeida Faria

Cenário de resposta

#### I

*Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto

#### ✎ A narrativa autobiográfica de viagens:

- Enquanto a grande maioria dos relatos de viagem do século XVI tem como razão da escrita o desvendamento dos novos mundos e gentes e as dificuldades e incertezas da navegação, o relato de Fernão Mendes Pinto apresenta-se como uma autobiografia onde a verdade se enovela por entre os meandros de uma consciência. Segundo Eduardo Lourenço, o propósito do autor era contar a sua vida aventureira não só para salvar a sua memória terrestre cheia de maravilhas e horrores, mas para salvar uma alma para quem esta *Peregrinação* foi uma sucessão miraculosa de quedas e salvaçãoes.
- Embora constituindo os aspetos mais salientes da obra, a autobiografia e a sátira moral não esgotam os sentidos da *Peregrinação*. Esta obra é mais do que o testemunho isolado e individual de um andarilho aventureiro. De acordo com José Manuel Garcia, com carácter autobiográfico e refletindo de forma direta as experiências de um português que andou por muito tempo em inúmeras terras longínquas, a *Peregrinação* soube reunir todos os géneros literários então existentes, desde a crónica ao relato de naufrágios, cercos e batalhas, passando pela descrição de terras e gentes (Geografia e Antropologia), a epistolografia, a roteirística e até as prosas doutrinárias, a crítica social e o panegírico, sem esquecer o recurso à cartografia. Sendo essas coisas todas, a *Peregrinação* não é nenhuma delas em particular, uma vez que promove uma verdadeira simbiose de fronteiras entre géneros. Na complexidade discursiva da obra, sobressai uma linha mestra: o relato de viagem, da qual todo o resto depende e pelo qual tudo mais ganha existência. Fazendo paródia à famosa frase de Octávio Paz sobre Fernando Pessoa, pode-se dizer que um grande viajante não tem biografia; a sua viagem é a sua biografia. Com efeito, a viagem foi tão importante na sua vida que esta se reduziu àquela.
- A mais célebre narrativa autobiográfica de viagens escrita em português.

- Sintetiza, no primeiro capítulo, a sua vida na mocidade e, nos restantes capítulos, explana o que sucedeu na sua vida durante vinte e um anos em viagem;
- Utilização da primeira pessoa (singular ou plural) na narração (ex: «embarquei»; «vimos»);
- Relato de viagem ao Oriente (indicação espacial, temporal, meio de transporte, povos encontrados e aventuras vividas).

#### ✎ **A crítica cultural indireta:**

- Os críticos consideram que a crítica à nossa política de penetração na Índia e à má administração portuguesa é feita de forma implícita e que as farpas são indiretas. Defende-se que a crítica cultural indireta é a de alguém que assume uma consciência satírica em relação aos valores e crenças que estruturam a visão católica do mundo. A vida e a obra de Mendes Pinto estão entrançadas na mesma contradição: de um lado o Ouro, do outro Deus – sobressai sempre a cobiça, ainda que encoberta de hipocrisia, por parte dos portugueses que só estão interessados em enriquecer. Assim, o processo que mais serve à crítica moral é sem dúvida o das vozes interpostas.
- Com efeito, o narrador recorre, muitas vezes, a vozes de personagens orientais para efetuar uma sátira de fundo alcance, que põe a nu a incoerência entre a doutrina e a prática dos portugueses enquanto cristãos confessadamente empenhados em espalhar a fé cristã. Um dos episódios é a história do menino chinês que, depois de ter sido roubado a seu pai pelos portugueses, se recusa a acreditar nas boas intenções de António de Faria, que promete tratá-lo doravante como filho. Depois de repreendido pela manifestação da sua descrença em tais propósitos, empreende uma crítica à prática dos que se dizem cristãos: ele mostra o que há de bárbaro e particularista na mentalidade religiosa desses portugueses.

#### ✎ **A relação entre realidade e a ficção:**

- Fernão Mendes Pinto fez a sua viagem entre 1537 e 1558 e escreveu a sua obra entre 1570 e 1578, sendo publicada postumamente, em 1614. A tal distância no tempo, mesmo que o autor quisesse escrever a história verídica das suas largas e variadas andanças, não o poderia suficientemente servir a memória, desajudada de apontamentos que, no decorrer de tal vida, não lhe seria possível escrever nem



guardar. Parece, porém, que o autor, apesar de querer parecer fiel à verdade, apenas procurou romancear a sua aventureira existência.

- Ao longo do tempo, o interesse suscitado pela obra quase que se centrou apenas no problema de saber qual o grau de verdade histórica do seu conteúdo, isto é, de saber se na sua génese o leitor encontra uma realidade vivida ou uma ficção imaginada. Segundo Costa Pimpão, a *Peregrinação* é um livro de fingimento, a revestir, simbolicamente, a verdade essencial, onde os dados da história e da geografia se veem superados pelo carácter romanesco das aventuras vividas pelo autor, transformadas por uma poderosa imaginação criadora, pela atração que nele exercia o exotismo e a pitoresca variedade dos seus quadros.
- A *Peregrinação* é publicada como roteiro de uma existência aventureira em terras do Oriente, mas pode-se duvidar da veracidade de alguns passos desta obra, especialmente daqueles em que o autor descreve com muitos pormenores cenas, costumes, templos, paisagens, falas, que nenhuma memória poderia reter. Além disso, tem a crítica averiguado que, mais de uma vez, ele se atribui a presença ou participação em episódios que, sendo históricos, os cronistas colocam noutras circunstâncias e descrevem de modo diferente. Na obra, podem distinguir-se capítulos que se inspiram claramente na experiência direta e capítulos que são reconstruções a partir de fontes literárias e outras igualmente indiretas. A ficção e a realidade entrelaçam-se admiravelmente na *Peregrinação*, porque o autor soube imprimir uma aparência de verosímil, de coisa vivida, geralmente convincente, mesmo quando descreve regiões que não visitou, ou inventa situações e personagens. Com a verdade cria ficção. Tão ciente estava o autor da natureza incrível de alguns dos seus relatos que é ele próprio quem, ao fazê-los, põe o leitor de sobreaviso.
  - No capítulo 14, quando descreve os animais que antes nunca tinha visto, avisa o leitor de que poderá não acreditar no que lê, dada a sua singularidade.
- A análise da *Peregrinação* é feita muitas vezes em termos de verdade ou de mentira. Aceita-se a grande margem de fantasia que existe no texto de Fernão Mendes Pinto, mas verifica-se que se trata de um livro com enorme valor documental. Com efeito, a questão não está em encontrar a verdade do texto ou a sua adequação à realidade, mas em ver até que ponto o texto se define pelo seu excesso em relação à realidade.

## 7.4. Critérios de Correção da Ficha final



Escola Secundária de Camões

2016/2017

Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa

10.º ano

Turma: K



### Critérios de Classificação da Ficha de Trabalho Final<sup>2</sup>

**GRUPO I ..... 150 pontos**

- **Aspetos de conteúdo (C) ..... 90 pontos**

Níveis	Descritores do nível de desempenho	Pontuação
6	Desenvolve dois aspetos significativos da obra, definindo com clareza cada um deles e fundamentando com, pelo menos, um exemplo cada um deles, evidenciando um juízo de leitura consistente, fundado em referências que pressupõem um muito bom conhecimento da obra.	90
5	Desenvolve dois aspetos significativos da obra, mas não define com clareza cada um deles. Fundamenta com, pelo menos, um exemplo cada um deles, evidenciando um juízo de leitura pertinente, fundado em referências que pressupõem um bom conhecimento da obra.	74
4	Desenvolve dois aspetos significativos da obra, mas não define um deles. Fundamenta com, pelo menos, um exemplo cada um deles, evidenciando um juízo de leitura adequado, fundado em referências que pressupõem um conhecimento suficiente da obra. OU Desenvolve dois aspetos significativos da obra, definindo cada um deles. Não fundamenta nenhum deles. OU Desenvolve dois aspetos significativos da obra, definindo cada um deles. Fundamenta apenas um com, pelo menos, um exemplo, evidenciando um juízo de leitura adequado, fundado em referências que pressupõem um conhecimento suficiente da obra.	60
3	Desenvolve dois aspetos significativos da obra, mas não define nenhum deles. Fundamenta com, pelo menos, um exemplo cada um deles, evidenciando um juízo de leitura, por vezes, pouco consistente, fundado em referências que pressupõem um conhecimento genérico da obra. OU Desenvolve um aspeto significativo da obra, definindo-o com clareza. Fundamenta-o com, pelo menos, um exemplo,	44

<sup>2</sup> Documento elaborado com base nos Critérios de Classificação dos exames nacionais de Literatura Portuguesa (Prova 734), disponíveis no *site* do IAVE.

	<p>evidenciando um juízo de leitura consistente, fundado em referências que pressupõem um muito bom conhecimento desse aspeto da obra.</p> <p>OU</p> <p>Desenvolve dois aspetos significativos da obra, definindo-os de um modo geral. Fundamenta apenas um com, pelo menos, um exemplo, evidenciando um juízo de leitura pouco consistente e fundado em referências que pressupõem um conhecimento superficial da obra.</p>	
<b>2</b>	<p>Desenvolve dois aspetos significativos da obra, mas não define nenhum deles. Fundamenta apenas um com, pelo menos, um exemplo, evidenciando um juízo de leitura pouco consistente e fundado em referências que pressupõem um conhecimento superficial da obra.</p> <p>OU</p> <p>Desenvolve um aspeto significativo da obra, definindo-o. Fundamenta-o com, pelo menos, um exemplo, evidenciando um juízo de leitura pertinente, fundado em referências que pressupõem um bom conhecimento da obra.</p> <p>OU</p> <p>Desenvolve um aspeto significativo da obra, definindo-o.</p>	<b>30</b>
<b>1</b>	<p>Desenvolve um aspeto significativo da obra, sem o fundamentar.</p> <p>OU</p> <p>Desenvolve um aspeto significativo da obra, fundamenta-o com, pelo menos, um exemplo, evidenciando um juízo de leitura adequado, fundado em referências que pressupõem um conhecimento suficiente da obra.</p> <p>OU</p> <p>Desenvolve dois aspetos significativos da obra, definindo-os de forma vaga e imprecisa. Não fundamenta com exemplos.</p>	<b>15</b>

- **Aspetos de estruturação do discurso e correção linguística (F) ..... 60 pontos**
  - **Estruturação do discurso ..... 30 pontos**

<b>Níveis</b>	<b>Descritores do nível de desempenho</b>	<b>Pontuação</b>
<b>4</b>	<p>Produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.</p> <p>Redige um texto estruturado, evidenciando um muito bom domínio dos mecanismos de coesão textual.</p> <p>Apresenta um texto constituído por partes articuladas entre si de modo consistente.</p> <p>Utiliza, adequadamente, conectores diversificados e outros mecanismos de coesão textual.</p> <p>Mobiliza expressivamente, com adequação e intencionalidade, recursos da língua (repertório lexical variado e pertinente, figuras de estilo, procedimentos de modalização...).</p>	<b>30</b>

<b>3</b>	<p>Produz um discurso coerente, pontuado, no entanto, por ambiguidades pouco relevantes.</p> <p>Redige um texto estruturado, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual.</p> <p>Apresenta um texto constituído por partes satisfatoriamente articuladas entre si.</p> <p>Utiliza, adequadamente, conectores e outros mecanismos de coesão textual.</p> <p>Mobiliza um repertório lexical adequado e diversificado.</p>	<b>23</b>
<b>2</b>	<p>Produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades evidentes.</p> <p>Redige um texto pouco estruturado, evidenciando um domínio apenas suficiente dos mecanismos de coesão textual.</p> <p>Apresenta um texto constituído por partes articuladas entre si de modo pouco consistente.</p> <p>Utiliza apenas os conectores e os mecanismos de coesão textual mais comuns, embora sem incorreções graves.</p> <p>Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco diversificado ou com impropriedades pontuais.</p>	<b>15</b>
<b>1</b>	<p>Produz um discurso pouco coerente, nem sempre claramente inteligível.</p> <p>Redige um texto com deficiências de estrutura, evidenciando um domínio insuficiente dos mecanismos de coesão textual.</p> <p>Apresenta um texto em que não distingue com clareza as partes ou em que as mesmas apresentam deficiências ao nível da articulação entre elas.</p> <p>Utiliza poucos conectores, por vezes de forma inadequada e recorrendo a construções paratáticas frequentes.</p> <p>Utiliza um vocabulário simples e comum, não raro redundante e/ou inadequado.</p>	<b>8</b>

- **Correção linguística (sintaxe e morfologia; léxico; pontuação; ortografia) ..... 30 pontos**

#### **Fatores de desvalorização - Correção linguística**

**Quadro 2 – Desvalorizações no âmbito da correção linguística**

<b>Tipo de ocorrências</b>	<b>Desvalorização (pontos)</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>✗ erro inequívoco de pontuação.</li> <li>✗ erro de ortografia (incluindo erro de acentuação, uso indevido de letra minúscula ou de letra maiúscula e erro de translineação).</li> <li>✗ erro de morfologia.</li> <li>✗ incumprimento das regras de citação de texto ou de referência a título de uma obra.</li> </ul>	<b>1</b>

✖ erro de sintaxe. ✖ impropriedade lexical.	<b>2</b>
--	----------

A repetição de um erro de ortografia (incluindo erro de acentuação, uso indevido de letra minúscula ou de letra maiúscula e erro de translineação) é contabilizada como uma única ocorrência.

– **Limites de extensão**

Sempre que não sejam respeitados os limites relativos ao número de palavras indicados na instrução do item de resposta extensa, desconta-se um ponto por cada palavra (a mais ou a menos), até ao máximo de cinco ( $1 \times 5$ ) pontos, depois de aplicados todos os critérios definidos para o item.

**GRUPO III ..... 50 pontos**

- **Estruturação temática e discursiva (ETD) ..... 30 pontos**

Pontuação Parâmetro	Descritores dos níveis de Desempenho (ETD)				
	15	12	9	6	3
<b>A Tema e tipologia</b>	Trata, sem desvios, o tema proposto. Mobiliza informação ampla e diversificada, de acordo com a tipologia solicitada. Produz um discurso coerente e sem qualquer tipo de ambiguidade.	<b>Nível intermédio</b>	Trata o tema proposto, embora com alguns desvios. Mobiliza informação suficiente, de acordo com a tipologia solicitada. Produz um discurso globalmente coerente, apesar de algumas ambiguidades.	<b>Nível intermédio</b>	Aborda lateralmente o tema proposto. Mobiliza muito pouca informação. Produz um discurso geralmente inconsistente e, por vezes, ininteligível; Apresenta um texto em que traços do tipo solicitado se misturam, sem critério.

	10	8	6	4	2
<b>B Estrutura e coesão</b>	Redige um texto bem estruturado, refletindo uma planificação adequada e evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual. Apresenta um texto constituído por três partes (introdução,	<b>Nível intermédio</b>	Redige um texto satisfatoriamente estruturado, refletindo uma planificação com algumas insuficiências e evidenciando um domínio suficiente dos mecanismos de coesão textual. Apresenta um texto	<b>Nível intermédio</b>	Redige um texto com estruturação muito deficiente e com insuficientes mecanismos de coesão textual. Apresenta um texto em que não se conseguem identificar claramente três partes (introdução,

	desenvolvimento e conclusão), individualizadas, devidamente proporcionadas e articuladas entre si de modo consistente. Marca corretamente os parágrafos. Utiliza, adequadamente, conectores diversificados para assegurar a articulação interfrásica. Mantém, de forma sistemática, cadeias de referência através de substituições nominais e pronominais adequadas; Estabelece conexões adequadas entre coordenadas de enunciação (pessoa, tempo, espaço) ao longo do texto.		constituído por três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão), nem sempre devidamente articuladas entre si ou com desequilíbrios de proporção mais ou menos notórios. Marca parágrafos, mas com algumas falhas. Utiliza apenas os conectores mais comuns, embora sem incorreções graves. Mantém, com algumas descontinuidades, cadeias de referência. Estabelece, com algumas descontinuidades, conexões entre as coordenadas de enunciação (pessoa, tempo, espaço) ao longo do texto.		desenvolvimento e conclusão) ou em que estas estão insuficientemente articuladas. Raramente marca parágrafos de forma correta; Raramente utiliza conectores e mecanismos de coesão textual ou utiliza-os de forma inadequada.
--	---	--	--	--	---

	5	4	3	2	1
<b>C</b> <b>Léxico e</b> <b>adequação do</b> <b>discurso</b>	Mobiliza, com intencionalidade, recursos da língua expressivos e adequados (repertório lexical variado e pertinente, figuras de retórica e tropos, procedimentos de modalização, pontuação...).	<b>Nível intermédio</b>	Mobiliza um repertório lexical adequado, mas pouco variado. Utiliza, em geral, o registo de língua adequado ao texto, mas apresentando alguns afastamentos que afetam pontualmente a	<b>Nível intermédio</b>	Utiliza vocabulário elementar e restrito (muitas vezes redundante) ou globalmente inadequado. Utiliza indiferenciadamente registos de língua, sem manifestar consciência do registo adequado ao texto, ou recorre a um único registo

	Utiliza o registo de língua adequado ao texto, eventualmente com esporádicos afastamentos, que se encontram, no entanto, justificados pela intencionalidade do discurso e assinalados graficamente (com aspas ou sublinhados).		adequação global.		inadequado.
--	--	--	-------------------	--	-------------

- **Correção linguística (CL) ..... 20 pontos**

### 7.5. Grelha de Avaliação da Ficha final

**ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES**  
**ANO LETIVO 2016/2017**

**DISCIPLINA:** Literatura Portuguesa  
**Grelha de Avaliação da Ficha Final**

**TURMA: K**

ANO: 10.º

**DATA:** 16 de janeiro de 2017

Grupo	I			T O T A L	II				T O T A L	TOTAL	
	Conteúdo	Língua			Conteúdo			Língua			
		E. D.	C. L.		A	B	C	C. L.			
Cotação	90	30	30	150	15	10	5	20	50	200	20
A. C.	44	23	27	94	0	0	0	0	0	94	9
A. G.											
A.M.V.	60	23	29	112	15	6	4	19	44	156	16
A.M.R.											
B.M.											
B.P.											
C.A.											
C.C.	44	23	10	77	0	0	0	0	0	77	8
G.D.											
L.											
L.H.											
M.C.A.	30	15	27	72	0	0	0	0	0	72	7
M.M.											
M.T.	30	15	16	61	0	0	0	0	0	61	6
M.C.											
P.											
R.											
R.F.	15	8	19	42	0	0	0	0	0	42	4
R.G.											
S.I.											
S.P.											
T.	60	30	25	115	15	10	4	16	45	160	16
T.P.S.											
T.P.L.											
T.											
C.	0	0	0	0	15	10	4	10	39	39	4
S.											
L.											
		Média G. I		71			Média G. II		43	Média final da turma	
		%		47			%		85	87	9

III			
1	2	3	4
16	24	16	24
55	Não	<i>O Murmúrio</i>	Não
214	Não	<i>O Murmúrio</i>	Não
55	Não		Não
214	Não	<i>O Murmúrio</i>	Sim
55	Não	<i>O Murmúrio</i>	Não
55	Não	<i>Peregrinação</i>	Não

1. Capítulos	Nº de escolhas
1	0
14	0
47	0
55	4
59	0
214	2
226	0

2. Ler mais Peregrinação	
Sim	0
Não	6

3. Obra que mais gostou	
O Marmelero	1
Persepolis	4

4. Ler mais Literatura de Viagens	
Sim	1
Não	5

Nota mais baixa	39
Nota mais alta	160

	Nº alunos	%
Negativas	6	75
Positivas	2	25

	Nº alunos	%
Presenças	8	29
Faltas	20	71



## 7.6. Questionário



Escola Secundária de Camões  
2016/2017

Disciplina de Literatura Portuguesa Mestranda: Ana Sofia Sousa  
10.º ano Turma: K Data: 16 de janeiro de 2017



Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

### Questionário



**Com a realização deste trabalho, serei capaz de:**

- Reconhecer a relação com a leitura;
- Identificar autores e obras de referência;
- Produzir apreciações sobre obras lidas.

**Tempo:** 15 minutos.

**Modalidade de trabalho:** individual.

Este questionário é **confidencial** e pretende traçar um perfil da turma o mais próximo possível da realidade. Por isso, responda com verdade a todas as questões.

**1. Tem livros em casa?**

Sim ☐ Não ☐

**1.1. De entre os seguintes géneros de livros da lista apresentada, quais os que tem em casa? E quais os três géneros que possui em maior quantidade?**

	Tem em casa	Possui em maior quantidade
Banda desenhada		
Enciclopédias/dicionários		
Ensaaios políticos, filosóficos ou religiosos		
Livros científicos e técnicos		
Livros de arte/fotografia		
Livros de culinária/decoração/jardinagem / bricolagem		
Livros de poesia		
Livros de viagens		
Livros escolares		
Livros infantis/juvenis		
Policiais / espionagem / ficção científica		
Romances de amor		
Romances de autores contemporâneos		
Romances históricos		

**2. Atualmente, costuma ler?**

Sim ☐ Não ☐ Se não, o seu inquérito termina aqui.

**3. De entre os seguintes géneros de livros da lista que lhe são apresentados, quais os três géneros que lê mais frequentemente? Numere por ordem de frequência.**

Banda desenhada <input type="checkbox"/>	Livros de poesia <input type="checkbox"/>
Enciclopédias/dicionários <input type="checkbox"/>	Livros de viagens <input type="checkbox"/>
Ensaaios políticos, filosóficos ou religiosos <input type="checkbox"/>	Livros infantis/juvenis <input type="checkbox"/>
Livros científicos e técnicos <input type="checkbox"/>	Policiais / espionagem / ficção científica <input type="checkbox"/>
Livros de arte/fotografia <input type="checkbox"/>	Romances de amor <input type="checkbox"/>
Livros de culinária/decoração/ jardinagem / bricolagem <input type="checkbox"/>	Romances de autores contemporâneos <input type="checkbox"/>
	Romances históricos <input type="checkbox"/>

**4. Quantos livros lê normalmente durante um ano?**

1 Livro <input type="checkbox"/>	6 a 10 livros <input type="checkbox"/>
2 a 5 livros <input type="checkbox"/>	11 a 20 livros <input type="checkbox"/>

**5. Indique a sua preferência:**

Ler livros de autores portugueses ☐

Ler livros de autores estrangeiros traduzidos para a língua portuguesa ☐

Ler livros de autores estrangeiros em língua estrangeira ☐

6. Selecione três autores de que mais gosta:

---

---

---

7. De todos os livros que já leu, de qual gostou mais?

---

7.1. Porquê? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

8. Já leu algum livro de Literatura de Viagens?

Sim ☐ Não ☐

8.1. Se sim, qual?

---

8.1.1. Qual é a sua opinião sobre essa obra?

---

---

---

---

---

---

8.2. Se não, porquê? (escolha apenas uma opção)

Desconhece a existência de obras deste género narrativo ☐

Já leu excertos em aula e não gostou ☐

Já lhe foram transmitidas opiniões negativas sobre a Literatura de Viagens ☐

Reconhece a existência deste género, mas nunca foi aconselhado a ler nenhuma obra ☐


Fim do Questionário  
Muito obrigada pela sua colaboração

## 7.7. Apresentação gráfica dos resultados do inquérito

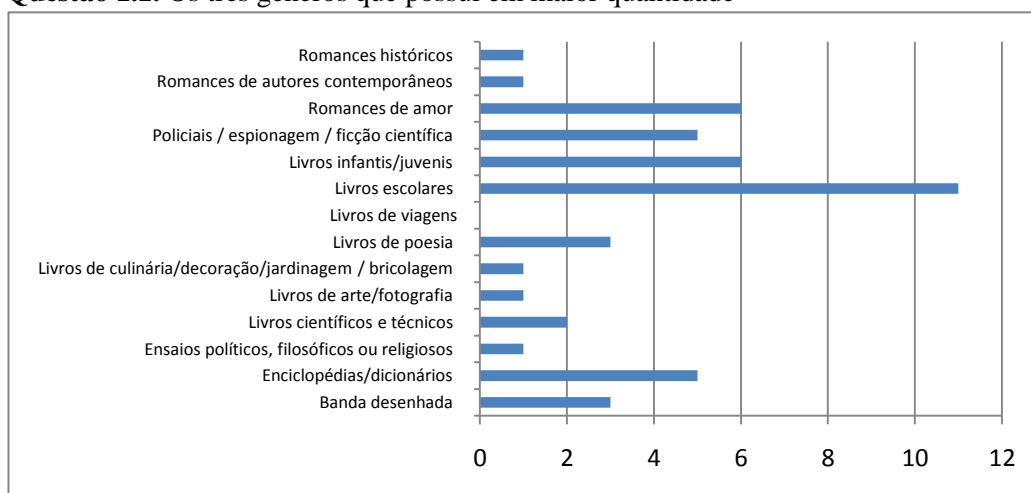
**ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES**  
**ANO LETIVO 2016/2017**

**DISCIPLINA** atura Portuguesa  
**ANO** 10.º **TURMA:** K

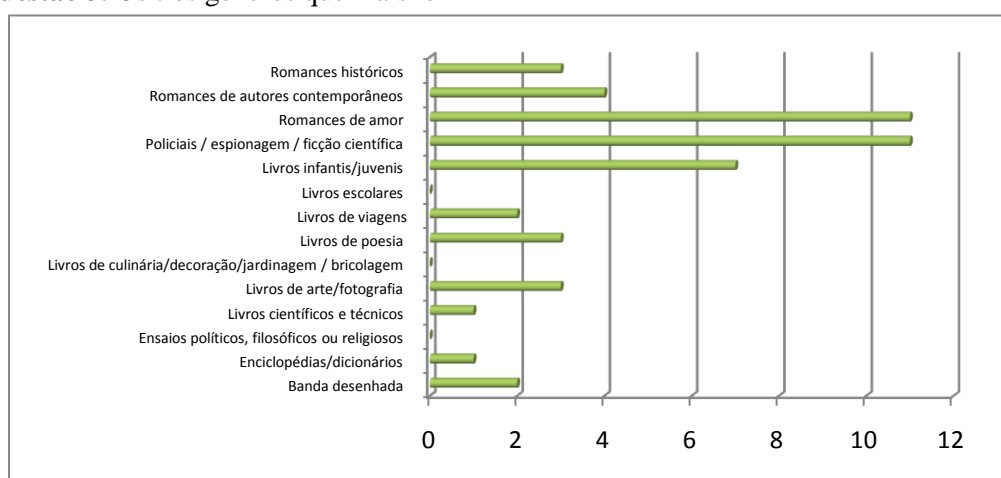
**Questionário**  
**Data** 16 de janeiro de 2017



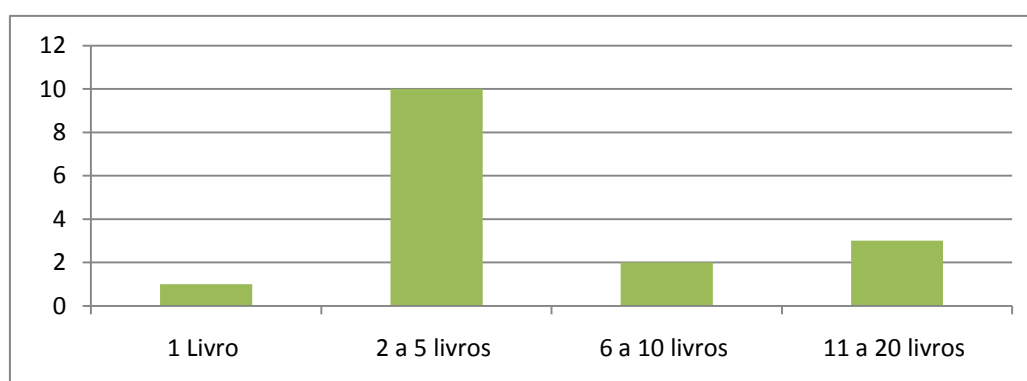
### Questão 1.1. Os três géneros que possui em maior quantidade



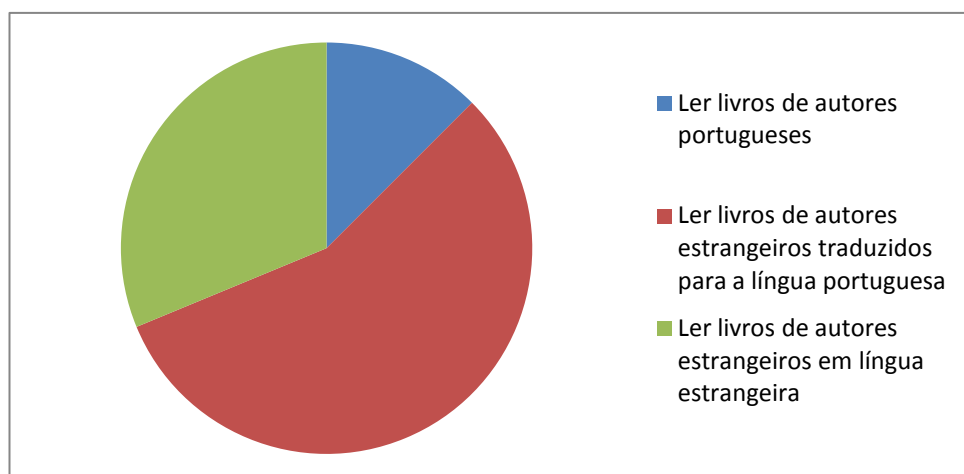
### Questão 3. Os três géneros que mais lê



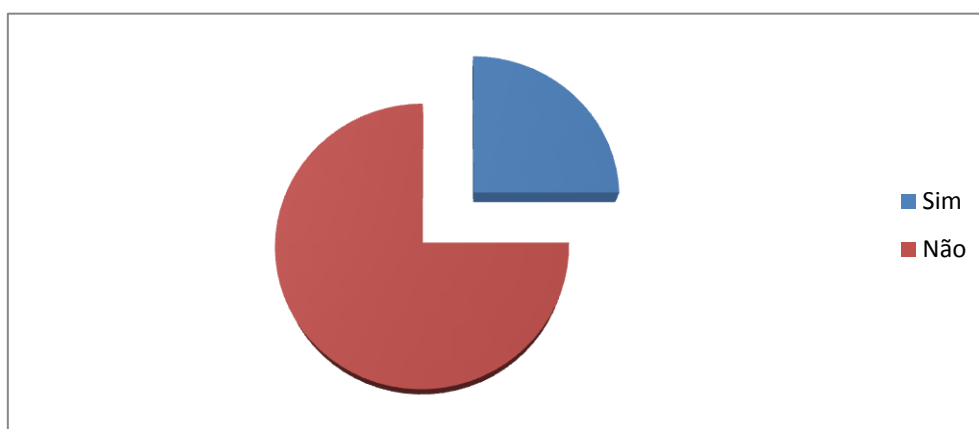
### Questão 4. Frequência de leitura por ano



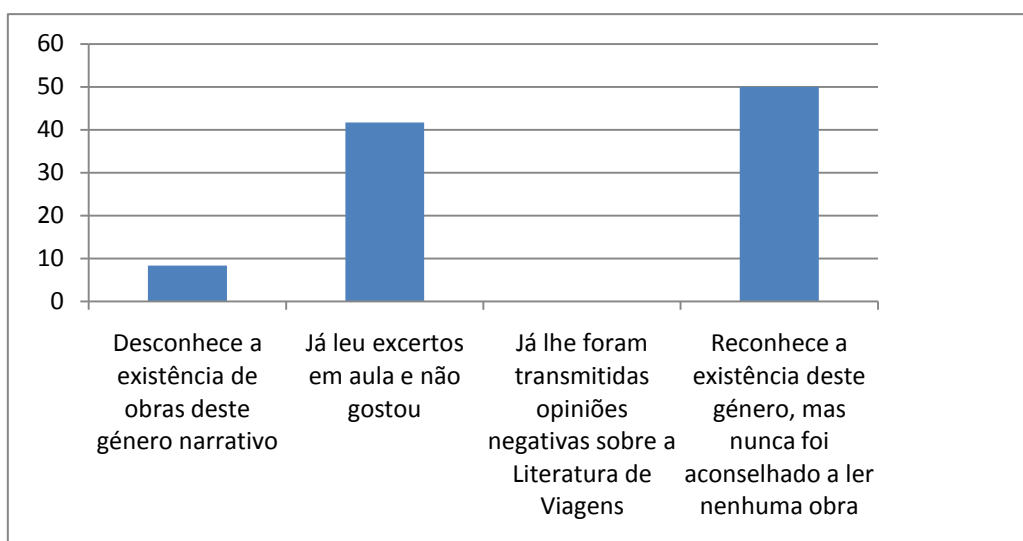
**Questão 5.** Preferência de leitura



**Questão 8.** Leitura de Literatura de Viagens



**Questão 8.2.** Justificação das respostas negativas da questão 8.



## 7.8. Grelha de Observação Direta

### ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES

ANO LETIVO 2016/2017

DISCIPLINA: Literatura Portuguesa

TURMA: K

ANO: 10.º

Grelha de Observação Direta

DATA: de 04 a 16 de janeiro de 2017

	04-01-2017				05-01-2017					09-01-2017					11-01-2017					12-01-2017					16-01-2017				
	Assid.	Mat.	Comp.	Part.	Assid.	Mat.	Comp.	Part.	TPC	Assid.	Mat.	Comp.	Part.	TPC	Assid.	Mat.	Comp.	Part.	TPC	Assid.	Mat.	Comp.	Part.	TPC	Assid.	Mat.	Comp.	Part.	TPC
A. C.	P.	Sim	B	B	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	S	Inc.	P.	Sim	S	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	MB	Sim
A. G.	P.	Não	B	S	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	MB	S	Sim	P.	Sim	S	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	B	Inc.
A.M.V.	P.	Sim	MB	MB	P.	Sim	MB	B	Sim	P.	Sim	MB	B	Sim	P.	Sim	B	MB	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	MB	Sim
A.M.R.	P.	Sim	B	S	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	S	S	Sim	P.	Não	S	I	Sim	P.	Sim	B	B	Inc.
B.M.	P.	Não	S	I	P.	Sim	S	S	Não	P.	Não	I	I	Não	P.	Não	S	I	Sim	P.	Não	S	I	Sim	P.	Não	I	I	Não
B.P.	P.	Sim	B	S	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	S	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	S	S	Inc.
C.A.	P.	Sim	S	I	P.	Sim	S	I	Sim	P.	Não	B	S	Sim	P.	Sim	S	S	Sim	P.	Sim	B	S	Não	F.	Não	I	I	Não
C.C.	P.	Sim	B	B	F.	Sim	I	I	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	S	MB	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	B	Sim
G.D.	P.	Sim	B	B	P.	Sim	S	S	Sim	F.	Não	I	I	Não	P.	Não	S	S	Sim	P.	Não	S	S	Sim	P.	Não	I	S	Não
L.	P.	Não	B	S	P.	Sim	B	S	Inc.	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	S	S	Sim	P.	Sim	B	S	Não	P.	Sim	S	S	Inc.
L.H.	P.	Não	S	S	P.	Sim	B	B	Inc.	P.	Sim	B	B	Sim	F.	Não	I	I	Não	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	S	S	Inc.
M.C.A.	P.	Sim	B	S	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	S	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim
M.M.	P.	Não	S	S	P.	Sim	S	I	Não	F.	Não	I	I	Não	P.	Sim	S	B	Não	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	S	B	Não
M.T.	P.	Sim	B	B	P.	Sim	MB	MB	Sim	P.	Sim	MB	B	Sim	P.	Sim	MB	B	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	MB	Sim
M.C.	P.	Sim	B	I	P.	Sim	MB	I	Sim	P.	Sim	MB	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	MB	S	Inc.
P.	P.	Sim	B	B	P.	Sim	B	MB	Sim	P.	Sim	B	B	Sim	P.	Sim	S	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	S	S	Inc.
R.	P.	Sim	MB	B	P.	Sim	MB	MB	Sim	P.	Sim	MB	B	Sim	P.	Sim	MB	B	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	MB	S	Inc.
R.F.	P.	Sim	S	S	P.	Sim	B	B	Inc.	P.	Sim	B	S	Inc.	P.	Sim	S	S	Não	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	S	S	Sim
R.G.	P.	Sim	S	S	P.	Sim	B	B	Sim	P.	Sim	B	S	Inc.	P.	Sim	S	S	Sim	F.	Não	I	I	Não	P.	Sim	S	S	Não
S.I.	P.	Não	S	B	P.	Sim	S	I	Não	F.	Não	I	I	Não	P.	Sim	S	S	Sim	F.	Não	I	I	Não	P.	Sim	S	S	Não
S.P.	F.	Não	I	I	F.	Não	I	I	Não	P.	Sim	MB	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	S	S	Não
T.	P.	Sim	MB	B	P.	Sim	MB	B	Sim	P.	Sim	MB	S	Sim	P.	Sim	MB	MB	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	MB	MB	Sim
T.P.S.	P.	Sim	B	S	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	B	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	S	S	Não
T.P.L.	P.	Sim	B	S	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	B	Sim	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	S	S	Não
T.	P.	Sim	B	I	F.	Não	I	I	Não	F.	Não	I	I	Não	P.	Sim	B	S	Não	F.	Não	I	I	Não	P.	Não	B	S	Não
C.	P.	Sim	MB	B	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	B	MB	Sim	P.	Sim	MB	MB	Inc.	P.	Sim	B	S	Sim	P.	Sim	MB	B	Sim
S.	P.	Sim	MB	B	P.	Sim	B	B	Sim	P.	Sim	B	S	Inc.	P.	Sim	B	S	Sim	F.	Não	I	I	Não	P.	Sim	B	S	Inc.
L.	F.	Não	I	I	P.	Sim	S	I	Não	P.	Sim	B	S	Não	P.	Sim	MB	S	Não	P.	Sim	B	S	Sim	F.	Não	I	I	Não

Assiduidade		
	Faltas	Presenças
Nº	6	22
%	10	90

Material		
	Faltas	Presenças
Nº	6	22
%	21	79

Comportamento		
	Negativo	Positivo
Nº	3	25
%	11	89

Participação		
	Negativa	Positiva
Nº	5	23
%	18	82

TPC		
	Fez	Não fez
Nº	18	10
%	63	37